

REVISTA
DO
Instituto Geográfico e Histórico
DA BAHIA

Fundado em 1894, reconhecido de utilidade pública pela
Lei n. 110, de 13 de Agosto de 1895

*Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In proesens validusque in veniens stimulus.*



COPIA EXTRAÍDA DO EXEMPLAR EXISTENTE
NO ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO,
A PEDIDO DO RVMO. CONEGO MANOEL DE
AQUINO BARBOSA E, POR ELE, OFERECIDA À
REVISTA DO "INSTITUTO"

AO RVMO. CONEGO MANOEL BARBOSA OS AGRA-
DECIMENTOS DO "INSTITUTO" BEM COMO AO
DR. AFONSO RUI AOS DIGNOS REPRESENTANTES
DA COMPANHIA DE JESUS NA BAHIA E AOS FUNCIO-
NÁRIOS NAIR SALDANHA E HUMBERTO PEREIRA.

SANTUARIO MARIANO
e
Historia das Imagens Milagrosas
de
Nossa Senhora

E MILAGROSAMENTE MANIFESTADAS, & APPARECIDAS EM O
ARCEBISPADO DA BAHIA.

EM GRAÇA DOS PREGADORES, & DE TODOS OS DEVOTOS DA
VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA

TOMO NONO

QUE CONSAGRA, OFFERECE E DEDICA AO ILUSTRÍSSIMO
SENHOR ARCEBISPO DA BAHIA

D. Sebastião Monteiro da Vide

DO CONSELHO DE SUA Magestade, FR. AGOSTINHO DE
SANTA MARIA, EX-VIGÁRIO GERAL DA CONGRE-
GAÇÃO DOS AGOSTINHOS DESCALÇOS DE
PORTUGAL, & NATURAL DA
VILA DE ESTREMOZ.

LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA DE ANTONIO PEDROZO GALRAM

Com as licenças necessárias. Anno de 1722.

A bibliografia de história do Brasil escrita até os primeiros quartéis do século XVIII não é das mais extensas. Afora as anuas e cartas jesuíticas, ricas de informes preciosos, só podemos encontrar no século XVI a História da Província de Santa Cruz, de Pero de Magalhães Gandavo, escrita em 1576, e o Tratado Descritivo do Brasil, de Gabriel Soares de Sousa, datado de 1587, obra considerada por Varnhagem, seu anotador, "a mais admirável de quantas em português produziu o século quinhentista". Daí por diante, nos séculos XVII e XVIII, surgem trabalhos que se tornaram verdadeiros marcos, delimitando etapas ou aspectos da vida da colônia. Vale, portanto, assinalar o aparecimento, em 1612, do "Livro que da rezam ao Estado do Brasil" do Sargento-mor Diogo de Campos Moreno, considerado o primeiro tratado descritivo de verificação das terras e levantamento topográfico do litoral brasileiro. Já na segunda década do século, surgem mais numerosos os estudos históricos; assim, em 1627 apareceu a História do Brasil, de Fr. Vicente do Salvador, no século Vicente Rodrigues Palha, baiano de nascimento e primeiro historiador brasileiro. Nesse mesmo ano, novo e não menos notável escrito sobre a colônia ocidental portuguesa é aprovado pela censura reinó: a História da América Portuguesa, do Cel. Sebastião da Rocha Pita, também baiano como o franciscano. História considerada pelo censor literário Antônio Caetano de Sousa, membro da Academia Real de História, como "a única que temos seguida e completa dos dilatados e riquíssimos domínios que el-rei nosso senhor tem nesta grande parte do mundo".

Com a ocupação holandesa e libertação do Brasil, se enriquecem com importantes contribuições advindas de campos antagônicos as letras históricas; dá-nos o flamengo Aldenburg, em 1631, a História

Antipodum; com a "Recuperação da Cidade do Salvador", se apresenta o Pe. Bartolomeu Gueireiro, cada qual porfiando em dar ordem aos acontecimentos de forma a elevar o heroísmo de seus soldados, o valor de seus ideais, a reação ou a submissão da terra disputada.

Vai-se formando, dessa sorte, a fonte onde os historiadores do século passado e do contemporâneo foram buscar elementos para recompor a vida nacional. Vale incorporar à bibliografia da história nacional a obra de paciente investigação levada a cabo por Fr. Agostinho de Santa Maria, agostiniano descalço, vigário absoluto de sua ordem, que a denominara Santuário Mariano, num total de dez volumes, todos êles dedicados ao inventário das imagens da Virgem, existente nos vastos domínios portugueses, sendo consagrado à Bahia o nono volume, aparecido em 1722.

Tornado livro dos mais raros, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em obediência ao seu programa de divulgação de tôdas as obras que estudam o Brasil e, em especial das de interesse para a Bahia, deliberou mandar copiar e publicar a parte a ela referente.

Poderá o "Santuário Mariano", como todos os trabalhos escritos na recuada época em que eram vedados aos estudiosos os segredos dos arquivos, ressentir-se de falhas ou enganos, mas ta's deficiências, tão poucas e fáceis de corrigir, desaparecem ante a mèsse preciosa de informes e revelações que êsse valioso documentário nos dá. A verdade é que o Santuário Mariano, escrito com propósito verdadeiramente religioso é, pelo desdobramento do assunto, pelos relatos dos acontecimentos, pela exposição clara dos episódios, menos uma contribuição à história do catolicismo na Colônia que uma síntese da história geral do Brasil.

Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor,

Contem este nono Tomo dos Santuarios Marianos tambem as noticias das Imagens milagrosas, & milagrosamente apparecidas no dilatado Arcebispado da Bahia de todos os Santos, Metropolis de toda a America Lusitana, em que V. Senhoria Illustrissima preside com dignidade de Metropolitano, & com as virtudes admiraveis de dignissimo Arcebispado.

Todas são devidas à grande devoção, que em V. Illustrissima sempre se reconheceu para com tão excelsa Princesa, & ao grande cuydado, com que mandou, movido das minhas supplicas, tirar por todo o seu Arcibispado pelas pessoas mais fidedignas authenticas informações de todas as Imagens da Mãe de Deus, que nelle se venerão; servindo-se de mas mandar remetter, para as epilogar neste nono Tomo, para que pelo meyo do prelo se vulgarizassem ao Mundo os prodigios, & as maravilhas, que esta Advogada dos Homens em todo esse novo Mundo, depois que os Portuguezes o descobrirão, & povoarão; levantando nelle tantas Aras a Maria Santissima, como se reconhece desta historia.

E como a divida seja tão clara, seria manifesta ingratidão, como diz o Seneca: INGRATUS EST QUI NON REDDIT, não pagar a V. Senhoria illustrissima com o limitado cabedal deste livro o grãde cabedal, que ficou da minha pobreza. Para V. Illustrissima tornão as mesmas memorias das Imagens da Virgem Senhora, de que me fez participante, como satisfação da divida, melhoradas ja cõ se poderem fazer publicas pelo trabalho da empresa. Pago com os rios ao mar, pois sendo seus os cabedais, com que se enriquecem satisfazerem esta divida com as mesmas aguas, que receberam desse Mar. AD LOCUM, UNDE EXEUNT FLUMINA, REVERTUNTUR.

Ecclesiastes
cap. 1. n. 8.

He verdade que são muyto differentes as aguas, que os rios tributão ao Mar, do que as que receberão das suas fontes: porque communicando-lhas puras, & crystallinas, lhas retribuem turvas, & mal purificadas; não de outra fonte tornão a correr estas, que recebi, para esse grandioso Mar de favores de V. Illustrissima, pois enriquecendo a este pequeno regato com os crystaes mais puros do melhor Mar de Maria, discorrendo por tão dilatados campos, & tão diversas regiões, as retribuo tão turvas, & mal purificadas, como dellas se deyxá vir.

Mas para que possam correr no Mundo pelo que tem de minhas, busco o amparo das sombras dessa tão frondosa Vide, & tão grande Bago, segundome que protegidos com tão Sagrada immuniidade, não chegarão a

padecer as offensas da calunia, & as respeytarão os golpes criticos da censura.

Receba V. Senhoria Illustrissima esta minha pequenina offerta debayxo de seu araparo, que nem eu lhe podia offerecer mais, nem V. Senhoria Illustrissima receber menos; & perdoe o arrojo, que se, como diz Marcial, o offerecer & dedicar obras grandes aos grandes he divida, tambem he licito o dedicar obras pequenas aos grandes.

Magna magnis dedicare debitum,
Parva magnis dedicare licitum.

E em tanto fico rogando à mesma Senhora Maria Santissima, de quem he toda a obra, que interceda para com Deos, de que he Mãe, que prospere a V. Senhoria Illustrissima, & accrescente os annos de vida para augmento da sua Igreja, credito dos Prelados, & gloria dos Subditos, & c.

Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor
Beyja os pés de V. Senhoria Illustrissima
Seu obsequentissimo servo, & humilde Capellão

Fr. Agostinho de Santa Maria.

PROTESTAÇÃO

Todas as vezes, que neste nono tomo dos Santuarios milagrosos da soberana Rainha dos Anjos Maria Santissima se encontrarem milagres, maravilhas, & que não forão approvadas, nem authenticadas pela authoridade da Igreja, ou fallar em algumas pessoas veneraveis, & que tiverão opinião de virtude & santidade, protesto que em nada pretendo se lhe de mais credito, que aquelle, que se atribue ás relações, & historias fieis; sem que se lhe dê, mais fé & mais credito, que a humana; obedecendo em tudo & por tudo ao que tem determinado & mandado a santidade do Santo Papa Urbano VIII. no seu Breve, que começa Coelestis Hierusalem, dado em Roma a cinco de Julho do anno de 1634. & isto ratifico como filho obediente da Santa Catholica, & Romana Igreja.

Lista dos Livros que tem impresso o Autor

- Primeiro tomo dos Santuarios milagrosos de nossa Senhora, que se venerão na Corte, & destrito da Cidade de Lisboa Occidental.
- segundo dos Santuarios de todo o Arcebispado.
- Terceiro dos Santuarios, que se venerão nos Bispados suffraganeos, a saber, Guarda, Lamego, Leyria, Portalegre, Crato, & Thomar.
- quarto dos Santuarios, que se venerão no Arcebispado de Braga & Bispado de Coimbra.
- quinto dos Santuarios, que se venerão no Bispado do Porto, Viseu, & Coimbra.
- sexto dos Santuarios que se venerão no Arcebispado de Evora, Bispado do Algarve, & Elvas.
- sétimo das Imágens, que faltárão de se nomear, & neste tomo se dão por aglutinamento, passão de duzentas.
- oitavo das Imágens, que se venerão em toda a Asia, & Africa.
- prodigiosa historia da Fundação do Convento de Santa Monica de Goa.
- uma prodigiosa de Santa Liduvina.
- primeira parte das Rosas do Japão.
- uma admiravel da Veneravel Madre Soror Brísida de Santo Antônio Fundadora do Convento de Santa Brísida de Marvilla.
- tratado do Estado particular, & geral da Consciencia.
- Confissão abreviada do Padre Paulo Senheri, traducido em Portuguez.
- Adversos contemplativos em estylo Parabolico.
- Affecções, & considerações devotas do Padre Salazar sobre a primeyra carta do Exercício de Santo Ignacio de Loyola traducido em Portuguez.
- Continuante Christo do Padre Jacobo Merlohorstio traduzido de allem em Portuguez.
- Exposição, & Testamento espirital.
- Livros que tem para imprimir.
- Novo tomo, que he o presente.
- segundo tomo dos Santuarios do Bispado do Rio de Janeyro, & todas as Ilhas.
- segunda parte das Rosas do Japão, & Cochinchina.

Triumvirato espirital, & historico, com as vidas de tres insignes varões.

Historia Tripartite em tres tratados; o primeiro, Vida. & Martyrio dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, & Julia.

O segundo principios da Ordem de Santiago, os seus grandes Mestres, & Comendas, & os Priores môres de Palmella. O terceyro, as vidas das nobilissimas Comendadeyras do Real Convento de Santos.

Chronologia Sacra, & Profana, em duas partês.

Vida da Veneravel Madre Soror Mariana de São Simeão Agostinha Descalça, fundadora dos Conventos de Almança, & Murcia.

Exercicio Celeste & thesouro de Celestiaes riquezas, & graças sobre particulares devoções de nossa Senhora.

Jerarquia epiritual com as vidas dos Santos, & Varões illustres da Ordem de Santo Agostinho.

E outras obras semiplenas, que deseja finalizar.

Declara também o Author que na serie dos Arcebispos da Bahia lhe faltou dizer em como o Illustrissimo Arcebispo Dom Sebastião Monteyro da Vide fora nomeado pelo Serenissimo Rey Dom Pedro em oyto de Mayo de 1701. & sagrado em dia de São Thomé do mesmo anno; & que partira para a Bahia a 25 de Março de 1702. & de que chegara á Bahia a 20 de Mayo do mesmo anno. Tomou posse em 22 do mesmo meiz, & do mesmo anno de 1702.

Tambem no setimo tomo dos Additamentos, fallando dos devotos bemfeytores Italianos da Senhora do Loreto, & declarando os seus nomes lhe esqueceo de o fazer assim, a os devotos da Senhora da Conceyção da Rua Nova dos Ferros.

Forão estes João Martins, Mercador de livros, o qual mandou fazer a Imagem da Senhora, que se havia de collocar no Altar mór, que he de preciosa escultura de madeyra, & de altura de seis palmos, ou sete. Tambem mandou fazer a Imagem de pedra, que está para se collocar em o frontespicio, feyta pelo Architecto, & Escultor Pascoal Rodriguez, que custou cem mil reis, & concorreo tambem com largas esmolos para a obra do Templo.

Antonio de Almeyda Pacheco, & sua mulher, que com largas esmolos obrigárao muyto a Serenissima Rainha dos Anjos Maria Santissima em obsequio do seu santissimo titulo, & mysterio de sua purissima Conceyção; & ainda que elles não queriaõ ser nomeados, nós attendendo a grandeza das suas obras, os quizemos nomear— pois se agrada muytto o Senhor de que façamos boas obras, & de que estas se manifestem. Os mais forão Manoel da Fonseca, & outros de dentro da Freguezia, & muytos de fora della, que com fervorosa devoção quizerão ter parte na grandeza, formusura, & riqueza daquelle magnifico Templo.

L I C E N Ç A S D A O R D E M

O Muyto Reverendo Padre Diffinidor Geral Frey Luiz de Santo Antonio, & o M. R. Padre Frey Nicolao de Tolentino veção este livro, & nos informem com o seu parecer. Boa hora 26 de Junho de 1720.

Vigayro Geral.

Obedecendo á ordem de N. M. R. Padre Fr. Domingos de Santo Thomás Vigayro Gèral da nossa Congregação dos Agostinhos Descalços, revimos o nono tomo dos Santuarios Marianos, composto pelo M. R. Padre Frey Agostinho de Santa Maria Vigayro Gèral absoluto, & não achámos nelle cousa alguma, por onde desmereça, como os mais tomos, que o precederão, o publicarse pelo meyo do prelo V. R. mandará o que for servido. Lisboa Occidental, & Convento da Boa hora 30 de Agosto de 1720.

Fr. Nicolao de Tolentino ex Leytor de Theologia.

Fr. Luiz de Santo Antonio ex Leytor de Theologia, & Diffinidor Geral.

Vistas as informações, damos licença para que se possa imprimir o livro, de que se faz menção, precedendo as da Boa hora 2. de Setembro de 1720.

Fr. Domingos de S. Thomás Vigayro Gèral.

A P P R O V A Ç O E N S D O S . O F F I C I O .

Censura do Padre Mestre Frey João de S. Diogo, Qualificador do Santo Officio.

E M I N E N T I S S I M O S E N H O R .

Vi este nono tomo dos Santuarios Marianos, composto pelo Reverendissimo Padre Mestre Frey Agostinho de Santa Maria Vigayro Gèral absoluto dos Padres Agostinhos Descalços de Portugal, & pela sua lição se vay vendo verificando na America o que a Mãe de Deos tinha dito por São Lucas: Beatam me dicent omnes generationes, conhecendo-se também a religiosissima devoção do Autor, que em todas as Imagens de Maria Santissima continúa as suas repetidissimas venerações tão devidas á mesma Senhora: & não achando eu nelle cousa contra nossa santa fé, ou bons costumes, me parece se lhe conceda a licença, que pede, se V. Eminencia o ordenar. Convento de Santo Antonio dos Capuchos em Lisboa Occidental a 5 de Novembro de 1720.

Fr. João de São Diogo

Censura do Padre Mestre Frey Henrique de Santo Antonio, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTÍSSIMO SENHOR.

Por ordem de V. Eminencia revi este Livro, que merecendo ser na nossa estimação o tomo primeyro do Santuario Mariano, he na ordem da composição o nono, em que se descrevem as prodigiosas Imagens de Maria Santissima, que venera a piedade Catholica na nossa nova Lusitania, ou dilatada America, composto pelo Reverendissimo Padre Mestre Frey Agostinho de Santa Maria, benemerito Vigayro Geral Absoluto da deformada, & observantissima Congregação dos Religiosos Descalços de N. Padre Santo Agostinho deste Reyno, varão não só devotissimo da Mãe de Deos, porque não descança em escrever os seus imensos louvores, mas muy zeloso do bem do proximo, porque se empenha tanto em lhe augmentar o amor, & devoção da Senhora, propondo-lhe as suas peregrinas, & Excellentes Imagens em cujas maravilhas, & assembros achão extirpação os vicios, emenda as vidas, & maior pureza as almas; & se atêgora estas só se inflamavão no desejo de buscar na America o ouro, hoje com a proveytosa lição deste livro só lhes crescerá a cubiça de achar naquelle novo Mundo o ouro sem fêzes da Senhora, em cuja comparação (ã semelhança da Sabedoria increada) perde o ouro da terra a sua valia: Omne aurum in comparatione i. ius arena est exigua: para nos dar a doçura do seu mel não para a abelha em ajútar muytas flores, & não cessa a discreta péna do Autor em referir neste livro, & nos mais as Imagens da Mãe de Deos para mostrar ao Mundo os seus infinitos milagres a cujo grande trabalho promette a mesma Senhora hum eterno premio: Qui elucidant me vitam aeternam habebunt. E como esta devotissima obra não contém cousa alguma oposta aos dogmas da nossa Santa Fé, & bós costumes, me parece dignissima não me da licença, que da memoria. Lisboa Occidental, no Convento do Santissimo Sacramento da Ordem de São Paulo Primeyro Eremita 10 de Dezembro de 1720.

Sap. 7. 9.
Eccles. 24
num. 31

Fr. Henrique de Santo Antonio.

LICENÇA DO SANTO OFFICIO.

Vistas as informações, pôde-se imprimir o nono tomo dos Santuarios milagrosos de nossa Senhora, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 17. de Dezembro de 1720.

Rocha. Fr. Rodrigo Lencastro. Carneyro. Silva

DO ORDINARIO.

Vistas as informações, pôde-se imprimir o nono tomo dos Santuarios milagrosos de nossa Senhora, & impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 22 de Dezembro de 1720.

D. João Archebispo.

APPROVAÇAM DO PAÇO.

Terceyra vez torno a beyjar a Real mão de V. Magestade pela mercê grande de me fazer revedor dos devotissimos escritos do Padre Vigario Gèral absoluto o Reverendissimo Padre Mestre Fr. Agostinho de Santa Maria, gloria immortal da sagrada Congregação dos Agostinhos Descalços, & esplendor gloriozo do seu nativo, & primeyro berço, a Religião Eremita do seu grande Padre, & Padre tambem meu Santo Agostinho.

Já por mandado de V. Magestade tive a gloria de ver o quarto, & quinto Tomo deste grande Escritor, agora na vista deste, que he o nono, me repete V. Magestade a mesma gloria. He a obra, por ser toda a Santissima Virgem, obra Santissima, & não podia deyxar, por tão devota de trazer em nove Tomos sua Novena. Se já não he, que para os nove Còros dos Anjos quiz em novenas de louvores encaminhar o Autor estas glorias da Mãy de Deos.

Neste pois tão Sagrado novenario ou Tomo seu, escreve discretamente o Autor, & devotamente descreve as milagrosas Imagés da Virgem Senhora nossa, apparecidas, não sem milagre nos Bispados, & Arcebispos da nossa America & nova Lusitania.

Pòde senhor, esta Penna dizer de fio o que si mesma, por penna do Espirito Santo, disse já a Divina Sabedoria: *In fluctibus maris ambulavi, & in omni terra steti.* Pizou esta Pena a terra, & passou o mar. Penna, que por mais que de Aguia, lá voou à Mãy de Deos, por mar, & por terra. Deste Mundo antigo passa hoje nas azas da sua erudição a esse Mundo novo. Tal Penna não podia encher na terra menos papel, que a vastidão amplissima de dous Mundos. Ahi, aonde a natureza cria o ouro com fézes, ella nas noticias da Mãy de Deos o acha de finos quillates. Penna de prata que podia investigar, senão noticias de ouro! Mas Penna tal que pizando triunfante sempre o ouro da terra, só nos procurou descobrir as minas do Ceo.

Suspendo o discurso por não desvanecer a devoção deste grande Escritor, (se he que devoção tão solida, & tão ajudada da Mãy de Deos se pòde desvanecer) digo só que neste livro, & nos mais do seu Autor tem discreta lição a curiosidade, meditação devota a virtude, & persuasão altissima a devoção; & sendo esta, como he, encaminhada toda á Virgem Senhora a nossa, se verão em nós por meyo desta Senhora reformadas as vidas, perdoadas as culpas, & justificadas as almas; o que tudo (como a instrumento, que o Ceo toma) se deverá ao Autor deste livro, ou aos livros todos deste Autor, de que com o Poeta concludo.

Huc propera, Lector, pueriles abjice libros,
Huc propera, & fructus (tu mihi crede) feres.

Não encontra este livro em nada o Real serviço de V. Magestade, antes será credito de huma Monarquia tão Catholica, que haja livros nella, em que a devoção exalte a Virgem Maria. He o meu parecer, V. Magestade

mandará o que for servido. Lisboa Occidental. Convento de Penha de França em 6 de Janeyro de 1721.

Fr. Manoel de Gouvea.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à Mesa para se taxar, & sem isso não correrá. Lisboa Occidental 7 de Janeyro de 1721.

Duque P.

Pereyra.

Noronha.

In Autoris Obsequium.

EPIGRAMA.

Doctilogus doctis doctissima digmata dicis,
Dignoscant Dominae, dulce docente, domos:
Divinae dalos doctrinae dogmata digna
Das: durent; Delos dum documenta dabit.

Franciscus Ludovicus à Costa

SONETO.

Adora neste livro, ô Fabio, adora
Simulacros, que pasmos nos favores
Da Aurora o Imperio adora aos resplendores
De Estrella, que he feliz no Empirio Aurora,

Contra a distancia auxillo occulto implora,
E os treslada da Historia nos primores,
Desde donde o Sol nascendo anima ardores,
Tê onde ardendo o Sol occasos chora.

Para que unidos prompto os venerâras
Neste historico Templo alta influencia,
Eloquentes erige eternas Aras.

Sagrada sem igual Magnificencia,
Que em obsequio a MARIA lhe preparas
Pantheon sumptuoso na eloquencia.

De Joseph do Couto Pestana

DO CAPITÃO JOÃO BATALHA DA SYLVA, CONTADOR DA
CONTADORIA GERAL & GUERRA.

S O N E T O.

A Curcio, que a Alexandre antigamente
Descreveu com vitórias superiores,
E a outros infinitos Escritores,
Hoje venera o Mundo reverente.

Vozes derão à fama, exemplo a gente
Os que da Historia nova, forão Autores,
E mais, que o mesmo bronze os seus louvores
Durarão na memoria eternamente.

Pois se aos que deyxão em seus escritos
Dos homés casos de grande memoria,
A fama hoje engrandece em altos gritos.

Qual será Augustinho a vossa gloria,
Se em todo Reyno inculca, & seus destritos
Devoções de MARIA a vossa Historia.

Santuário Mariano e Historia

DAS IMAGENS MILAGROSAS, & DAS MILAGROSAMENTE DES-
CUBERTAS EM AS CONQUISTAS DO REYNO DE PORTUGAL,
& PRINCIPALMENTE NO ARCEBISPADO DA BAHIA,
Em graça dos Prégadores, & devotos de Maria Santissima.

T O M O N O N O

L I V R O P R I M E I R O

DAS IMAGENS MILAGROSAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA

INTRODUCCAM.

A America que de a descobrir, & demarcar Américo Vespucio Cosmo-
grafo Florentino, & peritissimo Piloto em as cousas do mar, delle tomou
o nome: he a quarta parte do mundo descoberto, ou o novo mundo, pelo
muyto que tem de dilatado. A porção meridional deste novo mundo a quem
commumente chamão os Prtuguezes Brasil, & muytos com mais proprie-
dade Nova Lusitania, descobrio no anno de 1500. (verdadeyramente por
divina despusição) Pedro Alvares Cabral; que sahindo de Lisboa em 9. de
Março, navegava para a **India Oriental com humana Armada**, de que era
General. Esta impelida de huma grande tormenta se achou tanto para
o Norte que descobriu terra: E procurando o General Pedro Alves reconhe-
ce-la, & demarcalla, a foy demandar, & assim surgio nella em 3 de Mayo
do mesmo anno, dia mysterioso para descubrimentos. Era o da Invenção
da Santa Cruz; & pela occasião do dia dedicado à Santa Cruz, & de huma
muyto grande de pao, que logo se mandou arvorar em o mesmo lugar, &
sitio, em que desembarcarão, se lhe deu este devoto titulo, **arvorandose**
com muyta solenidade de missa cantada, & Sermão, muyta festa, & grandes
salvas de artilharia de toda a Armada. E ficando aquella terra com tão
soberano titulo muyto exaltada, pode mais para com o povo insipiente o
interesse, & o lucro, que podião ter em hum genero de pao chamado Brasil,

que se cria em seus matos, do que o titulo santo que lhe deu o dia. E por causa deste nome profano, se extinguiu, & acabou este santo titulo de Terra de Santa Cruz.

No seguinte dia em que desembarcãrão, mandou o General Pedro Alves Cabral lavar logo huma grande Cruz, que foi a referida, & junto ao lugar em que se prvorou, se elevantou hum Altar, em que se celebrou o santo sacrificio da missa; tomando posse daquellas vastas, & ricas regioens em nome del Rey de Portugal. Deste novo descubrimento avisou logo a El Rey Dom Manoel, o mesmo General Pedro Alves Cabral, que foi nova para elle, & para toda a sua Corte muyto plausivel. Esta parte do Novo Mundo, ou America meridional, & nova Lusitania, começada foy do grande Rio Maranhão, ou Gram Pará, em 2. grãos da linha Equinocial da parte do Norte; & continua pela costa até o Rio do Prata, por distancia de muytas legoas até 35 grãos da parte do Sul.

He a cabeça desta dilatada Porção da America, & Nova Lusitania, a Cidade de São Salvador, ou Bahia de todos os Santos aonde reside o Governador, ou Vice Rey, o Arcebispo, & estão os Tribunaes de Justiças & Pelação. O primeiro Capitão que a conquistou do poder dos Indios foi Francisco Pereyra Coytinho. Depois da sua desgraçada morte, em cujo tempo pela desordem, ambição & tirania de muytos Portuguezes, se acabou tudo; acudio Diogo Alves Caramuru, que restaurou parte do muyto que se havia perdido; com seu genro Pau'o Dias, que entre os Indios erão grandes senhores, & muyto estimados, por serem senhores humanos, & benignos; porque os tratarão com muyta brandura, & afabilidade. Que até estes com serem humas feras montesas & quasi homens sem uso da razão, sabem reconhecer a brandura, & estimar a mansidão: & com não parecerem humanos, aborrecem a desumanidade. O primeyro Governador, que nella entalou o governo politico foi Thomé de Sousa, mandado por El Rey Dom João o III. & o seu primeyro Bispo foy Dom Pedro Fernandes Sardinha, Varão de grandes virtudes, & de muytas letras.

Esta Bahia de todos os Santos que dá nome à Cidade, & a todo aquelle estado, se ouvesmos de escrever sua bondade, grandeza & excellencias sua largura, circunferencia de suas aguas, Ilhas, reconcavos, os muytos rios caudalosos que nella entram, fora causa muyto defusa; mas porque não fique tudo isto sem clareza alguma; ainda que bastaria dizermos, que esta só parte da Nova Lusitania com seus arredores he capaz de hum muyto grande Reyno; comtudo devemos dar della alguma noticia, ainda que muyto breve. Está em 13 grãos escasos da parte do Sul. Junto a esta Bahia, & grande keyo, & Mediterraneo mar, & ajuntamentos de aguas, a que alguns dão doze legoas de diametro, e trinta & seis de circunferencia, tem muytos, & varios braços mais ou menos grossos. Tem esta Bahia huma fiel estancia para os navios, abrigada dos ventos, & tempestades do Oceano, dentro de huma barra real de mais de duas legoas de largura, ou tres, como dissermos. E todo este mar fundo limpo, & navegavel, entrada segura, para todos os galioens, & naos da India.

Tem esta grande Bahia muytas Ilhas, todas tão frescas, que cada huma

dellas, parece hum paraíso: humas são pequenas outras grandes; & tantas em número que se afirma paixão de cento, as que tem de sua barra para dentro: as quaes dos moradores da sua Cidade. He fermosa com muyto graciosa variedade de brancas prayas, toscos penedos, verdes arredores, adornados de arvoredos, boqueyroens, entradas, & sahidas, que fazem Bahias diferentes, & enganão facilmente a vista humas com outras principalmente aos que não tem dellas experiencia. Cercada quasi em contorno de terra firme cujo certão vem a pagar tributo, grandes, & caudalosos rios.

A Cidade, que lhe fica ao Sul, & faz huma alegre, & agradavel vista, he o Emporio (podemos dizer com muyta razão) de toda a America: muyta cheya de riquezas, pelas quaes tem sido tão requestada, & cubçada dos estrangeyros, que por muytas vezes a tem infestado, e perseguido; mas sempre o Ceo a amparou, livrando-a de sua mãos. Tem muytos Palacios, & casas nobres, ricos Templos, muytos Conventos de Religiosos, hum de Religiosas de Santa Clara; & he capaz de ter outros muytos: tem sete Paroquias ricamente adornadas, & devota, & generosamente assistidas dos seus Paroquianos.

Foy esta Cidade erecta em Bispado pelo Santo Pontifice Julio III no anno de 1551. na instancia do zelozissimo Rey Dom João o III que cuydou muyto do Espiritual das suas Conquistas. O seu primeyro Bispo Foy:

1. Dom Pedro Fernandes Sardinha, Clerigo de muytos louvaveis procedimentos, estudou em Pariz; & voltando a Portugal, & a Lisboa sua Patria, deu particulares noticiais a El-Rey Dom João o III. da bondade da terra da Bahia pelo que della havia ouvido em Pariz a Diogo Alvez Caramurú, a quem algús contão pelo primeyro Povoador da Villa Velha. Este Bispo vindo depois para o Reyno, fez naufragio a sua nao, no rio Curupê, onde foy preso, & todos os que o acompanhavaõ que eraõ mais de cem pessoas, & todos foraõ mortos, & comidos do Gentio Cayte. Foy isto no ano de 1556.

2. Dom Pedro Leytaõ.

3. Dom Antonio Barreyros. Havia sido Prior mór de Aviz.

4. Dom Constantino Barradas. No tempo deste Bispo se mandaraõ Administradores, por ElRey às Capitancias de Pernambuco, à do Rio de Janeyro, & às mais.

5. Dom Marcos Teyxeyra, morre em 8 de Novembro do anno de 1624 & tinha entrado na Bahia em oytro de Dezembro de 1622.

6. Dom Miguel Pereyra.

7. Dom Pedro da Silva, & Sampayo.

8. Dom Alvaro Soares de Castro, do Conselho geral do Santo Officio. Faleceu em Lisboa, nomeado sómente Bispo porque de Roma senaõ queria conformar pelas guerras, que havia entre Portugal, & Castella.

9. Dom Estevam dos Santos.

Dom Fr. Constantino de Sampayo II. do nome, Religioso da Ordem de São Bernardo. Faleceu em Lisboa, antes de lhe chegarem as Bullas, & havia sido Gêral da sua Ordem; & este foy o ultimo Bispo.

{ O ARCEBISPADO DA CIDADE DA BAHIA FOY CREADO PELO
PONTIFICE INNOCÊNCIO XI. A INSTANCIA DO SERENISSIMO
REY DOM PEDRO O II NO ANNO DE 1677.

PRIMEYRO ARCEBISPO

1. Dom Gaspar Barata de Mendonça tomou posse do Arcebispado por seu Procurador em 3. de Junho do anno de 1677. Faleceu no Sardoal antes de ir à Bahia.

2. Dom Fr. João da Madre de Deos, Religioso de São Francisco da Provincia de Portugal. E foy o primeyro, que lá entrou feyto Arcebispo. Faleceo no anno de 1686.

3. Dom Fr. Manoel da Resurreyção, que foy nomeado Bispo de Pernambuco; era Religioso de S. Francisco, & do Convento de Varatojo. Faleceo no anno de

4. Dom João Franco de Oliveira, foy primeyro Bispo de Angola, depois Arcebispo da Bahia; & ultimamente Bispo de Miranda. Faleceo no anno de 1715.

5. Dom Sebastião Monteyro la Vide foy Prior da Paroquia de Santa Marinha de Lisboa, Vigario Gêral na mesma Cidade. Foy para a Bahia no anno de 16... Aonde vive o presente anno de 1720.

NOTICIAS DAS PESSOAS DE QUE SE COMPOEM A CATHEDRAL DA BAHIA.

Quanto as pessoas, & Ministros de que se compoem o Illustre Cabido da Cidade da Bahia, & suas dignidades, & Prebendas, & mais Ministros são os seguintes.

Deam, Chantre, Thesoureyro mór, Mestre escolla, & Arcediago. Tem mais seis Conigos, & além destes, tem hum Conigo Magestral, outro Doutor, & hum Penitenciario.

Tem mais quatro meynos Conigos.

Dês Capellaens; hum só Chantre.

Quatro moços do Coro.

Hum Thesoureyro ou Sacristão

Hum Cura, que administra os Sacramentos da Paroquia da Sé.

Hum Coadjutor.

As Conesias Magistral, Doutor, & Penitenciaria, com dous meynos Conigos mais, & quatro Capellaens, as mandou sua Magestade o Senhor Dom Joam o V. crear de novo no anno de 1718 à instancia do Illustrissimo Arcebispo D. Sebastião Monteyro da Vide.

TITULO I.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, &
DE SUA MILAGROSA MANIFESTAÇÃO.

He Maria Santissima tão solícita bem feytora dos Homens, que para os enriquecer da Divina graça, alcançadolha de seu Santissimo Filho, por meyos muyto particulares, procura assistir, & viver entre elles, para assim lles alcançar do mesmo Senhor as enchentes da sua graça & o inextimavel favor do seu conhecimento. Appareceo Deos a Moysés em húa graça que ardia, & senão queymava: & diz comsigo: Vadam, & videbo visionem hanc magnam. A quem não admirará que a Çarça no meyo do fogo não ardesse, & se consumisse. Meu Padre Santo Agostinho diz: que esta arvore era de tal natureza, que tinha propriedade occulta, & viriude natural, para resistir ao fogo, & não se consumir com elle. Mas São Bernardo sóbe mais de ponto, & diz que foy muyto mysteriosa esta visão. Magna sane visio rubus ardens, sine combustione, & magnum signum: Mulier amicta sole. S. Interpretem outros esta grande visão, & vista mysteriosa, como quizerem que eu (diz o Padre Coutinho) entendo, que o mesmo he a Çarça ardendo em vivas chamas, sem se queymar, nem consumir, que huma mulher vestida de Sol. Isto he Maria Santissima, Virgem purissima, com o Divino Verbo, em suas purissimas entranhas pela graça do Espirito Santo encarnado. Supposta pois essa doutrina de São Bernardo, diz aqui: A visinhança de Deos, & de sua purissima Mãe, figurados naquella Çarça, lhe communicão graça, & formosura, ainda aquellas insensíveis plantas dos desertos de Oreb, & as mesmas visinhanças expressadas nas suas imagens da Virgem Senhora da Graça, começarão naquelles dilatados desertos da America Lusitania a comunicar as suas graças àquelle barbaros Indios, reduzindo-os à verdadeyra Fé, & inflamando-os na de tão soberana, & grande Senhora; como testemunhará toda esta historia, em o prodigioso successo, que se segue.

E daqui se pôde inferir tambem os admiraveis effeytos, que Maria Santissima a Senhora da Graça obraria com a sua real presença, & assistência de seu filho, em huma creatura não insencível: mas racional, & a sua imagem, que nas prayas da Bahia hia visitar aquelles Indios, para os trazer à Fé, & encher de graça. O' ditosos Indios aquelles que merecerão a visita da Mãe de Deos.

Diogo Alves, a quem alguns fazem o primeyro Povoador da Bahia de todos os Santos, foy hum macebo nobre natural da Vila de Viana do Minho, & de generoso coração levado da sua intrepidez, aspirou a ver novas terras. Embarcou em hua nao, que segundo alguns, fazia viagem para a Capitania de São Vicente, que havia povoado Martim Affonso de Sousa. E ou fosse, que a sua viagem se dirigia a esta Capitania, ou que a fizesse para a Índia, como querem outros, a nao constrangida de huma furiosa tormenta, depois de quebrados os mastros, fy naufragar nos bayxos, que estão junto à barra da Bahia chamados dos Gentios Maira guiquig, aonde fez miseravel naufragio: perecendo parte da gente, que a comerao os mares; a outra parte

cativaraõ os Gentios que sahindo á praya, matareaõ, & comeraõ. Entre os cativos notaraõ os Barbaros a singular constancia de Diogo Alves que desprezando o golpe da fortuna, ajudara a ajuntar as cousas, que sahião do naufragio, com hum coração intrepido, em favor dos que já tinha por senhores (q he prudencia o saberse accomodar o coração animoso aos lanços da furtuna). Contentaraõse delle os Indios, & assentaraõ entre si, q ficasse com vida, graças da Divina Omnipotencia para os fins de seu serviço & da sua mayor gloria.

Entre as cousas que sahiraõ á praya, recolheo Diogo Alves alguns barriz de polvora, & com elles dous mosquetes, ou tepingardas; & nisto consistio toda a sua felicidade, & senhorio, em que se vio depois: porque estando já recolhidos os Indios em suas aldeas; & depois de alguns dias consertou Diogo huma espingarda, & disparando-a diante de todos á vista do estrondo, que fez, & do fogo que lusio, & o effeito que obrou (que devia ser a morte de alguma fera, ou ave) ficaraõ attonitos os barbaros de cousa já mais vista entre elles. Puzeraõse em fugida as mulheres & os meninos, dizendo a vozes, que era hum homem de fogo que os queria matar. A penas pararaõ os Varõens; a estes fez capazes Diogo Alves, que viraõ era arte sua que podia com ella ajudallos contra os seus inimigos, & que não havia que temer: porque o seu fogo matava sómente aos contrarios, & não aos amigos; & ficaraõ com isto desafogados.

No mesmo tempo trasiaõ os Indios seus Senhores, guerra com os Tapuyas habitantes do sitio de Passe, distante seis legoas do lugar, aonde hoje se vê situada a Cidade da Bahia. Quiseraõ fazer experiencia, ajuntaraõ os seus arcos, & levando-o por guia foraõ dar sobre os Tapuyas, & viraõ tudo o que esperavaõ; porque no ponto que os Tapuyas tiveraõ noticia, que hia contra elles o homem de fogo (que assim lhe chamavaõ) & que de longe feria, & matava; ficaraõ desmayados, & deraõ a fugir pelos matos, ficando assim provado o valor, & a arte de Diogo Alves, cuja fama correo em breve por todos os Certoens; & foy tido por homem portentoso, contra que não eraõ poderosos os seus arcos. E aqui lhe impuzeraõ o nome, chamandolhe o grande Canamurú.

A' vista da fama que corria do grande Caramurú, os Casiques, & os mais principais se prezavaõ muyto de que quizesse aceytar suas filhas por mulheres, & lhas offereciaõ, & quem as recebia. Nas contendas de guerra, que se offereciaõ Diogo Alves era o arbitro de todas ellas. E foi isto de maneyra, que em breve tempo subio de cativo a ser senhor; porque tudo governava, & mandava; & aquella parte para onde inclinava o seu fogo, obedecia, & lhe pagava tributos.

Assentou a sua casa naquelle raso, que hoje se vê na Villa Velha além de Nossa Senhora da Vitoria, cujas ruinas ainda agora daõ finaes da povoação, que alli ouve. Teve aqui húa grande familia, & muytas mulheres; porque não se tinha por honrado o principal, que com elle senaõ tinha aparentaço. Teve muytos filhos, & filhas de que procederaõ depois familias muyto nobres.

Nesses termos estava Diogo Alves, quando chegou à Bahia hum a nao Franceza, que carregando a de pao Brasil, se embarcou nella com a mais querida de suas mulheres, dotada de grande formosura, & a Princeza naquella gente. Fêsse à vella, não sem grande inveja das que ficavaõ. Delas se refere que algumas se lancáraõ anado seguindo a nao, com perda de hum a que se afogou. Chegou a França pelos annos de 1548 ou 49. Foy a Pariz & nesta Corte ouvida a sua historia delRey, & da Rainha com satisfação, como relação de cousa tão nova. Gostaraõ de ver a esposa, individuo estranho do novo mundo. Trataraõ os Reys de bautizar a ella, & de casar ambos na face da Igreja. Celebrou estes Sacramentos hum Bispo, dignandose os mesmos Reys de serem os Padrinhos. Impuzeraõ à India o nome de Catherina por contemplação da Madrinha, que era Catherina de Medicis, mulher de Henrique II. Deraõlhe a Rainha, & outras senhoras da Corte ricos vestidos, & muytas joyas: mas não consentiraõ os Reys que passassem a Portutgal, o que muyto desejava fazer Diogo Alves.

Vendo Diogo Alves as dificuldades de passar, como desejava a Portugal: por meyo de Pedro Fernandes Sardinha Portuguez, que acabava em Pariz os seus estudos, & voltava a Lisboa (era isto no anno de 1550) fez aviso a ElRey Dom João III da bondade da Barra, & terra da Bahia, & de seus excelentes ares; afim de qua a mandasse povoar. Este Pedro Fernandes Sardinha (como fica dito atraz) foy o primeyro Bispo do Brasil, que o fez o mesmo Rey Dom João o III no anno de 1552. Depois de algum tempo voutou Diogo Alves com sua mulher Catherina Alves ao Brasil, consertandose com hum mercador grosso, que carregandolhe duas naos com quantidade de resgate, polvora, muniçoens, & artelharia; & levando-o a elle, & a sua mulher: em troco destas cousas, lhas carregou de pao do Brasil. Chegou a salvamento, comprio a obrigação carregando as naos. E com a artelharia formou hua estancia forte, para sua habitação: a sombra da qual, & com o valor dos resgates comessou a fazerse senhor de muytos escravos, & vassallos, temido, & respaytado das mayores potencias da costa.

Neste tempo succedeo, que navegando hum a nao para o Rio da Prata, com gente espanhola (muytos delles nobres) que niaõ a povoar aquellas partes. Levada a nao de hum a grãde tormenta, foy naufragar junto a Boipeba, em hum a ponta, aonde pelo successo ficou o nome da Ponta dos Castelhanos. Soube Diogo Alves do naufragio, & como homem que já experimentara semelhante fortuna, foy facil o condoerse, & assim acudio logo aquella parte, a tempo que livrou a gente dos dentes dos barbaros Indios, & a levou consigo, & hospedou humanamente, & em especial alguns cavalleyros de conta, que entre elles hiaõ: os quaes voltando a Hespanha, apre-goaraõ o lanço; & foraõ causa, de que o Imperador Carlos V lhe mandasse escrever uma carta, em que lhe agradecia o serviço que lhe fizera, em livrar aquelles seus vassallos, offerecendolhe em agradecimento a sua graça.

Na occasiaõ do naufragio, succedeo o caso, que agora referiremos, ao rosso intento por sar muyto digno de memoria, o grande favor que a excelsa Rainha dos Anjos, a Senhora daquellas terras, para que com ella tambem

entrasse a Divina Graça. Voltando Diogo Alves Caramurú de socorrer aos Castelhanos, se foy a elle sua mulher Catherina Alves Paraguçu, & lhe pediu com instancias muyto apertadas, que lhe buscasse huma mulher, que viesse na nao & estava entre os Gentios; porque lhe apparecia em visão, & lhe dizia, que a mandasse buscar para junto a si. Tornou o marido, & não achando mulher alguma em todas as Aldeas, deu conta, em que a não achava. Não se aquietava a devota Catherina Alves: & assim instava com mais apertadas diligencias, dizendolhe, que naquellas Aldeas a tinhaõ os Indios; porque não cessavaõ as visões, que a certificavaõ. Foyta a segunda, & a terceyra diligencia, se veyo a dar conta com huma Imagem da Mãe de Deos, que hum Indio recolhera da praya, & a tinha lançado, com a ignorancia do que era, ao canto da sua casa; de donde a tirou, & levou Diogo Alves com grande reverencia. E sendo apresentada a sua mulher, tanto que a vio, se abraçou com ella, derramando muytas lagrimas de alegria, & dizendo que aquella era a mulher, que lhe apparecia, & fallava. Não tem espressaõ o gosto, & alegria, que teve aquella devota, & venturosa India.

Pedia logo ao marido, lhe mandasse fazer huma Ermida; o que se fez por entretanto de barro, ou taypa, & depois mais adiante de pedra, & cal, aonde foy tresladada, & venerada com o titulo da Graça. Esta Igreja foy depois enriquecida cõ hum grande thesouro de reliquias, & de indulgencias, que entãõ mandou o Summo Pontifice, não me constou qual fosse. Deraõ depois Catherina Alves, & seu marido esta Igreja, por huma doação, que fizeram aos Religiosos do Patriarca São Bento, que ao presente a possuem, & parece que esta doação a fez a devota Catherina Alves, depois da morte do marido; porque tambem lhe doou as terras circumvesinhas, & se mandou enterrar à vista da mesma Senhora, que era bem, que recebendo della tantos favores na vida, senãõ quizesse apartar na morte da sua presença.

Esta Santissima Imagem que he de escultura de madeyra, levavaõ os Castelhanos naquella nao, para lá nas terras do rio da Prata a collocarem em alguma das Igrejas, que haviaõ de edificar; mas a Senhora se quiz ficar entre os Portuguezes, & escolheu a devota Catherina Alves, para que ella fosse a que lhe edificasse a sua casa, aonde fosse buscada, & venerada de todos. Em relaçoens que tenho da Bahia se diz, que a Senhora he de vestidos: contra o que os Authores della referem, & será sem duvida; porque das prayas de donde a recolheo o Indio, sahiraõ maltratadas as roupas da escultura: & porque não era conveniente estofar huma milagrosa Imagem, a vestiraõ de roupas; & assim o costumaraõ fazer até o presente. E os que dizem ser de vestidos, não examinariaõ bem a sua forma.

Tem a Senhora em ambas as mãos ao Santissimo menino seu amado Filho, & havendo tantos annos, que tem de princípios, até o presente não perdeu a fomesura, & o lustro da encarnação; & assim está com huma grande fermosura atrahindo a si os coraçoens; a sua estatura he de cinco palmos; esta collocada no Altar Incr & tem huma nobilissima Irmandade em que entra o melhor da Bahia, o qual festeja a Senhora, em a primeyra oitava do Natal com muyto grande pompa, & grandeza; & neste dia he muyto grande o concurso do povo daquella grande Cidade.

Por aquelle tempo, em que Catherina Alves, & seu marido se occupavaõ em servir a Senhora da Graça, partindo para a India Martim Affonso de Sousa por Viso-Rey, chegou àquelle lugar de Diogo Alves de arribada, tomando o porto daquella barra, & levava comsigo muytos Religiosos, os quaes, entre as cousas do serviço de Deos, que alli fizeraõ foy bautizar na mesma Igreja da Senhora da Graça aos filhos, & filhas daquelles dous devotos da mesma Senhora. E destes, que casaraõ depois, procederaõ grandes familias da Cidade da Bahia. Em virtude da doação que se lhe fez, elegeraõ os Monges de São Bento da Provincia do Brasil, aquella casa em Vigayraria: mas hoje he Convento, ainda que não assistem nelle mais que cyto Religiosos.

He esta casa da Senhora muyto frequentada de Romagens, & assim se vê continuamente assistida dos seus devotos, & romeiros: & são muytas as maravilhas, que continuamente obra a favor de todos aquelles moradores da Bahia. Por tradição se refere, que algumas vezes se achavaõ as fimbrias das roupas da Senhora molhadas; sem duvida, que como esta sagrada Imagem da Senhora experimentou os trabalhos do naufragio, iria naquellas occasioens acudir, aos que nos perigos do mar, que experimentariaõ os seus devotos, para os livrar delles. Tambem dizem succedia isto nos tempos, em que aquella Cidade experimentava doenças contagiosas, & Bexigas; outras enfermidades agudas. E porque esta Senhora a todos acode, & remedeia; porisso he buscada com muyto grande devoção, & frequencia: sempre sahem das suas mãos as peticoens bem despachadas.

Por muytas vezes lhe levaõ o Santissimo filho, & lho tiraõ dos braços a petição dos enfermos, que todos tem com elle muyta fé, & procuraõ as suas visitas, & por experiencia tem, que só elle com a sua presença desterra todas as enfermidades, & como he Medico Divino, desejaõ todos as suas visitas para escaparem de todos os malles. Referem os Religiosos daquelle Convento, por tradição conservada entre elles, que havia naquella casa hum Monge, que foy muytos annos Sacristaõ, na mesma casa, que era devotissimo da Senhora, & que estando diante delle, se lhe queyxava, como consentia em que o seu Santissimo filho, lhe fizesse tam largas ausencias dos seus braços, & que a Senhora a viaõ vir pera elle, como que gostava de que lhe fizesse aquella amorosa queyxa. Mas em ferir, mostrava folgar que dos seus braços lho levassem, para que desse vida espirital, & temporal aos que com grande fé o levavaõ.

Foy devotissimo da Senhora da Graça D. João de Lencastre, & no tempo que foy Governador da Bahia, lhe entregou nos principios do seu governo, o seu Bastaõ, pondo-lho nas suas mãos, para que assim acertasse nas disposicoens delle. Visitava-a continuamente, & lhe deu huma preciosa joya. Augmentou muyto a sua casa despendendo muyto da fazenda, & careando a muytos para que fizessem o mesmo, & para que servissem à Senhora ajudando aos Religiosos nos augmentos da sua casa.

Em huma occasião padeceo a Cidade da Bahia huma grande seca, & foy taõ grande, que até as fontes publicas se secáraõ. Neste grande aperto,

rogou o Governador aos Religiosos, que tirassem a Senhora, & que a levassem em procissão ao seu Convento da Cidade, como fizeraõ, acompanhada todo o povo, & Religioens, & o mesmo foy movella do seu lugar, que virem-se logo os Ceos cubertos de nuvens. Sahiraõ com a procissão, levando-a Senhora o mesmo Governador, seus filhos, & o Mestre de Campo aos hombros, & apenas chegáraõ ao Convento da Cidade, quando começou a chover com tanta abundancia, como se se rompessem as cataratas do Ceo. Assistio no Convento nove dias, em que se lhe fez hum a solemne Novena, & passada ella, a recolhéraõ à sua casa os mesmos, que a leváraõ, acompanhando-a todo o povo, o Estado Ecclesiastico, & Religioso, & a Camara da Cidade & tambem ao recolherse choveo bastantemente. A Camara em acção de graças lhe deu hum vestido encarnado de rica seda, todo guardado de ricos passamanes de ouro. Da Senhora da Graça faz menção o Padre Simaõ de Vasconcellos na sua Chronica do Brasil I. I. n. 35. & seguintes. O Padre Balthesar Telles, & Francisco de Brito Freyre na sua nova Lusitania I. 2. n. 147. & os Religiosos do seu Convento na sua Relação particular.

TITULO II.

DA IMAGEM DE N. SENHORA DO DESTERRO, VENERANDA NO CONVENTO DE SANTA CLARA DA BAHIA.

O Mundo tem a sua fermosura na sua variedade, porque se elle não fora vario, não fora fermoso: daqui nasce aquella grande inconstancia, com que o mundo reparte ordinariamente as suas felicidades. Que esta consequencia tenha lugar nos mundanos, seja embora; porque na sua adoração podem ser a sua desculpa: mas que tenha tambem lugar no filho de Deos, & na Virgem Santissima, que ao golfo de Christo se ver adorado: Venimus adorare eum, se siga a pena de se ver fugido: Fugem Aegyptum. E que à alegria de se ver Maria venerada por Rainha do Ceo, se siga a pena de se ver obrigada, das perseguições de Herodes a fugir com o Santissimo Filho, he muyto para admirar. Que sendo a Providencia Divina tão grande, que he infinita; disponha, que Maria se veja obrigada a se desterrar; & que o Filho seja obrigado a fugir? Que as luzes, & mais as sombras sejam os mesmos dictames, & corram a mesma fortuna, grande maravilha! Mas alcançando-se o mysterio, cessará logo o espanto. Christo, & Maria eraõ luzes, era Christo Sol: Crietur nobis Sol justitiae; era Maria luz: porque era Lua: Pulchra ut luna. Justo era, que Maria com a occasião desta penna, fosse lusir no desterro com o seu exeplo; & que Christo, fugindo à perseguição de Herodes, fosse lusir no Egypto com o seu amparo, como diz Chrisostomo. Esta he a natureza das luzes. Os seus resplandores são as suas influencias. Os Astros em tanto luzem, em quanto aproveytaõ, que senaõ aproveytaraõ, não luziraõ; & assim vaõ Maria, & seu Santissimo Filho desterrados para luzirem, & para espalharem no Egypto os resplandores de suas divinas virtudes. E dispunha a Divina Providencia, que as sagradas Imagens, de que se compoem este soberano mysterio, sejam levadas pela

devoção catholica ao novo mundo da América para nelle como lá se vio no Egypto, arruinar os Idolos daquelle Gentilidade barbara, & inculta, illustrando-as com suas luzes para o inflamarem, & guiarem aos caminhos da verdadeyra Religião, como aqui veremos.

Pouco depois de se dar principio à Cidade de São Salvador, ou Bahia de todos os Santos, foy isto pelos annos de 1560 sendo Governador Mendo de Sá, se erigio huma Ermida no Certaão, ou alguma cousa distante da nova povoação; aonde huns devotos, não sem destino do Ceo (porque havia escolhido aquelle lugar para Palacio) collocáraõ as Imagens de Jesus, Maria & Joseph, Imagens de vulto formadas de Madeyra, o menino, & S. Joseph com seus bordoens. Era esta Ermida feyta de taboas, & o tecto cuberto de folhas de palma. O sitio desmontalohiaõ; mas aficuxando a devoção, tornou a crescer o mato; & assim era muyto infestada de animaes ferozes, & pessoalhentos, com cobras Guiboyas, ou de veados muyto grandes, Jacareos, & cutros, que sahiaõ das alagoas, que lhe ficavaõ visinhas. E ou fosse, que se acabasse de todo a devoção, ou que o temor de cahir dos dentes daquellas feras crueis, & medonhas, fez que se acabasse totalmente o ir a venerar a Senhora à sua Ermida, E assim se perdeu a Devoção; & quando algumas pessoas (se hiaõ lá) levavaõ armas de fogo para se evitar qualquer perigo.

Pelos annos de 1567 sendo ainda Governador o referido Mendo de Sá, se diz por tradição commun, que fora hum homem (ou N. Senhora lhe inspirou que lá fosse). Hia este a cavallo para aquella parte, & vendo a Ermida, ou casa de palha, perguntou a huns negros o que aquillo era, & elles lhe respondêraõ, era a casa de N. Senhora do Desterro; mas que senaõ podia lá ir, porque era aquelle sitio muyto reparo o homem no que os pretos referiraõ; & assim se resolveo a entrar na Ermida, & ir fazer oração a Senhora do Desterro. Foy chegando, se apeou, & entrou dentro a encomendarse à Senhora.

Depois de fazer a sua oração sahio para fóra, & assentouse à porta da Ermida, & alli encostado, dizem, que adormeceo. Despertou logo todo sobresaltado; porque se vio cingido, & cercado de huma grande Geboya, ou Securiubam a qual já fazia diligencia pelo tragar. Neste tempo, & neste perigo invocou em seu favor a Senhora do Desterro, & com ella animado, puchou de huma navalha, q tambem dispoz Deos que a levasse consigo; tal golpe, & com tal successo lhe deo pela gargante, que a degollou & cahio morta aquella féra, & animal espantoso. Reconhecendo logo de donde lhe viera o socorro, entrou dentro da Ermida a dar graças à Senhora, que o havia librado da morte. E depois sahindo fóra, carregou como pode no cavallo aquelle medonho animal, & com elle se foy à praça da Cidade, apregoando a grande maravilha, & o favor que a Senhora lhe fizera. Tem aquelle animal huma pelle taõ dura, que dizem por encarecimento, que tem sete couros. E he esta taõ dura, que parece impenetravel, porque para o abrirem não lastaraõ os machados. E aqui se vio mais o protentoso do milagre, que sendo aquelle pelle taõ dura, & taõ impenetravel, a fez o favor de Maria Santissima Taõ, & taõ branda no pescoço, que com huma navalinha pode aquelle homem degollar aquella grande féra. Esfolaraõ-na, & depois enchêraõ a

pelle de algodão, & com a navalhinha na boca a foraõ offerecer à Senhora do Desterro, em memoria do beneficio, que fizera em livrar da morte aquelle seu devoto.

Com este grande milagre se ascendeo o povo todo em fevorosa devoção para com a Senhora do Desterro, & tanto, que o mesmo Governador Mendo de Sá pedio a todos os moradores, que tinhaõ pretos, aos que tinhaõ feis, que dessem tres, & aos que tinhaõ quatro que dessem dous, & assim aos mais, para hirem roçar todo aquelle mato, que estava em o circuito da Ermida da Senhora, Limpa toda a terra até o sitio da casa da Senhora, tratarão de lhe edificar outra mais grande & capaz de pedra, & cal, & alavantar casas junto a ella. E o mesmo Governador mandou alli edificar humma casa nobre, ou palacio, para sua vivenda. E depois se foraõ fazendo tantas casas, que a Cidade se estendeo até àquelle sitio. O mesmo Governador desejou logo, que naquelle mesmo sitio se edificasse hum Convento para Religiosas, que perpetuamente louvassem a nosso Senhor, & a nossa Senhora, & fez as diligencias possiveis, para que estes seus desejos se effeytuassem. E porque elle o não pode conseguir em sua vida, o recomendou à Camara daquella Cidade. E taõ certo estava de que a Senhora do Desterro havia ser servida naquelle lugar, por Religiosas, que na sua morte deyxou ao Padre Reytor do Collegio da Companhia daquella Cidade mil cruzados em deposito, para que assim que chegassem as Religiosas a tomar posse daquella casa lhes entregasse para a cea daquelle dia; como em efeyto o executou, indo logo a entregallos às Religiosas. E reparando ellas na aceytação, o Padre Reytor as certificou, de que aquelle dinheyro era seu, & que se lhe havia deyxado em legado, para quando ellas chegassem.

Isto mesmo testemunha ainda hoje humma companheya das Madres Fundadoras, que vive no Convento de Santa Clara da Cidade de Evora (de donde sahiraõ para fundar) neste presente anno de 1705 a qual disse que estes mil cruzados depositaraõ logo as Madres Fundadoras, para se dar com elle principio a obra do seu Convento. O Anno em que as Fundadoras sahirão do seu Convento de Evora, foy o de 1676 em oyto de Novembro. E tomaraõ posse do Convento novo da Cidade da Bahia em nove de Mayo de 1677. As Fundadoras eraõ a Madre Sr. Margarida da Clumna, que hia por Abbadeça, a Madre Sor Luiza de S. Joseph por Vigaria, as outras duas eraõ a Madre Sor Maria de São Raymundo, & Sor Jeronima do Presepio. E teve muyto de mysterio, que todas quatro voltaraõ a Portugal, & foraõ para o seu Convento, aonde se restituiraõ todas em oyto de Novembro de 1686. Gastando des annos justos, & completos nesta obra, que podiamos dizer fôra profetisada por aquelle pio, & devoto Governador Mendo de Sá. Esta casa da Senhora do Desterro he juntamente Paroquia daquelle destrito; se o era já quando as Religiosas tomaraõ posse não me constou; mas já o devia ser. A Imagem da Senhora he de talha estofada, & por ornato lhe poem hum rico manto, & assim à Senhora como S. Joseph; & o soberano menino se vem com varas de prata por bordoens, a sua estatura da Senhora são cinco palmos. Obrou sempre, & obra muytos milagres. A sua festividade se faz sempre com grandeza em dia de Reis, no qual se acaba o seu septenario.

TITULO III.

DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA AJUDA DA CIDADE DA BAHIA.

No tempo em que Thomé de Sousa, por mandado del Rey Dom João o III foy a povoar a nova Cidade da Bahia, & a fortificalla, para que seus moradores se pudessem defender dos assaltos dos Gentios, levou em sua companhia alguns Religiosos da Sagrada Companhia de Jesús; para que com o seu grande zelo tratassem da conversão daquellas Gentilidades. Entre estes Padres foy o Padre Manoel da Nóbrega, Apostolo do Brasil. Este veneravel Padre, com os seus companheyros, em quanto os Portuguezes se occupavão nas fortificaçoens da Cidade, tentáráo elles de levantar tambem hua fortaleza para o Ceo, & derao principio a hum a Igreja: & sendo elles mesmos os pedreyros, & carpinteyros, se applicááo à sua obra com tanto zelo, & cuydado, que em breve tempo puzerao a Igreja capaz de se poder nella dizer Missa, & administrar os Sacramentos aos fieis. Esta Igreja dedicou o Padre Nóbrega à Rainha dos Anjos; & porque sempre lhe pedia o ajudasse, para que naquellas empresas do seu ministerio fosse Deos muyto bem servido; impoz a sagrada Imagem que nella collocou, nossa Senhora da Ajuda, para que com este obsequio a Senhora os ajudasse, naquelle tempo em que tanto necessitavao do seu favôr, & ajuda.

Nestes primeyros tempos aquelles zelosos Padres erao os Parocos, & os Curas de todos aquelles Portuguezes; elles os exhortavao ao serviço de Deos, & à perfeição da vida Chritãa, mas vindo depois Sacerdotes seculares do Reyno, lhe largááo os Padres a Igreja, para que elles fossem os Parocos, & os Curas para que desembaraçados deste cuydado se pudessem empregar na conversão, & redução dos Gentios à Fé. Com esta Senhora se comessou logo a ter hum a grande devoção, & ao seu favor, & Patrocinio acudiao todos; & a Senhora obrava muytas maravilhas com os que se valiao da sua piedade, ajudando-os em seus trabalhos, dando-lhe saude em suas enfermidades; & em tudo achavao como misericordiosa Mãe, que he dos peccadores. A Imagem da Senhora está collocada no Altar mor, he de escultura da medeyra estofada, a sua estatura saõ seis palmos, & meyo: tem sobre o braço esquerdo ao menino Deos, entendesse que foy feyta em Lisboa. Tem hum a nobre Irmandade, que a serve, & festeja em 21 de Dezembro (naõ pude saber o motivo; porque neste dia a festejam.) Nas occasioens de necessidades publicas, como de grandes secas, ou demasiadas chuvas, a tiraõ do seu lugar, & a levaõ em procissão por toda aquella Cidade: & com esta diligencia se experimenta, que com ella conseguem logo de nosso Senhor os despachos de suas petiçoens; porque com o grande patrocinio da Senhora conseguem quanto desejaõ. Esta Igreja se fundou com tal disposição, que a sua porta principal fica olhando para o Oriente do Sol. Desde os seus principios foy Paroquia, & a primeyra daquella Cidade; depois se mudou, & se-ria para mais conveniencia dos Paroquianos; porque hoje se vê Ermida filial da Igreja Cathedral. Da Senhora da Ajuda faz menção o Padre Baltasar

Uelles na historia de Companhia, part, I 1. 3. c. 5. & o Padre Simão de Vasconsellos na Chronica do Brasil, 1. 2. & o Cura da Sé João Borges de Mayrros.

T I T U L O I V.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DAS MARAVILHAS, QUE SE VENERA NA SE DA BAHIA:

Notaveis são as maravilhas, que Maria Santissima obra; pois sendo Deos tão grande, & tão immenso, parece, faz que muyto mais avulte a sua grandeza. Este filho de Deos, & vosso será grande. Reparou logo nesta maravilha o Anjo a dar a embaixada a Maria, de que conceberá do Divino Verbo; & definindo-lhe o que havia de ser, entre outras cousas diz: Hic erit magnus. Este filho de Deos, & vosso será grande. Reparou logo nesta maravilha o Melifluo Bernardo, dizendo: como será grande? Elle não o era já? Como pode ser grande quem he incapaz de augmento? Diga o Anjo que he grande, & não que será, quando encarnar de Maria, pois de si mesmo tem a grandeza, & não he possivel o deixar de a ter. São Bernardo, que levantou a duvida, elle mesmo dá a resposta: Hic erit magnus, sed quare hic erit, & non totius est magnus, qui non habet quo crescat? quia magnificat animam meam Dominum. Diz bem o Anjo, que será grande o filho de Deos encarnado em Maria; porq ainda q não pode crescer, Maria q he maravilhosa em tudo faz q pareça mayor. Tão longe esteve Deos de diminuir a sua grandeza, & soberania decendo do Ceo ao Ventre de Maria, que ficou ao parecer engrandecido. Não havia o mundo ainda chegado a conceber tão excellente soberania do filho do Eterno Padre, como concebeo depois que o vio encarnado. Maria maravilhosamente o fez grande, não no ser, mas na estimação: Quia magnificat anima mea Dominum.

Nestas palavras achou Pedro Blecense huma nova ponderação: Magnificat anima mea Dominum. Como Senhora, vós engrandeceis a Deos? Que publicais a sua grandeza, que magnificais a sua soberania, que provais com argumentos irrefragaveis a sua Omnipotencia com as maravilhas, que em vós obra. Está bem: mas vós a fazeis grande? Sim. Novum plane fuit, & non nisi a Virgine dici potuit. Et est sensus, ac si deceret: Alia magnum prae dicant Dominum, & dicunt, ut creaturae rationales: Alia magnum probant, & ostendunt: ego autem magnum facio Dominum. Nova voz, & que só Maria com as suas maravilhas a pode pronunciar. As demais creaturas com o seu ser, & perfeição manifestam a Deos grande; & os Anjos, & os homens o publicão: As Aves, & animaes, as plantas, as flores, & todo o visivel o manifestm; mas eu diz Maria; não só o publico, & mostro; mas o faço grande. Ego autem magnum facio Deum: Magnificat anima mea Dominum. Estas são as maravilhas de Maria; & por isso com muyta razão se lhe impoz por ellas o titulo da Senhora das Maravilhas, & tambem pelas que experimentão os seus devotos como aqui se verá.

Pelos annos de 1552 deu principio Dom Pedro Fernandes Sardinha Primeyro Bispo do Brasil a sua Cathedral, hoje Metropolitana Igreja da Bahia

de todos os Santos, ou Cidade de São Salvador, não só no formal, mas também no material; & porque elle a não pode acabar, pela sua grande extensão com a sua dolorosa, & intempestiva morte, a foy continuando depois seu successor Dom Marcos Teixeira. Mas como este templo era tão grande & tão magnifico, depois delles, o foraõ continuando os seus successores. E assim se formou hum muyto magnifico templo; porque nele se vem muytas ricas Capellas, & muytos Altares. Sete destas Capellas se vem dedicadas à Soberana Rainha dos Anjos, nas quaes se vem collocadas Imagens suas muyto milagrosas. A primeyra dellas, & huma das mais antigas he a Imagem da Senhora das Maravilhas.

Está collocada esta Santissima Imagem em huma Capella, que he a primeyra, & a colateral da mesma Sé. He esta Santissima Imagem, pelo que he a nossa, & representa antiga; & alguem teve para si seria dadiva dos senhores Reis de Portugal. porque nos principios daquellas Conquistas se mandaraõ fazer para estas, & para as mais, muytas Imagens da Mãe de Deos, por devoção del Rey Dom Manoel, da Rainha Dona Maria, del Rey Dom João o III. & da Rainha Dona Catherina. E ainda hoje se mandaõ fazer das mesmas Conquistas a Lisboa, aonde sempre ouve Artifices excellentes, Imagem, para ellas. He esta Santissima Imagem de pouco mais de tres palmos de estatura, he de escultura de madeyra, & toda cuberta de folhas de prata, mas preciosamente obrada. Em seus braços tem ao menino Deos, que foi fabricado nú; ricamente obrada, & he portatil; & assim o vestem & adornão de requissimos vestidos as suas devotas, que tem muytas, & que nesta occupação muyto se esmeraõ. Assim a Senhora como o soberano filho tem ricas coroas, & ornatos.

A este soberano Rey da Gloria furtou dos braços de sua Santissima Mãe numa sacrilega, & cruel mão, o que succedeo poucos annos da sua collocação naquella Capella, que foy no anno de 1624. Nunca se pode averiguar quem fosse aquelle sacrilego inimigo; que he tão grande a piedade de Maria a favor dos pecadores, que pelos não entregar, & descobrir, rogaria a seu Santissimo Filho, não manifestasse aquelle barbaro, & deshumano braço. Tão grande foy a crueldade daquelle diabolico, & sacrilego agressor, que dividio aquelle Divino corpo da sagrada Imagem em muytas partes as quaes foraõ achadas em lugares imundos daquella mesma Cidade. Huma negra buscando lenha para o fogo, achou huma pernasinha daquelle sagrado vulto, & não sabendo o que fosse a meteo no fogo. Caso maravilhoso! Do fogo saltou fora com admiração, & pasmo da mesma negra; qual a foy logo restituir à mesma Sé (porque reconhecendo depois o que aquillo era, achou ser parte daquelle sagrado corpo da Imagem de Deos menino) aonde já estavaõ as mais partes, que por diversos modos haviaõ sido achadas, & só faltava esta. E todas mysteriosa, & miraculosamente se haviaõ des-uberto. Depois se uniraõ, & se mandou novamente encarnar esta Santissima Imagem, com toda a perfeição, & a collocaraõ em os braços de sua Santissima Mãe, a Senhora das Maravilhas. E de então até o presente tem as mulheres daquella Cidade muyto grande devoção com aquelle Senhor menino, & assim o adornão rica, & custosamente.

Por esta Santissima Imagem daquelle bello menino obra o mesmo Senhor de quem he Imagem muytos, & grandes prodigios, & milagres. Tem a Senhora das Maravilhas huma nobre Irmandade, assentada em a mesma Capella, que de Irmãos Sacerdotes, & seculares se compoem; os quaes servem a Senhora com fervorosa devoção, & muyta despeza, & a festejaõ em a Dominica in Albis. Obra esta Senhora pela invacação desta sua Santissima Imagem muytos milagres, & maravilhas. Na quaresma se poem na mesma Capella da Senhora o Santissimo Sacramento, em quanto se faz o Sepulchro, que he grande, & magestoso. Da Senhora das Maravilhas faz menção o Cura da Sé o Lecenciado Joaõ Borges de Bayrros, por mandado do Illustrissimo Arcebispo daquelle Metropo, o Senhor Dom Sebastião Monteiro da Vide.

T I T U L O V.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DA PIEDADE, OU DA SOLEDADE, QUE SE VENERA NA MESMA IGREJA CATHEDRAL.

Na mesma Sé da Cidade da Bahia se venera tambem hua devotissima Imagem da Mãe de Deos, a quem daõ o titulo da Piedade, & tambem da Soledade. A Esta Senhora no titulo da Piedade celebra a Igreja festa, intituyendo-a Senhora da Piedade, ou pela que ella teve de seu Santissimo Filho, assistindolhe junto à cruz, em que o via padecer pelos homens. E isto he o que diz o Evangelista: *Stabat iuxta Crucem Jesu, Mater ejus.* Ou pela piedade que a Senhora teve de nós.

Foy a piedade, que a Senhora teve para com seu filho a mayor piedade; porq foy mayor q a dos Appstolos, q a das santas mulheres, q se acharaõ ao pé da Cruz; & a razão he; porq o seu amor era mayor para com aquelle Senhor; era mais ardente, era mais puro, & era mais animoso; porq ainda que os Apostolos, & a Magdalena, com as mais santas mulheres amavaõ muyto a Christo, o amor da Senhora excedia a todos peias singulares prerogativas, que concorriaõ no seu amor; & como os sentimentos se meçaõ pelo amor, como disse meu Padre Santo Agostinho: *Amor meus pondus meum.* Sendo o amor da Senhora o mayor de todos os amores, para com seu Santissimo filho fica por legitima consequencia sendo o seu sentimento mayor que todos os sentimentos; comõ tambem a sua piedade, mayor de todas as piedades.

Ou tambem pela piedade, que a Senhora teve de nós ao pé da Cruz: *Stabat iuxta Crucem.* Ao pé da Cruz assistia a Senhora com taõ divina constancia, vendo nella morrer a seu amado filho, pelo remedio dos homens, que pondo os olhos naquelle Divino Sol de Justiça, que já se hia escondendo, ou pondo em o mar vermelho de seu sangue, bebendo rayo a rayo, pelos olhos aquellas Divinas luzes, & piedosamente esperava no ocaso daquelle Sol, naõ só a morte do santissimo Filho, a quem tanto amava; mas a salvaçaõ do mundo, como contemplou o seu devoto Capellaõ Santo Ildefonso. *Sermone 5 de Assumptione. Pijis oculis, non filij, marten sede mundi salutem.*

Este piedoso affecto do remedio do mundo a não deyxava afastar do pé daquelle Cruz. O amor do Santissimo Filho a tinha alli assistente, & a piedade para com os homens a conservava constante, fazendo-a piedosa, para com o filho a grandeza do seu amor; & para com os homens o remedio da salvação, que esperava na sua morte. E sendo sempre Mãe da Piedade por todas estas razoes, pelas mesmas logra este tão soberano titulo, com que a veneraõ todos os verdadeyros Catholicos, em todo o estado do mundo, & em toda a nova Lusitania. ou estado do Brasil, como aqui se verá.

Em a mesma santa Igreja Cathedral, & Se da grande Cidade da Bahia de todos os Santos, ou Cidade de São Salvador he tida em muyto grande veneração, outra Image da Soberana Imperatriz da Gloria, com o titulo da Piedade, que se vê collocada em huma Capella daquelle grande Templo, que fica junta à do Santissimo Sacramento, & se vê encostada a huma grande Cruz em que se vê encravado o Soberano Author da nossa vida. He esta Santissima Imagem de muyto grande fermosura, he de roca, & de vestidos, & da proporção, & estatura de huma perfeytissima mulher. He moderna, porque a mandáraõ fazer os Irmaõs do Santissimo Sacramento; porque elles tomáraõ por sua conta o servir a Senhora perpetuamente, como fazem com muyta grandeza; & elles foraõ os q mandaraõ obrar em Lisboa, para que se fizesse com toda a perfeição. A sua festividade se lhe faz em o primeiro sabbado depois da festa do Corpo de Deos, com esta Senhora tem todos muyta cordial devoção. & ella a está infundindo nos coraçoens, vesse vestida de tella roxa com toalha. Della nos faz menção o Cura da Sé o Licenciado João Borges de Bayrros.

T I T U L O V I.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DE GUADALUPE, QUE SE VENERA NA SÉ.

A Milagrosa Imagem de N. Senhora de Guadalupe que o mundo todo venera, se manifestou no sitio das Viluerkas de Toledo, pelos annos de 1444 pouco mais ou menos. E com a sua manifestação, & grandes prodigios, que logo começou a obrar a mão de Deos, pelos merecimentos daquelle ex-celsa Rainha da Gloria, de quem he Imagem, se accendeo não só em toda a Hespanha, & Portugal hum grande fogo de devoção, para com este mysterioso titulo, mas em o mundo Catholico; porque nas Indias Occidentaes, & Orientaes, se fundaraõ, & dedicaraõ à Senhora com este titulo muytos Templos, & Capellas, E na nossa Nova Lusitania, ou estado do Brasil se achão muytas Igrejas, & Capellas dedicadas á mesma Senhora. E principalmente aquelle de que agora tratamos que he na Igreja Cathedral da Cidade da Bahia, cabeça de todo aquelle estado.

Esta Capella se vê junto à porta traveça, que fica da parte da Epistola daquelle grande templo. Nella se vê collocada a Imagem desta Senhora. Para com ella tem toda aquella Cidade huma grande devoção; & a Senhora lha augmenta com as maravilhas que continuamente obra, & mecés, que

a todos reparte. Assim he buscada, & servida de huma grande Irmandade, que muyto se esmera no seu culto, & obsequio. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, & a sua estatura taõ pouco mais de tres palmos, & sobre o seu braço esquerdo se vê assentado o menino Jesus, & ambas as Imagens de tella. Dos seus principios já hoje senão sabe dizer nada; mas consta que foy collocada naquella sua rica Capella, & naquella Igreja no anno de 1628. Bem podia ser, que alguns Hespanhoes no tempo em q Hespanha possuia este nosso Reyno, passando ao Brasil pela grande, & co dia: devoção com que todos os Hespanhoes amão a este prodigioso titulo, a mandassem fazer; & feyta a collocassem naquella Capella, que então se lhes assignaria. E collocada a Senhora, lhe eregiraõ logo a sua Irmandade. Depois a mandariaõ cubrir de folha de prata, excellentemente lavrada, como hoje se vê. E esta Santissima Imagem foy a primeyra, que se cobrio de prata; & à sua imitação, o mandadaõ fazer as outras Irmandades às mais Imagens, que naquella Igreja se vem com semelhante adorno. Depois da Acclamação do senhor Rey Dom Joaõ o IV. (sem duvida faltando os Hespanhoes) se aproveitariaõ os pardos, cativos della, pedindo-a ao Bispo, ou Cabido, & a Senhora de Guadalupe patrocinaria a sua devota pertençaõ, para que a elles se entregasse o cuydado da sua Capella, & do seu serviço, que muytas vezes vemos, que os os pobres são mais devotos, que os ricos. Taõ boas diligencias couberaõ fazer os pardos pobres, & cativos, que elles são hoje os Irmaõs & Confrades da Virgem nossa Senhora de Gaudalupe. Estes não tem menor devoção para com ella: o que se manifesta no precioso adorno, & riqueza daquella Capella, muyta, prata, & muyto ricos ornamentos. Festejaõ a Senhora de Guadalupe os seus devotos irmaõs os pardos (ainda que pobres, & cativos) com muyto grande devoção. & muyta grandeza, em a terceira Dominga de Agosto, com Sermaõ, & Missa cantada de canto de Orgam. Desta Senhora faz menção o Licenciado Joaõ Borges de Bayrros Cura da Sé, em huma relação que nos faz por mandado do Illustrissimo Arcebispo daquella Metropoli o Senhor Sebastiaõ Monteyro da Vide.

TITULO VII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DA FÉ, QUE SE VENERA NA CATHEDRAL DA CIDADE DA BAHIA

Do alto da Cruz constituhio o Senhor Jesus Christo a sua Mãy Santissima universal Mãy de todos os homes: Ecce filius tuus. E a Senhora pelo muyto, que a todos ama, aceytou esta maternidade, ainda que com aquella grande pena, & excessivo sentimento de ver a seu Santissimo filho defunto; porque ainda que o tinha em os braços, via-o sem vida. Este mesmo sentimento acompanhava a Senhora em ver a seus filhos os pecadores tambem mortos pelas culpas. Vivem as almas em quanto nellas se conserva vivo o fermosissimo corpo da Fé; porque conservaõ viva a graça, & a caridade, pois em quanto respira essa alma obediencia, agradecimento, & em amor em tanto conserva a vida; porque a Fé sem esta vida, & respiração (como

ensina Santiago) está morta, & o corpo não tem vida. Fides sine operibus mortua est. Maria Santissima, como Mãe nossa sente que nos seus filhos os Catholicos, não haja toda aquella Fé, que assenta na caridade que he a respiração, que nos mostra, que o corpo tem vida. Esta he a obediencia a Deos, o agradecimento, & o amor, com o que amamos. E assim como a Senhora se alegra de que nos exercitemos em boas obras; chora a morte de seus filhos adptivos com Rachel; Rachel plorans filios suos; porque os vê mortos pela culpa, & falta de boas obras; & assim nos dirá esta amorosissima Mãe nossa: Ecce filius tuus. Mas quantos por tua culpa perderão a vida da graça, quantos se privarão do fruto da payxaõ, pela sua fea ingratidão, & pela falta de Fé: pois saybaõ, que em mim este he o meu mayor sentimento, que padeço: Rachel plorans filios suos. Por isso disse Santo Antonino de Florença, em nome da Senhora: Adaugeat dolorem meum; quia cum filius meus sustineat tantam paenam, quae sufficiat pro omnibus satisfacere: tamem plurimi, propter suam caecitatem, & ingratitude, se privabunt tanto fructo. Portanto, se me quereis consolar (dirá a Senhora) no meu sentimento, & pena de ver a meu filho morto, & avós pelas nossas culpas, obray como filhos vivos pela Fé; mostray a caridade, o agradecimento, & o amor que deveis ao Senhor, que vos deu a vida; porque com estas verdadeiras obras da Fé, aliviareis o meu sentimento, de ver a meu filho Santissimo morto; porque vos veja a vós, filhos vivos com a Fé de meu Filho.

Jacob
Episto
Catho

Em a Santa Igreja Cathedral da Cidade da Bahia he buscada com grande veneração huma sagrada Imagem da soberana Emperatriz da Gloria, Maria Santissima, a quem dão o titulo de N. Senhora da Fé. He de escultura de madeyra, mas está toda cuberta de folha de prata, ricamente lavrada. A sua estatura são seis palmos em alto; & ainda que está toda cuberta de prata, he devotissima, & muyto fermosa. Foy collocada em a sua Capella no anno de 1644. He esta Capella á collateral parte do Evangelho. He servida esta Senhora por huma fervorosa Irmandade, que se compoem de mancebos solteyros. Fazem-lhe a sua celebridade na segunda feyra depois da dominica in Albis. Os seus Irmaõs se empregão em serviço da Senhora com fervorosa devoção, & com hum fervoroso zelo, & emulação; porque lhe fazem a sua celebridade com grande pompa, & aparato. Se esta sagrada Imagem se fez na Bahia, ou se a mandarão fazer a Lisboa, já hoje senão sabe; mas o cubrilla de prata se entende se fez em a mesma Cidade da Bahia; que quizerão os seus devotos Irmaõs mostrar-se taõ caprichosos, que em a mandarem cubrir de prata, quizerão neste precioso, & candido metal exprimir a pureza da sua Fé, & devoção. Da Senhora da Fé faz menção em huma relação o Cura da Sé o Licenciado João Borges de Bayros.

TITULO VIII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO PARTO.

Das outras Capellas dedicadas à Mãe de Deos, em hua dellas se vê collocada aquella sagrada Imagem, a quem dão o titulo de nossa Senhora

do Parto, Imagem formosissima ,cuja estatura saõ quatro palmos. He de escultura de madeyra estofada, & tem ao menino Deos sobre o braço esquerdo. Não tem esta Senhora Irmandade propria. Foy collocada naquella sua Capella no anno de 1633, sem duvida pela diligencia das casadas; que o fariaõ por terem à sua vista huma taõ singular Protetora, em os seus partos & apertos: & ellas são as que a servem, & festejaõ com muyta grandeza. E pela grande devoçaõ, que tem esta Senhora, frequentaõ muytas vezes a sua Capella, principalmente, quando estaõ prenhadas; E entaõ lhe fazem as suas novenas, & rogativas; em que experimentaõ nos seus felices partos, os favores da Mãe de Deos. E he de tradiçaõ constante ter obrado muytas e grandes maravilhas com a applicaçaõ do seu manto; como se tem visto em partos perigosos. Fazem a festa a esta Senhora em dezoyto de Dezembro dia da sua expectaçaõ do Parto. E neste dia he muyto grande o concurso das mulheres de toda aquella grande Cidade. Desta Senhora faz mençaõ na sua relaçaõ, que nos deu por mandado do Illustrissimo Arcebispo daquella Metropoli, Joaõ Borges de Bayrros.

TITULO IX.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO ROSARIO, QUE SE VENERA NA SÉ DA BAHIA.

Em outro Altar, ou Capella daquelle grande Templo se vê collocada a milagrosa Imagem de nossa Senhora do Rosario. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, & de pouco mais de tres palmos de alto; mas está toda cubertta de folha de prata, lavrada, & obrada com toda a perfeiçaõ. Tem sobre o braço esquerdo o menino Jesus, que se lhe tira, & o vestem; & na mão direyta tem o seu Rosario, que está offerecendo aos seus devotos. Tem esta Senhora huma nobre Irmandade, que se compoem dos moradores daquella Cidade, os quaes a servem com muyto grande devoçaõ, & muyta grandeza. E fazem-lhe a sua celebridade no seu proprio dia, que he a primeyra Dominga de Outubro, & no mesmo dia lhe fazem a sua procissaõ. Nesta Irmandade não entraõ os pretos porque estes tem outras Irmandades, & Ermidas particulares dedicadas à mesma Senhora, debayxo do mesmo titulo do Rosario. He esta Santissima Imagem antiga, & mandaraõ obrar os seus Irmaõs, ou devotos, o que seria em Lisboa; & assim foy collocada em o mez de Outubro do anno de 1635. Della faz mençaõ o Cura da Sé Joaõ Borges de Bayrros.

TITULO X.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO AMPARO.

No mesmo grande Templo, & Igreja Cathedral da referida Cidade da Bahia de todos os Santos se vê collocada a Senhora do Amparo. Todos sabem, que a todos os homens a doptou Maria Santissima por filhos, & de

todos a obrigou a seu amor a ser Mãy; diz o Padre Silveyra: Ipsa Santissima Virgo omnes homines adoptavit in filios, in quibus primogenitus, & naturalis est Christus. A nenhum exclue o seu affecto deste privilegio. Todos, diz Alberto Magno, gozam este excellencia: Virgo Mater est unius hominis per generationem, & omnium per adoptionem. Silveira Alb.

Mas assim como ha filhos, que merecem mais, que outros os agrados das Mãys; assim he justo, que as Mãys mostrem mais agrado a estes filhos. Filho das suas dores chamou Rachel a Benjamim: Vocavit nomen filij sui Benoni, id est, filius doloris mei; porque ao mesmo passo, que ella lhe communicava os alentos da vida, elle lhe originava os trespassos para a morte: Mortua est ergo Rachel. A Isac chamou Sara todo o seu riso, & a sua alegria toda: Risum fecit mihi Dominus, quicumque audierit, corridebit mihi; porque se antes padecia triste, o oprobio de esteril, pelo filho unico ao depois com o gozo de fecunda: Concepit & peperit filium tempore, quo praedixerat ei Dominus. Foraõ diversos os effectos destes filhos para com as Mãys, & assim foraõ tambem diversos os affectos das Mãys para com estes filhos; soube mais hum que outro merecer os agrados por isso foy preciso, que as Mãys, mais a hum que a outro ouvesse de mostrar os carinhos; porque supposto que a todos os filhos tenhaõ as Mãys muyto effecto, com tudo confôrme os meritos devem, & mostraõ as Mãys, mais a hums, que a outros filhos o agrado.

O' & quanto do agrado de Maria Santissima, quanto do agrado da Senhora do Amparo saõ os Irmãos pardos deste Confraria; sem duvida devem tambem ser os mais fervorosos, em servir a esta Senhora & os que mais merecem nos seus obsequios; pois se reconhecem primeyros na sua estimação. Em plausiveis admirativas vozes, dizem os Anjos, vem a Maria Santissima, ou a Senhora do Amparo, semelhante a Aurora, nos risos, que era impossivel nos prantos, a Lua no pulchro, & de nenhuma sorte no deffectuoso, ao Sol no luido, & nem por sombras no eclipsado: quasi Aurora consurgens, pulchra ut luna, & lecta ut Sol. Não me admira, que dos astros as luzes se recapillem por semelhança, em que se coadunam de todos os Justos as graças por realidade. Nem que à Aurora, à Lua, & ao Sol se compare a Senhora; porque seguindo os Expositores, assim como a Aurora principia o dia depois da noyte, a Lua aclara a noyte na ausencia do dia, o Sol constitue o dia sem sombras de noite; assim a Senhora do Amparo aos penitentes illumina, porque continuem na virtude; aos pecadores illustra, porque se levantem da culpa, aos Justos fermosea, porque se conservem na graça. Reparo sim em que sendo o Sol Rey, & principe dos Astros, a Lua Senhora, & Presidente das Estrellas, haja de se antepor nesta comparação hum Estrella, qual he a da Alva, ou a Aurora ao Sol, & à Lua, pois primeyro, que a Lua, & o Sol vejo nesta comparação de Maria Santissima a esta Estrella: Quasi Aurora consurgens, &c. Para a cabal, & proporcionada razão ao nosso intento ouçaõ agora.

Tres saõ as cores, ou accidentaes qualidades de que se veste este emisferio; candido, que no dia lhe communica a luz; obscuro, que na noyte lhe originaõ as trevas: pardo, que na madrugada causa a sombra, não vencida

Gen. 3

da luz, & a luz não superada da sombra. O Sol preside ao mundo, quando com as luzes mais claro; a Lua preside ao Orbe, quando com as sombras mais preto, a Aurora a este emisferio preside, quando nem de todo a sua cor obscura, nem de todo lusida; porque nem de todo o candido da luz triunfa, nem de todo o tenebroso das sombras se retira. Demais ao homem chama Aristoteles mundo abreviado; assim como ao mundo o appellida homem extenso. Donde o que do mundo, ou homem extenso se pôde affirmar. Logo bem se pôde dizer que a Senhora do Amparo se compara ao Sol, porque he muyto especial Amparo deste mundo pequeno ou dos homens, quando não tem sombras algumas de preto, ou quando são todos candidos. Compara-se à Lua; porque he Senhora dos que parece não quizerão ter cousa alguma da cor branca, por mostrar talvès a firmeza do amor desta Senhora na cor preta. Compara-se à Aurora, por acreditar-se especial Rainha, dos que nem são de todo pretos, nem de todo brancos, em cuja natural mescla mostraõ talvès, juntaõ em os obsequios desta Senhora a hum amor permanente, & huma devoção sincera.

Fica logo mais claro, que a luz, o porque ao esplendido do Sol, & ao claro da Lua se antepoem nesta comparação o luso da Aurora, que como são titulos comparativos, com que a Senhora do Amparo se ennobrece, justo he pois sejaõ primeyro nas vozes dos Anjos os titulos que são primeyros na estimação da Senhora. Por isso primeyro a aclamaõ Aurora, ou Senhora que preside ao abreviado mundo, ou aos homens, nem de todo brancos, nem de todo pretos; para nos mostrar, que este he o timbre de que a Senhora do amparo mais se preza, o titulo de que mais gosta; porque são os pardos os filhos que mais estima. A todos assim aos brancos, a quem preside como sol, assim aos pretos de quem he Senhora como Lua, mostra affectos de preciosa Mãe; mas aos seus favorece como especiaes filhos: primeyros em o amor, antes que todos na estimação, sem duvida, porquê são unicos em o fervor com que a servem, em o affecto com que a honraõ, & em o amor com que a veneraõ; & assim justo he que logrem estes affectuosos filhos os primeyros agrados da sua Protectora, a Senhora do Amparo.

Esta Senhora especial Protectora, dos Irmaõs pardos livres he muyto venerada naquella Cathedral, & servida com muyto particular devoção, logo em seus principios se uniraõ estes em huma Confraternidade, que foy aprovada com a Authoridade Ordinaria. E assim não só os seus Irmaõs pardos a servem fervorosos mas tambem os moradores della a tem em muyto grande veneração. He esta sagrada Imagem de escultura de madeyra estofada com o ornato de manto, & coroa de prata. A sua estatura são de quatro palmos. He antiga, porque foy collocada naquella sua Capella no anno de 1604. E se entende que os mesmos Irmaõs pardos livres, a mandarão fazer em Lisboa, & elles a tem com muyto grande veneração. Festejão a sua Santissima Protetora os seus Irmaõs, & Confrades no dia da Apresentação da Senhora em o Templo a 21 de Novembro; o que fazem então com muyto grande solenidade. Desta Senhora faz menção o Cura da Sé João Borges de Bayrros.

T I T U L O X I

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO CARMO.

Os Padres Carmelitas observantes são muyto antigos na Cidade da Bahia. O seu Convento se vê situado no distrito da Freguesia da Sé, No anno de de 1502. deraõ principio à sua nova, grande & fermosa Igreja, cujas portas principaes olhaõ para o Occidente. Nesta Igreja se venera a Imagem da sua soberana Proctetora, a Senhora do Carmo, que se vê collocada com muyta magestade em o seu Altar mór. He esta Santissima Imagem de grande fermosuara, & de agigantada proporção; porque tem perto de sete palmos de estatura; he de excellnte escultura de madeyra, & estofada com grande perfeição. Tem sobre o braço esquerdo ao menino Deos, doce fruto do seu purissimo ventre; & na mão direyta o Escapulario, que offerece aos seus filhos, & de vossos Terceyros.

He esta Santissima Imagem de muyta devoção, & assim recorrem a ela os moradores daquella Cidade em todos os seus trabalhos, & affliçoens. E em as occassiones de necessidades publicas, como de faltas de agua, ou de grandes seccas, recorrendo a esta clementissima Snhora, se experimentão logo os seus favores, tirando-a nestas occasioens em procissão, & não se recolhe a Senhora sem que se vejaõ os effeytos da sua piedade; como o tem mostrado por muytas vezes a experiencia. Festejaõ a esta Senhora, assim os seus Religiosos, como os seus Irmãos Terceyros com muyta grandeza, com hum triduo, em que está o Senhor manifesto, & em que ha excellentes Prêgadores. Comessa este triduo em 16 de Julho, que he o dia da celebridade, que lhe tem assinado a santa Igraja. Esta Santissima Imagem se entende foy collocada naquella sua Igreja em os principios d sua fundação, a qual, ou levariaõ de Lisboa, ou do Brasil a mandariaõ lá fazer. Da Senhora do Carmo nos faz menção o Cura da Sé João Borges de Bayrros.

T I T U L O X I I.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE
QUE SE VENERA NO MESMO CONVENTO.

Na mesma Igreja de nossa Senhora do Carmo dos Padres observantes se vê huma Capella dedicada à Virgem nossa Senhora da Piedade. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, estofada de ouro, & vesse sentada ao pé da Cruz, a sua estatura he de proporção de huma perfeyta mulher, mostra grande ternura no passo doloroso em que se vê esta com o ornato de toalha, manto, & resplendor de prata, tem em seus braços ao Author da nossa vida defunto: & ambas estas Santissimas Imagens causão grande compunção. Com esta sagrada Imagem tem tambem muyto grande devoção os moradores da Bahia. Estes lhe erigiraõ huma nobre Irmandade, que está confirmada pelo Ordinario, esta a serve, & a festeja com muyta grandeza, em a segunda oytava do Espirito Santo, & neste dia ,em que lhe

fazem a sua festa, he muyto grande a assistencia daquelle devoto pōvo. Foy collocada esta Santissima Imagem, em aquella Igreja nos principios de sua fundação. E ainda que se nos referem milagres particulares, he certo, que a Senhora obra muytos a favor de todos aquelles, que com viva Fé emplorão o favor, & patrocínio. Desta Senhora nos faz mençã o Cura da Sé da cidade da Bahia Joaõ Borges de Bayrros.

T I T U L O X I V

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DA BOA MORTE DO CONVENTO DO CARMO.

Na mesma Igreja dos Padres Carmelitas Calçados se vê outra Capella, aonde se venera com muyto grande devoção outra soberana Imagem da Mãe de Deos, a quem dão o titulo da Boa Morte. Esta Santissima Imagem tem seis palmos; he de vestidos, & a adornação com ricas telas. Está deytada em hum rico tumulo, ou leyto, com muyto grande adorno, em o mesmo Altar da sua Capella recolhida, ou fechada com ricas vidraças, por onde se participa da sua vista.

Tem esta Senhora huma grande Irmandade, que a serve com fervorosa devoção, & a festeja no dia de sua gloriosa Assumpção em 15 de Agosto. E nas vespervas se lhe faz huma devotissima procissão, em que sahe com grande aparato, & lusimento, & corre as principaes ruas daquelle Cidade, accompanhando-a os seus Religiosos, e neste dia he muyto grande o concurso do povo, que vay a ver, & a venerar aquella excelsa Senhora.

Na eleyção que se faz todos os annos dos Irmaõs, que haõ de fazer à Senhora a sua annual festa, senaõ elege Juiz; porque esta dignidade se dá às mulheres nobres daquelle Cidade, & isto desde o tempo, em que esta sua Irmandade se erigio; & ellas concorrem com a mayor despeza. Esta Santissima Imagem da Senhora he moderna; porque se collocou na Igreja daquelle Convento em o anno de 1685 a qual parece a mandaraõ fazer os Religiosos a Lisboa. Desta Senhora nos faz menção na sua relação o Cura da Sé da Bahia, o Licenciado Joaõ Borges de Bayrros.

T I T U L O X V.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO PILAR.

Na mesma Igreja dos referidos Padres Carmelitas observantes he tambem tida em grande veneração outra Imagem da Mãe de Deos, a quem dão o titulo de N. Senhora do Pilar. Ve-se esta Sennora collocada em outra Capella daquelle Igreja sobre o seu Pilar, ou columna. A sua alttura são tres palmos, & os mesmos tem a columna. He de escultura de madeyra estefada, & tem ao soberano Deos menino sobre o braço. Esta Senhora não tem Irmandade aprovada; mas virá a tella, porque he muyto grande a devoção, que todos tem com esta Senhora. He muyto moderna, porque foy

T I T U L O X X I V .

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DA PENHA.

Varias vezes temos fallado neste titulo, & sobre elle temos dito algumas cousas, como se verá em seus lugares. Agora tratamos da Senhora da Penha, que se venera em huma Ermida, situada no destrito da mesma freguesia de nossa Senhora da Vitoria, dedicada a Santo Antonio, a qual fica junto à barra, & à parte do Sul da mesma Cidade da Bahia. Nesta Ermida he venerada huma Imagem da Rainha dos Anjos, a quem deraõ este titulo de Penha; mas já hoje se ignora o motivo, com que se fez assim. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra estofada de ouro, & tem ao Menino Deos sobre o braço esquerdo. A sua estatura são tres palmos, & meyo. Não tem Confraria, nem Irmandade, que a sirvão, & como fica tão distante da Cidade, tambem não terá muytos, que a possam servir; mas eu rogara aos visinhos daquelle destrito, que fossem muyto devotos desta Senhora; porque todos os que são, recebem da sua clemencia muytos favores, & he doutrina de Santo Anselmo, que o que for, difficultosamente se poderá perder.

T I T U L O X X V .

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DOS MARES, QUE SE VENERA NA ERMIDA DE SÃO GONÇALO

No destrito da mesma freguesia de nossa Senhora da Vitoria, junto ao Rio Vermelho, que dista da Cidade da Bahia huma legoa, se edificou, & dedicou ao glorioso São Gonçalo de Amarante huma Ermida, aqual fica entre o Sul, & o Oeste. Nesta casa do Santo he tida em grande veneração huma muyto devota Imagem da Mãe de Deos, a quem daõ o titulo de Nossa Senhora dos Mares. He esta sagrada Imagem, formada de escultura de madeyra, & tem ao Menino Deos sobre o seu braço esquerdo, está esofada, & adornada de manto, & coroa de prata, a sua estatura são quatro palmos, & está com a sua mão direyta pegando nos pés do Santissimo Filho. Quanto à sua Origem senaõ referem nada; porque dizem he muyto antiga, & o que descorre nesta materia he, que daria naquelles mares algum navio à costa, & que desfeyto elle, sahiria às prayas esta Santa Imagem, aonde a acharia algua pessoa devota, & a levaria à Ermida de São Gonçalo, & que alli a collocaria. E que por haverse achado naquella costa do mar, por se lhe não saber qual fosse a sua invocação, lhe dariaõ a dos Mares, & não erraraõ; porque he esta Senhora a estrella dos mares, & a Senhora delles.

O que consta com certeza he, que todos tem muyta devoção com esta Senhora, principalmente os navegantes: porque como he Senhora dos Mares, a ella recorrem sempre em os perigos, qu nelles se encontraõ, & invocada experimentaõ prompto o seu favor; porque ella os livra, soccegando suas

furias. Antigamente era o rio Vermelho muyto tromentoso, & se experimentavão nelle muytas perdiçoens, & naufragios, mas depois, que a Senhora dos Mares foy collocada naquella Ermida, nunca mais se vio agastada aquelle rio, temeo sem duvida, offender aquella Senhora, que he a Mãy dos peccadores, & a Protectora dos navegantes, & como subdito seu a começou a respeytar tanto, que de todo reprimio as suas iras.

Naõ tem esta Senhora Irmandade que a sirva, & assim naõ tem dia particular, para se celebrar a sua festa: tudo isto nascerà da frieza da sua devoção daquelles visinhos, he muyto, que confessando todos; que reprimio as furias do rio Vermelho, que tanto com ellas os molestava; naõ acabão de se mostrar agradecidos, para lhe dedicarem hum dia certo, em que por agradecidos a festejam. Os que por beneficiados, & agradecidos dos favores que desta Senhora receberão, quando nos perigos a invocaraõ, saõ os que algumas vezes lhe mandaõ celebrar algumas Missas cantadas, naquellas occasioens em que a podem fazer, em sinal de reconhecimento de os haver favorecido.

TITULO XXVI.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO LIVRAMENTO.

Na mesma Igreja de São Gonçalo do rio Vermelho se venera outra devotissima Imagem da Rainha dos Anjos, com quem os moradores da Cidade da Bahia tem muyta devoção, & assim a buscaõ frequentemente, & a experiencia lhe tem mostrado, que esta soberana Senhora he cuydada em os livrar de todos os perigos, quando a invocaõ.

Quanto à sua Origem, o que se refere por tradição, he, que os nossos Portuguezes trouxeraõ da Terra Nova esta Santissima Imagem, vindo das Indias de Castella, & que elles obrigados dos favores, que a Senhora lhes fizera na viagem, a collocaraõ elles mesmos naquella Ermida de São Gonçalo, & se diz que estes devotos Argonautas, tinhaõ com ella muyto grande devoção; porque sempre os livrara de todos os perigos, em que se viraõ, assim por mar, como por terra. Tambem esta Senhora experimentando todos os seus favores naõ tem Irmandade, que a sirva. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, & tem de alto dous palmos, & tem sobre o braço esquerdo ao Menino Jesus.

TITULO XXVII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DA CONCEYÇÃO DA GAMBOA.

Pelos annos de 1707 ou 1708 erigiraõ huns devotos, de que se nos naõ deu a noticia quem eraõ, nem como se chamavaõ hum Santuario, que dedicaõ à Rainha dos Anjos, Maria Santissima, & ao mysterio de sua purissima Conceyção. A estes devotos de nós naõ conhecidos, lhe resultará desta obra immortal gloria, pela edificação deste Templo, em que Deos

será louvado, & servido. Esta excellencia aplaudio muyto Saõ Cyrillo Ale-
Cyril. que a vossa real ascendencia esta propagada com tanta gloria; segundo
Alex. 1 podemos crer; assim permanecerá na fruição dos seculos. Mas ainda assim,
de rect. não vos descuydeis em procurar o Reyno de Christo, por meyo das boas obras,
fide. & firmissima Fé.

Naõ pôde haver mayor credito para as pessoas nobres, nem mayor firmeza em suas casas, que o perpetuo zelo da honra de Deos, acompanhado da pureza interior da consciencia, & bom exemplo, para os da sua familia. E tudo se alcança por meyo da verdadeyra devoção de Maria nossa Senhora. Fondou-se esta Ermida no sitio da Camboa em o destrito da Paroquia de nossa Senhora da Vitoria. He esta Santissima Imagem formada de barro; mas está obrada com muyta perfeição, tem de altutra dous palmos & meyo; está com as mãos levantadas; & como esta casa da Senhora he tam moderna, ainda naõ tem Irmandade, nem mordomos, que a sirvaõ. Mas o Senhor o disporá, para que assim seja para mayor veneração de sua May.

TITULO XXVIII

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DA NAZARETH.

No Arrabalde da Cidade da Bahia além do Convento, que nelle se fundou, se vê situada a Igreja de Matriz de Santo Antônio a qual fica entre o Norte & o Sul. Nesta Paroquia, que he das mais antigas daquella Cidade, se vê collocada em o Altar collateral da parte do Evangelho a milagrosa Imagem de nossa Senhora de Nazareth. Fallando dos principios desta Senhora, dizem ser tam antiga, que ninguem sabe dizer nada sibre a sua Origem. Levala-hião de Portugal, quando Thomé de Sousa deu principio à fundação da Cidade. He de escultura de madeyra, ricamente obrada, & estofada de ouro; a sua estatura saõ quasi quatro palmos & meyo, & tem sobre os seus braços ao Senhor Menino. He muyto grande a devoção que todos tem com esta Senhora pelas maravilhas, que obra, & assim he buscada de todos, & os que com Fé imploraõ o seu favor, & patrocínio, experimentaõ os bons despachos de todas as suas petições.

De hum homem se refere, que andava (por ser aleyjado) encostado a hum moleta. Este encomendandose à Senhora, em a queyxa que padecia, a Senhora lhe deu nella perfeyta saude, porque voltado para sua casa se achou tam desempedido, & livre, que dando as graças à Senhora, lhe foy a offerecer a moleta, que até alli lhe havia servido de arrimo para se poder sustentar; a qual se vê ao presente pender da sua capella; com outros finaes, & memorias das suas maravilhas, & de outras notaveis, que tem obrado, poderemos fazer expressão, se ouvesse advertencia, & curiosidade de se escreverem. Tem esta Senhora hum nobre Irmandade, que a serve, & a festeja com muyta grandeza em a Dominga infra octava do seu Nascimento em 15 de Setembro. E neste dia he muyto grande o concurso do povo. Estas noticias se nos deraõ por intervenção do Illustrissimo Arcebispo da Bahia o senhor Dom Sebastião Montevro da Vide.

TITULO XXIX.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO ROSARIO, QUE SE VENERA NA MESMA PAROQUIA DE SANTO ANTONIO.

He muyto para reparar, que querendo manifestarmos a Mãy de Deos a quanto era fermosa, o fez depois de se nomear Preta: Nigra sum. E acrescentou, que ainda que era Preta, era fermosa. E depois de se nomear, que era Preta, estão nos encarece a sua fermosura. Reparou hum moderno, que celebrando o Divino Esposo quarteze vezes a fermosura da sua Esposa, ella só huma vez se nomeou fermosa, & que fora depois de confessar, que Preta. Seria por ventura para encarecer com a sua grande humildade a sua grande fermosura, ou nomearse Preta? Não: foy isto, diz o Santo Arcebispo de Millam, não foy isso; mas querer engrandecer, & realçar mais esta sua fermosura: Praemisit nigram ut augetur decorum. E se inquirimos a razão que não parece muyto facil, nas Tendias de Salamaõ a acharemos precisamente debuxada; porque sendo lavradas por fora, com todos os primores da Arte na cor preta, & por isso fermosa à vista; por dentro eraõ lavradas de ouro, perolas, & de outras pedras preciosas, cujos reflexos, & luzes, na opposição daquela cor, brilhavaõ mais, & faziaõ hum admiravel composto de mayor graça, & fermosura. Desta maneyra sendo o preto esmalte do branco; o escuro realçe do claro, se pareciaõ muyto vistosas no que mostravaõ por fóra;; muyto mais preciosas, & fermosas eraõ no que cobriaõ por dentro, como diz Santo Ambrósio, fallando da Esposa, tenda do mais Divino Salamaõ: Praemisit nigram, ut augetur decorum. Vejam os pretinhos agora o muyto que devem à sua Senhora do Rosario (& tambem nossa) que para mostrar o muyto que os ama, faz tanta estimação de ser Preta.

Na mesma Paroquia do glorioso Santo Antonio de Lisboa de Cidade da Bahia se venera em huma Capella propria, a milagrosa Imagem de Nossa Senhora do Rosario. Esta sagrada Imagem mandou fazer Diogo Luiz de Oliveira, para a collocar em huma Ermida, que levantou na fortaleza, que elle tambem fez junto a Marinha, aonde chamaõ o Rosario titulo, que se lhe impoz, por causa da mesma Ermida da Senhora, que o Governador levantou. Esta fortaleza, pelo tempo adiante se desfez; porque seria inutil, ou talvez porque a desafeyção dos successores assim o julgaria, que muytas vezes a inveja & a desafeyção faz, que se julge sem proveyto, o que os outros com grande acordo entenderaõ ser de muyto. Com a fortaleza se demulio, & tambem a Ermida da Senhora, a tresladaõ os seus devotos para a Paroquia, aonde por anexa à sua casa pertencia; & nella lhe fabricaraõ huma Capella, para que tambem na Paroquia tivesse lugar proprio.

He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, estofada de ouro, & tem de estatura tres palmos; sobre o braço esquerdo tem ao Menino Deos, & hum Rosario na mão direyta; com o ornato de Manto de seda, & coroa de prata na cabeça. Depois que a Senhora foy tresladada à Paro-

D
in psalm
118. fer.

quia, a omaraõ os pretinhos da mesma Freguesia de Sano Antonio por Patrona, os cuaes lhe erigiraõ huma Confraria, & dizem que esta sua Confraria he a mais antiga que tem os pretos naquella Cidade, & porque elles tem a primasia de mais antigos, tambem a pretendem ser de mais fervorosos no serviço da sua Senhora, a quem assistem, & servem com muyto grande fervor, grandeza; & podemos dizer que excedem aos brancos, & porque estes por mais ricos podem dispende muyto; mas os pretos que não tem nada, o fazem como se foraõ muyto ricos. Fazem à Senhora a sua festividade em vinte & sinco de Dezembro, que ha a primeyra oytava do Natal. Com esta Senhora tem tambem os moradores da Bahia muyto grande devoçaõ, & no dia da sua festa a vaõ visitar. Obra a favor de todos muytas maravilhas, mas nunca ouve quem dellas fizesse memoria; & assim visto a sua negligencia, tambem nós nos escusamos de as referir, pois senaõ escritas.

T I T U L O X X X.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO PILAR DA MARINHA.

Em pouca distancia da Paroquia de Santo Antonio fica a Marinha, que pertence ao seu destrito. Nella se vê a Ermida, & Santuario de nossa Senhora do Pilar, aonde se vê collocada huma milagrosa Imagem desta Senhora. Esta casa he moderna, ainda que nos não constou o anno, em que se lhe deu principio. Fundáraõ, & dedicáraõ à Rainha dos Anjos esta casa o Padre Pascoal Duram de Carvalho, João Heytor, & Manoel Gomes, todos estes eraõ muytos devotos deste Titulo da Senhora, constarlhehiaõ as grandes maravihas que obrava; não só na sua casa, & Santuario de Saragoça de Aragem; mas das que obrva na sua copia q se venera em Lisboa; & a Senhora hes inspiraria a fabrica daquella obra, & casa; para que daquele luitar como de Atalaya, pudesse ella (como quem tudo pôde com seu Santissimo Filho) livrar dos perigos a todos os seus devotos. Edificáraõ esta casa à Senhora tem junto à praya, que o mar lhe está batendo no adro.

Feyta, & acabada de todo a Ermida, collocaraõ nella a Imagem da soberana Rainha da Gloria, que haviaõ mandado fazer a Lisboa, como se vê em o seu Altar mór sobre hum trono de Serafim. He a sua estatura de tres palmos, & tem em seus braços ao soberano Deos Menino: & he de escultura de madeyra muyto bem estofada. Com esta Senhora tem todos os moradores da Bahia muyto grande devoçaõ, porque desde os principios, que alli foy collocada, naquelle seu Santuario, começou logo a obrar infinitas maravilhas a favor de todos aquelles, que em seus trabalhos, perigos, & enfermidades imploraõ o seu favor; porque não só aos moradores da Cidade, q em suas enfermidades lhe pediaõ a saude, lhe alcançava logo; mas aos que se viaõ em os grandes perigos do mar; & oprimidos das grandes tormentas, quando nellas se viaõ já sem esperanças de poderem livrar de naufragarem, entaõ ella os socorria, & livrava, trazendo-os felizmente ao porto.

Tudo isto estão testemunhando os muytos quadros em que se vem os enfermos favorecidos do favor, & visita daquella benigna Senhora. Em outros navios, que vendose já çoçobrados, & quasi perdidos, pela soberba dos mares, esta poderosa Senhora atropellando as suas iras, & fazendo-os pelo seu imperio manços, & bonaçosos os livrava de se perderem, & naufragarem, que como he Rainha sua, à sua virtude, & mandato se moderam. Vesse mais muytas mortalhas daquelles que vence já quasi pertos da morte, esta Senhora a afugentou, & lhe alcançou a vida; & assim em acção de graças, lhas offerecêraõ. Outros muytos signaes se vem alli, que estão acciando o quanto esta Senhora he poderosa.

São muytos os Romeyros, & os peregrinos, que continuamente vão a visitar aquella Senhora & a pedirhe os seus favores. E outros vão a dar-lhe as graças dos muytos que da piedade haõ recebido. Tem esta Senhora huma devota Irmandade, que a serve, & lhe faz as suas festas; mas a sua principal festividade he na primeyra Dominga de Setembro, & neste dia he muyto grande o concurso; porque nelle vão todos a visitar, & a venerar aquella grande Senhora.

T I T U L O X X X I.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DA SAUDE QUE SE VENERA NO SANTUARIO DE N. SENHORA DO PILAR.

No Santuario de nossa Senhora do Pilar situado na referida Marinha se vê a bayxo da Capella Collateral da parte do Evangelho outra dedicada a nossa Senhora da Saude, em o vão da parede, naqual collocavaõ os pardos daquella Freguesia huma devota Imagem da Rainha dos Anjos, a quem invocaõ com o titulo da Saude. E andaraõ mui discretos estes seus devotos, em tomarem por sua Protectora a esta grande Senhora; para que ella em os seus laboriosos exercicios, & occupaçoens lha alcance de seu Santissimo Filho; não só a temporal, mas tambem a eterna. Elles são os que com devoção servem a esta Senhora, segundo as suas possibilidades, & assim elles mesmos a festejaõ em a Terceyra Dominga de Setembro, algumas vezes tem faltado, & seria por não abrangérem os seus pobres cabedaes a despeza necessaria, com que o cosutmaõ fazer; mas quando o fazem he com muyta devoção. Muyto bom fora, que o Capellaõ da Senhora do Pilar, que preside naquella Igreja os animasse, que assim poderia despertar nelles outra mayor confiança, para que assim não ficasse anno algum; sem que a Senhora fosse com aquelle devido culto louvada, & tambem se animariaõ os mais, & a sua antiga devoção, com que comecáraõ a servir à Mãe de Deos. Tambem os devia animar, & exhortar a que unidos em huma Irmandade regular, & verdadeyra, procurassem confirmalla com a Authoridade Ordinaria; para que tivessem suffragios pelas suas almas, & a que procurassem hum Jubileu para o dia da sua festa, para que assim crescesse mais a devoção para com a Senhora entre todos os moradores daquella devota Cidade.

He esta sagrada Imagem de escultura formada em barro; mas muyto perfeytamente obrada, & estofada, he muyto linda, a sua estatura são tres palmos. Tem em seus braços aquelle Senhor, que he a nossa saude eterna. Com esta Senhora, que sempre nos alcança a verdadeyra saude, tem tambem muytas pessoas grande devoção; & a todos repartira os seus favores, & rogara por elles ao Senhor para que lhes de a verdadeyra devoção para que assim consigaõ a saude eterna.

TITULO XXXII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DE MONSERRATE.

Fazendo caminho pela mesma Marinha abayxo, para a parte o Occidente em distancia de hum legoa da Cidade da Bahia, aonde se vê hum enxada, & aonde a terra faz numa ponta de recife, o qual faz entrada para o mar. Sobre este se vê fundado o Santuario de nossa Senhora de Monserrate, & fica taõ visinho ao mar, que ele lhe está batendo à sua porta principal. Feste Santuario da Senhora de Monserrate Protectora de Cathalunha, fundáraõ os Senhores da Torre, que chamaõ de Garcia Dias Avila: os quaes não sem superior destino fizeraõ delle doação aos Monges do Patriarca São Bento, que como elles são devotissimos desta Senhora, & a servem fervorosos em o seu Original de Catalunha: dispoz a mesma Senhora na Bahia, que tambem elles fossem os seus Capellaens naquella sua nova casa, & parece que mereciaõ à Senhora este favor, pelo cordeal amor, & affecto com que a servem em toda a sua Religiaõ; porque raro será o Convento della, aonde não tenhaõ Imagem desta milagrosa Senhora. E neste Santuario tambem a servem com muyta devoção. Nesta casa assiste hum Monge de grande virtude, o qual se chama Fr. N.

Vesse esta Santissima Imagem collocada no Altar mór, como Senhora, & Patrona daquelle Santuario, he de escultura de madeyra estofada, & nesse sobre hum trono de Serafins; tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deos; a sua altura são quatro palmos, serve a esta milagrosa Senhora hum devota Irmandade, que a festeja em o dia de sua Natividade, em oytos de Setembro; & neste dia he muyto grande o concurso da gente que vay a venerar a Senhora, & nelle vaõ tambem a cumprir os seus votos, & a pagarlhe as suas promessas, & a darlhe as graças pelos favores, & mercês que della tem recebido.

Não só neste dia, mas em todo o discurso do anno he frequentado o Santuario desta Senhora com romagens, & novenas; porque todas as vezes, que a invocaõ em seus trabalhos, & tribulaçoens, sempre a achaõ propicia para os livrar, & para lhes acudir a tudo com a sua costumada liberalidade; tudo estão confirmado, & testemunhando os inumeraveis signaes, & memorias das suas maravilhas, q se vem pender das paredes da sua casa, que he hum piscina muyto mais excellente, que a probatica, em que não hum só dos que entraõ nella; mas todos achaõ logo o remedio, que pertendem, & de que necessitaõ; alli se vem pender muytos quadros, que lhe offere-

ceraõ, os que escapáraõ dos naufragios, outros offerecidos pelos que livra-
vao de perigosas enfermidades; muytas mortalias, em signal de que aquella
poderosa Senhora affugentou a morte, que procurava levar aos q por livra-
rem da sua fouce, em acção de graças lhas foraõ offerecer, & outros sig-
naes de outros perigos de que prodigiosamente livrou a Senhora aos que
nelles a invocaraõ; destas maravilhas, & milagres não referimos nenhuns
em particular, porque hum livro em que se conservávaõ, o furtou hum
homem, talvez seria para o guardar por prenda da Senhora; sentiu-se muy-
to o furto, & tirou-se huma carta de excomunhaõ; mas o agressor não
sahio a ella; pelos annos de 1580 pouco mais, ou menos, indo o Padre
Joseph Anxieta para a Villa do Espirito Santo, & quando foy ao entrar da
barra, de repente se lhe mudou o vento, que os obrigou a voltar ao mar,
& andaraõ nelle tantos dias, quantos foraõ necesarios para esperar o
bom tempo; & voltando outra vez à barra ao tempo de aembocar, se tor-
nou a embravecer o tempo, & lançallos com rigor outra vez ao mar, &
não sem perigo. Aqui foy o santo Padre ao meyo do convès, & chamando
a todos disse em publico; neste navio vem hum homem excomungado, por
cuja causa não entra, nem ha de entrar na barra; venha-se a mim, quer
quer que he, que eu tenho poderes, & o absolverey à força deste pregação
do Ceo appareceo logo hum homem, a quem o medo ou a força da graça
obligou a declarar-se em publico, dizendo, que elle havia tomado na Bahia
hum livro de milagres da casa de nossa Senhora de Monserrate, & que
lançandose huma carta de excomunhaõ, e ele o trasia comsigo encorrendo
na dita excomunhaõ; entregou o livro na presença de todos, & foi absol-
vido pelo Padre Provincial Joseph de Anxieta; assim o refere o Padre
Flamaõ de Vasconcellos na sua Vida liv. 4. cap. 6. & da que consta das
maravilhas da Senhora.

T I T U L O X X X I I I .

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DOS REMEDIOS.

Na mesma casa, & Santuario da Senhora de Monserrate, do Recife da
Bahia he tida tambem em grande veneração huma milagrosa Imagem da
Mãe de Deos, a quem invocaõ com o titulo dos Remedios; titulo para ella
de grande estimação; porque a sua gloria he remediar, & amparar aos
pecadores; as mayores glorias desta Senhora se reduzem a dous principios,
huma o magestoso throno em que no Ceo está gozando da visão Beatifica
levantada sobre os côros dos Anjos, superior a todas as mais creaturas, &
imediatamente junto da Humanidade de seu Santissimo Filho; & a ou-
tra o zelo dos augmentos da Igreja, & a perpetua intercessão dos pecca-
dores; aquilo que disse São Lucas da Magdalena em figura desta Senhora;
Maria optimam partem eligit; confirma o que dizemos; porque como escreve
meu Padre Santo Agostinho: aqui se trata da gloria de Maria Santissima;
mas porque lhe chama parte? Responde hum Douto: Maria reputat aliam
suae beatae gloriae partem (& si accidentalem, assentialis glorie amulam)

Luc. 10.
D. Aug.
hic. P.
lad. in.
dith.

hominibus copi se miseri. Conhecia o Senhor o zelo de sua sagrada Mãe em acudir, & remediar aos peccadores, & assim chama parte de sua gloria, a grande compayxão, que tem dos homens, sendo isto grande gloria para ella, supposto que accidental, emula da mayor, essencial, & Divina; mas acnde se ostentãrão as finezas da piedosa Rainha, foy quando seu Filho subindo ao Ceo a deyxou por amparo, & remedio, & protecção da sua Igreja; nesta ausencia em que a dilação lhe augmentava o desejo, suspendia o gosto, & dobrava as saudades, diz Ruperto, que repetiria muytas vezes aquellas palavras dos Canticos: Laeva ejus sub capite meo, & dextera illius amplexabitur me: como dissera (comenta o Veneravel Abbade) In

Cant. 2 hoc laeva ejus sub capite meo, quod interim dum diffiror, floribus vestris
1. I. fulcior, malis vestris stipata sum; quia vester prosectus, vestra salus meum
n Cant. est gadium, leava ejus sob capite meo, dum in hoc exilio viderim reflo-
rescere mundum Ecclesijs, Evangelium unique praedicare, multiplicari cre-
dentes. Com dous motivos entretem o Esposo minhas saudades, sua mão esquerda me sustenta a cabeça, conservando-me a vida temporal, até me fazer participante da eterna, que serão os favores da direyta, em quanto assiste no mundo, me servem de alivio (ô peccadores) vossas flôres, & frutos, porque vossos augmentos, & espirital saude he minha alegria, & o gosto, que della tenho, & assim com estes favores da mão esquerda me alivia na tristeza, & saudades que padeco; vendo neste desterro, que o mundo para gloria de Deos edifica Igrejas, o Evangelho se divulga em toda a parte, & os fieis se multiplicão com continuos augmentos; digamos logo, que he parte da gloria de Maria acudir com os socorros do Ceo ao remediar, a favorecer, & amparar aos peccadores, que como he o nosso remedio, & tem por gloria acodirnos, & remediarmos, he tambem para ella muyto glorioso o titulo que lhe damos, de Remediadora, & de Senhora dos Remedios.

Vesse esta Santissima Imagem da Senhora collocada em o Altar col-
lateral da parte do Evangelho, & he Capella propria da mesma Senhora, que lha erigio, & dedicou ha muytos annos hum seu devoto chamado Joao Campès; este tinha muyta devoção com outra Imagem de nossa Senhora dos Remedios, que estava collocada em outra parte, que seria na sua terra; & vendo-se apertado em huma grave enfermidade, recorreo à sua devota Senhora, a quem amava & parece que lhe fez voto, que se lhe alcançasse de nosso Senhor a saude, de que necessitava, lhe fabricaria huma Capella; escapou do perigo, & agradecido ao favor da Senhora, lhe dedicou aquella Capella, que se vê naquelle Santuario, que adornou de tudo com perfeição, & grandeza; mandou juntamente fazer a Imagem da Senhora, que he de perfeitissima escultura de madeyra, & muyto primorosamente estofada, & tem ao Santissimo Filho Menino em seus braços, & está como ornato de coroa de prata, & manto, a sua estatūra são quatro palmos, & meyo.

Tem tambem esta Senhora huma Irmandade, que a serve, & a festeja; a sua festividade se lhe faz em trinta & hum de Dezembro dia de São Silvestre; tambem neste dia he muyto grande o concurso dos devotos que

vão a visitar, a louvar, & agradecer à Senhora os favores que lhe faz, & o muyto, que em seus trabalhos os remedeia.

No mesmo Altar da Senhora dos Remedios se vê outra Imagem da Rainha dos Anjos com o titulo da Conceyção que tambem he de madeyra, & estofada, & está com as mãos juntos, & levantadas, & tem de estatura seis palmos, & dous dedos; a esta Senhora servem os devotos pardos unidos em huma hua Irmandade, os quaes a festejaõ com muyta devoção em em o seu proprio dia de oyto de Dezembro; & elles mesmos foraõ os que collocáraõ naquella Capella, & Altar da Senhora dos Remedios a sua purissima Senhora, com o beneplacito dos Irmaõs da Senhora dos Remedios, que he a Patrona, & a titular da mesma Capella, & tem muyto cuydado de a servir.

TITULO XXXIV.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA SALVAÇÃO

He para a salvação dos homens a devoção, & a invocação de Maria tão necessaria que o seu nome só, & a invocação d'elle parece que basta para a salvação, & para a vida da graça, perdida pelo peccado: Isto vemos significado naquella acção de Christo quando quiz resucitar a Lazaro, morto ja de quatro dias; o Evangelista diz, que depois daquelle Dialogo entre o Divino Mestre, & Santa Marth, em que lhe fez promessa da Resurreyção de Lazaro. Resurge frater tuus; foi logo dizer à Magdalena, que o Sagrado Mestre estava em casa, & a chamava Magister adest, & vocat te. Não lemos que expressamente a mandasse com o tal recado interior devia ser a inspiração, para que assim o fizesse; mas pergunto, que necessidade ha de que venha Maria fazer o milagre? Responde São Pedro Chrysologo: Ubi Marth confessa est Christo, mititur ad Mariam, quia sine Maria, nec fugari mors poterat, nec vita poterat reparari; veniat Maria materni nominis bajula. Feyta a confissão da Fé ante o Divino Mestre, he Marth mandado a Maria; porque sem Maria, nem a morte se podia desterrar, nem restaurarse a vida, & a salvação; venha Maria, venha a quem tem o nome da Santissima Virgem, para que se veja, que sem ella não ha salvação, nem quer o Divino Redentor obrar a reparação do mundo, que quem tanto solidou o seu remedio, necessario era que se achasse presente a seu reparo, a sua salvação, & vida; he Maria a Senhora da Salvação; porque ella he a que nola alcance, a não podemos conseguir; pois todos os bens do Ceo, & da terra pelas suas mãos nos haõ de vir.

No Santuario da Virgem nossa Senhora do Pilar de q falamos atraz em o titulo 22 falamos em fazer depois della Relação da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Salvação, que no mesmo Santuario se venera; vesse esta Senhora collocada em huma Capella, que fica fronteyra à da Senhora da Saude esta Capella com santa emulação fabricáraõ os pretinhos, porque quizerão mostrar, que nos obsequios da Mãe de Deos, eraõ elles muyto sollicitos, & cuydadosos, & que em nenhum modo queriaõ permitir, que nem os pardos, nem ainda os brancos lhe levassem vantagens; & assim lhe dedi-

João. II

D
la
R
d.
24

carão nella huma devota Imagem da Virgem Senhora, a quem deraõ a invocação de nossa Senhora da Salvação; he esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, & tem as mãos levantadas, & nella huma Cruz pequena; sem duvida para nos mostrar, que pelos merecimentos da Cruz & Payxão de seu Santissimo Filho, & com a sua intercessão poderemos alcançar a salvação, que todos desejamos, & que todos devemos procurar; abraçando tambem o pezo, & o trabalho da nossa Cruz; & como os pretinhos sempre andaõ carregados com a Cruz do seu trabalho, abraçando-a com paciencia agradaraõ muyto a nossa Senhora, & a seu Santissimo Filho, & assim tem muyto mysterio aquella Cruz, que a Senhora tem nas suas mãos.

A estatura desta sagrada Imagem he de tres palmos & meyo, & está com o ornato de coroa de prata, & manto de seda; os pretos são os que a servem, & festejaõ pelo mesmo tempo, em que os pardos festejaõ a sua Senhora da Saude; mas como não he quem os anime, & afervorize, muitas vezes a não festejaõ; o que será, não só pela sua pobreza; mas por faltar quem os procure animar à fervorosa devoção, que nos merece aquella Senhora, que toda he empenhada na nossa salvação; & assim rogo ao muyto Reverendo Capellaõ da Senhora do Pilar exhorte à devoção a huns, & outros, assim pardos, como pretos; porque por falta de conhecimento do muyto, que lhes importa obrigar à Senhora, cahiraõ neste descuydo, & nesta dilligencia obrigaraõ tambem muyto á Mãe de Deos, que costuma premiar com grandes favores estes obsequios, que se lhe fazem.

T I T U L O X X X V .

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA SOLEDADE.

Pouco mais de meya legoa de distancia da Paroquia de Santo Antonio de cujo distrito agora himos tratando, se vê a parte do Occidente o Santuario de nossa Senhora da Soledade; he esta casa muyto moderna, porque não ha muytos annos lhe deraõ principio huns devotos em o sitio, a quem daõ o nome do Queymado, que supposto ainda não está de todo concluida a obra; não teve ategora diminuição a fervorosa devoção, com que se lhe deu principio: por grande mysterio se teve o acharse nos alicerces, quando se abriraõ, & se deu principio à obra, huma veronica, que tinha de huma para a Senhora da Piedade, que parece inspirou a mesma Mãe de Deos aquelles seus devotos lhe erigissem naquelle sitio aquella sua casa, para nella obrar os seus costumados prodigios, & socorrer a todos aquelles, que em seus trabalhos, & desconsolaçoens a buscassem, & chamassem; da outra parte se vio a Imagem de Santa Maria Magdalena.

Vesse esta Santissima Imagem colocada no Altar mor, & assentada ao pé da Cruz vestida de roupas pretas, & com toalha; causa muyta devoção, & ternura no sentimento, que mostra; & neste mesmo sentimento, & pena, que mostra, manifesta huma grande magestade;; he esta Santissima Imagem de proporção de huma perfeytissima mulher; porque assentada faz de altura cinco palmos; he buscada com muyta devoção de

continuas romagens, & assim huns a vão buscar para lhe dar as graças dos favores que pela sua intercessão recebêrao de Deos, & outros a rogarlhe, lhos queyra alcançar; tem tambem huma Irmandade que a serve, & festeja com grande devoção, grandeza, & apparato em 15 de Agosto dia de sua Assumpção; & neste dia he ainda muyto mayor o concurso dos devotos daquella Senhora.

TITULO XXXVI.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO ROSARIO, ERMIDA FILIAL, & ANEXA A SÉ

A Ermida de nossa Senhora do Rosario, Santuario anexo, & filial da Igreja Cathedral da Cidade da Bahia he assistido dos devotos pretos daquella Cidade, assim forros, como cativos; elles são os que cuydaõ com muyto paricular devoção do serviço, & adorno do seu Altar; a Imagem da Senhora do Rosario está collocada no Altar mór, como Senhora, & Patrona que he daquella casa; he esta Santissima Imagem de escultura de madeyra estofada, & a sua estatura são quatro palmos; sobre o braço esquerdo sustenta ao Menino Deos; esta Imagem se tem por muyto mais antiga, do que a Senhora do Amparo, a quem servem os seus Confrades os pardos livres, porque esta foy collocada na Capella da Sé no anno de 1604 & a Senhora do Rosario dos pretos já neste tempo era por elles venerada, & servida: ordenizaõ os devotos pretos a festa da sua Senhora em a segunda Dominga de Outubro, & o fazem com tanta perfeição, & grandeza, que lhe não levaõ vantagens os brancos em nada; porque elles ainda que pobres o fazem com a generosidade de ricos; com esta Santissima Imagem tem todos muato grande devoção; porque todos achão em seus trabalhos, & tribulaçoens sempre prompta a sua piedade; & em os seus negocios seguros os bons successo; dela nos dà noticias na sua Relação o Cura da Sé o Padre João Borges de Bayrros.

TITULO XXXVII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DA CONCEYÇÃO, QUE SE VENERA NO CONVENTO DE S. FRANCISCO DA BAHIA.

O Convento dos filhos do Serafico Padre São Francisco; he dos mais antigos da Cidade da Bahia de todos os Santos; porèm a sua Igreja que hoje tem, he nova, & moderna; nella he tida em grande veneração huma devotissima Imagem da Purissima Virgem Maria nossa Senhora, com o titulo de sua Immaculada Conceyção, Patrona singular de toda a Serafica familia; vesse esta Igreja fundada em em hum bello sitio com porta principal para o Occidente.

Esta Santissima Imagem da Immaculada Senhora está em a Capella collateral da parte do Evangelho, & mostra muyta antiguidade, & assim parece seria collocada nos principios daquella fundação; he esta soberana

Imagem de escultura de madeyra; mas perfeytissimamente obrada; a sua proporção he de pouco mais de quatro palmos, & está ricamente estofada com as mãos levantadas, & com o ornato de manto, & coroa de prata; os seus Religiosos lhe fazem a sua solemnidade em o seu mesmo dia de oyto de Dezembro; he muyto grande a devoção, que todos tem com esta purissima Senhora; & assim he de todos muyto venerada: della faz memoria na sua Relação o Cura da Sé o Lecenciado João Borges de Bayrros.

TITULO XXXVIII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEYÇÃO DE ITAPAGIPE DE CIMA.

Do Santuario de nossa Senhora da Soledade pela estrada, que vay para o Certaão, em distancia de meya legoa se vê o lugar a quem daão o nome de Itapagipe de cima, & nelle se vê situado em hum monte o Santuario, & casa da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Conceyção; esta casa da Senhora he muyto antiga, & os seus primeyros Fundadores, & padroeyros que teve, foraão Antonio Cardoso de Barros, que no anno de 1624 quando os Olandezes tomáraão a Bahia, era Coronel, & assim se fundaria poucos annos antes, & terá de principios pouco mais de noventa annos, & teve por companheyro Francisco de Medeyros, que seria seu parente; quando se fundou ou porque naquelle distrito não haveria pedra ou porque de taylor de pilaão se acabaria mais depressa, della se fabricou; destes devotos Padroeyros passou o direyto daquella casa da Senhora a Domingos Mendes da Costa, & depois deste a seu genro Manoel da Costa, & ultimamente a Manoel de Oliveira Porto, o qual a mandou reedificar de pedra, & cal, com portados de enxelharia como agora vemos.

Este primeyro Fundador Antonio Cardoso de Barros era Provedor mór do Brasil, que vindo para o Reyno em companhia do Bispo Dom Pedro Fernandes Sardinha, no anno de 1556 com hum grande tormenta dando o navio à costa, & naufragando todos, foraão comidos dos Indios. O motivo com que os Fundadores Antonio Cardoso de Barros, & Francisco de Medeyros deraão principio a esta obra não consta; mas sabese, que pouco depois retirado o Bispo pelos Olandezes a Itapagipe, ahi morreo, & se mandou sepultar na Ermida de nossa Senhora da Conceyção, que foy Prelado de muytas virtudes, letras, & valor; está collocada esta Santissima Imagem da Senhora em o Altar mór, he de escultura de madeyra estofada, está com as mãos levantadas; a sua estatutura são tres palmos & dous dedos; a sua festividade se lhe faz em oyto de Dezembro para o que concorrem os seus devotos; não tem Irmandade, que a sirva; mas todos aquelles moradores de Itapagipe tem muyta devoção com esta Senhora.

No mesmo Altar mór se vem tambem outras duas Imagens da mesma Rainha dos Anjos; a primeyra he invocada com o titulo do Rosario, a qual tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deos, & na mão direyta hum Rosa-

rio; faz de alto dous palmos & meio, he de escultura de madeyra estofada; como tambem não tem Irmandade que a sirva, não tem dia para a sua festividade, & tambem em alguns annos deyxão de a festejar; da outra parte está a outra Imagem da Senhora com o titulo do Livramento, que tambem he de escultura de madeyra, & estofada; a sua altura são dous palmos; tem na mesma fórma sobre o braço esquerdo o seu Santissimo Filho Menino; tambem não tem dia certo em que se festeja, & alguns annos passam sem lhe fazer festa; não consta nada de sua origem, nem que collocou naquella Igreja estas duas Imagens; nem em que tempo, mas tambem tem com ellas muyta devoção aquelles moradores.

TITULO XXXIX.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO, QUE SE VENERA NA PAROQUIA DE SÃO PEDRO.

A Festividade do Rosario da Virgem Maria nossa Senhora não he outra cousa, senão huma acção de graças, ou hum acto de agradecimento com que os animos Catholicos se mostraõ agradecidos, com signaes de desempenho, pela grande vitoria, que a Militante Igreja alcançou contra o poder do Turco, no mar de Lepanto, porque nada obriga mais ao Ceo, nem desempenha menos de hua grande obrigação, senão o reconhecimento de obrigados.

Duas armadas navaes se ostentãrão de grandes em o mar de Lepanto, huma excessivamente poderosa, que era a do Graõ Turco c soberbo Selim, & outra de Christãos, não de menos valor, ainda que não tanto numerosa, mas antes que hua, & outra armada dêssem principio ao desafio, poz o Santo Pontifice Pio V. no campo da Igreja hum exercito que constava de tres terços; o qual era o Rosario da Virgem nossa Senhora; ordenando que com armas das Ave Marias alcancassem do Ceo favor, & ajuda para desbaratarem a armada do Turco inimigo; o que assim succedeo felizmente; porque ao mesmo tempo, que a naval guerra se travou: estando-se ainda cantando o Rosario da Senhora, ficou o Turco vencido, & a armada dos Christãos sahio vitoriosa; cujo soberano triunfo se attribuhio, as armas do Rosario; & em agradecimento de tão illustre vitoria, mandou o Santo Pontifice, se fizesse em todos os anos huma memoria agradecida, dando, as graças à Senhora com o titulo do Rosario; esta he a festa com que os prelhos louvaõ, obrigaõ, & engrandeçem a esta amorosa Mãe sua, & sua grande Senhora, de quem elles se gozam muyto de serem escravos, para a obrigarem a que lhe dem valor, & fortaleza, para vencerem ao infernal inimigo de suas almas.

Conta-se neste triunfo o Evangelho Beatus venter, que a meu ver vem muyto a proposito; porque todo elle he hum grande agradecimento, que a Santa Marcella deu a Christo Senhor nosso, louvando sua Encarnação no ventre purissimo de Maria, por outra não menos renhida batalha na que os Farizeos soberbos contendiaõ, blasfemando, quaes os mesmos Turcos saõ o mesmo Senhor; & em applausos da vitoria deu aquella mulher,

figura da Igreja (como tem o Veneravel Neda) vivas a Christo, louvando-o por Filho de Maria Santissima: — *Beatus venter quei te portavit* Aonde não só nas palavras do louvor de Marcella; mas nas que Christo lhe deu em resposta, acho eu expressa as figuras dos mysterios do Rosario da Santissima Virgem.

Huma das Paroquias da Cidade da Bahia he dedicada ao Principe dos Apostolos São Pedro; nesta Igreja se vê à parte da Epistola a Capella de nossa Senhora do Rosario, aonde se collocou huma milagrosa Imagem sua, a quem servem os pretinhos daquelle Freguesia, com fervorosa devoção; he esta Santissima Imagem de escultura de madeyra estofada; tem sobre o braço esquerdo aquelle precioso fruto do seu purissimo ventre, que tanto louvou Marcella, & na mão direyta hum Rosario em significação de seu glorioso titulo; a sua estatura são cinco palmos, & he de muyta fermosura.

Os mesmos pretinhos, pela grande, & com natural devoção que tem para com esta Senhora, & seu glorioso titulo, a mandaraõ fazer, & a collocaraõ naquelle Capella, que se vê hoje toda cuberta de talha para a dou-rarem, que ainda que são pobres, & cativos, a sua fervorosa devoção os faz ricos, & generosos, para gastarem muyto no serviço & culto da sua Senhora, & protectora não faltando em nada do que pertence do ornato, & aceyto do seu Altar; porque o tem adornado de ricos ornamentos; festejão a esta excelsa Senhora na quarta Dominga de Outubro com muyta solemnidade; tem ao Santissimo Sacramento manifesto em todo o dia.

Estes pretinhos unidos na devoção da sua Senhora com huma piedosa emulação erigiraõ huma Irmandade, que está confirmada pela authoridade do Ordinario; a mesma Irmandade concorre para todos os gastos, & despesas, assim das festas, como dos adornos da Senhora, & do seu Altar; & he muyta a devoção com que a buscaõ, & invocaõ em seus trabalhos, & tribulaçoens, não só os seus Confrades; mas os moradores da Cidade; & a Senhora os favorece, como o estaõ experimentando sempre os que com fé imploraõ o seu favor, & ainda que por falta de advertencia senão faz menção das suas maravilhas, he certo que as faz muyto grandes aos seus pretinhos, & eu a considero não pequena, a que se experimenta na sua fervorosa devoção.

T I T U L O XL.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE, QUE SE VENERA NO HOSPICIO DOS PADRES ITALIANOS.

O Texto do Evangelho com que se solemniza a Senhora da Piedade, he: *Stabat juxta Crucem Jesu Mater ejus*. Aonde se vê hum valor constante nas penas: *Stabat juxta Crucem*; & huma piedade não menos valente, que dolorosa: *Stabat Mater dolorosa*. Esta pôde ser a cifra do Evangelho, & o empenho de hum Sermaõ deste mysterio; porque são valor, & constancia, alma, & coração do padecer; porque a piedade q de pena senão revesta, & de valor senão arma, não acredita suas finezas; porque o sino

de huma piedade não só consiste no padecer por quem se lastima, senão na valentia com que padecendo piedoso, anima ao objecto de quem se doe.

Esta valentia constante: *Stabat juxta Crucem*; & esta piedade valente, & dolorosa: *Stabat Mater dolorosa* são as finezas de Maria Santissima, como Mãe de piedade ao pé da Cruz de seu Filho: *Juxta Crucem Jesu*. Acede com admiração, & pasmo, ostentou o seu valor singular, & padeceo valerosamente piedoso, para alivio, & remedio do mesmo filho; não só com igualdade as penas; mas com excesso os tormentos porque no excesso do padecer constante ostentta a piedade o remedio.

Em tres differenças se pôde considerar a piedade da Senhora, ou o Fado do Senhora da Piedade; porque, ou pôde ser a piedade da Senhora para com Christo seu Filho, doendo-se de suas afflições, & penas, ou hua piedade para com a mesma Senhora no lastimoso estado em que se achava no monte Calvario, já vendo morrer o Filho nos duros braços da Cruz, ou já tendo-o em seus proprios braços morto, tão penetrada de dor; que vela, era esta hua piedade, ou a piedade da Senhora para com os homens, doendo-se, & compadecendo-se de suas ruínas.

De todas estas tres se podia tratar, & tratando-se só das primeyras duas; a primeyra he a que com mais propriedade se descobre no texto; porque nelle se achão as circumstancias, que compõem a verdadeyra piedade, como são as penas de compayxaão, & valentia no padecer: *Stabat*. Ex-ahi a constancia: *Mater dolorosa*, ex-avi o padecer, que não basta para o alivio do afflicto, nem só o padecer compassivo; nem só a valentia do animo; senão que juntamente hade haver no animo do piedoso o padecer por compayxaão, & nas penas ostentar a valentia.

No destrito da Freguesia do Apostolo São Pedro da Cidade da Bahia he situado o Hospicio dos Padres Capuchinhos Italianos, & na Igreja onde que he dedicada à Virgem nossa Senhora da Piedade, aonde he buscada com muyto grande devoção huma milagrosa Imagem desta Senhora, que se vê collocada em a Capella mayor dentro de huma tribuna; he esta Santissima Imagem de proporção natural de huma perfeyta mulher; está representada ao pé da Cruz com o Santissimo Filho defunto em seus braços, que para nos dar a nós a verdadeyra vida, quiz sacrificar a sua no Altar da Cruz; esta Santissima Imagem he de escultura formada em madeyra, esculpida primorosamente; sempre está cuberta com hum grande quadro, em o qual está pintada a mesma Senhora da Piedade; o qual se corre aos Sabados à tarde, em que concorre muyta gente, & com muyta devoção a assistir à Ladainha cantada, a que tambem assistem ordinariamente os Governadores daquelle Estado.

São tambem muytas as pessoas, que concorrem em Romaria a visitar aquella piedosa Senhora, & a impetrar da sua clemencia o remedio de suas necessidades, & os alivios de seus trabalhos, & para isso se valem do azeite de sua alampada com o qual experimentaão a grande fé com que usaõ desta Medelina grandes maravilhas porque applicado aos enfermos logo se expe-

rimentaõ as melhoras, que desejaõ; naõ só aos enfermos remedeia dilatando-lhe as vidas, com a perfeyta saude que lhe pedem; tambem aos que se vem em os perigos do mar, invocando o seu favor, livraõ delles felizmente, & obrigados os navegantes, lhe vaõ a dar as graças; & porque nos apertos em que se viraõ lhe prometêraõ as vellas, & os traquetes, & mezenas de suas náus; he muyto para ver a devoçaõ, com que entraõ naquella Igreja da Senhora muytos delles carregados com as vellas às costas, que ao depois resgataõ, offerecendo à Piedosa Senhora o preço dellas.

Se se fizera memoria destas maravilhas, que a Senhora continuamente obra, muyto se pudera dizer deste argumento; mas o descuydo neste particular he taõ grande, que de nada se faz memoria, na Sacristia daquella Igreja, & Hospicio, se vê hum quadro, & nelle pintado hum navio, ou sumaca que se vio quasi perdido, & que escapou de naufragar por favor da Senhora da Piedade. Refere-se nelle, que indo navegando para o Rio de Janeyro hum sumaca de Joseph de Araujo Rccha, de q era Mestre Sinoens, a qual estando coçobrada dos grandes mares, & sem esperanza alguma de remedio nos abrolhos, sitio, ou paragem a mais tormentosa daquella costa, fora livre daquelle grande perigo, pela intercessaõ, & invocaçaõ da Senhora da Piedade, por quem chamáraõ com grande fé, & principalmente hum Antonio da Silva que hia na mesma sumaca; & a Senhora lhe acodio livrando-os de taõ evidente perigo, & em acçaõ de graças mandou o Antonio da Silva pintar o milagre, para eterna memoria do beneficio, & do seu agradecimento.

Quanto à origem, & principios desta Santissima Imagem he de saber, que tendo os Padres Capuchinhos Italianos licença para fazerem hum Hospicio na Cidade da Bahia para recolhimento dos seus Missionarios; este se lhe tomou depois com pouca causa, & se deu aos seus mesmos Capuchinhos Francezes, ficando os Italianos desacomodados. Depois por justa causa & por justos juizos de Deos, se lançáraõ fóra de todas as nossas Conquistas os Padres Capuchinhos Francezes; & entaõ restituhio ElRey Dom Pedro, que tanta gloria haja, aos Padres Italianos o seu Hospicio; & neste tempo com estes bons despachos leváraõ de Lisboa para a Bahia aquella santissima Imagem da Senhora da Piedade.

Tem esta Senhora hum nobre Irmandade, que com fervoroso zelo se emprega no seu serviço, & culto, ella he a que lhe faz as suas festas, & com muyta grandeza, & apparato, o que a Senhora pagará muyto bem, & na occasiaõ em que a festejaõ, está o Senhor manifesto em todo o dia, & depois se finaliza a solemnidade com huma devota procissãõ, o que se faz em a terceyra Domingo de Outubro; com esta Senhora tem todos hum grande devoçaõ, os Governadores, Arcebispos, & todo o mais nobre daquelle Cidade. O Arcebispo o Ilustrissimo senhor Dom Sebastiaõ Monteyro da Vide dedicou à Senhora hum ornamento inteiro, de rico damasco branco (& lho dera de tella de ouro, se lá a houvera) muyto rico com guarniçaõ de ouro, & com fraujoens delle muyto fartos. Estas noticias se nos deraõ por intervençaõ do mesmo senhor Arcebispo.

T I T U L O X L I.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, OU DO LIVRAMENTO.

No mesmo Hospicio de nossa Senhora da Piedade dos Padres Italianos ha mais outras tres Imagens da soberana Rainha dos Anjos, tambem muyto milagrosas, & porisso de muyta devoção; não só daquelles Padres, mas dos moradores daquella Cidade; destas referiremos alguma cousa em particulares titulos, & assim quanto à primeyra, que se venera à parte do Evangelho, com o titulo de nossa Senhora da Graça; esta Santissima Imagem era a titular de huma não, que indo de Portugal para o Brasil, incorporada com a frota em o anno de 1708 a qual não com huma grande tormenta deu à costa outras no sitio, & praças de Itupoarà; porque a todas comprehendendo a mesma desgraça, senão foy o mesmo castigo; porque estas ruinas procedem de culpas dos homens. Vinha esta Senhora no Oratorio da não, aonde se dizia Missa a todos os que nella hiaõ; quando a não se abrio com a força, & violencia dos mares, começáraõ os navegantes a sahir a terra, os que puderaõ escapar daquelle naufragio, & dos perigos da morte, em que acabáraõ muytos, quando estes chegáraõ à praya, viraõ já posta nella a Santissima Imagem da Senhora da Graça, em pé, & com o seu fermosos rosto virado para elles, como quem lhe dizia vinde, que eu aqui estou defendendo-vos, & amparando-vos em taõ grande perigo, para que fiquem livres das soberbas do mar, & suas furias.

Admirados todos do successo, se postráraõ diante della com muytas lagrimas, & lhe deraõ as graças, por lhe salvar as vidas: entaõ lhe impuseraõ o titulo de Livramento, pois os livrara da morte em cujas unhas se haviaõ visto, & com ambos estes titulos he invocada, o de nossa Senhora da Graça, que antes tinha & o do Livramento, que se lhe deu depois, que a viraõ naquella maravilhosa postura em a praya, com que os estava esperando, para os animar a que chegassem a terra; & para os livrar daquelle grande perigo. He esta Senhora a nossa liberal livradora, & o porto seguro, & a que nas mayores tormentas nos acõde, & livra, como o ensina Santo Ezequiel: *Portus tranquilus, & à flocibus procellisque agitatorum liberatrix desideratissima. Et portus naufragorum tutissimus.*

S. Ephr.
In laud,
B. V.

Deste lugar a tomou com muyta reverencia o Capitaõ da náu, & com ella nos braços acompanhado dos mais navegantes, que por favor da misericordiosa Senhora haviaõ escapado daquelle grande perigo caminhando para ella para a Cidade, foraõ demandar o Hospicio dos Padres Capuchinhos Italianos; porque para lá os devia guiar a Divine Providencia, para que nesta casa fosse servida, & venerada; com a noticia deste milagroso successo, acudiraõ os moradores daquella Cidade, que naturalmente são pios, & amorosos, a venerar a esta piedosissima Senhora, o que fizeraõ com hum concurso de Ladainhas, & tudo com muyta devoção, & grandeza, a que succedeo huma grande multidão do povo devoto, & no fim se fez à Senhora huma solenne festa, em que esteve o Senhor manifesto por todo o dia. Taõ grande foy a devoção, & o affecto com que todos se desejavaõ

em pagar no serviço da Senhora que logo tratáráo de lhe erigir huma Irmandade, a qual foy confirmada & servem, & festejaõ a Senhora tam-
bem com muyta grandeza em a terceyra Dominga de Agosto. Neste dia he
muyto grande o concurso do povo; he esta Santissima Imagem de escul-
tura de madeyra, estofada, ou pintadas de cores com perfiz de ouro; a sua
estatura saõ tres palmos, está com o ornato de coroa de prata & manto de
seda, ou tella de ouro, & tem sobre o braço esquerdo assentado ao Menino
Deos.

TITULO XLII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DA SOLEDADE, QUE SE
VENERA EM O MESMO HOSPICIO.

A Sagrada Imagem que se venera na Igreja de nossa Senhora da Pie-
dade dos muytos Religiosos Padres Capuchinhos da Bahia he a de nossa
Senhora da Soledade; vesse esta santissima Imagem collocada em huma
Capella collateral, & particular sua, que se lhe dedicou, a qual fica à parte
da Epistola. He esta Santissima Imagem de estatura quasi da natural
proporção de huma perfeyta mulher; está assentada ao pé da Cruz, he de
vestidos, & assim a vestem de roupas pretas com toalha, como de viuva,
em significação da sua pena, & soledade que experimente de seu amantis-
simo Filho. Esta Santissima Imagem foy obrada em Lisboa, de donde a
mandáraõ levar aquelles devotos Padres.

Com esta santissima Imagem da Rainha da Gloria tem tambem toda
aquella grande Cidade da Bahia muyto grande devoção, & assim a buscaõ
em seus trabalhos, pena, & afflicçoens, que padecem, & a grande fé com
que o fazem, & imploraõ o seu favor, os faz conseguir da sua grande piedade,
os alivios em suas penas, & as melhoras nos achaques que padecem. De
huma nobre Matrona moradora naquella Cidade, chamada Brites Barbosa,
viuva de Francisco de Sousa Lobato, se referem que estando gravissima-
mente enferma, & já desconfiada das medicinas da terra, recorrera ao
Medico do Ceo pela intercessão de sua Mãy Santissima, a Senhora da
Soledade no grande aperto em que se achava. Foraõ-lhe buscar hum manto
da Senhora, & vendo este, foraõ taõ milagrosos os effeytos do seu contacto;
porque a cobrião com elle, que logo pelo favor de intecessão da Senhora
lhe concedeo o Senhor perfeyta saude, convalecendo em breves dias, de
que foy a dar as graças à sua benigna bemfeytora.

TITULO XLIII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DOS PRAZERES, QUE SE
VENERA NO MESMO HOSPICIO.

A Terceyra Imagem da Mãy de Deos, que se venera na mesma Igreja,
he invocada com o titulo dos Prazeres; vesse esta Senhora collocada no
retabolo da Capella mòr, em correspondencia da Imagem de nossa Senhora

da Graça, ou do Livramento, & tem a mesma estatura, & ao Menino Deos em seus braços; he tambem de escultura formada em barro: está collocada sobre huma pianha de Serafins; he pintada a oleo, tunica rosada, & manto azul; esta sagrada Imagem tinhaõ aquelles Padres em hum nicho do seu claustro; & deste lugar a tresladáraõ para o que hoje tem na Igreja; a causa me não constou; mas devia ser por alguma maravilha, que a Senhora obrou, ou a favor de algum daquelles Religiosos, ou de outra pessoa, de que já não consta; não se lhe faz festa particular, nem tem Irmandade; mas muytas pessoas tem com ella grande devoção.

TITULO XLIV.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DAS ANGUSTIAS, QUE SE VENERA NO CONVENTO DE S. BENTO.

O Convento dos Monges do Patriarca São Bento se comprehende nos limites da referida Paroquia de São Pedro, he dos mais antigos daquella Cidade. Nesta Igreja he tida em grande veneração hua devotissima Imagem da Mãe de Deos, a quem invocaõ com o titulo de suas Angustias; está collocada em huma Capella propria sua, que se vê no corpo da Igreja à parte do Evangelho; a sua estatura he grande, porque he pouco menos que a de huma perfeyta mulher; he esta Santissima Imagem de roca, & de vestidos, & está em pé encostada a huma Cruz: os vestidos são na fórma em que antigamente se costumavaõ vestir as Imagens, tãalha de alentos, & mangas como antigos fayos de ponta; na Cruz a que está encostada, se vê pender a Imagem do Senhor Jesus Crucificado, tambem Imagem grande, & de muyta devoção, & veneração, & obrada com muyta perfeição; & contemplando-se a grande angustia, & tormento que a Senhora experimentou na morte do Santissimo Filho, causa em todos muyta compunção, & a mesma na ancia que o Senhor experimentava, & represente.

Tambem causa a angustia que a Senhora representa, em todos os que nella põem os olhos, muyta ternura; tem esta Senhora huma nobre Irmandade, que a serve com muyta devoção, & dispendio; porque em todas as sextas feyras da Quaresma tem passos com Sermaõ, & nestes passos se mostra o Senhor, continuando desde a prizaõ até o Calvario; & na sexta feyra Santa fazem o descendimento, & a procissão do enterro, tudo com muyta gravidade, decencia, & perfeição, a que concorre quasi toda aquella grande Cidade. Com a mesma grandeza fazem tambem a festa da Senhora, a qual se solemniza com muyto dispendio em quinze de Agosto, & neste dia todo está o Senhor Sacramenado manifesto & se finaliza a festa com procissão.

Tem esta Senhora obrado muytas maravilhas, & milagres; mas sempre foy muyto grande o descuydo em se fazer memoria delles. De Benta de Bayrros mulher do Alferes Luis Gonçalves moradores na mesma Freguesia de São Pedro se refere, que sendo menina de poucos annos, estando desconfiada dos Medicos, & dos remedios humanos, a levou sua Mãe com

grande fé à Senhora das Angustias, & a poz sobre o supedanio do seu Altar, & lhe mandou dizer huma Missa para que a Senhora fosse servida de lhe alcançar saude; & acabada a Missa, se vio a menina livre da febre, tomou o peyto, & logo começou a melhorar, & brevemente alcançou perfeyta saude; muytas outras maravilhas se puderaõ referir, se nos Monges houvera cuydado de fazerem dellas memoria; mas não cuydaõ disso, & será por serem continuas as maravilhas.

T I T U L O X L V .

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO MONTE
DO CARMO.

No destrito da mesma Freguesia do Apostolo São Pedro se comprehende tambem o Corvento dos muyto Religiosos Padres Carmelitas Descalços; na sua Igreja se venera huma devotissima Imagem da Mãy de Deos a quem dão o titulo de nossa Senhora do Monte do Carmo; vesse esta Santissima Imagem collocada em a Capella collateral, que fica da parte do Evangelho; he a sua estatura de quatro palmos, de escultura de madeyra, estofada de ouro, & das cores carmelitanas; sobre o braço esquerdo tem ao Menino Jesus; he esta Santissima Imagem da Senhora antiga, & já era venerada na sua primeira, & antiga Igreja & os Religiosos a trouxeraõ em procissão da sua Igreja velha para a nova; está com o ornato de coroa & manto de tella ou seda rica.

Desta Santissima Imagem não consta cousa particular de milagres; mas eu digo que maravilha será não obrar esta Senhora prodigios porque a Mãy de Deos nunca cessa de os fazer aquelles que principalmente invocaõ o seu favor, que como he Mãy dos pecadores, sempre delles se compadece, livrando-os dos perigos, & favorecendo-os sempre em os seus trabalhos, & necessidades. Da Senhora do Monte do Carmo nos deu noticia o Paroco da Freguesia de São Pedro da Bahia.

T I T U L O X L V I .

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE,
& DA DO PILAR.

No corpo da referida Igreja dos Padres Carmelitas Descalços da mesma Cidade da Bahia ha muytas Capellas; entre estas, huma desta parte da Epistola he dedicada à Rainha dos Anjos com o titulo da Piedade; nesta Capella se vê collocada a Imagem desta Senhora que causa muyta devoção naquelle seu deloroso passo em que se vê; está assentada ao pé da Cruz, & tem em seus Braços morto ao Author da nossa vida. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra estofada de ouro, & por ornato lhe põem hum manto azul; mandáraõ aquelles Religiosos fazer esta sagrada Imagem em Lisboa para a collocarem naquella sua Capella, o que se fez com huma grande festa no anno de 1706 & os Religiosos que de Portugal passavaõ

a Bahia, a leváráo em sua companhia; & com ella se derao por muyto seguros na sua viagem; não tem dia certo para se festejar até o presente; mas a Senhora moverá os moradores daquella Cidade, para que lha assistam, que como são tão pios, & generosos, não faltarão em a servir com muyta grandeza, como elles costumão; com esta Senhora tem muyta devoção os moradores circunvizinhos; mas não consta por memorias, ou por escrito, que atègora que imploraõ o seu favor, que como he Mãy dos peccadores, & Mãy de misericordia, sempre se compadece de nossas necessidades, & affliçoens.

Na mesma Igreja a Capella que fica fronteyra a esta da Senhora da Piedade, se vê collocada outra Imagem da mesma Rainha dos Anjos, a quem veneraõ com o titulo do Pilar, fica à parte do Evangelho; he esta Santissima Imagem pequenina na estatura, porque tem só palmo & meio, excepto o pilar em que está collocada; mas he muyto grande nos poderes, & maravilhas; he de escultura de madeyra, & tambem o pilar que tem a mesma altura da Senhora; vesse com coroa de prata, & manto de seda; he muyto linda; da sua origem nos não constou nada, dizem se collocára na occasião, em que aquelles Santos Religiosos se mudárao para a Igreja nova, & alguma pessoa devota da Senhora a mandaria fazer por devoção, & a collocaria naquella Igreja.

TITULO XLVII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEYÇÃO DA FREGUESIA DA PRAÇA.

Entramos agora na Praça da Bahia, & nella a tratar das milagrosas Imagens de nossa Senhora, que se veneraõ no destrito da sua Freguesia; a primeyra, que com mayor devoção se venera, he a Santissima Imagem de Nossa Senhora da Conceyção, com quem geralmente toda aquella Cidade tem particular devoção; & com ella a busca, & venera continuamente; esta Santissima Imagem se entende ser a mais antiga, que deste mysterio se venera naquella grande Cidade, & em todo aquelle Estado Brasillico; & começando dos seus principios, daremos razão do que pudemos alcançar.

Havia naquelle largo, & grande sitio da Praça huma familia de gente nobre chamada os Aragõens, que pôde bem ser, fossem os primeyros povoadores da nova Cidade; eraõ não só noblissimos; mas dos mais ricos da Bahia, & tinhaõ bastante fazendas, & terras naquelle destrito; eraõ estes Aragões, ou o principal de quem os mais procedem, que não pudemos saber o nome daquelle devotissimo Fundador da casa do mysterio da Conceyção; com esta particular devoção, que este cavalheyro tinha à Senhora, lhe fundou huma Ermida de tanta grandeza, que pode depois servir de Paroquia a todo aquelle destrito da Praça; não consta já do anno em que esta primeyra casa da Senhora da Conceyção foy fundada, só se sabe, que he muyto antiga, & a sua antiguidade poderá passar de cem annos.

Foy correndo o tempo, & augmentando-se cada vez mais aquelle sitio em moradores: foy preciso aos Prelados da Bahia erigir naquelle destrito

da Praya huma nova Paroquia, & porque aquella casa da Senhora da Conceição estava situada em lugar muyto conveniente para esse esfeyto, se pedio aos Aragoens Padroeyros daquelle casa, a quizessem largar, & o Padroada della para se fazer, & erigir em Paroquia, no que elles vieraõ generosamente, & assim se erigio a casa da Senhora em nova Paroquia; naõ nos refere o Author desta noticia o anno em que foy erecta, que era facil o saberse dos livros da Igreja; mãs a mim me parece, foy pelos annos, de 1640 pouco mais, ou menos; & a razão em que me fundo, he, que pelos annos de 1645 se erigio a Irmandade da Senhora da Conceição, como se vê do seu compromisso, & da sua approvaçãõ, como logo diremos.

Erecta a Paroquia, concorrêraõ logo os Paroquianos com zelo, & generosa liberalidade ao adorno & mayor extençãõ da sua Igreja quanto o sitio permitia; & assim a reparáraõ & adoraram por ser aquella Freguesia a mayor da Cidade, & a mais cheya de moradores; como he tambem das mais ricas, assim tambem he huma das melhor fabricadas; porque saõ nella moradores, quasi todos os homens de negocio.

Tinha aquella casa sendo Ermida por cargo, & titular a Senhora da Conceição & a essa mesma Senhora escolheraõ, & quizeram fosse a sua Padroeyra; porq a Divina Providencia havia disposto, q a mesma Senhora, q he a singular Padroeyra de todo o Reyno de Portugal, fosse tambem naquelle sitio a Padroeyra de todo o Estado Brasilico, para o livrar de todo o incurso de seus inimigos, & principalmente dos Herages, que com tanto atinco, & ancia procuràraõ occupar aquelles Estados da America, que o Vigario de Cristo concedeo aos Reys Portuguezes.

He esta Santissima Imagem de perfeytissima escultura, & ricamente estofada; tem de alto menos de cinco palmos; está collocada no meyo do retabolo, que he de excellente talha moderna, & ricamente dourado; vesse sobre hum throno de Serafins, & com a Lua debayxo dos pès, & com as mãos levantadas, & esta em sitio igual a proporção perfeytissima do retabolo; he servido o seu Altar da generosa liberalidade dos seus freguezes, porque tem muyta, & rica prata, preciosos ornamentos, & hua alampada de prata no meyo do arco de muyta grandeza, & he a mayor, q se acha em todas as Igrejas da Bahia.

Poucos annos depois que a Ermida da Senhora da Conceição foy sublimada à grandeza de Paroquia, começáraõ os devotos da mesma Senhora a tratar de erigir em seu obsequio huma Irmandade, como com effeyto o executàraõ, com compromisso proprio, & todos desejaõ ser Irmaõs desta Irmandade da Senhora, pela grande devoção com que todos a amaõ, & veneraõ; festejaõ estes Irmaõs a sua Senhora com muyta grandeza, & grande apparatus em o seu dia oyto de Dezembro, & fazem-lhe sempre hum triduo com o Senhor manifesto no dia 8, 9, & 10 de Dezembro; nestes dias tem a Senhora hum grande Jubileu, & assim concorrem àquella solemni-
dade quasi todos os moradores a lucrar as suas graças, & assistir à festividade da Senhora pela grande devoção, que lhe tem, & por ser aquella sua casa a unica dedicada a este mysterio soberano.

Quando se elegem os officiaes, que no seguinte anno, que se segue a festa da Senhora, a haõ de servir, se nomea sempre por Juiz da Irmandade

humã pessoa dos da familia dos Aragoens, o que conservão pela demonstração da sua particular devoção, que sempre lhe teve a sua ditosa familia; foy confirmada, & approvada esta Irmandade da Senhora da Conceyção pelos annos de 1645 como consta das approvaçoens, que se vem no seu compromisso; além desta principal festividade em que quasi toda aquella populosa Cidade concorre a venerar a Senhora, são muytos, os que pela grande devoção, que lhe tem, a visitaõ em o discurso do anno a favor dos quaes obrará muytas maravilhas; & fará grandes favores, ainda que delles não faz memoria, que sempre nesta materia foraõ os Portuguezes pouco felizes.

T I T U L O X L V I I I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO.

Tem a Paroquia de nossa Senhora da Conceyção da Praya varias Capellas, porque além das duas collateraes, tem outras no corpo da Igreja; a primeyra dellas, & a que fica mais proxima à collateral da parte da Epistola, he dedicada nossa Senhora do Rosario, & esta fica em paralelo, & correspondencia com a do Santissimo Sacramento, que se vê à parte do Evangelho; esta Capella está toda cuberta, & forrada de rica telha dourada de obra moderna, & da mesma he o retabolo, que he perfeytissimo; no meyo deste se vê hum tribuna da mesma talha do reabolo, & de excellente fórma; no meyo della se levanta hum throno em que está collocada a sagrada Imagem de nossa Senhora do Rosario, que he formada de madeyra, & estofada perfeytamente; tem sobre o braço esquerdo ao doce fruto de seu Santissimo ventre; a Senhora tem manto, & ambas as Imagens o adorno de corças de prata; he esta Santissima Imagem de cinco palmos de estatura de ferosa & ellegante magestade, & tanta graça mostra, que está roubando os coraçõens de todos os que a vem; & tem na mão direyta hum Rosario, como insignia do seu titulo.

Esta Capella foy feyta à custa dos pretos Angollas, & crioulos da terra, os quaes concorrem com muyta liberalidade, & grandeza, para todos os gastos, & despezas, que he muyto para admirar, que sendo pobres, & andando nus, ou quasi despidos, para servirem a sua Senhora, são ricos; porque tem a sua Capella adornada de peças muy preciosas, requisisimos ornamentos, muyta prata, como castiças, ciriaes tambem de prata, Cruz, & mais peças do Altar, guiaõ, & hua ferosa alampada da mesma prata, & a Capella está fechada com gardeõs de jacarandá, obradas com grande perfeção, & que vem a ser todas estas riquezas, & preciosos ornatos, senão hum continuo milagre da Senhora do Rosario, que quer ser rica, & ferosa como o culto dos seus pobres pretinhos.

Instituirão estes hum Irmandade, com seu compromisso, o qual foy approvado no anno de 1686. Tem tambem esquife proprio, em que levaõ a enterrar aos seus Irmaõs, & Irmãs que falecem. Finalmente servem à Senhora do Rosario com muyto grande devoção, & fazem as suas festividades com grandes solemnidade, que finalizaõ no seu dia com procissão,

em que tirão a sua Senhora; esta tão grande devoção, & affecto com que os pretos servem a Senhora, se tem por hua das suas grandes maravilhas; porque sendo rusticos, & barbaros para o mais, para servirem, & louvarem a Senhora cada hum delles he hum Demosthenes, ou hum Platao. Nas suas enfermidades, & trabalhos invocaõ a esta sua soberana Rainha, que muyto os ama, sem ter horror aos seus escuros, & tismados braços, & lhe dá saude, & na hora da morte lhe assistirá como solicita, & amorosa Mãe, que não despreza os seus pretinhos, & entao lhes pagará o seu fervoroso zelo, & grande disvello que põem em o seu serviço, & culto. Desta Senhora nos deu noticia o Vigario da Conceyção o Padre Jorge Rodriguez, por mandado do Illustrissimo Arcebispo Dom Sebastião Monteyro da Vide.

TITULO XLIX.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA BOA HORA.

Em a referida Paroquia de nossa Senhora da Conceyção, & no seu destrito se vê para a parte do Norte huma Ermida dedicada à gloriosa Santa Barbara, Virgem, & Martyr; da qual são Administradores os herdeyros de Damiao de Lançoes moradores na Villa de Viana foz do Lima; não consta ao certo da sua fundação; mas he mais moderna que a sua Paroquia; nesta Ermida se venera a devota Imagem da Rainha dos Anjos a Senhora da Boa Hora, a qual se vê collocada em huma das Capellas collateraes, q he da parte do Evangelho, & aonde se resista tudo com muyto acayto; porque tudo quanto ha naquella Capella, he rico; porque tem hum precioso retabolo de talha moderna, & perfeytissimamente dourado; no meyo deste se vê em hum grande nicho a Senhora da Boa Hora, adornada de hum rico manto, com huma coroa de prata; mas de muyto excellenteytio, & sempre lhe põem manto; porque os tem de preciosas tellas, a sua estatura he grande, porque he de sete palmos; he de muyto excelente escultura, & ricamente estofada de ouro; he tão fermosa, que está roubando, & atrahindo a si os coraçoes de todos, os que nella põem os olhos.

Desta Santissima Imagem se diz por causa sem duvida, que andava na popa de huma não de Mercadores da Cidade do Porto, a qual navegava da mesma Cidade para a Bahia, & da Bahia para o Porto; esta não com huma grande tormenta padeceo naufragio na barra do Porto, & despedaçando-se a não em os rochedos, a Imagem da Senhora sahio à praya rolando sobre as areias, & em, huma boa hora sahio huma pobre mulher de sua casa à mesma praya a buscar nella alguma lenha, que o mar costuma lançar sempre fóra, & achando a Santa Imagem carregou com eila, & como pode, a levou para sua casa, ou tambem a Senhora milagrosamente se faria leve. E cuydando depois que a teve em casa, no que faria, assentou comsigo, o mandalla ao Brasil, aonde lhe poderia dar huma boa esmola de dinheyro pela sua manufactura. Conhecia na Bahia a hum Manoel Gonçalves dos Reys, que poderia ser natural da mesma Cidade do Porto, a este, que morava junto à mesma Ermida de Santa

Barbora, e remeteo, para que elle lá vendesse a sua manufactura. Succedeo isto no anno de 1687.

Assistia então na Cidade da Bahia hum Religioso Agostinho Descalço, Missionario chamado Fr. Bernardo da Conceyção, Religioso de grandes virtudes, (que da mesma Cidade da Bahia passou à Missão de São Thomè, Ilha do Principe, Costa da Mina, & Anno bom;) deste Padre era muyto devoto o Manoel Gonçalves dos Reys, & o amava pelas virtudes que nelle reconhecia; porque era muyto exemplar, prégava com muyto espirito, & fazia com os seus Sermoens muyto fruto (ainda neste tempo não tinhaõ os Padres Agostinhos Descalços o Hospicio de N. Senhora da Palma, aonde hoje residem, que se lhe deu depois;) vendo o Padre Fr. Bernardo da Conceyção a Imagem da Senhora, ou por lhe parecer que mostrava muyta semelhança com a Imagem da Senhora da Boa Hora do nosso Convento de Lisboa, ou pela devoção que com ella tinha; senão foy por superior destino, que he o mais certo; porq assim o devia dispor a Divina Providencia; elle lhe deu o titulo invocando-a nossa Senhora da Boa Hora, & fez q o Manoel Gonçalves dos Reys a collocasse na Ermida de Santa Barbora a Imagem da Senhora, & tambem me persuado, que o mesmo Padre faria toda a diligencia, com os mais devotos seus amigos, para que a Senhora alli ficasse, & me lembro em como elle me fallou neste mesmo successo tendo grande gosto de que a sagrada Imagem não sahisse da Bahia, & tambem desejou, que alli se fizesse o nosso Hospicio, que depois se fez no sitio da Palma.

Consequindo o Padre Fr. Bernardo, que a Imagem da Mãe de Deos ja com o titulo da Boa Hora se collocasse na Ermida de Santa Barbara, exhortou aos seus amigos, & conhecidos, pagassem à mulher da Cidade do Porto, o que ella queria, só porque a Senhora fosse servida, & louvada naquella Cidade da Bahia, & o mesmo Religioso Agostinho Descalço fez que a Senhora se collocasse naquella Ermida.

Para dar satisfação Manoel Gonçalves dos Reys à Comissão, que lhe havia feyto a mulher da Cidade do Porto, tinha buscado compradores do santo vulto da Senhora, & já os moradores da Cachoeira a querião, & a procuravaõ; mas os visinhos da Ermida de Santa Barbora, que tinhaõ visto a santissima Imagem, tanto se affeyçoaraõ a ella, que em nenhum modo consentiaõ, em que ella sahisse da Ermida, & assim com toda a liberalidade satisfizeraõ à mulher do Porto o que ella ped'a, & lhe mandaraõ huma muyto boa esmolla.

Tinha Manoel Gonçalves collocado a Imagem da Senhora da Boa Hora no Altar collateral da parte do Evangelho, que parece o havia escolhido a mesma Senhora para nelle ser venerada, & para delle como de botica da saude, ministrar a todos os seus devotos, os mais proveytosos remedios de suas almas, & corpos; porque deste lugar (aonde está até o presente) he o remedio de todos aquelles que com fé a buscaõ; depois foy crescendo tanto a devoção, para com aquella soberana Senhora, q unidos muytos dos seus devotos instituhiraõ huma Irmandade, que procuraraõ, se confirmasse logo, & approvasse pelo Ord'nario, como fizeraõ no anno de 1689 como se-

vê do seu compromisso; & cresceo tanto a devoção, para com aquella soberana Senhora, que todos os moradores daquela Freguesia são Irmaões da Virgem Senhora da Boa Hora, & a festaão no dia de sua Assumpção com a mesma invocação da Boa Hora com muyta grandeza, & com o Senhor Sacramentado exposto em todo o dia, & he esta huma das grandes solemni-
dades daquela Cidade; tem a Irmandade adornado o seu Altar com hum rico retabolo, preciosos & ricos ornamentos para as festividades, & os mais, que são necessarios communs de todas as cores, castiçaes de prata muyto ricos, alampada, Cruz, & ciriaes, & todas as peças necessarias ao culto da Senhora, tudo de prata; & os ciriaes servem quando os Irmaões vão a algum acompanhamento.

Como a devoção para com aquella excelsa Senhora he muyto grande, tambe ella misericordiosamente a augmenta com os seus favores, & maravilhas, que obra, invocando-a os seus devotos em seus apertos, & necessidades de trabalhos, & enfermidades; porque a Senhora lhes acode com o seu favor, & os livra de todos os perigos; por huma das suas grandes maravilhas se deve ter, o ir por tão diversos acontecimentos da Cidade do Porto, & de Portugal à Cidade da Bahia; & estando lá não queêr sahir daquela Cidade movendo os animos de todos aquelles seus devotos para que o impedissem. Tambem o titulo foy maravilhoso, porque quer aquella Senhora, que todos os seus devotos continuamente cuydem na sua ultima hora: para com esta consideração a fazerem boa, & ella os poder favorecer melhor, & patrocinar em tudo o que lhe pedem, mas a todos parece, que está offerecendo as boas horas, que os verdadeyros Christaões devem esperar sempre daquela misericordiosa Mãe, que sempre no-las está solicitando boas.

T I T U L O L.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE VENERADA NA IGREJA DE SANTA BARBORA.

Naõ tem expressão a grandeza de piedade de todos os moradores da Cidade da Bahia; os da Freguesia da Senhora da Conceyção são tão fervorosos, que depois de adornarem com tanta perfeição a Capella de nossa Senhora da Boa Hora, para que em tudo aquella casa que pudemos já hoje chamar casa sua) ficasse mais perfeytamente adornada, fabricáraõ da outra parte em sua correspondência outra Capella que dedicáraõ à mesma Rainha dos Anjos, collocando nella huma devotissima Imagem da Senhora da Piedade; & para mostrarem melhor a sua grande devoção, logo lhe fizeraõ hu rico retabolo, em todo igual, & correspondente ao da Senhora da Boa Hora. Vesse esta Senhora assentada ao pè da Cruz em o meyo do retabolo, com o santissimo Filho defunto em seus braços. He esta santissima Imagem da Senhora quasi da proporção natural de huma mulher, & ambas as Imagens são devotissimas, & a Senhora mostra huma tam grande compayxaõ, & sentimento em ver defunto em seus braços aquelle Senhor, que a todos nos veyo a dar a verdadeyra vida, que causa em todos

hum grande compayxaõ & ternura; vesse vestida de roxo com manto da mesma cor. Estas preciosas Imagens se mandáraõ fazer em Lisboa por hum escultor, no anno de 1706.

Collocadas as Imagens na sua Capella, não descançáraõ os seus devotos em a enriquecer com ricos ornamentos, & com muyta prata, & vistosos adornos: logo tratáraõ de erigir huma Irmandade, que vay em muyto grande augmento da qual approvou o Illustrissimo Arcebispo Dom Sebastião Monteyro da Vide o seu Compromisso; & segundo a grande devoção dos seus devotos Irmaõs, & Confrades, com que a servem, irá crescendo cada vez mais o culto, & a veneração da Senhora da Piedade; & por huma de suas grandes maravilhas se deve ter o grande fervor com que todos se empregaõ no serviço da Senhora, o que ella lhes saberá muy bem pagar, não só com os favores, & beneficios temporaes; mas lhos alcançará eternos em a glória.

T I T U L O L I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO TERÇO.

No destrito da mesma Paroquia de nossa Senhora da Conceyção da Praya se vê junto ao mar para a praya do Norte huma Ermida anexa à mesma Paroquia, dedicada ao glorioso São Frey Pedro Gonçalves, a quem os Castelhanos chamaõ São Telmo, & os navegantes em os seus perigos, & tormentas invacaõ com o nome do Corpo Santo. He esta Ermida muyto mais antiga que a sua Paroquia; mas não sabem dizer já hoje em que tempo se fundou, nem quem foraõ os seus fundadores. Bem pode ser que a fundassem os mesmos navegantes obrigados dos favores, que deste Santo recebem, & para que elle obrigado deste obsequio lhes acudisse, o fariaõ. Nesta Ermida se vê à parte da Epistola huma Capella, que he a collateral, & nella collocada a miagrosa Imagem de nossa Senhora do Terço, titulo, que lhe impuzeraõ os seus devotos Irmaõs os pardos daquella Freguesia, por differença do titulo do Rosario, com que os pretos servem sempre fervorosos a Soberana Rainha dos Anjos.

Vesse esta excelsa Senhora collocada no meyo do retabolo da sua Capella, que he ricamente dourado, & a Imagem da Senhora he muyto magestosa porque tem de estatura seis palmos, he de escultura de madeyra ricamente estofada, tem em os seus braços ao soberano Deos Menino, & de suas mãos se vê pender o Terço, divisa do seu titulo. Sobre a cabeça tem huma fermosa coroa, que ainda que he de prata, he de feytio muyto particular, & excellente; & defronte da sua Capella se vê pender hum grande alampada tambem de prata, & além disto tem outros muytos ornamentos com que tem a sua Capella sempre aceada, & composta.

Tem esta Senhora huma grande Irmandade, que os devotos pardos daquella Freguesia erigiraõ, a qual foy confirmada pela authoridade do Ordinario no anno de 1690 & pouco antes seria levantada. Mas do seu Compromisso consta o anno da sua confirmação, que he o referido: esta santissima Imagem, porque fosse obrada com toda a perfeição, a mandáraõ fazer

os seus Irmãos a Lisboa, & assim se fez com toda a perfeição. He tão grande a devoção dos devotos pardos, que tem enriquecido a Capella da Senhora com muyta prata, preciosos castiçais, rico vaso, & de muyto ricos, & custosos ornamentos. Tudo isto parece foy huma devota emulação porque vendo o grande fervor com que os pretinhos da mesma Freguesia serviaão, & festejavaão a Senhora do Rosario, elles se animaraão a fazer na sua Capella outros melhores ornatos; & assim tambem deraão à Senhora differente titulo, impondolhe o do Terço, para q assim como a Soberana Mãe de Deos, com o titulo do Rosario era em todas as partes a Protectora dos pretos, fosse da mesma sorte com o titulo do Terço a singular Protectora dos pardos. He a Senhora de muyto grande fermosura, & assim está atrahindo, & roubando os coraçoes de todos. Não se refere que tenha obrado milagres, & maravilhas; mas não será possivel deyxar aquella Senhora, que a nenhuma condição exclue de obrar muytas a favor dos seus devotos Irmãos os pardos, esmerando-se elles tanto em o seu obsequio, & que mayor milagre se pôde referir, que o grande da fervorosa, & perseverante devoção com que elles se empregão em a servir, & a festejar.

T I T U L O L I I.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEYÇÃO DA QUINTA DOS SENHORES DA TORRE.

Nos limites da Cidade da Bahia, em distancia de meya legoa para a parte do Oriente se vê a quinta de André de Brito, & de Dona Francisca sua consorte, pessoas nobilíssimas, & devotas: nesta sua quinta edificáraão, & dedicaraão à soberana Rainha da Gloria huma Ermida, aonde collocáraão huma Imagem sua, & quizeraão fosse invocada com o titulo de sua Conceyção puríssima. Teve esta collocação da Imagem da Senhora em o seu Altar no anno de 1694 com grande festa, & muyta solemnidade, que como os Padroeyros sobre serem ricos, como eraão muytos, tudo quizeraão se fizesse com grandeza.

He esta santissima Imagem de escultura de madeyra. perfeytamente estofada, & por mayor veneração a adornaão com ricos mantos de teila & sedas preciosas, & rica coroa de prata; a sua estatura são cinco palmos, & com a pianha ainda fica mais alta, & com mais veneração: he de grande fermosura, & assim está attrahindo os coraçoes de todos os que a vem. São ao presente os seus Padroeyros, a nobre Senhora Dona Francisca Maria, & seus filhos, & ella com os filhos festeja todos annos aquella Misericordiosa Senhora em o seu proprio dia de oytos de Dezembro, & neste dia concorre muyta gente devota a festejar, & a venerar aquella santissima Imagem; obra muytas maravilhas, ainda que nunca dellas se fez memoria. Não tem essa milagrosa Senhora Irmandade; porque a fabrica, & as despezas correm por conta daquella devota Matrona Dona Francisca Maria, porque junto às suas casa se vê a casa da Senhora.

TITULO LIII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO ROSARIO, DO CAMINHO DE NOSSA SENHORA DAS BROTAS.

Para a mesma parte do Nascente do Sol, em distancia de hum legoa em o sitio chamado o Campo Grande, a quem outros chamao o caminho das Brotas, se vê o Santuario da milagrosa Senhora do Rosario. Deu principio a este Santuario, por sua muyta devoção, João Correa Feyer, & sua mulher Maria da Franca, & Benavides, & a começação, ou fizerao de laypa, que talvez seriao mais ricos de devoção, do que de fazenda, para poderem fabricar obras grandes, ou seria por falta de materiaes. Derao estes dous devotos da Senhora principio à sua casa, no anno de 1681 ou cytenta & dous. Dani a tres annos (que parece lhe augmentou a Senhora os cabedaes) lhe fizerao a Capella môr, & a Sacristia de pedra, & cal, & tudo obrárao com muyto grande perfeição.

He esta sagrada imagem de escultura de madeyra, estofada de ouro, tem sobre o seu braço esquerdo ao supremo Rey da Gloria; a Imagem da Senhora a adornação com rico manto, & ambas as Imagens tem coroas de prata, a estatura da Senhora he de pouco mais de dous palmos & meyo, & na mão direyta tem num Rosario; he este Santuario da Senhora muyto frequentado de romagens, & peregrinos, & assim são muytos os que frequentão aquella casa, & que vão a venerar a Senhora, & a darlhe, hums as graças dos favores, que della tem recebido: & outros a pedir, que os livre dos trabalhos, & molestias que padecem, que como he fonte de misericordia, & fonte de graça, & de consolação como dizem Santo Efrem, & Raymundo Jordaõ: Fons gratiae, & totius consolationis. Todos os que procuraõ chegar a ella, gozaõ com abundancia da enchente de suas aguas.

S. E.
en la
V. R.
Jord.
c. 24.

Das maravilhas, que obra, se achão muytos signaes, & memorias com inscripções escritas em taboletas, quadras, mortalhas, & outras cousas semelhantes. S. Ephr. en land B. V. Rayn. Jord. p. 14. c. 24. Destas maravilhas farey menção de hum que a Senhora fez a hum Cayetano Juldice, que vindo do Rio de Janeyro em numa sumaca, que tinha por nome Santo Antonio, & nossa Senhora do Pilar, de que era Mestre Manoel Simoens da Fonseca: esta vendo-se perdida, entre a Capitania, & os abro- lhos em 25 de Abril, & invocando os que nella vinhaõ o favor, & o amparo da Senhora do Rosario, logo os mares a estas vozes se sossegáraõ, abonancou a tormenta, & alcançou o vento, ficando livres aquelles navegantes do grande perigo em que se achávaõ, & chegando a salvamento à Bahia, foraõ a dar as graças à Senhora, & lhe foraõ offerecer aquelle quadro para perpetua memoria do beneficio. Succedeo este favela no anno de 1711. Não tem até o presente Irmandade, & assim corre por conta da devoção do Capitão Domingos Ramos da Cunha toda a despesa, & fabrica daquelle Santuario, o que a Senhora lhe pagará muyto ben.

T I T U L O L I V.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA LUZ DO
FORTE DA PITUBA

Distante da Cidade da Bahia duas legoas para a parte do Nascente. & dentro do seu aro, & destrito em o sito da Pituba se vê o Santuario de nossa Senhora da Luz. He esta casa antiga, porque dizem ter mais de cytenta annos de principios, & assim se entende ser reedificada pelos anno de 1680 & tantos: em seus principios se fundou aquella casa de taypa, faltalhe-hiaõ naquelle sitio os materiaes para se fazer de pedra. Foy o seu Fundador o Capitão Felippe Correa; passados depois alguns quarenta annos, crescendo mais a devoção para com a Senhora da Luz, reedificou esta sua casa o Capitão Manoel Gonçalves Sarayva, & sua mulher Francisca Ferreyra, que ainda vivem ao prezente, & tambem entrou nesta obra Domingos Ferreyra irmão de Francisca Ferreyra, que já he defunto, ao qual pagaria muyto bem a Senhora da Luz a sociedade espirital, que fez com seu cunhado.

He tradição constante, que naquelles primeyros tempos fora muyto frequentado aquelle Santuario, & que eraõ muytos grandes os concursos, & as romagens dos muytos, que hiaõ a visitar a Senhora da Luz, & a valer-se da sua poderosa intercessão, o que ella augmentava com as grandes maravilhas, que obrava dos seus devotos. Mas faltou a curiosidade de se fazer lembranças dellas, para agora as não podermos referir. Eraõ tambem muytas as offertas, & as esmollas, & talvez, que seria muyto necessario o tempo para as recolher, & assim faltou este para escrever a causa que obrigava a fazer aquellas offertas, que para os interesses da vida se applica todo o tempo; já hoje está mais fria a devoção; porque são menos os concursos. & as romagens, que sempre os humanos são tibios, & frios para as cousas do Ceo. Mas não he assim a Senhora da Luz, porque nunca falta, em rogar a seu santissimo Filho pelos seus devotos.

Logo, que aquelles fervorosos Fundadores dedicaraõ aquella casa à soberana Rainha dos Anjos, & à Mãe da Luz verdadeyra, que a todos alumea, collocaraõ naquelle Santuario huma Imagem sua muyto devota. He esta sagrada Imagem formada de barro, mas de perfeytissima escultura, & muyto bem estofada, como se está vendo; tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deos, & por ornato lhe poem manto de tella, ou de seda, & das cores, que dispoem a Igreja, segundo os tempos, & as festividades; a sua estatura são quatro palmos he muyto fermosa; tem coroa de prata, & o Senhor Menina resplandor, o qual está nũ em as mãos de sua Santissima Mãe.

Não são muytas vezes, q se lhe tem feyto festa annual, a qual nas vezes que se lhe fez foy sempre em o dia de sua Presentação, a vinte & hum de Novembro; mas os seus devotos obrigados dos seus favores em accão de graças lhe tem feyto, & fazem varias festas votivas, com Missa cantada, & Sermaõ. He este Santuario anexo à Misericordia da Bahia, a quem seus Fundadores a anexaraõ tambem a mesma Misericordia herdeyra de toda a sua fazenda, com o encargo de fabricarem aquelle Santuario, & assim

os Irmãos da Misericórdia administraõ aquella casa da Senhora, a servem, & cuydaõ do seu augmento. Desta Senhora faz menção o Padre Vigario do Desterro Pedro da Costa, em a Relação que nos fez de mandado do Illustrissimo senhor Arcebispo da Bahia D. Sebastião Monteyro da Vide.

T I T U L O L V .

DA VENERAVEL IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO,
QUE SE VENERA NA IGREJA DE S. GONÇALO.

A Villa de São Francisco dista da Cidade da Bahia dês legoas para o Norte; Está situada esta Villa na prayã de hum braço de rio, dos innumervaveis, que do Certão vão a tributar no Oceano Brasilico as suas correntes, pelo reconcavo da mesma Cidade da Bahia, fazendo muyto facil o commercio daquella dilatada porção de terra; a Paroquial Igreja, & Matriz daquella Villa he dedicada ao glorioso São Gonçalo. Nesta Igreja se vê collocada em huma rica Capella hua milagrosa Imagem da Mãe de Deos, a quem dão o titulo de sua Encarnação. He esta Santissima Imagem da excelsa Rainha da Gloria, formada de escultura de madeyra, & de excellente manufactura; tem tres palmos, & meyo de alto com manto, & coroa de prata, he festejada todos os annos pelas moças donzellas daquella Villa, em que tambem lhe fazem companhia os meninos; porque elles, & ellas são os que com grandeza a servem, & festejaõ; a solemnidade desta Senhora se lhe faz sempre pelas oytavas do Natal, & a causa disto he por ser uso naquellas partes do reconcavo da Bahia transferirem se para este tempo, quasi todas as festividades, por fugirem aos rigores do Inverno, que costuma ser em Março, & faz este muyto intrataveis os caminhos; porque senão podem vadear por serem os atoleiros muytos, & perigosos; & assim por esta causa senão pôde festejar a Senhora em o seu proprio dia de 25 de Março, como se faria, senão fora entaõ o tempo incapaz de se sair fóra de casa.

Dois principios, & origem desta santissima Imagem nos não constou nada, nem se pode descobrir: seria collocada em os principios daquella Paroquia. Não consta de particulares maravilhas, & milagres; mas eu tenho por hum muyto grande, & evidente, o grande, & constante fervor com que as donzellas muyto moças, & os tenros meninos se empregão em servir, & festejar a santissima Virgem Maria, menina, & donzella de treze annos, & ella como cheya de graça, a communicará àquellas almas, para que em seu serviço se empreguem com aquelle grande fervor com que o fazem.

T I T U L O L V I .

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO PILAR

Varias vezes temos tratado do titulo do Pilar, & assim me escuso de falar nelle neste lugar; porque nos tomos já impressos o poderaõ ver os curiosos, como tambem a sua origem. Na mesma Igreja Paroquial de S.

Francisco se venera outra devotissima Imagem da Rainha dos Anjos, com a qual se tem naquella Villa muyta devoção, & a fé com que he buscada, & venerada de todos, faz com que experimentem os seus devotos os effeytos do seu grande poder; Está esta santa Imagem, q he copia daquella Angelical Imagem, que os Anjos trouxeraõ do Ceo, sobre hum pilar, & a de-raçõ por mandado da mesma Senhora, ao Apostolo Santiago, mandãrao-na fazer huns seus devotos & a collocãraõ naquella Igreja para nella ser vene-raça com o mesmo titulo do Pilar: mas já hoje não lembra, quem elles fossem, nem o anno em que o fizeraõ, nem tambem o motivo, que pode bern ser, que obrigados de algum grande favor, que da Senhora recebêraõ, em acção de graças a mandassem fazer.

He formada esta sagrada Imagem de madeyra, & de perfeyta escultura, & primorosamente estofada, tem sobre o seu braço esquerdo ao soberano Salvador do mundo, & Deos Menino, adornaõ-na com manto de sede & ccroa de prata, a sua estatura saõ tres palmos & meyo, & a columna, ou pilar quasi na mesma proporção, & nella se vê collocada; festejaõ a esta Senhora os seus devotos em hum dos dias da festa de Natal, por ser o tempo mais oportuno para poderem assistir aquelles moradores às festi-vidades; porque sendo tempo de Inverno, não ha quem possa sahir fóra de sua casa, & por esta causa se transferem todas as solemnidades para aquele tempo, por ser mais enxuto; porque ainda não tem entrado naquellas terras as chuvas do Inverno, em que os atoleyros, & lamas saõ de sorte, que senão sahe fóra, como está dito atraz nos titulos precedentes.

T I T U L O L V I I .

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO AMPARO DA VILLA DE SÃO FRANCISCO.

He a Mãy de Deos a nosso favor, para nos amparar, & defender hum muyto poderoso auxilio, ella he a que sempre nos defende, & ampara de todos os que nos pretendem invadir, & maltratar nas tempestadas da vida; ella he a nossa segurança, & firme anchora, & em todos os nossos traba-lhos, affliçoens, & perigos; ella he a q como Mãy nos ampara, & defende, & quando esses trabalhos crescem desorte, que nos desconsolaõ, affligem, & nos obrigaõ a derramar muytas lagrimas, ella he a que entaõ com o seu favor nos consola, anima, & fortalece; porque ella he de todo o nosso am-paro, assim o reconhece, & public. Buteon no seu Florilegio: Domina Dei Cenitrix, validum auxilium oppunatorum: stabilis anchorans, qui tempes-tate jactantur, praesidium vexatorum, spes desolarum, consolatio lugen-tium. Quem pois deyxará de buscar em seus trabalhos, & tribulaçoens o amparo desta nossa benigna, & amorosa Mãy.

Na mesma Paroquial Igreja de São Gonçalo da Villa de São Francisco se venera outra milagrosa Imagem da Mãy de Deos, a quem os pardos daquella Freguesia, & Villa, servem com muyto grande devoção, & aquem invocaõ com titulo do Amparo, & andãraõ discretos em solicitar o favor,

o amparo da Senhora; pois só ella os pôde favorecer, aliviar, consolar, & amparar em todos os seus trabalhos, & affliçoens, com piedosa Mãe, que não desampara aos mais pequeninos, & desamparados do mundo: Estes devotos pardos são os que servem à Senhora com fineza hum dos dias da festa do Natal; porque como fica já dito neste tempo he em que se fazem todas as festas, & começam até os Reys; por ser para aquellas terras o tempo mais acomodado para fazerem as suas festas com mais grandeza, & mayor assistencia; porque então ainda os caminhos se podem vadear.

He esta Santissima Imagem de madeyra, de boa escultura, & bem estofada, & a favor dos seus devotos obrará muytas maravilhas, satisfyta do grande cuydado com que se empregão no seu serviço, & tambem segundo a fé com que a invocaõ. Não me constou, quem a collocou naquella Igreja, & assim me persuado, que os mesmos devotos pardos a mandariaõ fazer.

TITULO LVIII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO ROSARIO DA MESMA PAROQUIA DE SÃO GONÇALO.

Notavel he a estimação que Deos faz dos pretos; todos estes são descendentes do Rey da Ethiopia; porque a Ethiopia he a principal Monarquia da Africa: & assim do Ethiopes procedem os mais pretos de toda aquella grande parte do mundo; & assim digo, que estima Deos tanto aos pretos, que mil annos antes de tomar o nosso sangue, deu aos pretos o seu. Ora vejaõ o successo: o Filho de Deos tomou o nosso sangue, quando encarnou, & se fez Homem, & deu o seu aos pretos, quando lhe deu o sangue que elle havia de tomar, que era o de David, & foy nesta fórma: Reynando Salamaõ Filho de David, levada da fama da sua sabedoria, veyo a vello, & a ouvilho a Rainha Sabbà, q o era da Ethiopia; como Salamaõ tivesse por mulheres setecentas Rainhas, recebeu tambem no numero dellas (posto q de cor preta) a mesma Rainha Sabbà, de que teve hu filho, o qual nasceo depois da Ethiopia, & a mãe lhe poz o nome de seu avò, & lhe chamou David; Sendo já de vinte & dous annos este Principe desejoso de ver, & tomar a benção do seu pay, veyo a Jerusalem, aonde Salamaõ não só o reconheceo por filho; mas com todas as cerimoniaes, & insignias Reaes o fez ungir no templo por Rey de Ethiopia sendo os Ministros desta solemnidade, Sadoc, & Joas em quem estava o summo sacerdocio naquelle tempo. Esta he a origem dos Imperadores da Ethiopia mil annos, com dizia, antes da Encarnação do Filho de Deos; porque o mysterio altissimo da Encarnação foy obrado no anno quarenta & hum do Imperio de Augusto Cesar, quando se contavaõ quatro mil & cincoenta & hum annos da creação do mundo; & a vinda da Rainha Sabà a Jerusalem tinha sido no anno vinte & quatro do reynado de Salamaõ, quando o mesmo mundo desde sua creação contava sómente tres mil & cincoenta & tres annos. De maneyra que quando o Filho de Deos fazendo-se Homem, tomou o sangue da geração de David, já havia mil annos que tinha dado o mesmo sangue aos pretos da Ethiopia no seu

Dam. de
Goes Franco
Alves
Abrah.
Hortel.
Barras
Genebri &
alij.

Spond. in
Annal. a
Creat.
Mundi.

Hort, in
Thetarr.
tabul, 68.

primeyro Rey ou Emperador (porque até então eraõ governados pelas
Ranhas) em memoria desta descendencia, por tradição antiquissima, &
sempre continuada se intitula hoje o mesmo Emperador: Filius David, filius
Salomonis, filius columnae Sion, filius de semine Jacob, filius magnus
Mariae.

Esta ultima clausula de grande Filho de Maria acrescentàraõ os Empe-
radores da Ethiopia, depois do nascimento de Christo, o qual tantos seculos
antes tinha honrado os Ethiopes com os mesmos nomes, ou titulos, com
que hoje se intitula, no livro de sua geração, que diz São Matheus, ou que
nome dá ao livro da geração de Christo: Liber generationis Jesu Christi.
filij David, filij Abraham. Livro da geração de Jesus Christo, filho de
David, & filho de Abraham, de quem Christo hoje se chama filho por
descender delles, por quarenta & duas geraçoens: destes mesmos & não de
outros se chamaõ tambem os Ethiopes, filhos de David, & filhos de Abraham,
não por quarenta & duas geraçoens, senão por quinze sómente, que tanta
conta o mesmo São Matheus até Salamaõ. Filhos de David; porque todos
os Ethiopes conservàraõ sempre o nome de David, como hereditario em seus
Príncipes, & filhos de Abraham; porque todos tomàraõ d'elle a Circuncisaõ.

E se buscarmos a razão, motivo, ou merecimento destes tao antecipados
favores do Filho de Deos aos Ethiopes, o mesmo David o tinha já cantado,
quando disse: A Ethiopia praeveniet, manus ejus Deo. Onde a palavra
Plal. 67. Farevenit, he o mesmo, que, prima veniet: porque a Ethiopia, & os Ethiopes
Corn. seriaõ os primeyros entre todos os Gentios, que receberiaõ a fé do verda-
Act. 8. 27. deyro *Deos. Vejaõ agora os pretos o quanto saõ devidores, & obrigados
ao muyto, que devem ao Filho de Deos, & àquella exalta Senhora &
sua grande Mãe, que taõ anticipadamente os adoptou por filhos.

Com santa emulação à grande reverencia, & devoção com q os pãdas
do destrito da Villa de S. Francisco festejavaõ, & serviaõ à sua Senhora
do Amparo, mandàraõ fazer os pretos cativos de toda aquella Villa, & seu
destrito devota Imagem da Senhora do Rosario, que collocàraõ em a mesma
Paroquia de São Gonçalo, o que fizeraõ com muyto grande festa a seu
modo. He esta santissima Imagem formada de madeyra de boa escultura,
& bem estofada: está com o Santissimo Filho Menino em seus braços, com
o ornato de manto, & coroa; a sua estatura saõ tres palmos & meyo.

He muyto para admirar a fervorosa generosidade, com que aquelles
pretinhos servem à sua Senhora; pois sendo pobres, & cativos, & não tendo
nada, que possuam, para servirem, & festejarem à Senhora o fazem com
tanta grandeza, que em tudo excedem aos brancos, esmerando-se muyto
em levar a vantagem a todos os mais; fazem a festa da Senhora em huma
das oytavas do Natal pelas rasoens referidas & com tanta alegria, & com
tantos instrumentos dos que elles usaõ a seu modo, que he muyto para ver,
& tambem para admirar os seus grandes festejos, que parece que só nisto
cuydaõ; & nesta grande alegria se reconhecem as maravilhas de Deos, &
os favores, & mercès da Maria Santissima, pois faz com a sua devoção
alegrem tanto os seus pretinhos, que parecem huns doudos de contentes.
Não me constou o anno em que estes pretinhos collocàraõ naquella Igreja

a sua Senhora, a ella recorrem em seus trabalhos, & doenças, & a Senhora os favorece como amorosa Mãe.

T I T U L O L I X.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DA CONCEYÇÃO.

Em todas as partes são affectuosamente devotos os filhos do Serafim Francisco do mysterio do Conceyção immaculada da Maria Santissima, & assim em todos os seus Conventos obra a Mãe de Deos venerada com esta amabilissima invocação, muytas maravilhas, & prodigios. Na Villa de São Francisco tem a sua santa Religião hum Convento, & nelle he venerada como especial padroeira sua hum devotissima Imagem desta Senhora. He formada de madeyra de preciosa escultura, & primorosamente estofada. A sua estatura são quasi cinco palmos, he de grande, & rara ferosura; está collocada no Altar mór com toda a veneração. He esta Senhora buscada de todos aquelles devotos moradores com muyta devoção, os quaes em seus trabalhos, & afflições a invocaõ, & a Senhora os aliviará como amorosa, & piedosa Mãe. Festejaõ estes Religiosos a Senhora da Conceyção em o dia proprio de cyto de Dezembro.

No mesmo Convento se venera outra Imagem com a mesma invocação, com ella tem tambem os Religiosos daquelle Convento muyto grande devoção; esta santissima Imagem está collocada em a Capella do seu Capitulo, & nella he buscada dos Religiosos devotos, que receberão da liberal Senhora muytos particulares favores; porque a todos alegra, & obriga com a enchente de seus favores, & misericordias.

T I T U L O L X.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA
OLIVEYRA DE MARAPÉ.

Sobre aquellas palavras do Ecclesiastico, em que compara a Maria Santissima a hum ferosa oliveyra plantada em os campos, dizem os Padres tantas cousas de Maria, que não acabaõ de dizer: Quasi oliva speciosa in campis: dizem que he a consolação dos afflictos, o alivio dos attribulados, o refugio dos perseguidos, a Mãe dos orfaõs, & o amparo dos desamparados; porque a sua misericordia, & charidade he tão grande que a todos se estende, com oleo que se derrama; porque nenhum a chama de todos os afflictos, & perseguições; porque nella achaõ consolação, & descanso para suas almas; & São Joaõ Damasceno, o alivio de todas as molestias, a cor-deal medicina para todas as dores, & afflições do coração; porque de todas fará só a memoria de Maria. Santo Ignacio Martyr diz: a Virgem Santissima se compadeceia grandemente dos miseraveis, & os consolava em tudo o que podia, & o mesmo São Boavenura sobre o dizer o Ecclesiastico,

Math.
II. 11. 18.

que era oliveyra grande, & copada, plantada em o câmpo, que faz saudavel sombra a todos os que a ella se chegaõ: diz não he oliveyra fechada em jardim, ou Horto; porque o jardim está fechado, & debayxo do poder de seu dono: está plantada em o campo livre, & patente a todos de qualquer estado, & condição, que sejaõ, ricos, & pobres, senhores, & escravos saõ, & enfermos, a todos cobre, & a todos abriga esta femosa oliveyra de Maria; porque he taõ dilatada, que a todos abrange, & cobre a sua sombra; & assim exclama o Serafico Doutor com aquellas palavras de Christo: Venite ad me Omnes, qui laboratis. E applicando-se a Maria: diz, vinde a Maria todos os que vos achais em trabalhos, & carregados de tribulaçoens que ella vos recolherá & regalará.

Em huma enseada, que faz o rio de S. Francisco para a parte do Nascente em hum sitio bem agradável, & aprasivel, chamado Marapê, se vê o Santuario de nossa Senhora da Oliveira, situado em o mais levantado de hum monte. Deste Santuario he tradição o fundaraõ os moradores daquelle mesmo destrito, pelos annos de 1660. Não se nos refere o motivo que tiveraõ, nem a causa porque lhe deraõ o titulo da Oliveyra, que podemos crer, seria por superior destino, que sempre Deos, & sua Santissima Mãe estão cuydando do bem, & remedio de suas creaturas.

He esta santissima Imagem de escultura de madeyra, estofada, com perfeição, & tem sobre o braço esquerdo ao doce fruto do seu ventre. Tem a Senhora na mão direyta hua palma, ou hum ramalhete, & podia ser hum ramo de oliveyra para mayor demonstração do seu titulo: He a sua estatura de quatro palmos: Saõ muytas as maravilhas, que obra, & grandes os seus milagres. Entre os muytos, que referem, pessoas dignas de todo o credito haver obrado Deos pelos merecimentos de sua Santissima Mãe referirey hum que a Senhora fez a favor de huma criança que nasceo sem o exercicio de huma, & outra via necessario para poder viver. Sendo esta criança levada por seus pays com grande magoa, & desconsolação à Igreja da Senhora, acompanhados de outras pessoas, & fazendo todos oração à Senhora, rezando-lhe tambem a sua Ladainha, logo se desfez o impedimento, & começou a ter o uso de ambas as vias, sem o que não era possivel viver, & assim todos alegres lhe deraõ as graças, & voltáraõ para sua casa muyto agradecidos a Senhora.

Tem a Senhora da Oliveyra hua devota Irmandade que a serve com grandeza, & fervor, & lhe fazem a sua festa na primeyra oytava do Natal, por ser o tempo mais acomodado (como fica dito) para se fazerem as solemnidades com grandeza, & concurso dos devotos, que se desejaõ achar presentes a ellas, & nesta occasião he muyto grande concurso da gente que concorre a visitar, & a venerar aquella milagrosa Senhora, & se esta solemnidade da Senhora se fizesse em outro tempo, nunca se faria, nem com tanta grandeza, nem com tanta assistencia, por causa dos lodaçoens, & maos caminhos; que custa muyto o vadealos. Desta Senhora nas faz menção na sua Relação o Paroco da Freguesia de São Gonçalo, da Villa de São Francisco.

T I T U L O L X I.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES,
& DO ROSARIO, QUE SE VENERAÇÃO EM A MESMA IGREJA.

No mesmo Santuario, & casa da Senhora da Oliveyra de Marapè ha outras duas Imagens da Rainha dos Anjos. A primeyra he invocada com o titulo de nossa Senhora das Necessidades. He esta Senhora servida por uma Irmandade de que se compoem dos pardos daquelle Freguesia, os quaes a servem, & lhe fazem a sua festividade em hum dos dias do Natal do Senhor, o qual fazem com fervorosa devoção, & despeza. A segunda Imagem que tambem se venera na mesma Igreja da Senhora da Oliveyra, he invocada com o titulo do seu Rosario, a esta Senhora servem os pretos cat'vos tambem com fervorosa devoção, & festejo a seu modo: & com não menos grandeza, & despeza, com que o fazem os Irmãos pardos em a sua solemnidade. Tambem estes devotos pretinhos, fazem a festa à sua Senhora em huma das oytavas do Natal pela mesma causa que fica apontada, que como a desejam fazer com grandeza, & ostentação; so neste tempo a podem fazer. Ambas estas sagradas Imagens são de escultura de madeyra estofada, mas tão pequenas que cada huma dellas não passa de dous palmos: de ambas faz menção o Paroco da Igreja de São Gonçalo da Villa de São Francisco de mandado do Illustrissimo senhor Arcebispo da Bahia Dom Sebastião Monteyro da Vide.

T I T U L O L X I I.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DAS BROTAS DA VILLA
DE SÃO FRANCISCO, CONVENTO DOS BENTOS.

Pela terra dentro no destrito da Villa de São Francisco entra hum braço de mar para a parte do Norte (depois de fazer hua ferosa barra, & entrada na mesma Villa de S. Francisco) o qual se estende por distancia de duas legoas, até o rio de Sergipe do Conde, por entrarem no tal braço de mar as aguas deste mesmo rio de Sergipe, que he rio doce, & de muyto boa agua; & chama-se Sergipe do Conde, por correr pelas terras, que fazem a Condeça de Linhares, as quaes são hoje dos Padres da Companhia, & do Collegio de Santo Antão de Lisboa. Nas margens deste rio Sergipe se ve o Convento, & Santuario de nossa Senhora das Brotas, fundação dos Monges de São Bento, o qual fica distante da Villa de São Francisco huma legoa, & onze da Cidade da Bahia.

Quanto a Origem desta milagrosa Imagem, & de seus milagrosos principios, & do Mosteyro em que vivem os seus Capellaens, he o que agora referiremos. Antonio Pereyra Guedes nascido em Portugal (não nos constou a sua propria patria) era homem virtuoso, caritativo, & penitente, & tanto que na sua morte se lhe tirou do seu corpo hum cilicio, de que usou em quanto viveo. Era este Antonio Pereyra Guedes lavrador de Canas de

Assucar, & foreyro do Patriarca S. Bento, morador no sitio da Lage, em Sergipe do Conde, que dista huma legoa da Villa de São Francisco, & da sua barra de Sergipe outra. Era este homem casado com Maria Correa natural da Ilha da **Madeyra**, mulher nobre muyto caritativa, & virtuosa; estando Antonio Pereyra em a Cidade da Bahia (para onde se havia retirado, para remedio algum, que nelle obrasse alguma cousa contra os rigores de seus se curar) & prezo por estar doudo, & furioso sem haver medicina nem males em huma noyte em que mais atribulado se achava do seu achaque, lhe chegou à porta huma mulher pobre, ao que parecia, & pediu huma esmolla. Acudio Maria Correa a ver quem era a que pedia, mas muyto triste, lacrimoso, & desconsolada, por ver a seu marido tão maltratado, & afflicto. A fingida pobre a consolou muyto, dizendo-lhe, que senão desanimasse; porque não era nada, o que seu marido tinha; porque elle sáraria logo, se ella lhe rezasse sobre a sua cabeça as seguintes oraçoens.

Virgem das Brotas, Mãe do Redemptor, Esposa do amor day saude a este peccador.

O que faria tres vezes, ançando-lhe huma benção de cada vez sobre a cabeça, & de cada vez rezando huma Salve Rainha à Virgem Senhora das Brotas.

Foy Maria Correa para dentro muyto consolada, & alegre a buscar a esmolla para dar à pobre, & trazendo-lha logo, a não achou na escada, nem se soube para onde fora, nem quem ella era. Assustada a boa Maria Correa, comprovando já que o remedio lhe vinha do Ceo, & entrando para dentro a ver o marido, que achando-o dormindo, lhe rezou as referidas oraçoens sobre a cabeça, de que resultou, despertar o marido saõ, dizendo à mulher, que tinha sonhado que nossa Senhora das Brotas, de quem era muyto devoto, o curára, & lhe pedira que lhe fizesse huma Igreja, no referido sitio da Lagem, em que viviaõ, & tinhaõ a sua assistencia, & dando logo uniformes ambos o consentimento para se edificar a casa a sua soberana Bemfeytora: compararaõ à Ordem de São Bento sòmente a terra, que bastava para a edificação da Igreja em o sitio de hum levantado monte que distava do rio, pouco menos de cem braças, aonde lhe deraõ principio no anno de 1670. E esta foy a primeyra casa que se dedicou a nossa Senhora das Brotas o Estado do Brasil.

Não descançaraõ os devotos Fundadorès; porque logo deraõ ordem com toda a diligencia a ajuntar os materiaes necessarios para a edificação da casa da Senhora, & abrindo-se os alicerces, começou ella logo a obrar maravilhas; porque quando os estavaõ abrindo, cahio huma grande pedra sobre o Fundador Antonio Pereyra Guedes, que estava dentro nelles, tomando a altura, & examinando se estavaõ já em chaõ firme, & seguro em companhia dos pedreyros, para se tratar de encher: E quando todos cuydavaõ, que a pedra o tinha feyto em pedaços, se achou elle saõ, & livre de todo o perigo; porque a pedra como se fòsse de algodaõ nenhum damno lhe fez. Sentia já o demonio as perdas, que lhe haviaõ de resultar daquella nova casa, & porque não podia contrastar as disposiçoens de Maria Santissima, arrojava pedras, para que ellas fizessem o que elle não podia fazer; mas tambem se enganava; porque contra aquelles, a quem a Virgem nossa

Senhora âmpara, & defende, por mais que elle se disvelle, para os ostender com as suas astucias, sempre hade ficar vencido, & mortificado.

Acabada a obra, & posta em todos a perfeição, foy logo collocada na sua Igreja a santissima Imagem da Senhor das Brotas, que logo haviaõ mandado fazer os devotos fundadores da sua casa. Collocáraõ-na no Altar mór com Senhora, & Padroeira daquelle seu novo Santuario, que ella para si mandou edificar: & depois de verem de todo acabada aquella casa da Senhora, a entregáraõ por huma doação que fizeraõ à Ordem de São Bento para que os seus virtuosos Monges servissem à Senhora com seus verdadeyros Capellaens; & elles edificáraõ alli hum Convento que hoje he muyto rico; porque são muytas as riquezas, que à Senhora continuamente se offerecem.

He esta santissima Imagem de escultura de madeyra, estofada com grande perfeição, he de admiravel fermosura, & agradavel rosto, que parece estar enfeyticando a todos os que a contemplaõ: Adornaõ-na com ricos, & preciosos mantos de tella guarnecidos de ricas rendas de ouro, & com muytos laços de fitas de pezo de grande valor. Tambem se vê adornada de muyta riqueza; porque além da sua coroa, que tem duas muyto ricas ambas de prata, mas huma dellas obredourada com muytas pedras ricas, & preciosas. Nas suas festividades a adornaõ com tunica de preciosas sedas, & além da sua imperial coroa, lhe põe brincos nas orelhas, porque tem huns de preciosos diamantes, & outros de perolas, huma gargantilha de ouro esmaltada, outra de ricas perolas. No peito lhe põe huma joya preciosa que tem no meyo huma rica pedra muyto resplandecente, & outras muytas prendas, & aneis de muto preço, huns nos dedos, & outros pendentes delles. Além de outros mantos que tem, tem hum muyto rico aberto que toma todo o nicho aonde está collocada, & abayxo da joya, que tem no peyto, tem huns fios de preciosos aljofres. Finalmente são tantas as riquezas que se lhe offerecem em agradecimento dos favores, & beneficios, que continuamente reparte, que não tem numero.

A sua estatura são tres palmos & meyo, está collocada sobre huma planha, & assim parece de mais de quatro palmos, porque os mantos acompanhaõ a planha; vesse sobre hum monte muyto bem dourado, & a hum lado se vê tambem huma vaquinha deytada, dourada, & estofada, & a Senhora está com a mão esquerda aberta e posta sobre o peyto, abayxo da joya que nelle tem, e o braço direyto estendido para bayxo com a mão meya aberta, & apontando com o dedo index para a vaca, que tem aos pés; para mostrar aos seus devotos a origem da sua manifestação em a Providencia de Alantejo, quando precipitada a vaquinha de hum monte, que era o unico remedio de hum pobre Lavrador seu devoto, acabou a vida em hum Valle todo cheyo de abroteas, das quaes a Senhora tomou o nome, & a invocação, aonde milagrosamente se manifestou, resuscitando a vaquinha depois de estar com huma mão cortada, & ella começada a esfoliar; para que o pobre Lavrador não perdesse o pequeno lucro, que nella tinha, & com que de seu leyte se sustentavaõ sua mulher, & filhos; aqui pedio a Senhora se lhe edificasse naquelle mesmo lugar huma Igreja aonde ella assistisse piedosa para todos, como continuamente se está experimen-

tando em o seu Santuario que está junto à Villa das Aguias em o Arcebispo de Evora.

Na mesma fórma a Senhora das Brotas do Brasil está em hum nicho grande, ou tribuna em o meyo do retabolo, que he tudo de talha dourada, & fica sobre o Sacrario, que chega até a boca da tribuna, adornada de ricas, & varias flores artificiaes, & com preciosos cortinados, & nas fesividades se faz patente, correndo-lhe as cortinas para consolação de devoto povo, que sempre concorre; tem sempre a Senhora no nicho pendentes muytas medidas, nas quaes se debuxa o seu Santissimo nome para se darem aos seus devotos, com as quaes se obraõ infinitos prodigios, & milagres. Tambem se dà hum augmento que se faz com o azeyte de sua alampada, com o qual se faraõ infinitas enfermidades gravissimas. Tambem tem a Senhora pendentes de suas mãos muytas, & varias petições dos seus devotos, & todas sahem dellas muyto bem despachadas porque parece não estar suas mãos regar nada do que se lhe pede.

Desde os seus principios foy este Santuario da Senhora muyto frequetado dos seus devotos com novenas, & romarias, para o que ha bastantes casas de romagem, preparadas do necessario para se poder assistir nellas os dias que quizerem, com a conveniencia de estarem perto da Igreja, para as suas devotas visitas, & santas rogativas, & deprecações, que fazem àquella muyto poderosa Rainha da gloria. Tres vezes no anno he festejada. A primeyra no dia da sua Natividade, & os que festejaõ neste dia, são os pretos. A segunda no dia da Conceyção, & esta pelos pardos, a ultima em dia de Reis pelos brancos, & este he a mayor das suas festividades. Para estas festas tem tres Confrarias a Senhora das Brotas, que todas tres a festejaõ com muyta grandeza, & solemnidade; mas se a oração da Senhora das Brotas sonhada, & repetidas tres vezes, foy cura tão mysteriosa, que deu saude ao enfermo seu devoto, a reptição das tres festas dedicadas à Senhora em louvor da Santissima Trindade nos estão indicando ter muyto grande mysterio.

Fóra destas tres festas ha ainda mais algumas votivas, com Missas cantadas, & Sermoens, que por devoção, mandaõ cantar alguns devotos em gratificação de beneficios. Celebrao-se naquelle Conventos os Officios Divinos, assim nas festas, como fóra dellas com grande perfeição, & segundo os costumes Monachaes. Todos os Sabbados do anno, & dias Santos à noyte ha terço cantado, & Ladainha com oração, & huma entoação tão sonora, & agradável, que todos os que assistem na Igreja, cantão, & louvaõ à Mãe de Deos, vindo de bem longe a esta tão santa devoção; & em quanto duraõ estes santos exercicios, se estão queymando na Capella da Senhora, cheyrasas, & odoríferas pastilhas, & outros suavissimos perfumes. Daqui procede que desta continuação, & frequencia de rezar, aprendem muytos dos pretinhos ignorantes, o que não sabião, por não terem quem os ensinem. Tambem vão a assistir os devotos àquelles louvores da Senhora, com tanta devoção, que ainda que chova muyto, senão atrevem a faltar a este devoto obsequio, que fazem àquella grande Senhora.

Tem obrado esta misericordiosa Mãy dos peccadores, desde os seus principios, & continuamente obra infinitos milagres, & maravilhas; porque estando as paredes da sua Igreja cheya de muletas, fundas, mortalias, & outras innumeraveis memorias, & signaes, tudo demonstraçoens de suas infinitas maravilhas, se vem tambem muytos quadros de pintura, em que se vem delineados, & pintados os mīlagres, que tem obrado. Tudo vem a ser humas vivas, & eloquentes testemunhas, que estão publicando os grandes poderes da Mãy de Deos, & como vence, & atropella a morte, & as enfermidades; com muyta razão se pôde aqui dizer aquillo do Psalmo 117. *A domino factum est istud, & est mirabilis in oculis nostris.* Porque tudo quanto ha naquella casa, tudo são prodigios para a admiração, & milagres para o pasmo.

Passados alguns annos, estando o Sacristão mor daquelle Convento, Fr Ascenso da Assumção, em cima do Altar para vestir & adornar a Imagem da Santissima Virgem das Brotas, nas vespervas da sua festa grande de dia de Reys, indo-lhe tirando o manto para lhe por outro, cahio da mão da Senhora hum memoria de ouro, que foy dar comsigo de traz do Altar, aonde suspensa, ficou levantada do chaõ, obra de tres palmos, posta sobre humas theas de aranha. Fortes theas se viraõ então estas, que prendendo mal em outras occasioens hua mosca, nesta esteve sustentando na sua rede hum anel de tanto pezo, como ouro; mas como este ouro vinha da mão daquella soberana Senhora, porisso ficou taõ subido, & levantado nos seus quillates eterna memoria de suas maravilhas. Nisto esteve parte do prodigio; mas ainda foy muyto mayor successo para a admiração. Mandou o Sacristão buscar hum instrumento para tirar o anel das theas, em fórma que lhe não cahisse no chaõ. Estando esperando por elle encostado ao Altar, considerando no melhor modo com que o podia tirar, entrou então o moço pela porta da Capella em altas vozes publicando em tom de admirado, em que a memoria da Senhora vinha descendo pelos ares cahindo de lá do tecto da abobada, que assustado o Sacristão com o successo desta maravilha, para que melhor acreditasse o que o moço dizia, lhe cahio o anel sobre a cabeça, & della lhe cahio nas mãos, desaparecendo o que estava nas theas de aranha: de donde parece, que os Anjos fazendo graçaço, o lançárao ao ar, & com taõ medido impulso, que cahindo levemente na cabeça do Padre lhe entrasse dahi nas mãos.

Está a Senhora taõ empenhada em fazer maravilhas, por esta sua santissima Imagem das Brotas, que quando as outras Imagens milagrosas não fazem, ella parece, que se empenha toda em os fazer. Hum pobre moço, que em hum pendencia lhe deraõ com hum verdugo duas estocadas penetrantes pelo ventre, inchando todo se desinhou tanto que Sacramento, & ungido, esperava pela morte já com a mortalha à cabeceyra; assim esteve oyto dias sem falla, & sem comer mais que humas colheres de apisto, que mal podia levar. Recorreo sua mãy a Senhora da Purificação, Imagem muyto milagrosa, aquem os seus devotos, favorecidos chamaõ nossa Senhora dos Milagres pelos muytos que continuamente faz, em cuja Freguesia morava o enfermo, & hum legoa distante da casa da Senhora das Brotas.

Vendo a desconsolada mãy, que a Senhora dos Milagres não obrava algum em o seu filho, o levou à Senhora das Brotas em huma rede, & logo que entrou em terra sua, saltou fóra, fallou, & pediu de comer, & em nove dias que esteve na sua santa casa, ficou saõ, & se foy para a sua, deyxando para memoria deste tão grande milagre, a sua mortalha para perpetua lembrança do beneficio que recebera, & supposto que os segredos de Deos são inscrutaveis, quer parecer este remediar dos pobres, que pertence muyto à Senhora das Brotas; porque a sua apparição na Provincia do Alentejo assim o está mostrando; porque dando o pobre moço à Senhora huma mortalha, lhe deu tudo o que tinha, & nella lhe veyo a dar muyto.

Hum homem chamado Antonio Martins Pita, natural da Villa de Viana, foz de Lima (por antonomasia chamado o Sereno) casado com Francisca Correya Varella, natural da Bahia, estando desenganado dos Medicos, que morria em breves dias de hum grande cancro, que sobre o coração tinha já penetrante, & elle feyto já uma figura da morte, sem poder dar hum passo, lhe deu a Virgem Senhora das Brotas azas com que podesse fugir das garras da more, & tambem aos enganos do mundo, recorrendo à sua piedade de quem elle era muyto devoto. Foy este a sua Casa, & começando logo a ungir com o azeite da alampada da Senhora, sobre o cancro, em seis dias ficou saõ, & tanto, que nem signal lhe ficou, & juntamente sárrou de outros graves achaques, que padecia, sem que nelle ficasse a mais minima molestias delles. A' vista desta grande mercè que da Senhora recebeu, fez com sua mulher doação de tudo quanto tinha ao Religiosos Capellaens da Senhora com obrigação de que aquelles Reverendos Padres os enterrassem na morte, & lhe fizessem os suffragios, & tambem que lhe dessem o sustento em quanto vivessem. Grande compra fizeram estes devotos da Senhora pelos seus bens; porque tinham a Missa em casa, a confissão prompta, o comer, & o vestir certo, & forças, & saúde para se encomendarem a Deos com boas esperanças de poderem lucrar o Ceo, pois tinham o favor da Senhora a quem louvavaõ, & serviaõ; ainda no que ganháraõ na troca esteve o mayor milagre da Senhora, só por milagre succede tal fortuna; & como a Senhora das Brotas nesta sua casa he festejada dos brancos, pardos, & pretos; até huma preta nos hade referir hoje os seus milagres já que vomitando o negro da culpa se tornou esclarecida para ser ouvida de Deos.

Huma mulher, & cativa devota da Senhora, que padecia o achaque de huma postema interior, recorreo à sua piedade, mandando-lhe dizer huma Missa, & confessando-se para a ouvir, & commungando nella. Esta estando-a ouvindo, ao levantar da hostia consagrada, lhe sobreveyo huma tosse, q lhe fez lançar por vomito pela boca a postema inteira, & congelada, dentro do folle, ficando a venturosa mulher logo de todo saã, & capaz de poder commungar na mesma Missa. Já temos ouvido esta estupenda maravilha da mulher vomitando o seu achaque; porque soube vomitar primeyro o seu veneno na confissão; agora ouviremos outra, que por sonhos lhe fallou a Senhora para parir todo o seu mal.

Huma mulher tinha hum bicho no seu ventre, que muyto a atormentava, com grandes saltos, & cruéis mordeduras, sem haver remedio que a aliviasse. Sonhou esta huma noyte que lhe dizia a Virgem Senhora das Brotas, de quem era muyto devota, que se logo em amanhecendo tomasse em jejum huma porção de sumo de limaõ misturado com sal, & pimentaõ sararia. Amanheceo, & acordou a mulher, & tratou logo de fazer esta medicina, & com tanta fé na Senhora, que lhe aproveytou muyto; porque assim, que a bebeo, lhe deu o bicho no ventre taes voltas escandalizado da potagem, que a deyxou trespasada, & sem sentidos, por hum bom espaço de tempo, & tornando em si, não teve mais oppressam alguma, nem molestias no ventre. Passados porèm oyto dias, lhe deraõ dores de parir, & lançou a caveyra de hum largato, com todos os seus ossos, que foy parindo pouco, & hum a hum, os quaes se leváraõ à Igreja da Senhora das Brotas, quando a mulher lhe foy a dar as graças: tudo se poz à vista de todos para memoria de tão estupenda maravilha.

Poderosa he verdadeyramente a Senhora das Brotas: porque ainda nas medicinas da terra põe tal virtude, & efficacia, que no mesmo tempo curaõ, & mataõ; no que tragou a devota da Senhora, para a sua vida, nisso mesmo lhe aproveytou o veneno contra a sua morte. Desta mulher que por sonhos lhe veyo todo o bem, se pôde dizer, que sonhava o que queria. Era muyto da Senhora das Brotas, & a hia visitar muytas vezes, & a fazer novenas, & tão presente a trasia na memoria, que ainda dormindo a tinha no sentido retratada. Porèm agora referirey de outra mulher, que não tendo visto nunca a sua santissima Imagem das Brotas por sonhos lhe deu a Senhora medicina para sárar dos malles que padecia; desta bem se podia dizer, que sonhava só o que queria; porque a Virgem Santissima das Brotas he tam-bem misericordia para todos, que não quer só a quem a vê, porque tambem remedeia, & cura a quem nunca vio, nem visitou.

Hua mulher de parte muy distante da Senhora das Brotas, q nunca a tinha visto, nem visitado, tendo hua postema interior, sonhou huma noyte, q lhe dizia a Virgem Senhora das Brotas, q em acordando acharia na mão direyta hã raiz, & outra na mão esquerda; & q comendo a raiz da mão esquerda lançaria de si hua postema que tinha, & q comendo a raiz da mão direyta, ficaria de todo saã; e acordou a mulher, & achou tudo o que tinha sonhado, & dando à execuçaõ as medicinas da Senhora tudo succedeo, como sonhou, lançando a postema em hum folle, & assim ficou saã comendo até api da outra erva, ou raiz. Foy esta mulher visitar a Senhora, & render-lhe as graças, & a fazer o seu milagre publico com a testemunha do folle da postema, que levou, & disse publicamente com muytas lagrimas, que a Imagem com quem tinha sonhado, era aquella mesma da Senhora das Brotas, que alli via, & nunca a tinha visto, querendo, & desejando sempre ter a occasiaõ de a poder ver,* porque da sonhada à vista da que tinha alli presente, não havia defferença; porq ambas eraõ muyto parecidas.

Se houvessemos de referir os muytos, & grandes prodigios desta milagrosa Senhora, não haveria livros em que os relatassemos; mas como estes são tão notaveis, & tão estupendos me pareceo, que os não devia callar, &

assim os referi para mayor honra de Deos, & para mayor gloria de sua Santissima Mãy, & tambem para mayor aumento da devoção, dos que devotamente a buscaõ, & a servem, com ella tem todos aquelles moradores, & os mais de todo aquelle destrito muyto grande devoção, & a buscaõ com votos, & novenas, & a servem. Da Senhora das Brotas se nos remeteo da Bahia uma Relação por mandado do Ilustrissimo Arcebispo daquella Metropoli.

T I T U L O LXIII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE MONSERRATE, ERMIDA DOS PADRES DE SÃO BENTO.

Em pouca distancia do Mosteyro de São Bento de nossa Senhora das Brotas tem os mesmos Monges daquelle Santo Patriarca hum engenho, no qual tem huma Ermida para nella ouvirem Missa os que trabalham na sua fabrica; he esta Ermida dedicada à Mãy de Deos, com o titulo de nossa Senhora de Monserrate; & como estes Religiosos são em o principado de Cataluna os Capellaens, que assistem à milagrosissima Imagem de Monserrate, que se tem por Angelical, ou por obrada pelas mãos dos Anjos; com esta Senhora tem toda aquella sagrada Religião Beneditina taõ grande devoção, que raro será o Convento, aonde não haja Capella particular dedicada a esta soberana Senhora. He esta Santissima Imagem muyto venerada não só dos Religiosos, porque elles a servem com grande devoção; mas tambem de todos os moradores de todo aquelle destrito, & tanto que lhe erigirão hua Irmandade, que com muyta grandeza, & devoção a serve, & festeja.

He esta Santissima Imagem formada de escultura de madeyra; está assentada com o soberano Menino Jesus no braços, & he ricamente estofada; vesse sobre hum penhasco por aluzaõ ao Monte serrado do seu titulo; a sua altura são tres palmos & meyo. Fazem-se os seus Confrades a sua festividade a oyto de Setembro, & neste dia vão assistir à solemnidade dos Monges do Convento das Brotas, o que se faz com muyta grandeza, & toda era assim devida àquella grande Senhora, & ainda se faz mais celebre esta festividade; porque no mesmo dia se começa a fabrica, & moenda do engenho de Assucar. He este Santuario moderno; mas ainda assim, não são poucos, os que com grande devoção a buscaõ, fazendo romarias à sua casa, & assim são todos muyto fervorosos para a servir.

T I T U L O LXIV.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE DA FREGUESIA DE MATHOIM

Aqui nos he preciso voltar a traz buscar os Santuarios mais visinhos à Cidade da Bahia; porque por nos não haverem chegado as noticias de muytas dellas, nos alongamos até à Villa de São Francisco, y assim agora trataremos dos Santuarios da Freguesia de Mathoim. Fica esta distante

da Cidade da Bahia, fazendo viagem por mar cinco legoas, & por terra seis. He esta Freguesia huma das mais pequenas de todo o reconcavo; porque terá huma legoa de comprido, y meya de largo, a ella pertence tambem a Ilha de Maré, que faz de comprido huma legoa, & hum quarto de largo, he esta Freguesia já hoje muyto pobre, por se verem enfraquecidas as suas terras; a sua Paroquia he dedicada a Maria Santissima de bayxo do titulo da Piedade; he Templo grande, & feroso com tres portas, a principal, que fica ao Occidente, & duas collateraes, huma para o Norte, & outra para o Sul; tem das grades para dentro quatro Capellas; vesse fundada esta Igreja em hum agradavel, & levantado sitio, de donde se goza huma larga vista de mar. Já hoje não consta com certeza o anno em que se fundou; mas he das mais antigas daquelle reconcavo & se entende se fundaria pelos anos de 1560 & tantos, como querem alguns.

He a Padroeira, & o Orago desta Freguesia a Virgem nossa Senhora da Piedade, Imagem de muyta devoção, & obrada em Lisboa, & de excellente escultura de madeyra, vesse esta Senhora sentada ao pé da Cruz com o Santissimo Filho defunto em seus braços, & com os olhos no Ceo, como quem está entrepondo a sua pena, & angustia por aquelles, por quem seu amado Filho sacrificou a vida, & derramou o sangue, & nesta sentida postura em que se vê, está internecendo os coraçoes de todos os que contemplão a sua magoa, & angustia. A sua estatura estando assentada, são quatro palmos, que a estar em pé, mostraria a proporção de huma perfeita mulher; está ricamente encarnada, & estofada, a sua festividade se celebra na primeyra segunda feyra depois da Dominica in Albis; não tem esta Senhora Irmandade aprovada pela authoridade do Ordinario; mas como todos a amão & venerão cordialmente, assim a desejaõ servir: & assim lhe fazem huma grande celebridade, & cada hum dos que são eleytes assim o Juiz, como os Mordomos fazem grande estimação de serem nomeados, & assim concorrem com muyta liberalidade para a sua festa.

Obra esta Senhora muytas maravilhas, & milagres, & assim he muyto grande o concurso de devotos, & peregrinos, que de varias partes vem a buscar, & a venerar a esta soberana Senhora, & muytos vem a ter novenas na sua casa. Muytos são os milagres, que tem obrado, & delles referurey este. Hum homem estava aleyjado, & veyo de bem longe em duas moletas a valerse da Senhora da Piedade; na sua Igreja teve huma novena, pedindo à Senhora a sua saude, & no fim della estando de joelhos, em o degrao do seu Altar se levantou saõ, & livre da queyxa que padecia; este homem vendo-se favorecido da Senhora em acção de graças, por tão grande beneficio, suspendeo as suas muletas em as paredes daquella casa da Senhora para eterna memoria do beneficio. A' vista deste grande favor da Senhora da Piedade, outros muytos foraõ a fazer as suas novenas, pedindo-lhe nellas o remedio dos trabalhos, & queyxas que padeciaõ, & todos alcançaraõ da sua piedade os bons despachos de suas petiçoens. Da Senhora da Piedade faz menção o Vigario da sua Paroquia o Padre Joseph Martins de Sousa.

T I T U L O LXV.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DE
MATHOIM

Tem a Igreja Matriz de nossa Senhora da Piedade da Villa de Mathoim além da sua Capella mór, dentro no cruzeyro quatro Capellas, duas collateraes, & duas nos topos do mesmo cruzeyro; a primeyra Capella que he a da parte do Evangelho, he dedicada à Virgem nossa Senhora do Rosario, aonde se vê collocada a sua santissima Imagem, que he de perfei-tissima escultura, & ricamente estofada. Tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deos, & na mão direyta o seu Rosario, que está offerecendo aos seus Confrades; vesse com o ornato de manto, & coroa de prata, & tam-bem o Menino Jesus; a sua estatura são quatro palmos & meyo.

Tem esta Senhora huma lustrosa Irmandade, que se compõe dos bran-cos daquella Freguesia, a qual foy approvada com o seu compromisso; & estes seus Confrades a servem, & festejaõ com muyto luzimento, & ferve-rosa devoção em a primeyra Dominga de Outubro, & neste dia tem a Se-nhora hum grande jubileu, & para elle concorre huma grande multidaõ de gente, & tambem a visitar a Senhora; além desta Irmandade tem tambem a Senhora hua Confraria de pretos, que ainda que não estão tejaõ, e solemnizaõ os brancos, o que fazem em huma oytava do Natal. E ainda q são pobres, & cativos, nem porisso deyxão de fazer com toda a grandeza, & supposto que nesta sua festa não tem Jubileu, a sua devoção, ou santa emulação lho fará procurar, para que tambem no dia da sua particular festividade o tenhaõ, para que assim seja o cocurso igual à festa que lhe solemnizaõ os brancos.

Algumas vezes se suspendeo esta festa dos pretos, & seria porque não ajuntariaõ tudo o que elles desejavaõ para fazer a sua festividade sem nota, & diminuir-se-hia o numero dos seus devotos Mordomos; mas elles são taõ cuydadosos, y obraõ com tanto zelo que a Senhora paga do seu affecto, sempre os hade ajudar; porque elles tem para com a Senhora hu muy-to singular affecto, & devoção. Da Senhora do Rosario de Mathoim faz menção o Padre Vigario Joseph Martins de Sousa.

T I T U L O LXVI.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO AMPARO DA
VILLA DE MATHOIM.

Sobre este titulo temos dito nestes nossos Santuarios muyta cousa; mas porque não vão estes sem alguma allegoria, diremos neste aos devo-tos da Senhora do Amparo, que recoreraõ a ella sempre em os seus traba-lho, & necessidades, que em todas, ella os amparará, & de todas os livra-rá; porque não pede nada a seu Santissimo Filho, que não alcance; o que foy figurado em Esther, quando apparecendo na presença de Assuero, lhe mandou que pedisse com confiança; porque ainda que fosse ametade do

seu Reyno, lho concederia: Quid Ester Regina? Quae est petitio tua? etiam si dimidium Regni petieris, dabitur tibi. Donde tanta liberalidade, & clemencia em quem tanto se resolvêra a rigorosos castigos? A belleza, & fermosura de Esther avassallou, & venceo o soberbo coração, & esquivo Principe; competencia de rosas, & emulação de rayos pinta o texto, rosto, & olhos da fermosa Esther: Ipsa autem rosea colore vultum per fusa, & gratis, ac nitentibus oculis, & c. Donde tomou motivo Clemente Alexandrino para dizer que a fermosura, & belleza de Esther foy o preço que se deu pelo resgate do Povo; não tem que ver as prendas, & perfeições desta Rainha com a que o he do Ceo, & da terra, tanto lhe excede a Senhora do Amparo com gloriosas vantagens em fermosura, ainda exterior, quanto os rays do Sol às sombras da noyte, & assim presentando-se a cara de rosas (Circundabunt eam flores Rosarum) ante o tribunal da Santissima Trindade, como deyxará de alcançar tudo quanto pede para amparar os seus devotos. Seja pois oh devotos da Senhora esta benigna Rainha o norte das vossas acções, q por elle conseguireis tudo quanto desejais, ella vos amparará, & defenderá de todos os trabalhos, & tribulações.

Clem.
Alex 3.
Pedag.
c. 3.

Junto à Capella de nossa Senhora do Rosario se vê outra, que fizerão os pardos daquella Freguesia, & com muyta grandeza. Nella collocarão huma Imagem de nossa Senhora a quem derao o titulo do Amparo, a qual he devotissima. Está esta Senhora com as mãos levantadas; he de escultura de pedra, mas muyto linda, a sua estatura são quatro palmos y meyo; de donde, esta santa Imagem veyo, ou de donde a houverão, já hoje não consta, & assim de sua origem senão pôde dizer nada; poderia logo nos principios daquella Paroquia mandarse fazer, ou ser joya, que se mandasse Portugal, os seus Irmaos os pardos a festejaõ com muyta devoção, & a sua festividade lha fazem depois das octavas da Pascoa, & supposto que hoje se tem faltado algumas vezes, seria isto por se acharem os seus devotos mordomos com menos possibilidade; porque consta que antigamente festejavaõ com muyta grandeza; mas ainda que toda a devoção se esfria, a causa seria porque hoje se vem aquellas terras mais atinuadas, mas a Senhora do Amparo sempre he rica, & poderosa para os amparar, & favorecer. Da Senhora do Amparo faz menção na sua Relação o Padre Vigario Joseph Martins de Sousa.

T I T U L O LXVII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO CRASTO DA FREGUESIA DE MATHOIM.

No distrito da Villa de Mathoim se vem quatro Ermidas, y todas ellas são dedicadas à Rainha da gloria Maria Santissima. A primeyra que he a de que agora tratamos dista da Villa de Mathoim hu quarto de legoa, pouco mais, ou menos, he dedicada à Rainha doa Anjos com o titulo do Crasto. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, & estofada de ouro; tem sobre o braço esquerdo ao Santissimo Filho Menino: servem a esta Senhora todos os moradores daquelle distrito com muyta devoção.

& supposto não tem Irmandade formada, & approvada, com tudo tem mordomos, que se elegem cada anno, & fazem muyta estimação de o serem pela grande devoção que tem com a Senhora, a sua estatura he de tres palmos.

Quanto à sua origem, & principios, o que refere, he que pelos annos de 1680 & tantos, andava por aquelle terra hum Ermitão, o qual era muyto devoto de nossa Senhora, y trasia comsigo esta Imagem em hum oratorio com muyta perfeição, a qual mostrava, & dava a beyjar, & com ella fazia suas exhortações a todos, para que fossem devotos da Mãy de Deos, & com tanto espirito fazia isto que os afervorava muyto à sua devoção, & louvores; dizem que este devoto Ermitão era natural da Villa de Vianna foz de Lima.

Chegou hum dia este Ermitão (de quem nos não declaráráo o nome) às casas de hum senhor de engenho a pedir esmolla, o qual lhe deu, & que afeycoado à Imagem da Senhora lhe fizera huma petição, prometendo, que se ella lha despachasse, elle lhe prometia de lhe levantar hum Igreja em que fosse venerada. A Senhora parece que lançou mão da promessa, & concedeo-lhe logo o que lhe pedia, & com tão bom despacho se deu o senhor do engenho por muyto bem servido, & patrocinado, & assim tratou logo de por em execução a sua offerta, levantando no seu Altar mór, aonde he buscada de todos aquelles moradores circunvisinhos, o que fazem com grande devoção.

O titulo que esta Senhora tinha, era do Crasto(nome diminutivo de Castello; poderia haver na terra do Ermitão alguma milagrosa Imagem com este titulo, & pela grande devoção que com ella teria, mandaria fazer aquella Imagem, & dar-lhe-hia o mesmo titulo daquella mesma Santissima Imagem, que venerava, que como esta Santissima Rainha he a nossa Fortaleza, & o nosso Castelo, a quiz tomar por sua Protectora, & tambem podemos entender, que mysteriosamente quiz esta excelsa Senhora aquelle titulo para defender com elle de todos os adversarios aos seus devotos; tambem nos não constou o nome daquelle seu devoto, que lhe dedicou aquella nova casa.

Vesse esta casa fundada em hum muyto bom sitio, & he grande; porque tem tres portas de serventia, a principal fica para o Occidente, & as collaterais huma para o Norte, & outra para o Sul. O Padroeyro deste Santuario, & e seus descendentes, depois com a companhia dos devotos da mesma Senhora são os que festejaõ & servem, o que fazem com muyta grandeza com Missa cantada, & Sermão. Desta Senhora escreve o Vigario da Igreja Matriz da Villa de Mathoim, o Padre Joseph Martins de Sousa.

T I T U L O LXVIII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE NASARETH DO TERMO DE MATHOIM.

O Segundo Santuario do termo da Villa de Mathoim he dedicado à Rainha dos Anjos, com a invocação de Nossa Senhora da Nasareth; fica este Santuario distante da Villa huma legoa em os fins da Freguesia. He

este casa da Senhora moderna, porque foy fundada pelos annos de 1700 he grande, & tem tres Altares dous collateraes, & o Altar mór tem tambem tres portas, a principal para o Sul, & das collateraes hua fica ao Nascente, & outra para o Poente. He esta sagrada Imagem devotissima, tem quatro palmos de estatura, he formada de madeyra, mas de muyto boa escultura, & estofada de ouro, & tem sôbre o braço, esquerdo ao Menino Deos.

Quanto à origem, & principios desta santissima Imagem da Senhora he muyto moderna, & quanto à fundação se refere o que agora diremos. O Fundador daquelle Santuario da Senhora era casado com hum mulher devotissima de nossa Senhora de Nazareth, devoção que havia bebido com o leyte, porque desde muyto menina aprendêra tambem de sua Mãy; com esta sua grande devoção pedia, & rogava ao marido fizesse, & dedicasse à Senhora de Nazareth hum casa, & tanta diligencia fez com o marido, que o obrigou a edificar casa à Senhora: não cosnta já se a Imagem da Senhora a tinha aquella sua devota em sua casa já de muytos annos, ou se naquelle tempo em que se fazia a Igreja a mandáraõ fabricar a Lisboa; porque se entende que aquella devota mulher a teria em sua casa, & lhe ficaria por herança de seus pays.

Nos principios se festejava aquella soberana Senhora com muyta grandeza, para o que se escolhia hum dia mais particular; por ser aquelle sitio menos povoado; hoje já se tem esfriado mais a devoção antiga, & se entende ser já defunta aquella sua devota fundadora; porque já o marido juntamente Padroeyro se auzentou daquela terra; porq não tinha filhos, que o obrigassem a perseverar nella; mas a Senhora tocará a quem com a mesma, ou com muyto mayor devoção a sirva, & a louve. Da Senhora de Nazareth faz menção o Vigario Joseph Martins de Sousa.

T I T U L O L X I X

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEYÇÃO DA ILHA DE MARÈ.

A Ilha de Marè pertence à Villa de Mathoim, nesta Ilha ha dous Santuarios, & Igrejas ambas dedicadas à Mãy de Deos; o primeyro destes Santuarios, que dista da Matriz meya legoa, he dedicado à Santa Cruz, & juntamente a nossa Senhora da Conceyção, & assim se venera nesta casa com particular devoção hum santissima Imagem desta Purissima, & sempre Virgem Maria, está collocada em o seu Altar mór. He esta santissima Imagem de escultura de madeyra estofada, a sua altura são quatro palmos, está com as mãos levantadas, como se costumaõ pintar, & obrar as Imagens deste Santissimo mysterio. Celebrase a sua festividade em as oytavas do Natal, por ser o tempo mais acomodado para as assistencias; não tem Irmandade, & a sua festividade lha costumava fazer o Padroeyro da mesma Igreja, o que fazia com grandeza, & devoção.

Quanto aos principios deste Santuario, o que se refere delle, he que havia naquella terra hum homem rico, y muito devoto deste Santissimo mysterio da Senhora, & q este levado da sua devoção levantára, & dedi-

cára à Senhora aquella casa, o que se fez pelos annos de 1690 pouco mais, ou menos, porém como este faltasse, já também a devoção he muyto menor, mas a Senhora, que moveo aquelle seu devoto lhe dedicasse naquella sitio, aquella casa para della interceder por todos os que alli vivem, ella moveria a outro, & a outros, para que cuydadosamente a sirvaõ, & he certo que lhe será muyto bem remunerada a devoção com que o fizeram; porque sempre esta Senhora paga liberalmente aos que a servem. Desta Senhora faz menção o Vigario da Matriz daquella Villa de Mathoim o Padre Joseph Martins de Sousa.

T I T U L O LXX.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DAS NEVES DA ILHA DE MARÊ

A Ultima Ermida que ha na Ilha de Marê anexa à Paroquia da Villa de Mathoim, he o Santuario de nossa Senhora das Neves. He esta casa da Senhora taõ antiga, que já passa muyto alê m de hum seculo; porque se affirma ser fundada pelos annos de 1584 pouco mais, ou menos; dista este Santuario meya legoa também da Matriz daquella Villa. Está fundada em hum muyto bom, & alegre sitio, & tem a sua porta principal para o Occidente, & tem outra collateral para a parte do Sul; he esta santissima Imagem formada de escultura de madeyra singularmente setofada; tem a mão esquerda sobre o peyto, & a direyta algum tanto estendida, que como sempre está distribuindo favores, & beneficios, naquella acção mostra o seu genio generoso, & a sua liberal inclinação para com os seus devotos.

He esta Senhora muyto milagrosa, & tem obrado muytos milagres, & prodigios a favor dos que a buscaõ, & assim he a sua casa visitada de muytos Peregrinos, & Romeyros, que de continuo concorrem a veneralla, & pedir-lhe, favores, & alivios em seus trabalhos; mas como não ha curiosidade de fazer memoria de suas maravilhas, todas ficaõ escritas nos livros do esquecimento; de huma Matrona natural, & moradora na Cidade da Bahia se refere, que padeceo huma gravissima enfermidade, & que não achando algum remedio para ella nas medicinas da terra, recorrêra ultimamente às do Ceo, & que assim se fizera levar em braços aquella piscina da saude, & que posta ao pé do Altar da Senhora lhe pedira com muytas lagrimas, se compadecesse da sua pena, & da sua angustia; & como esta misericordiosa Senhora, & amorosa Mãe dos peccadores não pôde ver lagrimas sem que as enxugue a sua misericordiosa campayxaõ, alli logo lhe alcançou de seu Santissimo Filho huma perfeyta saude, que daquelle lugar se levantou saã, & sem mais alguma queyxa; & assim alegre lhe rendeo as graças, & se recolheo à sua casa.

Outras muytas maravilhas tem obrado esta misericordiosa Senhora, de que são vivas testemunhas as muytas memorias, & signaes, que se vem

pende das paredes daquelle seu Santuario, que o estão publicando copiosamente as embarcações que passam por aquelle braço de mar, que são muytas, y muyto continuas, como aquella passagem he perigosa, por fazer alli o Sul grande violencia, assim qualquer tormenta, que alli succede haver, as despedaça; mas os navegantes quando se vem nestes perigos, logo recorrem, & chamaõ a Senhora das Neves, que como he tambem Senhora dos Mares, faz que ao seu preceyto suspendaõ logo o favor das suas ondas, & assim desaparecendo as tormentas, ficaõ pelo favor da Senhora livres dos perigos, & naufragios, y com o reconhecimento do beneficio lhe vaõ logo a dar as graças, como à sua benigna benefeytora; festejaõ a esta Senhora em o seu próprio dia de cinco de Agosto, com muyta grandeza, & nesse dia tem hum grande Jubileo; & supposto que os moradores da Ilha são pobres ainda assim não faltaõ com o que podem em servir a Senhora das Neves. Della faz menção na sua Relação o Vigario da Matriz de Mattoim o Padre Joseph Martins de Sousa.

T I T U L O LXXI.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA AJUDA DE JAGUARIPE

A Villa de Jaguaripe dista da Cidade para o Occidente oytto legoas; a Matriz desta Villa he dedicada à soberana Rainha dos Anjos com o titulo, & invocação de nossa Senhora da Ajuda, & ella he o orago, & Patrona daquella Freguesia; está collocada esta Senhora como Padroeira, que he daquelle Santuario em o seu Altar mór. He muyto venerada, & formada de excellente escultura de madeyra, tem pouco mais de quatro palmos em alto; sobre o braço esquerdo tem ao Menino Deos doce fruto de seu purissimo ventre, & com os braços está carinhosamente abraçando a Mãe como quem foge para ella, & o rosto muyto risonho virado para o povo. He tida esta Santissima Imagem em grande veneração em toda aquella Freguesia pelas muytas, y grandes maravilhas, que continuamente está obrando a favor dos seus devotos.

Esta Santissima Imagem se entende foy collocada naquella Igreja no tempo em que aquella Villa se povoou, que haverá muyto mais de cem annos; tem hum muyto nobre Irmandade confirmada, & approvada pela authoridade do Ordinario, a qual serve, & festeja a Senhora com muyta grandeza, & fervoroso zelo. O dia em que se lhe faz a sua celebridade he em desoyto de Dezembro, aonde concorrem naquelle dia outros particulares mordomos, porque todos desejão servir aquella liberal Senhora, & todos querem participar dos favores, que a todos reparte, com grande amor, & que a Senhora os ajude, ampare, & favoreça.

Quanto aos seus princípios como he tão antiga, não podemos descobrir nada. Creyo pela sua perfeição, & pelo precioso do obrado assim na escultura, como da pintura, & riquissima encarnação se obraria em Lisboa,

aonde se costuma fazer tudo com muyto grande perfeição, & q desta Cida-
de iria para a da Bahia, & tambem se poderia mandar fazer pela diligen-
cia dos povoadores; quanto aos milagres que tem obrado, muytos se puderaõ
referir com extenção, se houvesse curiosidade de os escrever, mas não a
houve nunca; o Author dsta Relação nos aponta quatro, que agora refe-
rirey. He de saber, que estando já com o discurso dos annos muyto ve-
lha, & quasi arruinada aquella Igreja, se resolvêraõ os moradores da Fre-
guesia a reedificala de novo, e a fundamentis; porque assim parecia ne-
cessario vir toda a Igreja abayxo, o que assim se executou, y por remedio
se levantou hum casaraõ que se cobrio de telha, para que servisse de Igre-
ja em quanto a outra se fazia. Esta casa em huma noyte sem vento, nem
ocasião de tempo contrario se veyo toda ao cahaõ, & foi em tempo en-
que ninguem estava nella; porque se fora de dia, certamente perigáraõ
muytas das pessoas que continuamente frequentaaõ aquella casa da Senho-
ra; porque a devoção para com ella he tão grande que todos os dias a vão
buscar, & venerar.

A segunda maravilha, que se julgou por tal, foy que andando os pe-
dreyros fazendo a abobada da Capella mór da mesma Igreja, que tem de
alto cincoenta palmos, cahio hum Pedreyro, que se chamava Antonio Pe-
reyra de hum andayme abaxo, & cahio sobre hum monte de pedras de al-
venaria aonde não havia mais vaõ, que aquelle em que lhe couberaõ os
pes; porque cahio a pique com elles para bayxo, & ficou não só em pé; mas
sem lezaõ, nem sobresalto algum, que parece, que a Senhora o sustentou,
para que senaõ magoasse.

O terceyro prodigio foy, que estando-se guindando a madeyra para o
tecto da Igreja, com hum cabo, que servia de guindar, posto o ultimo pãe
em sima das paredes, se achou o fuzil da corrente quebrado por duas par-
tes, sustentando assim o grande pezo daquellas madeyras brasilicas, que
saõ muyto pezadas, & aquelles pãos, que eraõ muyto compridos como eraõ
frexas de cincoenta palmos de comprido, & hum palmo de grosso, & de
largo lavrados, & facejados, que não faz duvida, que se a corrente que-
brasse com algum daquelles pãos indo pendurados, certamente perigariaõ
quasi todos os que os estavaõ guindando ao pé do mastro; mãs como a
Senhora de Ajuda assistia também á sua obra, ella havia de livrar de todos
os perigos, aos que nella trabalhavaõ, & nella a serviaõ.

A ultima maravilha foy, que estando-se guindando-se em outra occa-
sião huma trave que tinha cincoenta & dous palmos de comprido, & palmo,
& meyo de grosso já lavrada, que era para o coro, & para se meter nos
buracos, que já estavaõ abertos; neste tempo quebrou a corrente, & ficou
sustentando o grande pezo da trave huma tenue corda de pia saba, & se
esta tambem quebrava, não faz duvida, que faria hum gravissimo danno.
Todos estes perigos de que escapáraõ os que trabalhavaõ, & serviaõ a Se-
nhora da Ajuda, foy certamente favor, & grande beneficio da sua pieda-
de; outros muytos se puderaõ referir, que omittimos. Da Senhora da Aju-
da nos fez Relação por mandado do Illustrissimo Senhor Arcebispo da
Bahia, o Vigario o Padre Manoel Ribeyro Cea.

T I T U L O L X X I I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA SAUDE DE TOJUCA

O Santuario de nossa Senhora da Saude he anexo à Igreja Matriz de Aguaripe, & se vê situado distante da mesma Villa duas legoas para a parte do Occidente, & dista dês da Cidade da Bahia. Vesse esta casa da Senhora situada junto ao rio da Tojuca de quem tomou o nome aquelle rio; a este Santuario deu principio o Capitão Amaro Carvalho, o qual pela muyta devoção, que tinha à Senhora lhe quiz dedicar aquella casa, que lhe fundou, obsequio que muyto estima a Senhora, que como he a nossa saude, sempre deseja de no la alcançar, se nós lha sabemos pedir: e esta obra se deu principio pelos annos de 1670 pouco mais, ou menos. Isto he o que o Fundador mandasse fazer a Imagem da Senhora a Lisboa, porque se fizesse com mais perfeição por se acharem naquella Cidade mayores artifices.

Esta Santissima Imagem está collocada como Patrona daquella casa em o Altar mór; a sua estatuta são quatro palmos, he obrada de escultura de madeyra de Cedro, por ser incorruptivel. Tem sobre o braço esquerdo sentado ao Menino Deos, que he a nossa saude, & remedio, & delle a alcança a nossa Misericordiosa Mãe para no la conferir, & a Senhora com a sua mão direyta o sustenta pelos pès; tem esta Senhora hum Confraria que a serve com devoção, & lhe faz a sua celebridade em a segunda oytava do Natal, que he em 27 de Dezembro, y neste dia he muyto grande o concurso de povo, que acode a venerar a Senhora, & assiste á essa festa, assim daquella Freguesia, como das circunvisinhas, & nelle vem todas a pagar os seus votos, & promessas.

Hão muytas as maravilhas, & os milagres, que tem obrado, & que continuamente obra a favor dos seus devotos; mas porque as suas grandes maravilhas não fiquem totalmente em esquecimento, apontarey algumas das que se referem na Relação, que se nos fez dellas, & seja esta a primeira. Costumavaõ os seus Confrades, para fazerem mais plausivel a sua festa, que costumavaõ fazer com grande pompa, convidar alguns cavalleyros, para que na tarde do dia da Senhora, alegrassem o povo com algumas sarreyras, & outras cousas semelhantes; no anno de 1686 obrou a Senhora a maravilha que agora referimos, & foy que correndo hum cavalleyro chamado Luis da Costa Reymão, se lhe desenfreado o cavallo em que corria, & indo correndo para hum despenhadeyro muyto alto, aonde vendo-se o cavalleyro quasi cahindo em hum profundo precipicio, chamou pela Senhora da Saude, para que lhe valesse naquella grande perigo; como lá no tempo havia feyto D. Fuas Roupinho, quando invocou a Senhora de Natividade, logo experimentou o favor da Senhora porque parou o cavallo, & o cavalleyro ficou livre, & assim ficou logo a render graças áquella excelsa Senhora; por esta grande maravilha cresceo ainda muyto mais a devoção para com os seus devotos, & se augmentaraõ os concursos, & romagens, porque todas se vão valer dos grandes poderes daquella benigna Senhora; porque to-

dos em suas graves doenças, & perigosas enfermidades, o mesmo he invocalla ou tocar a sua coroa, ou beber o azeite da sua alampada, que cobrar logo saude.

Além da referida maravilla quero referir mais seis das muytas que se vem escritas em varios quadros de que está bem adornada a casa da Senhora. O primeyro he, que no mez de Dezembro do anno de 1687 succedeo, que comendo Maria da Camara mulher do Alferes Diogo do Valle de Brito, hum pequeno peixe, se lhe atravessou huma espinha na garganta em tal fórma, que não houve remedio, entre as medicinas humanas para a livrarem daquelle trabalho; havia já oytos dias, que o padecia, & todos estavaõ já sem esperanças de que pudesse livrar; neste grande aperto se valeo dos poderes da Senhora da Saude, mandou buscar o seu azeite, & bebendo delle immediatamente lançou a espinha, & ficou livre. Este milagre se publicou no Sermaõ da sua festa.

O segundo foy, que no anno de 1699 em o mez de Outubro foy a buscar nos poderes daquelle misericordiosa Senhora Izabel Pereyra, mulher de Bartholomeu de Miranda, a saude que os Medicos, & Cirurgioens o confessavaõ já lhe não podiaõ dar; tinha esta hum cancro em a mão direyta fizeraõ-se-lhe todos os remedios, que se podiaõ excogitar, & nada bastou para conseguir a saude que desejava, nesta desesperação recorreo àquella Senhora que he a saude verdadeyra de todos os que recorrem a ella, como diz Santo Efrem: Salus firma omnium Christianorum ad aem recurrentium. Foy à sua casa a ter huma novena, & nella se untou com azeite da alampada da Senhora, com esta medicina cobrou perfeitamente saude, & em acção de graças, & para perpetua lembrança offereceo à Senhora huma mão de prata, que se vê, & se mostra naquella sua Igreja.

No mez de Janeyro de anno de 1701 foy visitar a Senhora da Saude hum Clerigo Presbitero chamado Antonio da Silva, morador no rio Perogassú onde chamaõ Tapurandê; estava este gravissimamente enfermo de hum estelicidio asmatico, para remedio do qual fizeraõ os Medicos da terra todas as diligencias, que a medicina ensina; mas nada aproveitavaõ os seus remedios; nesta desesperação, procurou os do Céu na casa da Senhora da Saude; foy buscar o Padre da Senhora com grande fé a sua casa, & nella se untou com azeite da sua alampada, & com este remedio cobrou perfeitissima saude, naquella grande queyxa, que padecia, & assim se recolheo alegre a sua casa, dando muytas graças àquella sua benigna Benefeytora.

No mesmo anno de 1701 vivia na Cidade da Bahia Francisco de Abreu, padecia este huma enfermidade mortal, porque lançava pela boca não só quantidade de sangue; mas tambem muytas materias; applicaraõ-lhe os Medicos quantos remedios podia excogitar a medicina; mas nenhum era bastante a remediar o mal que padecia; nesta desesperação se fez levar a casa da Senhora da Saude, & assim foy em romaria a pedir-lhe se compadecesse delle; & chegando ao Porto foy levado em huma rede por não poder ir pelos seus pés; & chegando à casa da Senhora, lhe pediu com muytas lagrimas, se lembrasse delle; começou a fazer à Senhora huma novena, & em poucos dias della cobrou perfeitissima saude, com admiração de todos

S. Ephr.
in laud.
B.V.

os que o haviaõ visto ir em taõ miseravel estado que parecia hia a morrer. Deu à Senhora as graças por aquelle soberano beneficio, & recolheo-se alegre a sua casa, que fica distante da casa da Senhora algumas doze legoas.

A quinta maravilha foy nesta maneyra. No anno de 1703 estava na Cidade da Bahia gravissimamente enfermo Fernando Carneyro de humas cesoens malignas, que os Medicos não podiaõ, nem sabiaõ curar; porque os medicamentos que lhe applicavaõ, nada aroveytavaõ; nesta desesperaçaõ se fez levar à piscina da saude para nella, ou morrer, ou alcançar daquella misericordiosa Senhora a saude, que desejava; foy a sua casa em romaria, ou levado com o trabalho de quem se achava taõ enfermo; posto na sua prezença lhe pedio se compadecesse delle. Deraõ-lhe a beber do azeite de sua alampada, & foy a Senhora servida, que elle lhe servisse de collirio saudavel; porque logo se despediraõ as cesoens, & se recolheo saõ perfeytamente a sua casa, dando muytas graças àquella misericordiosa Senhora da Saude.

Ultimamente em sexto lugar, deyxando outras muytas, & notaveis maravilhas, acabo com esta. No anno de 1708 em o mez de Setembro se foraõ valer da Senhora da Saude João Barbosa & sua mulher & a pedir-lhe fosse servida de lhe dar saude a hum filhinho, que tinhaõ de tres annos, o qual es quebrado, em tal fórma, que lhe haviaõ cahido as tripas, & como senaõ achasse para esta queyxa remedio, & em sugeyto taõ tenro, padeciaõ huma grande desconsolaçaõ, & assim se foraõ a valer dos grandes poderes daquella misericordiosa Senhora, que compadecida das suas lagrimas, lhe alcançou para o filhinho saude taõ perfeyta, que ficou sem que mais se lhe visse rasto do muyto que havia padecido: o remedio, que lhe fizera, foy untarem-no com o azeite da alampada, este saltou, & fortaleceo de forte aquellas tenues redes, que nunca se lhe vio sinal do que havia padecido; deraõ as graças à Senhora, & se recolheraõ alegres para sua casa. Muyto mais pudemos dizer dos grandes prodigios que esta Senhora obra. Della nos fez relaçaõ por mandado do Illustrissimo Arcebispo da Bahia o Vigayro de Jagoaripe o Padre Manoel Ribeyro & Cea.

T I T U L O L X X I I I

DA MILAGROSA IMAGEM DA MADRE DE DEOS DA ILHA DE CURURUPEBA NO BOQUEYRÃO

Sete legoas da Cidade da Bahia, para a parte do Norte, em o Recon-cavo da mesma Bahia, ha huma Ilha, a quem daõ o nome de Cururupeba, nome que lhe impuzeraõ os Indios. Vê-se povoada de moradores ricos, & abundantes. Nesta Ilha pois se levanta hum monte muyto fresco, & alegre, cujas raizes, & fundamentos banha o mar o qual como hum grande rio se estende em varios braços pelo mais Recôncavo. No cume deste alegre monte se ve edificada a casa da Madre de Deos, que he monte altissimo, & mais alto, que todos os montes da santidade, & virtudes, como diz São João Damasceno. Esta casa dedicou, & fundou á Mãe de Deos o devoto

Damas.c
Orat. 3.
Nativ. B.
Már.

Presbytero Manoel Rodrigues pelos annos de 1679 ou 80, & pela grande devoção, com que amava a Senhora, quiz naquella sitio dedicar à Rainha dos Anjos outro Altar, ou formar huma copia do Santuario da milagrosa Imagem da Madre de Deos de Lisboa, desejando que assim como esta Santissima Imagem he o feytiço da Corte de Portugal, o fosse tambem aquella Senhora da Corte da America, ainda que della distava sete legoas.

Ve-se esta Igreja com a sua porta principal fazendo frente ao Occidente, & cercada de tres alpendres, que a abraçam, & sobre elles duas varandas com quatro tribunas para a mesma Igreja, & com duas fermosas, & levantadas torres. He este Templo hoje Paroquia, que erigirão depois os moradores daquella Ilha pela grande devoção, que todos tem com a Senhora. Ve-se tambem esta Igreja cuberta de rica talha, & preciosamente dourada, & adornada de ricas pinturas. O tecto se ve pintado excellentes, & do arco para dentro, que tambem está cuberto de talha, tudo he ouro. O retabolo, que he de maravilhosa traça, he de perfeytissima architectura. Tem no meyo huma como lapa verdadeyra, aonde se vê reclinado em hum berço, & da outra parte seu Esposo o Senhor S. Joseph. E he muyto para admirar a devota inclinação, com que a Santissima Mãe tem empregada a vista no Santissimo Menino, que vê recém nascido, roubando a todos o coração a grande humildade, que mostra, & a sua grave, & magestosa fermosura, que parece ser obrada de poucos dias. Ambas as Imagens tem preciosas coroas. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra; mas parece que só os Anjos podiaõ expressar tanta beleza.

A devoção, que todos tem com esta soberana Senhora, he muyto grande; porque não só de todas aquellas Freguesias circunvisinhas, mas da mesma Cidade da Bahia, & de outras partes mais remotas concorrem muytos em romaria a visitar aquella grande Senhora a Mãe de Deos, & tambem ajuda muyto o alegre, & vistoso daquelle sitio; porque d'elle se estão vendo oytto Ilhas, que lhe ficam defronte, & a navegação de muytas embarcaçoens de varias formas, & grandezas, que discorrem por todo aquelle Reconcavo.

O Arcebispo daquella Diocese D. Sebastião Monteyro da Vide, he notável a devoção, com que por muytas vezes vay buscar aquella Senhora, & assim tem despendido muyto em seu serviço, fazendolhe grandes obras, & dando-lhe ricos ornamentos. Todos concorrem com muyta devoção aquella Piscina da saude, aonde são continuas as romagens, & novenas, & aonde huma vão pedir a saude, de que necessitaõ; outros o alivio de seus trabalhos, & tribulaçoens; & outros sumamente agradecidos lhe vão dar as graças dos seus votos & promessas, que em seus trabalhos, & afflicçoens lhe prometteraõ. E a Senhora para abonar a grande fé, com que de todos he buscada, & venerada, está continuamente alcançando para elles todos os despachos das petiçoens, que lhe fazem; o que se está vendo nos muytos milagres, que naquella Casa obra a poderosa mão de Deos, & se vem pender das paredes daquelle Santuario, de que pudemos fazer huma copiosa relação; mas creyo que não faltará lá sugeyto, que descreva como merce a historia, & as maravilhas daquella Senhora.

Festejaõ a Senhora Mãe de Deos na primeyra Oytava do Natal, por ser o tempo mais opportuno para as festividades; porque he entaõ o mais

conveniente para todos assistirem, por ser o mais enxuto. Neste dia da sua principal festa he muyto grande o concurso de povo, que concorre a ver, & a venerar aquella soberana Mãy de Deos, que está sempre attra-hindo a si com a sua soberana vista os affectos de todos de sorte, que se não sabem apartar da sua presença.

Quanto aos milagres que obra, referirey tres sómente, & seja o primeyro o que está pintado na parede da Igreja em que se vê historiado o successo, que foy desta maneyra. Fazia-se a festa da Senhora no dia em que annualmente se lhe solemniza desde os principios da sua erecção, & devoção. O que fazem os seus devotos Mordomos, que todos os annos se elegem, porque não tem Irmandade confirmada. Neste dia prégava o Padre Gonçalo Rodrigues, homem de corpo muyto avultado, & grosso; & sendo o pulpito de talha, & com bastante peso, succedeu despregarse de repente da parede, em que estava, a cayxa do pulpito com o Prêgador, & ficando debayxo hum a mulher chamada Isabel Correa, que julgáráo todos que ou ficava morta, ou notavelmente maltratada. Tirado de cima o pulpito, se levantou a mulher sem que padecesse molestia alguma, como senão tivera cahido sobre ella peso algum, & da mesma sorte tambem o Prêgador ficou sem padecer algum danno. Foy este milagre hum a pregação muyto eloquente das maravilhas, & poderes da Madre de Deos & com a noticia do prodigio, precedendo a justificação ordinaria, & necessaria se mandou pintar pelo Ilustrissimo Arcebispo Dom Sebastião Monteyro da Vide, visitando aquella Paroquia no anno de 1704 & desde então até o presente se começou a frequentar com muyto mayor devoção aquelle Santuario da Mãy de Deos.

Seja o segundo milagre, que a Senhora obrou em Agosto de 1713 em hum homem do sitio das Pindobas daquelle Reconcavo, o qual está vivo. Este estando desconfiado dos Medicos, por terem esgotado nelle as med-
cinas, em hum a doença de gotta artetica, ã padecia com excessivas dores cõtinuamente. Estando este já prostrado das forças, & aleyjado das pernas pela malignidade do achaque, & suppressão dos membros, que a penas podia dar hum passo encostado em duas moletas, que punha debayxo dos braços. Neste estado tão miseravel, em que aquelle pobre homem se via, se foy valer da Madre de Deos, buscando nella a medicina do Ceo, visto que a da terra lhe não aproveytava aonde untando-se com o azeite da alampada da Senhora as pernas, & partes dolorosas, & tolhidas, começou a fazer a sua Novena com muyta fé, & devoção acompanhada de lagrimas. Nos primeyros dias experimentou o maravilhoso effeyto dos poderes da Senhora; porque desapparecêrao as dores antes de acabar a Novena, & proseguindo mais em hum dos dias della, estando diante do Altar da Mãy de Deos de joelhos, como podia, & lho permittia a sua devoção, se levantou saõ, sem dor, nem impedimento algum; escusando já as moletas, quando até alli não podia dar hum passo. E assim foy correndo para o Altar da Senhora, aonde lhe offereceo as moletas para memoria de tão grande beneficio, de que foraõ testemunhas muytas pessoas fidedignas, que se achá:ão presentes.

**Dam
Orat
Nativ
A**

A terceyra maravilha he o prodigio, que novamente obrou a Senhora em Fevreyro de 1714 á vista de muytas pessoas, & do mesmo Arcebispo o Senhor Dom Sebastião Monteyro da Vide, que se achava então naquella Igreja da Madre de Deos por sua devoção assistindo á obra de hum torre, que havia mandado fazer, & acabar. Estando pois na tal torre trabalhando com os mais officiaes hum Preto Pedreyro, por nome João Melique, escravo de Joseph Quaresma Mestre Pedreyro; cahio da torre abayxo de altura de quarenta & cinco palmos, que vendo-o cahir o Arcebispo, & varias pessoas seculares, & Sacerdotes, que com elle estavam, julgáráo todos que ficaria morto da queda, ou feyto em pedaços. E acodindo-lhe todos, & para o confessar, ou lhe apertar a mão hum Religioso Carmelita, estando todos assustados pelo successo, & sentidos. Eis que logo se levantou o referido Preto do chão sem molestia alguma, ou macula; reconhecendo todos evidentemente o manifesto milagre da Mãe de Deos, como dando a entender a todos que quem trabalhava em seu serviço, o havia ella de defender de todo o perigo. Logo por mandado do mesmo Arcebispo se mandou pintar este prodigio, que se acha historiado, em hum quadro, para se fixar na parede da Igreja para perpetua memoria. Outros muytos milagres se referem na relação, que nos mandou dar o Ilustrissimo Arcebispo, que deixo de referir; porque estes bastaõ, para que se conheça a grande piedade da Mãe de Deos, para com todos os que com devoção a buscaõ, & a servem. Esta relação nos deu o Paroco daquella Igreja o Padre João Rodrigues de Figueyredo por mandado do Ilustrissimo Arcebispo Dom Sebastião Monteyro da Vide.

T I T U L O L X X I V

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO LORETO DA ILHA DOS FRADES

Por vezes temos tratado dos principios, & milagrosa origem da Senhora Lauretana, como se pôde ver com os primeyros tomos destes nossos Santuarios; o que não repetimos aqui. Tratamos agora da Senhora do Loreto da Ilha dos Frades, por ser Santuario de grande devoção em o Arcebisado da Bahia de Todos os Santos. Esta Ilha dos Frades dista da Cidade da Bahia sete legoas para a parte do Norte, & chama-se dos Frades: porque nos principios do descobrimento do Brasil, dando á costa em aquelles mares hum navio, huns Religiosos, que nelle hiaõ, & que haviaõ escapado do naufragio, fiados em que por Religiosos não receberiaõ dano; mas escapando da tyrannia do mar, não escapáraõ dos dentes dos Gentios, os quaes costumados á crueldade, & exercrando vicio de se comerem huns aos outros, os comeraõ, & meteraõ em seus ventres. E daqui nasceu o titulo, que deraõ á Ilha.

Em huma ponta desta Ilha se vê fundada a casa da Senhora do Loreto, & seu milagroso Santuario: ve-se edificada sobre hum penhasco, ou caes obrado pela natureza, aonde bate o mar salgado do boqueyraõ, por onde entraõ, & sahẽ as embarcações do Reconcavo, o qual sitio, &

entrada se faz mais celebre, & estimado pelo alegre, & largo da sua vista, & pelo delicioso do seu terreno. Ve-se esta casa, & Santuario da Senhora situado com a porta principal para a parte do Oriente.

Dedicou esta Igreja à Senhora do Loreto por especial devoção, que tinha para com ella, hum Francisco da Costa, que era o senhor daquella Ilha, ou daquellas terras, o que fez pelos annos de 1645. Era este homem devotissimo da Senhora, & em quanto viveo a servia com grande zelo, & fervorosa devoção, & na morte se mandou sepultar á vista da sua benigna Protectora. Desde os principios, em que esta Santissima Imagem foy collocada naquella Igreja, começou logo a obrar muytas maravilhas, & milagres, & á fama delles se começáraõ a ver grande concurso, de romeyros, que de varias partes concorriaõ a venerar a Senhora, & a buscar na sua intercessão o remedio de suas necessidades, & trabalhos, & de suas enfermidades, & doenças. Alli na casa da Senhora vinhaõ ter as suas novenas, & a fazer as suas rogativas.

De suas maravilhas, referirei humá sómente, & foy, que navegando em hum occasião com varios passageyros Antonio da Cruz hum Preto forro, que era senhor do mesmo Barco, no qual andava aos fretes. Este chegando perto do Santuario da Senhora do Loreto, lhe deu repentinamente hum temporal tão rijo, & huma tempestade de vento, & agua tão forte, que logo lhe virou o barco, em cujo perigo, & grande sobresalto ou temor de todos se affogarem gritáraõ, & chamáraõ pela Senhora do Loreto, pedindo-lhe que lhes valesse. Logo immediatamente á invocação do seu Santissimo nome cessou a tempestade, & logo se viraõ todos livres do perigo, & o barco se vio direyto, & recuperado. Isto mesmo se acha escrito em hum quadro, que em acção de graças por tão grande beneficio offerecêraõ á Senhora, obrigados por tão grande beneficio. Na mesma Igreja se vem outras de varias mercês, & maravilhas que a Senhora tem obrado a favor dos seus devotos, livrando-os de grandes perigos.

He esta Santissima Imagem da Senhora do Loreto de estatura de quatro palmos & meyo, he de escultura de madeyra estofada de ouro, & ve-se sobre huma peanha de menos de meyo palmo. Está com as mãos levantadas & com huma coroa de prata na cabeça, & com o adorno de hum manto de seda, ou de tela. He tão grande a devoção, que os moradores daquella Freguesia da Madre Deos (aonde he annexa esta casa da Senhora do Loreto) lhe tem, que não só humá vez a festejaõ, mas duas, & com muyta grandeza; & além destas lhe solemnizaõ outras os seus devotos, em acção de graças de varios favores, que della recebem, & desta sorte obrigaõ a Senhora, que sempre a achaõ propicia em seus trabalhos, & necessidades. Não tem esta Senhora Irmandade approvada, tem Mordomos, que se elegem todos os annos, & todos a desejaõ servir, & empregarse nos seus obsequios. As suas festividades, se lhe fazem em os dias da festa do Natal do Senhor, por ser o tempo mais accomodado para ellas. Desta Senhora faz menção em a sua Relação o Paroco da Senhora da Madre de Deos, o licenciado João Rodrigues de Figueyredo.

TITULO LXXV

DA IMAGEM DE N. SENHORA DA CONCEYÇÃO QUE SE VENERA
NA MATRIS DA MADRE DE DEOS.

Voltando outra vez á casa da May de Deos, que he a Paroquia da
Iha de Cururupèba, devo dar noticia das mais Imagês que nella ha, &
que são veneradas, & servidas com myta devoção. E a primeyra, de que
devo tratar, he a Imagem de nossa Senhora da Conceyção, aqual se ve-
nera em hua Capella collateral do seu cruzeyro. Das Imagens da mes-
ma Senhora se veneraõ na mesma Capella, a Senhora da Conceyção he a
Padroeira della, por ser a mais antiga, & assim della devemos tratar em
primeiro lugar. He esta Santissima Imagem taõ pequena, que não chega
a ter palmo & meyo. Mas para com ella tem todos muyto grande devo-
ção. A cabeça, & as mãos são formadas de marfim, & os mais corpo de
escultura de madeyra, está com as mãos levantadas, como ordinariamen-
te se costumaõ obrar as Images desta Purissima Senhora. Não consta já
o tempo, em que se collocou naquella sua Capella, mas entende-se que se-
ria pouco depois que aquelle devoto Padre Manoel Rodrigues dedicou a
Senhora Mãe de Deos aquella casa, aonde elle exhortaria a algumas pes-
soas devotas dedicassem á Senhora aquella Capella, & nella a colloca-
ria o mesmo venerando Padre; ou tambem elle a teria em o oratorio da
sua casa, & por devoção, que teria á mesma Senhora desejando-a ver
com mais veneração, lhe faria aquella sua Capella.

Antigamente serviaõ, & festejavaõ esta Senhora pessoas de toda
que a serviaõ, & os mãos com o seu favor se emendariaõ em bõs procedi-
a sorte bõs & mãos; os bõs adiantaria a Senhora na sua bondade pelo,
mentos, & em vida perfeyta, & honesta, assim os homes, como as mulhe-
res. Depois se emendou isto, & se poz em melhor fórma; porque já hoje
não servem á Senhora se não mancebos solteyros, & honestos, & moças
donzellas, & estes que hoje servem á Senhora da Conceyção, o fazem
com muyta perfeção, & grandeza; porque o fazem com grande appa-
to, & ornatos. E no dia da sua festividade o fazem, tanto o Senhor ma-
nifesto. Esta celebridade lhe fazem na terceyra Oytava do Natal. Não se
recierem milagres particulares; mas a grande devoção, com que he ser-
vida, tenho eu por hum grande milagre, que obra continuamente. Da
Senhora da Conceyção faz menção o Paroco da Madre de Deos, o Padre
João Rodrigues de Figueredo na sua relação.

TITULO LXXVI

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO, QUE
SE VENERA NA MESMA IGREJA.

No referido altar de nossa Senhora da Conceyção da Paroquia da
Madre de Deos na Iha de Cururupèba se vê collocada á mão direyta da
mesma Senhora da Conceyção outra Santissima Imagem da Rainha dos

Anjos, a quem dão o titulo do Rosario, que he muyto linda. He formada de escultura de madeyra, cuja estatura são tres palmos & meyo. Tem sobre o braço esquerdo ao Santissimo Filho Menino, & na mão direyta hum Rosario, como offerecendo-o aos seus devotos Pretinhos, que a servem. Está com o ornato do manto de seda, & coroa imperial de prata, & ricamente estofada. Esta Senhora não he menos servida, & festejada pelos seus Pretinhos escravos daquelles moradores: porque ainda que são tão pobres, como cativos, se esmeraõ muyto em festejar com todo o empenho a sua Divina Protectora; o que fazem em hum dia Santo do tempo do Natal do Senhor, conforme a occasião, & segundo a licença do Paroco.

Não ha entre estes Pretos Irmandade mais que huma grande devoção, que ha muytos annos tomáraõ, & a tem muyto bem assentada em seus corações, & assistem com tanto cuydado, como se fosse Irmandade approvada. Elles foraõ os que mandáraõ fazer a Imagem da Senhora, & collocáraõ naquella Capella, & a servem na mesma fôrma, que o fazem os devotos da Senhora da Conceyção. E com tão grande fervor se unem a esta sua devoção, que he muyto para admirar: pois, não sendo Irmandade approvada, como são outras, vencem as q o são com a grande devoção, com que o fazem. Sendo a devoção dos Pretinhos tão grande, como fica dito, não consta que a Senhora do Rosario obrasse particulares milagres. Mas eu tenho por hum grandissimo milagre da Senhora o grande fervor, que mostraõ no seu serviço, & assim creyo que a Senhora faz grandes favores aos seus Pretinhos, & que em qualquer afflicção, ou trabalho, em que se acharem, os aliviará, & favorecerá, como amorosa Mãe, que he de todos; porque a ninguem exclue, & desampara. Bom será que elles cuydem muyto de a servir. E para que vejaõ o muyto, que a Senhora do Rosario favorece aos seus devotos, & aos que com devoção resão o seu Rosario, ouçaõ este exemplo admiravel.

de Belem pario ao Verbo Eterno. A qual não se despresando de exercitar o officio da Parteyra, (como da sua Deosa Diana fingirão os Poetas que a presidia aos partos, & recebia em suas mãos as creaturas) recebeu a Virgem Sacratissima o menino nas suas, & o purificou das immundicias

Referem o Padre Frey Joaõ do Monte no seu Marial, & Fr. Francisco Mexia no livro, que escreveu do Rosario, que em Galliza houvera hua Matrona chamada Dona Luiza, de sangue illustre, mas mais illustre pela grande devoção, que tinha a Maria Santissima, cujo Rosario resava devotissimamente todos os dias. Casou esta Senhora segundo a sua qualidade não longe de Granada, & andando o tempo, em hua entrada que fizeraõ os Mouros, resistindo os Christãos, foy morto o marido, & ella foy cativa de hum Mouro de má condição, que a fazia as suas escravas, dando-lhe má vida. Estava esta Matrona pejada, quando a cattáraõ, & chegando-se o tempo do parto, apertando-a as dores, se acolheu ao seu antigo refugio da devoção da Virgem Maria & do seu santissima Rosario. E não tendo lugar mais accomodado para parir, entrou em hua estrebaria, que a devoção da cativa converteu no estabulo da

Balem. Porque illustrado aquelle lugar com Divinos resplendores appareceu nelle a Santissima Virgem Maria no mesmo dia em que no portal do parto com indisivel amor, & clemencia. E havendo-se de regenerar aos oyto dias aquelle infante nas aguas do Bautissimo, o mesmo JESU Christo appareceu visivel, vestindo de Pontifical, como Summo Sacerdote, acompanhado de muytos Anjos, o qual em lugar da tiara trasla de espheros, para ser conhecido, & nas mãos o Santo oleo; o qual o bautizou, & lhe poz o nome de Mariano, avinculando ao nome a memoria do beneficio, que pela Virgem Maria recebia. E exhortando a devota cativa a perseverar na devoção de sua Mãe, & a levar com paciencia os trabalhos do cativayro com a esperanza de que depressa teria fim, despedio-se com isto a Santissima Virgem, & seu amado Filho, deyxando a cativa rica de consolações, quando estava tão pobre de soccorro humano, a qual não tendo aonde reclinar ao seu tenro filho, o reclinou em hua mangedoura, externeçada com a memoria do outro ditoso Preseplo, em que a Virgem Santissima reclinou ao Menino Deos nascido.

Passarão os quarentas dias, que vão do Natal (que foy tambem o do nascimento do menino) até a Purificação, cuja festividade quando com mais devoção estava celebrando a piedosa cativa, não pouca afflicta com os trabalhos de criar ao filhinho, lhe appareceu hum formoso mancebo, que a convidou para ir á Missa. A que ella respondeu que estava em terra de Mouros, & o mancebo pegando-lhe pela mão, a levou consigo, tirando-a daquella terra, & a poz em hum fermoso Templo ricamente adornado. Acompanhou-a até o Altar mayor, aonde achou a Virgem Maria com hum rico sitial, com magestade de Rainha. Mandou-a a Senhora assentar ao seu lado & disse-lhe que aquella festa se fazia por ella. Sahio a Missa, que se celebrou com grande solemnidade, & admiravel musica da Capella dos Anjos. Disse-a o Senhor JESU Christo, & os doze Apostolos erão os que lhe assistião, como a Summo Pontifice, & tambem forão os Ministros que o servião. Chegou o tempo do Offertorio, & a Senhora convidou a sua serva a que fosse a offerecer. Respondeu a Cativa que não tinha nada. A senhora lhe deu então hum cirio de cera fermosissimo, do qual sahiao quinze luzes, que erão os quinze mysterios do Rosario, que com tanta devoção costumava resar. E a Virgem Senhora tomou a menino dos braços da Mãe, & forão offerecello ao Altar. A Virgem Santissima offereceu o menino, & a cativa o cirio. Feyta esta cerimonia, a mandou a Senhora beyjar primeyra a mão do Preste, porque era a festa sua. E vendo que ella recusava com profunda humildade, finalmente houve de obedecer, & beyjar primeyro a mão a Christo Senhor nosso. Voltaraõ-se ao seu sitial, & a Senhora deu o melhor lugar á sua devota, dizendo-lhe que assim honrava ella aos seus devotos. Acabou-se a Missa, & tomada a benção do Preste, ou do Senhor Celebrante, a Senhora a exhortou a perseverar na sua devoção, & a alentou com a esperanza de que brevemente se acabariaõ os seus trabalhos. E tornando a guialla o Anjo, a poz em sua casa, como antes estava.

Perseverou a devota cativa na sua devoção, até que hum dia estando

refando, adormeceu com o seu filho nos braços, & despertando, achou que a havião posto na sua terra em a Igreja de Santiago. Amanheceu, & reconheceu ser assim. E vendo-a a gente, reconhecêraõ a maravilha, & deraõ muytas graças a Deos, & a sua Santissima Mãy. Todo este successo referio a cativa, & em reconhecimento da merce recebida se recolheu em hum Convento, aonde viveu, & morreu santissimamente, achando-se a Virgem Senhora á sua cabeceyra, alentando-a naquella apertada hora, até que entregou a alma nas mãos da mesma Senhora, que a levou ao Ceo, & a apresentou a seu Santissimo Filho. O menino Mariano, que havia mamado assim no leyte, como na doutrina a devoção da Virgem Santissima, proseguio nella, & retirou a hum desterro, aonde viveu santissimamente, & fez Deos muytos milagres, por sua intercessão, & ultimamente com a fama de sua santidade se publicárao as grandes merces, que o Senhor faz aos aos que são devotos de sua Mãy Santissima.

Vejaõ agora os Pretinhos cativos o muyto que lhes importa ser muyto grandemente devotos desta liberal, & excelsa Senhora, que com tanta grandeza sabe pagar aos seus devotos os serviços, que lhe fazem, & o amor com que a servem; como fez a esta sua devota, que estava cativa entre os Mouros, livrando-a do cativeyro. Perseverem constantes em a servir & saybaõ que para a Senhora o mayor serviço he guardar pontualmente os Mandamentos da Ley de Deos, ser muyto humildes, ter muyta paciencia, & resar a Senhora o seu Rosario com muyta devoção, porque se assim o fizerem, os virá buscar na hora da morte, & levará as suas almas ao Ceo. Da Senhora do Rosario faz menção o Paroco da Madre de Deos da Ilha de Cururupêba, o Padre Joaõ Rodrigues de Figueyredo

TITULO LXXVII.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DO ROSARIO, QUE SE
VENERA NA ERMIDA DE SANTO ANTONIO DA SUA ILHA
JUNTO Á DOS FRADES

Falando o Profeta Jeremias nos seus Threnos dos Nazarenos daquelle Tempo, diz huas mysteriosas palavras, que em tudo parece que convem aos devotos de Maria nossa Senhora. Diz o Profeta que os Nazarenos são mais brancos, que a neve, mais resplandecentes que o leyte, & mais claros que o marfim antigo, & mais fermosas que a saffira. Desta sorte podemos dizer que são os devotos de Maria, ainda aquelles que são Pretos na cor. São estes chamados verdadeyramente Nazarenos, que he o mesmo que floridos, ou para melhor dizer flor do Ceo, & da terra. Os floridos da Igreja Militante, & Triunfante são os que florecem em virtude, & santidade em sabedoria, & letras, em nobreza, grandeza, & bes temporaes, & eternos. Chamão-se pois com toda a razão os devo-

Jeremias
caO, 1

tos da Rainha do Ceo floridos; porque seu Santissimo Filho Christo nosso Senhor se chama Nazareno, que quer dizer florido. E os devotos da Senhora, como filhos seus adoptivos, aquelles digo, que nunca faltaõ a devoção do seu Rosario, estes serão semelhantes a elle, & Nazarenos, em a servir, que com a sua devoção a cercaõ, & rodeaõ. Da Senhora diz & floridos hão de ser. Tanto se paga a Senhora dos que são fervorosos a Igreja que está cercada de rosas, & açucenas do campo: Circundabant cam flores orsarum, & lilia convallium. Não diz que as rosas, & açucenas eraõ ramalhetes, que tinha nas suas mãos, nem grinaldas, que coroaão a sua cabeça; mas Rosario de rosas com extremos de açucenas, que a cercavaõ, & defendiaõ. E ainda que pareça fraca defensa e das rosas, & açucenas, verdadeyramente são muyto fortes, porque não ha muro mais forte para tudo, que a rosa, & açucena da virgindade, & pureza, & assim para significar isto mesmo se diz da Senhora nos Cantares que estava o seu ventre cercado de açucenas: Venter tuus, sicut acervus tritici, vallatus lilys, ou, como diz Santo Ambrosio munitus, defendido; que quem sabe vencer sua carne, & sabe por freyo a taõ cruel inimigo, entaõ se reconhece quem tem forte braço, & pode dizer que he mais valente, que todo o Mundo. E estas valentias faz Maria com a devoção do seu Rosario; porque com ella alcança aos seus devotos huma tal fortaleza, que não ha quem a possa contratar, nem resistir. Vejaõ agora os devotos da Mãe de Deos, assim os brancos, como os Pretos, o quanto lhes importa o terem sollicitos no serviço desta excelsa Senhora, que sabe pagar com inestimaveis beneficios, & favores todos os obsequios, & serviços, que se lhe fazem, & assim devem perseverar em a servir, & amar.

Junto a Ilha dos Frades, ha outra, a quem impuzeraõ o nome de Santo Antonio, a qual pertence tambem á Freguesia da Madre de Deos da Ilha de Cururupêba, porque fica nos seus destrito. Nesta Ilha dos Santo Portuguez se vê á beyra mar hua Ermida dedicada ao nosso grande Santo Antonio Ullisbonense, & sem duvida por causa do mesmo Santo ser collocado naquella Ermida se deve á Ilha o seu nome. A esta Ilha chamavaõ antigamente a Ilha dos Santiagos, que eraõ irmaõs, que tinhaõ este appellido, ou sobrenome, & eraõ os Senhores, ou possuidores desta Ilha, dos quaes hum delles se chamava Manoel Antunes Santiago, que parece foy o pay dos modernos, & o mais antigo de todos. Este pela grande devoção, que tinha a Santo Antonio, lhe edificou aquella Ermida naquelle sitio, que fica referido, de que ficáraõ Padroeyros seus filhos, & descendentes. Fica esta Ermida ao Norte da Cidade da Bahia, & na mesma distancia de sete legoas, cuja porta principal fica para o Oriente.

Nesta Ermida do glorioso Portuguez he muyto venerada hua devota Imagem de nossa Senhora do Rosario, porque com ella tem todos aquelles moradores muyto grande devoção. Esta Santissima Imagem mandáraõ fazer os Pretos daquelle destrito com a sua comnatural devoção para com este devotissimo titulo, & foy isto no anno de 1690 & elles a collocáraõ com grande festa naquella Igreja á mão direyta de Santo Antonio. He esta

sagrada Imagem de escultura de Madeyra estofada: a sua estatura são dous palmos & meyo. Tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deos, & na mão direyta hum Rosario de crystal, & está adornada de manto de seda, & coroa de prata imperial. E supposto que esta Santissima Imagem não he frequentada com romagens, como são outras, nem por isso deyxão os moradores daquella Ilha de a buscar com muyta devoção, & grande fé, por experimentarem nella muytos favores, & assim a festejaõ com muyta devoção.

Festejaõ esta Senhora duas vezes no anno, a primeyra festa lhe fazem os brancos moradores daquelle destrito, & Ilha; & estes o fazem no tempo do Natal. A segunda festa, que se lhe faz, he pela Pascoa, esta lhe fazem os seus Pretos cativos, & com tanta devoção, & grandeza, que não deyxará a Senhora de lhes premiar muy bem o grande affecto, como fazem, sendo tão pobres, como escravos. E como elles foraõ os que alli a collocáraõ naquella Igreja, ainda muyto mais os favorecerá a Senhora, pois foraõ os Autores da sua grande veneração. Tem a Senhora obrado muytos milagres, & maravilhas a favor dos brancos, & dos Pretos, & para manifestação das suas maravilhas referirey hua, que bastará por todas as mais para que se veja o quanto esta Senhora favorece aos seus devotos.

No mez de Dezembro do anno de 1712 estando prenhe Luzia Pereyra mulher de Domingos Lourenço, moradores na Freguesia de S. Pedro de Cachoeyra, & vindo com seu marido para aquella da Madre de Deos, & para casa de João André Miudo; succedeu com o abalo do caminho, ou com alguma pancada, que daria, morrerlhe no ventre a criança, & padecendo com este successo gravissimas dores por espaço de vinte & quatro horas, sem ter Parteyra; tendo a criança não só morta no ventre, mas atravessada, daqui julgáraõ todos os que lhe assistiaõ morreria tambem a mãy com o filho. Neste tão grande perigo se foraõ valer da Senhora do Rosario, invocando-a em seu favor com muyta devoção, lembrando-lhe que no anno antecedente havia sido sua Juiza, lhe foraõ buscar o seu manto, & tanto que lho puzeraõ em cima com devoção, & lagrimas de compayxaõ pelos apertos, em que a viaõ, a que muyto ajudava a viva fé da mesma enferma, que muyto a invocava. Tanto que lhe puzeraõ o manto da Senhora, logo sem dor alguma, & sem padecer a menor violencia lançou a criança: ficando a mãy viva, & livre daquelle grande perigo, em que havia estado, sendo que em outros partos antecedentes havia padecido dores intoleraveis. E nesta occasião, sendo muyto mayor o perigo, não sentio dor alguma por favor, & grande merce da Senhora do Rosario. Desta grande maravilha houve muytas testemunhas, y a mesma Luzia Pereyra, que ainda vive, testemunha hoje este admiravel favor, & grande merce, que a Senhora lhe fizera. Outros muitos milagres tem obrado aquella misericordiosa Senhora por meyo do seu manto, & do seu Rosario. Da Senhora do Rosario faz menção o Vigario da Igreja da Madre de Deos o Padre João Rodrigues de Figueyredo.

TITULO LXXVIII

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE DA ILHA DOS FRADES.

Tratamos aqui da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Guadalupe da Ilha dos Frades, copia daquella milagrosissima Imagem, que se manifestou nas Vilvercas no Arcebispado de Toledo, que he hum dos mayores Santuarios de Castella, aonde a Mãe de Deos, está obrando continuamente infinitas maravilhas. E hua das mayores (a meu parecer) he, que todas as Imagens da Senhora, que se venerão com este milagroso titulo, as obraõ por especial favor de seu Santissimo Filho. Na outra ponta da Ilha dos Frades (de quem já fallámos) se vê sobre hum levantado monte o Santuario da Senhora de Guadalupe, o qual monte fica da parte do Sul da mesma Ilha. Fica este Santuario com a porta principal para a barra da Cidade da Bahia, & distante della seis legoas.

Esta Casa da Senhora he muyto antiga, & assim já não ha lembrança, nem consta do tempo, em que foy fundada; mas dizem que o Fundador se chamava Domingos Rodrigues, & que era summamente devoto desta Senhora, o qual era o senhor daquellas terras. Ve-se esta Santissima Imagem collocada sobre o Altar mór, he de escultura de madeyra, & ricamente estofada de ouro. A sua estatura são tres palmos, & está sobre hua peanha cercada de Serafins com Huma Lua de prata aos pès; & tem esta Senhora hua coroa de ouro na cabeça, & na mão direyta hum scetro tambem de ouro, & sobre o braço esquerdo ao Menino Deos com outra coroa na cabeça mas de prata.

Os fundadores daquelle Santuario da Senhora de Guadalupe em os principio da sua fundação ordenáraõ que a sua festividade se lhe celebrasse em oyto de Dezembro no dia de sua Purissima Conceyção da mesma Senhora; no qual dia se lhe faz hua grande, & estrondosa festa. E além desta, que se lhe faz annualmente, lhe fazem outras muytas os seus devotos, & romeiros, que de varias partes concorrem a visitar a Senhora em acção de graças pelos favores, & merces, que della tem recebido. Sempre aquella Casa se vê assistida de devotos, & de romeiros; mas no dia da sua principal solemnidade então he muyto grande o concurso da gente, que concorre a visitar a Mãe de Deos.

Mos os muytos, & grandes milagres, que a Senhora começou a obrar nos seus principios, foraõ muytas, & grandes as offertas, que se faziaõ á Senhora; & assim se lhe fizeraõ riquissimos ornamentos, & se lhe deraõ muytas peggas de prata, que até o presente se conservaõ, & assim está enriquecida aquella Casa com muyta prata. Os seus milagres como senaõ escreveraõ, tambem os não refiro: mas he certo que tem obrado muytos a favor dos seus devotos, & ños seus principios era este Santuario muyto celebrado no Brasil. Desta Senhora faz menção o Vigario da Madre de Deos Joaõ Rodrigues de Figueyredo.

T I T U L O L X X I X

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DE
PIRAJUIA

Pirajua he hum lugar do Reconcavo da Cidade de São Salvador da Bahia, & que dista della por travessia de sete legoas pouco mais, ou menos. Neste lugar (que se comprehende com os mais do destrito da Freguesia de Santa Cruz da Taparica, ou Itaparica, & onde pertence, & donde dista tres legoas pela praya do mar) he tido em summa veneração o Santuario de nossa Senhora do Rosario, aonde a poderosa mão de Deos obra infinitos prodigios, & milagres pelo merecimentos, & invocação de sua Santissima Mãe, & por meyo da sua Sagrada Imagem do Rosario, cujos milagrosos principios, se relataõ nesta forma. No lugar de Pirajua edificou Balthasar Aranha (hum homem dos mais principaes daquelle destrito pelos seus muytos cabedaes; porque era muyto rico de bens da fortuna, que estes são pela mayor parte os que dão a nobreza a quem não herdou: & tinha tambem a administração de hua Aldea de gentios, & assim vinha a ser como Cazique, ou o principal delles) huma Ermida, que em seus principios era cousa muyto limitada, como Capella, que bastava para hum engenho, que alli tinha o referido Balthasar Aranha. Foy isto pelos annos de 1620 pouco mais, ou menos. Dedicou este homem a sua Ermida ao Mystério da Annunciação de nossa Senhora, ou da Encarnação do Divino Verbo em suas purissimas entranhas, y collocou deste Mystério no Altar da mesma Ermida hum quadro, em que se via pintado o mesmo Mystério, como adiante diremos, mas não muyto excellente, & a Imagem da Senhora da Encarnação mostra ter sinco palmos. Nesta forma passou a limitada Ermida algus annos sem argumento. Depois saindo as prayas daquelle porto hua Imagem de nossa Senhora, a quem ella mesma devia de inspirar se lhe dèsse o titulo do Rosario, porque com elle começou a ser venerada. Não consta a forma, em que appareceu, nem quem foy o primeyro, a quem se manifestou; mas tambem se soube se seria, ou viria em algum navio, que se perdesse: ou se a Senhora para santificar aquelle sitio veyo alli por ministerio de Anjos para amparo, & remedio daquelles moradores.

Hè esta Santissima Imagem na sua pequena estatura (porque não passa de tres palmos) de soberba magestade, ainda que nas cores moreninha: he de escultura de madeyra, mas de tão admiravel fabrica, & perfeição, que se duvida se nos homens houve engenho, & arte, que pudesse formar tao excellent obra. Logo que alli appareceu, se collocou no Altar da Ermida da Senhora da Encarnação: porque ainda ao presente persevera aquella Igreja com este titulo, & orago, & nella he tida esta Senhora tambem com muyta veneração, porque cõ a sua formosura a está inculando. No mesmo Altar, em que a Senhora do Rosario se collocou, persevera até o presente, & pelos da Bahia pelas muytas maravilhas, que obra; & havendo mais de setenta annos que alli foy collocada, vese hoje com tanta formosura, & graça na encarnação, & no estofado, como se fosse acabado de obrar em poucos dias. As maravilhas, que tem obrado, são muytas, &

muyto prodigiosas: & dellas referiremos algumas para maior gloria de Deos, & honra de sua Mãe Santissima, & seja a primeyra esta.

Morreu hua India Christã, chamada Maria, das que haviaõ ficado na Aldea de Balthasar Aranha, & querendo darlhe sepultura, a leváraõ á Igreja da Senhora do Rosario, ou da Ercarnação. Porém os parentes, & os mais Indios, depois de lá estar (movidos certamente por superior destino) não consentirão que ella se enterrasse, em que primeyro a lançassem ao pé do Altar da Senhora do Rosario. E tanta força fizeraõ, para que assim se obrasse, que nada bastou para os dissuadir desta sua resolução, que alguns julgáraõ por teyma de gentios: porque diziaõ que ainda não estava morta, & q esperavaõ q aquella Senhora lhe havia de dar vida, & que dalli senaõ haviaõ de tirar até q a Senhora a não resuscitsse, & lhe restituisse a vida. Os presentes julgando isto a loucura, os queriaõ capacitar com discretas razões, mas nada aproveitou para os divertir das suas esperanças. Mas he certo que os Indios nesta occasião mostravaõ ter mais fé do q elles. Vendo estes assistentes a sua constancia, o deyxaraõ por espaço de muytas horas. Neste tempo se vio a Senhora suar, & logo a defunta se moveu á vista de todos; desamortalharaõ-na, & com grande alvoroço vendo-a viva, & rescuscitada, deraõ as graças á Senhora obrada de taõ grande maravilha. Levaraõ-na para sua casa, & depois deste prodigioso successo viveu muytos annos.

O segundo prodigio seja este. Divulgando este maravilhoso successo por varias partes, chegou á Bahia, aonde se fez muyto publico em toda aquella Cidade. Vivia nella hum homem chamado Rui Carvalho Pinheiro, Escrivaõ da Camera da mesma Cidade. Ouvindo este o grande prodigio, que a Senhora obrara a favor da India, se resolveu a ir aquella Igreja, (a meu ver só movido curiosamente a examinar a verdade, & não por devoção; porque devia ter muy pouca, ou nenhuma) & a ver tambem a Senhora, & com effeyto o executou, & foy. Entrando na Ermida, vendo-a taõ pobre ficou suspenso. Posto em pe defronte do Altar perguntou às pessoas, que alli se achavaõ, (porque sempre havia gente na Igreja) se era aquella Igreja, aonde se havia obrado a maravilha, que se referia da India resuscitada. Responderaõ-lhe que aquella era a Igreja da Senhora do Rosario. E inquirindo mais qual das Images era a quem se attribuhiaõ as maravilhas, & a que havia obrado o milagre, responderaõ-lhe que a Senhora do Rosario, a de vulto, que estava no Altar. Levantando elle a mão, & apontando para Senhora, disse como se fosse Barbaro, ou como dicera um Tapuya do mato, estas palavras: Aquella Senhorinha? Mas mal acabou de as proferir, quando vio que a terra se abriu, para castigar a sua blasfemia, & o foy levando para baxo, & á vista de todos o tragou, ficando sovertido até o pescoço & aqui parou. Mas como a Santissima Virgem Maria he Mãe, não castiga para matar, senaõ para converter aos mãos na sua maldade; & assim impedio á terra que o não tragasse de todo. Vendo-se o miseravel, & barbaro peccador ir vivo caminhando para o inferno, começou a clamar á Senhora, & a pedir-lhe com vozes, & com lagrimas perdaõ; & que permitisse deyxallo vivo, para a contestar por muyto grande, & por muyto poderosa, & para reconhecer o mal, que tinha obrado, & fa-

zer penitencia da sua culpa, que fora effeyto da sua ignorancia. Estavaõ os circunstantes attonitos, & vendo-o neste estado, lhe acodiraõ a desenterrallo, rogando á Senhora que o permitisse. Tirávaõ-no vivo, & sem lesão alguma. Não me constou da sua emenda, & se o não fez, ainda ficaria peyor, do que antes era. Dizem que vivera muytos anos depois do seu successo, & se viveu exercitando-se em virtudes, & boas obras, serlhehião uteis os seus annos.

Arruinando-se aquella Igreja (que talvez seria formada de tayıpas, & cuberta de folhas de palma) com o decurso dos annos, que haviaõ passado desde o anno, em que se fundou, se reedificou outra vez de novo, & de melhor fabrica no mesmo lugar, & de pedra, & cal, ficando o frontespicio para o mar, donde havia sahido aquella preciosa Perola; porque de antes ficava com a porta para huma estrada, para a parte do sul. Ladrilhoulse todo o pavimento da Igreja, & Sachristia pelas mãos de bõs officiaes, & tudo ficou acabado com perfeçãõ. Na mudança da nova Igreja ficou a cova, que se abriu, & em que vio submergido aquelle ignorante homem da Bahia & quando se collocáraõ as Imagens Santissimas da Senhora no seu Altar, se vio arrebetar o ladrilhado da Sachristia, aonde na mudança da Igreja ficou o lugar da cova, & se vio que todos os ladrilhos se fizeraõ em miudos pedaços. Não se advertiu entãõ no que era, & assim se tornou a entulhar a cova, & ladrilhar de novo; & queria Deos para memoria, & para escarnamento de semelhantes ignorancias, se perpetuasse aquelle sinal da sua justa indicação contra os que ostentem a sua Santissima Mãe:

Outros muytos milagres pudera referir, & sem embargo que os que ficão relatados bastavaõ, ainda assim referirey mais este. O Alferes Antonio Ferreira, morador em Itaparica, estava gravissimamente enfermo, & sem esperanças de melhora; quiz ir morrer na Igreja da Senhora do Rosario, ou pedir-lhe a saude, se fosse conveniente á sua salvaçãõ. Foy, & accommodouse em hua casa junto á Igreja, aonde o levavaõ nos braços algumas vezes por sua devoçãõ. Mas, como a queyxa se aggravasse, desconfiando todos da sua vida, foy ungido pelo Padre Domingos de Figuereydo Guedes, Capellaõ de nossa Senhora. Estava já o Alferes sem falla; neste aperto, em que estava foraõ buscar hum manto da Senhora, & cubriraõ-no com elle. O contracto do manto foy hum remedio taõ efficaz para conseguir naõ só a saude, mas a vida, porque já o julgavaõ por morto. Logo começou a melhorar, & continuando com as visitas da Senhora, em breves dias cobrou perfeytissima saude. Em sinal deste milagre deyxou pendurada hua moleta, em que se firmava nos principios da doença. He Administrador, como senhor daquelle sitio, da Senhora o Padre Ignacio de Sousa & Sylvia.

T I T U L O L X X X

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA ASSUMPÇÃO, PAROQUIA DO GLORIOSO SANTO AMARO

Pelos anno de 1640 pouco mais, ou menos se levantou na Ilha de Itaparica hua Paroquia, para della se administrarem os Sacramentos aos muytos moradores, que já habitavaõ aquella Ilha, a qual foy dedicada ao glorioso

Santo Amaro. Esta Paroquia se fundou em hum outeyro, que fica no fim da Ilha, & perto da Barra do Rio Jaguaripe, que dista da Cidade da Bahia onze legoas, para a parte do Nascente do Rio de Santo Amaro; & sem duvida a visinhança deste Rio daria motivo aos Fundadores, para tomarem por Patrono ao Santo Abbade, para que os livrasse dos danos, que do seu Rio podiaõ receber.

O primeyro Vigayro, que teve esta Paroquia, foy o Padre Valerio de Freytas, Clerigo de bõs procedimentos. Não havia passado muyto tempo depois da erecção daquella Paroquia, quando foy achada nas prayas daquella Ilha, & no mesmo destrito da Freguesia hua fermosa Imagem da Mãe de Deos. Mostrando esta misericordiosa Senhora em tantas manifestações, & apparecimentos o muyto que nos ama; pois com estas visitas nos quer fazer lembrados do muyto, que lhe devemos, & do deseja sejamos verdadeyros filhos de Deos. Das prayas a leváraõ os seus venturosos inventores para a sua Paroquia, aonde a collocáraõ em hua das Capellas collateraes, e da parte do Evangelho. He esta Santissima Imagem de rara fermosura.

Tem quatro palmos de alto, & de escultura de madeyra. Está com as mãos levantadas, & chegadas ao peyto, & com algua elevação para o Ceo. Ve-se collocada em hum trono de Serafins com o ornato de coroa, & mante. He festejada em 15 de Agosto, dia de sua triunfante Assumpção. Muyto ha aqui ponderar, pois apparecendo a Senhora na praya, sem se saber qual fosse o seu titulo, inspirou nos que a descobriraõ, & collocáraõ, que o seu titulo era da Assumpção.

Foy recebido daquelles moradores este thesouro do Ceo com grande alegria, & logo se acendeu tanto em todos o fogo da devoção para com aquella Santissima Imagem da Rainha da Gloria, que todos se desejavaõ empregar no seu serviço. Porém quem mais se assinalou no serviço, & obsequio da Mãe de Deos, foraõ as Matronas daquella Freguesia; porque ellas foraõ as que quizeraõ tomar por sua conta o servilla, & festejalla, o que faziaõ naquelles principios com muyta grandeza, & despeza; sendo Juiza perpetua da sua festa hua nobre Matrona viuva, chamada Helena Ximenes, a qual em quanto viveu cuydou com grande zelo do seu culto, & da sua festividade. Depois da sua morte continuáraõ as mais, que imitavaõ muyto o grande zelo, & devoção de Helena Ximenes. E supposto que já ao presente este fervor não he taõ grande, em que os Reverendos Pãrocos poderaõ ter algua negligencia; porque a elles toca o promover a todos à devoção, & eu lhes peço que o fação porque teraõ certamente o premio da Mãe de Deos, que paga bem a todos os que a servem, & promovem a sua devoção, que toda resulta em muyto grande utilidade nossa. Da Senhora da Assumpção fazem menção o Reverendo Vigario da Vara, & o Vigario da Paroquia Joaõ Alves Correa.

T I T U L O L X X X I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO DE COLIGIPE

A Paroquia da Povoação do Coligipe he dedicada ao Arcanjo São Miguel, & dista da Cidade da Bahia seis leguas, para a parte do Norte. He o Templo desta Freguesia muyto antigo: porque se affirma ser o primeyro, ou o mais

antigo de todo o Reconcavo da Bahia. Ve-se situado este Templo do Arcanjo junto a hum caudaloso rio, a quem daõ o nome de Coligipe, & delle tomou o titulo aquella Freguesia, que he grande, & dilatada. Reedificou-se este Templo no anno de 1666 porque já por antigo, quando se dedicou ao Arcanjo, cujo anno se ignora, quasi que ameaçava ruina, & porque não succedesse quizerão reedificallo, que ficou com esta reedificação muyto perfeyto. Alguia querem que esta reedificação seja segunda depois da primeyra fabrica, & que se fundasse logo que os Portuguezes se fizeraõ senhores do Brasil. Tem a porta principal para o Occidente.

No Altar mór deste Templo se vê collocada a Imagem da Rainha dos Anjos, a quem daõ o titulo de nossa Senhora do Desterro. He esta Satissima Imagem de escultura de madeyra, & estofada: a sua altura são tres palmos tem a Senhora ao Menino Deos pela mão, & mostra fazer jornada do Egypto para Nazareth. Esta Sagrada Imagem se tem tambem por muyto antiga, & assim persuado a que seria collocada nos principios da primeyra fundação daquella Igreja.

Todos os moradores daquella Freguesia tem muyto grande devoção com aquella Senhora, & muyto mayor as moças donzellas porque estas são as suas Mordomas, & as que festejaõ a Senhora todos os annos, o que fazem com muyta devoção, & tambem com grandeza. Esta noticia nos deu o Vi-gayro João Florencio dos Santos por mandado do Illustrissimo Senhor Ar-cebispo da Bahia.

T I T U L O L X X X I I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE, DA FREGUESIA DE COLIGIPE

Na mesma Igreja do Arcanjo São Miguel no Altar collateral se vê collo-cada hua muyto devota Imagem da Mãe de Deos, a quem invocaõ com o titulo de nossa Senhora de Guadalupe. No apparecimento desta milagrosa I misericordiosa Mãe de Deos, quando se manifestou nas Vilvercas de Toledo, disse ao Vaqueyro, que lhe mereceu este favor, que naquelle lugar queria ser venerada de todo o Mundo, porque a todos os estados quer esta Soberaba Senhora favorecer, amparar, & acodir.

Diz S. Bernardo: Procuramos chegarnos a Deos, & alcançar a sua graça Bernard. por meyo de sua Santissima Mãe; pois por meyo della se dignou de nos vi- Serm. d sitar, & tomar sobre si nossas misérias. A isto nos convida esta Senhora 1, Adv. Ecclesiastico, dizendo: Transite ad me omnes, qui me omnes, qui concupiscitis me, & a generationibus meis implemini. Todos os que me desejais, & sois meus devotos de coração, (diz a Senhora) vinde a mim porque com o fruto precioso do meu ventre satisfarey os vossos gostos: porque por muyto que Ecles. desejeis, muyto mayores bes, & regalos tenho para vos dar; porque em mim 24. (diz a Senhora) está toda a graça da vida, & da virtude: In me est omnis num. 26 gratia vitae, que toda a graça do caminho está nesta Senhora. De maneyra, que, como Christo diz de si: Eu sou caminho, verdade, & vida: Ego, sum via, veritas, & vita; assim o he esta Senhora; se bem que Christo o he por natu- S virtu reza, & authoritativamente, & Maria por graça, & por especial privilegio.

Se bem repararmos quanto bem ha nas creaturas, todo o acharemos em Maria. Todas quantas verdades desejarmos saber, todas as aprenderemos da sua bocca, quantos caminhos quizermos cuydar para o Ceo, nesta soberana Senhora os encontraremos; porque em mim (diz a Senhora) está a graça de todos os caminhos, de todas as vidas: In me omnis gratis vitas, & viae. Alguia cousa boa, tem a vida dos casados, que he a paz, o amor, a criação dos filhos, o prudente governo da casa, & familia. A vida das virges tem a sua graça, o maior, o recolhimento com Deos; aquelle não ser preso o coração nas creaturas, aquelle não cuydar em outra cousa, mais que em Deos, aquella pureza, & Castidade Angelica. A vida dos Religiosos tem sua graça, que he o desprezo do Mundo, a pobreza, a humildade, o rendimento a Deos, & aos Prelados. A vida dos Anacoretas tambem tem sua graça, que he a solidão, & o retiro das creaturas. A vida dos Anjos tambem tem cada hum dos Coros a sua graça. Os Serafins a Caridade, os Querubins a Sabedoria. Os Thronos a Magestade. Os Principados o Senhorio. As Virtudes o obrar milagres. As Potestades o resistir ao demonios. Os Arcanjos saber mysterios grandes. Os Anjos guardar os homens. Pois diz a Virgem Senhora. A fermosura de todas essas flores, a graça de todas essas vidas, como hua ferosa grinalda coroaõ a sua cabeça sem o menoscabo, que se encontra nellas. Todos estes bens, & prerogativas se achão na Senhora de Guadalupe.

He esta Santissima Imagem tão moderna, que se collocou naquella sua Capella no anno de 1711. He de escultura de madeyra estofada de ouro, & a sua estatura são dous palmos & meyo; tem sobre o braço esquerdo ao Santissimo Filho Menino, & tem o ornato de coroa, & manto. He esta Santissima Imagem muyto milagrosa, & tem obrado muytos prodigios: porque tem dado saude a muytos enfermos com a applicação do seu manto. No primeyro dia, em que se collocou, fez logo hum notavel milagre, sarando repentinamente hua ferida muyto perigosa, que tinha na cabeça hua escrava do mesmo devoto, que a mandou fazer, para a collocar naquella Igreja; que parece lhe quiz pagar a Senhora, não só a despeza, que fez, mas mostrar o muyto, que sabe pagar aos seus devotos que a amaõ, & a desejaõ servir; não soubemos o nome do que a mandou fazer.

Com esta maravilha, que a Senhora fez (a que se seguiraõ outras muytas) a fazer daquella escrava, se acendeu o fogo da devoção nos corações dos Pardos cativos, que logo trarãõ de lhe erigir hua Irmandade, os quaes a servem com muyto grande zelo, & fervor; & fazem-lhe a sua festa no Domingo mais proximo ao Natal de nosso JESU Christo, que vem a ser ordinariamente a quarta Dominga do Advento, & nesse dia concorre muyta gente a venerar a Senhora de Guadalupe Della faz menção na sua relação o Vigaryo da Igreja de Coligipe Joaõ Florencio dos Santos.

TITULO LXXXIII

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DE COLIGIPE

Na referida Paroquia, que he dedicada a S. Miguel, se vê em outro Altar collateral a Imagem de nossa Senhora do Rosario, com a qual tambem tem toda aquella Freguesia muyto particular devoção, & muyto mais particular

os seus Pretinhos forros. He esta Santissima Imagem muyto antiga, porque foy collocada naquella Igreja nos principios da sua fundação. He tambem de escultura de madeyra, & estofada de ouro, & tem tambem dous palmos & meyo de alto, & tem nos braços ao Menino JESUS, & na mão direyta o Rosario. E está com o ornato de coroa de prata, & manto. Servem-na os Pretos forros com muyta devoção em hua Irmandade, que se lhe erigio pouco depois de ser collocada, se he que os mesmos Pretos, logo que a Paroquia se erigio, a não mandáraõ fazer, & a collocáraõ naquella Capella. Elles são os que a festejaõ, o que fazem com muyto grande devoção, & despeza: porque ainda que, são pobres, a sua devoção he muyto rica, & generosa. Fazem-lhe a sua Festividade na primeyra Oytava do Natal ou Nascimento de nosso Senhor JESU Christo, com Missa cantada, & Sermaõ. Della faz menção o Vigayro da Paroquia o Padre João Florencio dos Santos.

T I T U L O L X X X I V

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO AMPARO DE COLIGIPE

São João Chrysostomo diz que então são os pays verdadeyramente pays de seus filhos, quando os amparaõ, defendem, & livraõ, & quando os entregão a Deos, para que elle como todo poderoso os aparte, & livre dos precipicios do Mundo, & para que em tudo mostrem que são filhos de Deos. Isto mesmo obra a Mãy dos pecadores com os seus filhos, & com as que são seus devotos, que os entrega a Deos, para que cada dia sejam mais santos, & perfeytos; & entaõ os reconhece ella por taes, & os ama com particular affecto, amando-os como a filhos de suas entrenhas, quando os vê no coração de Deos, & muy intimos a sua Magestade. Porque como disse Theofilato, não basta que hua mãy gere, & haja parido a seus Filhos, senaõ que he necessario que os gere para Deos, & que os gere em Christo pela boa instrucção. & santos costumes, porque nisto consiste o ser mãy verdadeyra de seus filhos. E se o Apostolo diz, fallando das boas mays, & cuydadosas do aproveytamento espirital de seus filhos, que se salvaraõ pelos gerar, isto he, pela boa, & santa instrucção, com que os geráraõ para Christo, criando-os como o leyte, dos bõs costumes: Salvabitur autem per filiorum generationem, idest, institutionem bonam, já que a Virgem Maria não necessita deste titulo, para te amparar, porque tem outros, pelo menos por este terá no Ceo singularissima gloria accidental. E o seu amor he taõ crecido para com os seus filhos, que o amparallos, & salvallos tem a Senhora por salvação sua.

Na referida Paroquia de Coligipe se vê no mais alto do seu retabolo da Capella mór outra Imagem da Mãy de Deos, a quem invoção com o titulo de nossa Senhora do Amparo. Tambem com esta Senhora tem aquella Freguesia muyta devoção, & em seus trabalhos, & perigos lhe pedem os moradores os ampare, & defenda. He formada de escultura de madeyra, & está com as mãos levantadas, com que pede, & roga por todos os seus devotos: a sua estatura são dous palmos. Com esta Senhora tomáraõ muyto grande devoção os Pardos forros; elles a elegeraõ por amparo, & por sua Patrona, & assim elles a festejaõ com fervorosa devoção no primeyro dia de Janeyro.

Desta Senhora faz também menção na sua relação o Vigayro da mesma Paroquia o Padre João Florencio dos Santos.

T I T U L O L X X X V.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA GUIA DE COLIGIPE

Entre as Ermidas da Freguesia de Coligipe a primeyra, & filial da sua Matris he a de nossa Senhora de Guadalupe, de quem logo trataremos. A segunda he didicada a nossa Senhora da Guia. Dista esta Casa da sua Paroquia hua legoa para a parte do Norte, & ve-se edificada em hum sitio, a quem chamaõ Tamboatã. He muyto lindo este Santuario, porque he de fabrica moderna, & Romana, & tem a porta principal para o Nascente. Foy fundado pelos annos de 1680 pouco mais, ou menos. Não me constou quem foia o seu Fundador.

No meyo do seu Altar mór se vê collocada a milagrosa Imagem da Rainha dos Anjos, a Senhora da Guia. He formada de escultura de madeyra, tem de estatura dous palmos y meyo, & tem em seus braços ao Menino Deos, que he o nosso caminho, & o que pelos merecimentos de sua Santissima Mãe nos guia para a salvação. Não tem Irmandade; he servida por Mordomos, que annualmente a servem, & festejaõ no dia da sua Natividade em 8 de Setembro. E neste dia he muyto grande o concurso la gente de toda aquella Freguesia. Ve-se a Senhora adornada de manto, & coroa de prata. Della faz menção o Vigario da Igreja de Coligipe o Padre João Florencio dos Santos.

T I T U L O L X X X V I.

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DE GUADALUPE DE COLIGIPE

A Primeyra Ermida, como dissemos asima, & Santuario da Virgem nossa Senhora de Guadalupe da Freguesia de Coligipe, & filial da sua Matris, he esta da Senhora de Guadalupe; ve-se fundado junto ao Engenho do Capitaõ Manoel Dias Filgueyra, & na cabeceyra do rio Coligipe, & em distancia da Paroquia pouco mais de hum quarto de legoa. Fica para a parte do Sul, & a sua porta principal para o Norte.

Ve-se esta Santissima Imagem collocada no seu Altar mór; a sua estatura são tres palmos. He de escultura de madeyra estofada de ouro & tem nos seus braços o doce fruto do seu purissimo ventre. Esta Ermida he antiga, & hoje se vê reedificada de novo no mesmo sitio, em que estava. Com esta Santissima Imagem tem todos os moradores daquella Freguesia muyto devoção, y a invocaõ nos seus trabalhos. He servida por Mordomos, que annualmente são elegidos, os quaes a festejaõ na ultima Oytava do Natal, & neste dia he muyto grande o concurso do povo de

toda aquella freguesia, que vay venerar aquella misericordiosa Senhora, & dar-lhe as graças dos muytos beneficios, que della recebe. Desta Senhora faz menção o Padre Vigaryo da Igreja de Coligipe.

T I T U L O L X X X V I I .

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEYÇÃO DA
FREGUESIA DE COLIGIPE

A Terceyra Ermida da Freguesia de Coligipe he dedicada á purissima Conceição da Virgem Maria Senhora nossa. Ve-se situada este Santuario em hua Ilha, que fica defronte da Paroquia menos de hum meyo de legoa, ou em distancia de mil & duzentos passos, & tambem annexa á mesma Paroquia de São Miguel. Esta casa da Senhora he antiga a respeyto do pouco tempo da povoação daquellas terras; porque se fundou pelos annos de 1640 pouco mais, ou menos. He de escultura de madeyra, & a sua altura são pouco mais de tres palmos. Tambem não tem Irmandade; mas os seus devotos, & moradores visinhos a serem com muyta devoção, porque todos se desejaõ empregarem a servir, o que fazem no seu dia de oyto de Dezembro. E neste dia concorre muyta gente a assistir á sua festividade. Ve-se esta Senhora collocada no meyo do seu Altar mór. Della faz menção o Padre Vigaryo da Freguesia da Villa de Coligipe.

T I T U L O L X X X V I I I .

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DA
ERMIDA DE SÃO BERNARDO.

A Quarta Ermida da Freguesia de Coligipe he dedicada ao glorioso Abbade São Bernardo: ve-se este Santuario distante da Paroquia hu quarto de legoa, pouco mais, ou menos, para a parte do Occidente, em hum sitio, a quem daõ o nome do Salgado, & ve-se cõ a porta principal para o Sul. No Altar mór se vê collocada a Santissima Imagem de nossa Senhora do Rosario, que he de escultura formada em madeyra, & tem em seus braços ao delicioso fruto do seu santissimo ventre. A sua estatura são dous palmos & meyo. Os que a servem, são os Pretos cativos.

Estes Pretinhos, como são escravos, são muytos pobres; mas ainda assim a festejaõ com grandeza, & apparatus, & solennizaõ a festa da Senhora na segunda Oytaav do Nascimento de Christo. E no dia desta celebridade se achaõ presentes todos os Pretinhos, os quaes assistem á Senhora com grande devoção, & alegria, & a louvaõ com os seus costumados festejos, que he muyto para ver a alegria, com que o fazaem. O que a Senhora lhes pagará com a grande liberalidade com que o costuma fazer. Desta Senhora faz tambem menção na sua relação o Padre Vigaryo de Coligipe João Florencio dos Santos.

T I T U L O L X X X I X.

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE NAZARETH,
ERMIDA ANNEXA À MATRIZ DA VILLA DE JOAGARIPE

Em tres legoas de distancia da Villa de Joagaripe para a parte do Occidente, & onze legoas da Cidade da Bahia, se vê o Santuario de nossa Senhora de Nazareth, que fundou, & dedicou á mesma Senhora por especial devoção, que com ella tinha o Capitaõ Antonio de Brito o Velho embarcado em hua sumaca para sua casa; & trazia em sua companhia a hum filhinho de idade de seis annos: vindo este menino assentado na poppa da sumaca, deu ella com o mar hu grande balanço, & com elle cahio o menino ao mar.

Vendo o pay que o não podia socorrer, se botou ao mar, chamando pela Virgem Senhora de Nazareth, pedindo-lhe que lhe valesse, & que lhe salvasse o filho; & que elle lhe prometia que, salvando-lhe, lhe edificaria hua Ermida na sua fazenda, como com effeyto veyo a fazer. Lançando-se pois Antonio de Brito ao mar, se lançou tambem e poz elle hum seu escravo grande nadador, o qual pegando de seu senhor, o trouxe junto da embarcação. E entrando ambos nella, vio o pay ao seu filhinho já assentado sobre o camarote da sumaca, enxuto, & sem perigo: porque a Senhora o havia tirado, & livrado, muyto mais depressa daquelle grande perigo, do que o pay o imaginava. Porque não sabe esta Senhora fazer demoras em acodir aos que na tribulação a invocão. Bendita seja ella para sempre

E se perguntassemos ao menino quem sem humanas diligencias o livrara do perigo de se afogar, & o puzera outra vez dentro da embarcação, responderia que aquella Senhora, a quem os mares obedecem, & reconhecem pela sua Estrella, fora a que do perigo o livrára. Não cabia o pay com a alegria á vista de tão estupenda maravilha, como esta, que a Senhora a seu favor havia obrado, de que elle desejava desempenhar-se, dando cumprimento ao seu voto.

Tem esta Senhora Confrades, & Mordomos, que com fervorosa devoção se empregão em a servir. Festejaõ-na no dia da Purificação, & tambem os mais moradores da mesma Freguesia concorrem liberaes para a sua celebridade, porque todos se desejão empregar em a servir. Neste dia da sua festa he muyto grande o concurso do povo, aonde vão huns a satisfazer os seus votos, & outros a pedir-lhe favores, & merces, & a Senhora, como soberana Rainha da Gloria, a todos as reparte.

Quanto aos milagres, de que a sua Igreja dá hum grande testemunho com os muytos sinaes, & memorias, que se vem pender das paredes da sua Igreja, & Santuario, estes me podiaõ escusar de referir alguns em particular: pois bastava o primeyro, ainda assim referirey dous mais avultados, & delles seja este o primeyro. Antonio Fernandes de Oliveyra, Juiz perpetuo da Senhora de Nazareth, indo da Cidade da Bahia para a sua fazenda embarcado em hum sumaca no anno de 1702 aos cyto de Janeiro, nesta occasião lhe cahio ao mar hum negro, que muyto estimava, o qual não sabia nadar, & vindo a embarcação despedida com grande ven-

to, perdêraõ de vista o negro; & achamando o referido Antonio Fernandes pela Virgem de Nazareth, pedindo-lhe não permitisse que o negro se affogasse, & fazendo que se lançasse ao mar huma canoa, para que lhe fosse acodir, o viraõ estar na praya. E para mayor manifestação da maravilha da Senhora confessou o Negro que nenhuma agua lhe entrára pela bocca & que se achára em terra sem saber o como.

No anno de 1699 foy em romaria a milagrosa Senhora de Nazareth Manoel de Miranda, official de Sarralheyro, taõ aleyjado das pernas, que se não podia mover senaõ em duas moletas. Chegou este com muyta fé a presença da Senhora, & posto de joelhos diante do seu Altar, lhe pediu com devota oração se compadecesse delle. E a piedosa Senhora o fez com tanta diligencia, que logo de repente se achou livre de todo o mal, que padecia, & taõ desimpedido, que largou as moletas, & as suspendeu na parede daquelle Santuario da Senhora, as quaes ainda ao tempo presente estão testemunhando as suas maravilhas.

No anno de 1706 hum homem chamado Domingos de Aguiar, homem pardo, & tolhido de pès, & mãos, ao qual fazendo-se muytos remedios, pelo discurso de tres annos, nenhum lhe aroveytou. Esta vendo a pouca effi-
cacia dos remedios da terra, recorreu aos do Ceo, tomando por media-
neyra a Senhora de Nazareth, indo á sua Casa, & á sua presença, aonde
começou huma Novena, & em breves dias recuperou por favor da Vir-
gem Senhora a sua antiga saude; porque logo começou a andar, estender
os nervos, & as mãos, & fazia com ellas tudo o que até alli não podia
fazer; de que deu as graças á sua benigna Bemfeytora, & se recolheu ale-
gre a sua casa. Outras muytas maravilhas se puderaõ referir desta sobre-
rana Senhora; mas bastaõ as referidas, para que se conheça o muyto, que
he poderosa a favor dos seus devotos. Della faz menção o Vigayro de Joa-
garipe o Padre Manoel Ribeyro de Cea.

T I T U L O X C

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DE ITAPARICA

Na Igreja Matris da Ilha de Itaparica dedicada, como fica dito, ao glorioso Santo Amaro, se venera huma devota Imagem da Mãe de Deos com o titulo do seu Rosario. Esta Sagrada Imagem he taõ antiga, como a mesma Paroquia, & assim seria collocada pelos annos de 1640 & logo desde os seus principios começou a ser servida pelos seus Pretinhos, os quaes a servem em huma Irmandade com fervorosa devoção, & a festejaõ os seus Confrades na primeyra Oytava do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo. E não só elles são os que a servem, mas tambem todos os moradores brancos da mesma Freguesia, os quaes no seu dia proprio da primeyra Dominga de Outubro a festejaõ com muyta grandeza, & fervorosa devoção. Estes deraõ principio á sua Irmandade pelos annos de 1690 pouco mais, ou menos, ainda que não está confirmada.

A Senhora está collocada na Capella collateral da parte do Evangelho.

He de escultura de madeyra, & estofada de ouro; & sobre o braço esquerdo tem ao Menino Deos, & na mão direyta o seu Rosario, que està offerecendo aos seus devotos Confrades. A sua estatura são tres palmos, & está com o ornato de coroa, & manto, & tambem o Menino tem a sua coroa de prata. Todos aquelles moradores tem muyta devoção com esta Senhora, & a ella se encomendão em seus trabalhos, & sempre sahem bem despachados nas suas petições. Della faz menção o Vigayro da mesma Ilha o Padre João Alves Correa.

TITULO XCI

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO DE ITAPARICA

Na mesma Ilha de Itaparica, ou defronte della, & na mesma Freguesia de Santo Amaro, ha hum Ermida dedicada a Maria Santissima com o titulo de sua Encarnação. Ve-se este Santuario da Mãe de Deos em hum lugar chamado Jucurunã, distante da Cidade da Bahia onze legoas, o qual fica da parte do Occidente do rio de Santo Amaro. Nesta Ermida se vê collocada esta Santissima Imagem; a qual Ermida foy reedificada no anno de 1705 sem duvida pelo Padre Ignacio de Sousa & Sylva, que he hoje o Senhor daquella terra. Ve-se collocada no Altar mór daquelle Santuario: He de escultura de madeyra, & a sua estatura são tres palmos, está com as mãos levantadas sobre o peyto, & o rosto com alguma elevação para o Ceo. Foy collocada na sua nova; ou reedificada Igreja em 22 de Fevereiro do anno de 1705. He servida em hum Irmandade, em que entraõ homens, & mulheres; & a festaão no seu dia de 25 de Março, dia do seu mayor mysterio.

He tradição muyto antiga, que a Imagem da Senhora da Encarnação, que nos principios daquella Ermida se collocou nella, era de pintura, pintada em hum quadro; & que logo que na Ermida fora collocada, & posta, começara a resplandecer muytos milagres, & maravilhas, & a ser muyto frequentada de romagens a sua casa, aonde concorria muyto povo. Neste tempo contaõ, pela mesma tradição (o que ainda hoje se affirma com hum grande maravilha) hum successo, que já deyxamos referido da Senhora do Rosario de Parajuia, lugar situado na Freguesia de Santa Cruz de Taparica, que dista sete, ou oytto legoas da Bahia, & como se diz que a Senhora do Rosario fizera o milagre, nos escusamos de o referir aqui. Mas sem embargo de alguns applicarem aquella maravilha, por falta de noticia á Senhora da Encarnação, foy obrada pela Senhora do Rosario, ou que o dispoz assim Deos, para manifestar o muyto, que se ostente de faltarmos com a fé, em crer as maravilhas, que Deos obra pela veneração das Imagens de sua Santissima Mãe. A Casa he dedicada á Senhora da Encarnação, & a Senhora do Rosario na sua manifestação foy collocada no Altar da mesma Senhora da Encarnação; & assim na sua Casa succedeu a maravilha, que a Senhora podia obrar pela invocação de qualquer das suas Imagens. Da Senhora da Encarnação faz menção o Padre João Alves Correa na sua relação.

T I T U L O X C I I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO DA
MESMA ILHA DE ITAPARICA

Na mesma parte do Occidente, & da outra banda do rio de Santo Amaro, se vê o Santuario de nossa Senhora da Purificação. He esta Casa muyto moderna; porque se fundou, & dedicou á Rainha dos Anjos no mez de Agosto do anno de 1712. Ve-se esta Santa Imagem collocada no Altar mór da sua Casa: mas não se nos noticiou, se foy o mesmo, que lhe levantou a Ermida.

Fundou-se esta Casa em hum sitio, a que chamaõ Macojo. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, estofada de ouro: a sua estatura são quatro palmos, tem ao Menino Deos assentado sobre o seu braço esquerdo. Fazem-lhe os seus devotos a sua festividade no seu mesmo dia de dous de Fevreyro, que he o dia, em que este Mysterio se celebra. Della faz menção o Vigayro daquella Paroquia o Padre João Alves Correa de mandado do Illustrissimo Arcebispo da Bahia o Senhor D. Sebastião Monteyro da Vide.

T I T U L O X C I I I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO,
PAROQUIA DE CERGIFE DO CONDE

O Rio Cergipe fica em onze graos, & dous terços da parte do Sul, & do Rio Real em doze graos. He este Rio hum dos muyto estimados no Brasil, & com hum muyto nobre nome, porque se chama Rio Real. El Rey D. Sebastião o mandou povoa: pelo Governador Luis de Brito de Almeyda, o que se não fez. Tem meia legoa de bocca, na qual ha dous canaes, & por qualquer delles entraõ navios da Costa de sincoenta toneladas, & da barra para dentro he Rio muy profundo. O nome deste Rio está promettendo qual será a sua bondade. Perto delle fica o Rio Cergipe; porque fica em onze graos, & dous terços, como dissemos, & nelles se comprehende a Paroquia de nossa Senhora da Purificação de Cergipe, aonde ha muytos, & excellentes Engenhos; porque he aquella terra muy fertil, fresca, & deliciosa.

Aqui tinha o Governador da Bahia Mendo de Sá muyta fazenda, terras, & Engenhos, a qual fazenda deysou por sua morte a sua filha a Condessa de Linhares como sua universal herdeyra, com esta clausula, que, se morresse sem filho, ou filha, a herdassem. Do Engenho, & mais terras, que tinha em Cergipe, ficasse a terça parte à Misericordia da Bahia, & as outras duas partes ao Collegio da Bahia, hua para elle, & outra para os Padres a repartirem em esmolas, & dotes de orfas. Porém, ainda que a Condessa morreu sem deyxar filhos herdeyros da sua Fazenda, ella legou estes bens ao Collegio dos mesmos Padres da Companhia de Santo Antão de Lisboa, aonde mandou fazer huma Cappella mór, que terá custado algus cento & sincoenta mil cruzados. E os

Padres da Bahia deyxaraõ o litigio á Misericordia, por não fazer demanda aos seus Padres, que teriaõ sentença a seu favor: porque no mesmo Collegio se gasta todo o rendimento daquelle Engenho, & fazendas. E desta sorte vieraõ por legado ao Collegio de Lisboa os bens da Condessa de Linhares, filha do Governador Mendo de Sá, & os Padres administraraõ toda aquella fazenda, que he rendosa.

Quatorze legoas distante da Cidade da Bahia para o Norte se vê a povoação, ou Villa de Cergipe. Dous Cergipes se nomeaõ, que devem ser duas povoações, ou Villas distinctas, hua Cergipe d'El Rey, outra Cergipe do Conde. Neste destrito ha muyto ricas, & nobres fazendas, grandes Engenhos, & lavouras de cãna de açúcar. A antiguidade destas Vilas, ou povoações he muyto grande, porque deviaõ começar a se pôr a tradição, serem as primeyras povoações do Certão daquelle Arcebispado voarem ha muyto mais de cento & cincoenta annos, & assim o affirma a tradição serem as primeiras povoações do certão daquelle arcebispado da Bahia, & do seu Reconcavo, ou terras junto a elle. Porque o Governador Mendo de Sá começou o seu governo, em que teve o terceyro lugar entre os seus Governadores, no anno de 1571 & o primeyro foy Thomé de Sousa.

Neste tempo pois se levantou no seu Engenho hua Ermida; & como elle era devotissimo dos primeyros Padres da Companhia, que passáraõ ao Brasil, & elles o mereciaõ pelas suas grandes virtudes, este mesmo Governador, que era muyto zeloso da conversão do Gentio, mandaria alguns destes Padres á sua conversão, & elles lhe dariaõ o arbitrio de que se levantasse no seu mesmo Engenho, que já o teria feyto, hua Igreja, para nella se dar o Baptismo aos Indios, & se lhes fazer a Doutrina: & assim dedicáraõ aquella nova Igreja a seu Patriarca Santo Ignacio; & senaõ foy logo a elle dedicada, seria no anno de 1622 até vinte & quatro, porque neste tempo foy canonizado pelo Papa Gregorio XV, que foi eleyto no anno de 1621 & morreu no de 1623. Esta Ermida se diz ser feyta de pedra, & cal, & pode bem ser que no tempo, em que se erigio, fosse de taypa, ou de madeyra; como saõ alguãs das antigas, & que esta se reedificasse de pedra, & cal depois da Canonização do Santo. Nesta mesma Igreja dizem alguns que se collocára logo em seus principios hã devotissima Imagem da Mãe de Deos pelos primeyros Padres, que foraõ á reduccão, & conversão dos Gentios, com o titulo da Purificação. E outros querem por firme tradição a collocára naquella Igreja o seu primeyro. Paroco depois que foy erecta em Paroquia de todo daquelle grande destrito, & que elle a mandára fazer á Cidade de Lisboa: & assim desde o seu principio he aquella Senhora a Padroeira, & o Orago daquelle Paroquia.

Esta Santissima Imagem sempre foy tida naquella Igreja em summa veneração. Depois, andando os tempos, & crescendo em grande numero os moradores, & Paroquianos daquelle grande Freguesia, & fabricando-se pelo seu destrito muytos Engenhos de açúcar, plantando-se naquellas terras grandes cannaveaes, resolvéraõ os moradores da Freguesia para sua mayor commodidade, & por outras muytas cousas, que tiveraõ, o dar principio a hum novo, & muyto sumptuoso Templo, que pu-

desse ser a sua Paroquia, como Templo obrado pelas suas despesas; o que fizeraõ com a approvação do seu Prelado o Illustrissimo Arcebispo D. Sebastião Monteyro da Vide. Esta se fundou em hua muyto alegre, & virtuosa palnicie, a que daõ o nome da Varzea de Santo Amar, por ficar visinha, ou se ver nella huma Ermida dedicada ao Santo Abbade. E a antiga Ermida, que dissemos estava na terras do Engenho da Condessa de Linhares, ficou aos Padres da Companhia daquelle grande Engenho.

He este novo Templo muyto grande, & muyto alegre; he feyto todo de pedra, & cal, & pedrarias, com alguns dos melhores da Cidade da Bahia. E está obrado com grande primor, & perfeyção, com duas torres muyto altas, & com huma tribuna magestosa naquella sua Capella mór; & nella se expõe o Senhor Sacramentado, & naquella Igreja está sempre por estar aquella Paroquia cercada de moradores, & assim livre de qualquer perigo de latrocinios. São já hoje muytos os moradores; porque, ainda que os fogos, ou as familias não passaro muyto de cento & cincoenta. Todos elles tem familias numerosas, & cada vez se vaõ aumentando mais, & mais: por quanto tem bom porto de mar, & rio com grande negocio, & tambem para as conveniencias, & necessidades espirituaes, & de se poder com facilidade, & diligencia administrar os Sacramentos aos enfermos.

Fundada, & acabada de todo a Igreja, se celebrou nella a festa da sua Dedicção em hum Sabbado dezoyto de Outubro, dia dedicado á Soberana Mãy de Deos, & em que a Igreja festeja ao Evangelista São Lucas, que foy o que escreveu no seu Evangelho o sagrado mysterio de sua Purificação, o que se fez no anno de 1700. He esta Santissima Imagem de grande ferosura, & assim está attrahindo a si os corações de todos os que nella põem os olhos, & com a soberana graça, & magestade, que mostra, he muyto grande a devoção, com que he buscada de todos, & servida generosamente. A sua estatura são seis palmos, he de escultura de madeyra, primorosamente obrada, & estofada de ouro com o mesmo primor.

He taõ grande a devoção da gente de toda aquella Freguesia para com a Senhora da Purificação, que a muytas pessoas se representa com mudança no sembrante; o que poderá ser assim; porque muytos exemplos he nesta materia: porque os que chegaõ á presença da Mãy de Deos com boa consciencia, a vem muyto alegre, & os que chega com ella menos pura, a vem com sembrante carregado, como quem está sentindo o grande perigo, em que nos põem as culpas, & o esquecimento de Deos, & de que he Mãy dos peccadores, como com esta demonstração os avisa, para que vivaõ, & obrem bem. E neste reparo, que se tem feyto por muytas vezes, se publicáraõ algumas grandes maravilhas. E quando os que entrão na Igreja desta grande Senhora, & chegaõ com a sua consciencia limpa, a vem, como quem está respirando alegrias, mostrando o quanto se alegra de que amemos muyto a graça, & a amizade de Deos, para melhor mercermos tambem a sua.

Quanto aos milagres, que depois da nova trasladação tem obrado, dos quaes se referem muytos, & muytos estão authenticados; & porque

tem sido muytos, se houvera mais cuydado de os escrever, podersehiaõ encher muytos livros: & não só dos que estão pintados na sua Igreja, & se vem pender de suas paredes, mas de outros muytos, que pelo serem não houve lugar de se escreverem, & notarem. Mas bem podiamos dizer aquei que á vista daquella misericordiosa Senhora os cegos vem, os coxos andaõ, & os leprosos ficaõ limpos, & saõs de suas enfermidades; & todos os enfermos, que entraõ naquella Piscina da saude, sahem della milagrosamente saõs. E assim não só de todo o districto daquella grande Freguesia todos os que buscaõ a esta misericordiosa, & piedosa Mãy, experimentaõ o seu grande amor, & caridade; mas de toda a Cidade da Bahia, & de todo o seu Reconcavo concorrem muytos peregrinos, & romeiros a visitalla naquelle seu Templo, & alli vão a pedir-lhe o remedio de suas necessidades, & o alivio de suas penas, molestias, & tribulações: em tudo expreimentaõ na vista desta piedosa Mãy nossa consolação, alivio & remedio.

Ella he a que defende a Cidade da Bahia de seus inimigos, que continuamente a estão infestando, & como a sua barra he tão larga, pois tem tres legoas, não se lhe pode defender a entrada, & assim entraõ muytas vezes, sem serem sentidos. No tempo do Governador D. Francisco de Sousa no anno de 1599 em vespera do Natal entrou naquella Bahia hua Armada de sete náos Hollandezas, cuja Capitania se chamava Jerdim de Hollanda, por trazer hum de flores, & hervas cheyrosas, que regavaõ, & tinhaõ com curiosidade. Esta Armada se senhoreou do porto, & de algús navios, que nelle estavaõ. Mas Alvaro Camelo, que na ausencia do Governador governava as Armas, fortificou as estancias em tal formas, que senaõ atrevêraõ a desembarcar, como intentavaõ. E com o sentimento de não poder executar o General o que pretendia, mandou hua caravela, que havia tomado, com algumas lanchas a roubar o Reconcavo, & assolar o que pudessem, effeytos do odio, que tinhaõ a Castella, que entaõ possuhia este Reyno. E com effeyto foraõ ao Engenho de Bernardo Pimentel de Almeyda, que dista da Cidade da Bahia quatro legoas; & porque não acháraõ resistencia, o queymáraõ, & a Igreja, da qual tiráraõ o sino do campanario. Mas elle sou de sorte, que logo foraõ sentidos de André Fernandes Margalho, que Alvaro Carvalho havia mandado com trezentos homem por terra, & achando ainda alli os Hollandezes, brigáraõ com elles animosamente até os fazerem em, barcar, ficando-lhes muytos mortos na briga em terra, & alguns no mar ao embarcar, entre os quaes lhes matêraõ hum Capitaõ, que elles muyto sentiraõ. E dalli se tornáraõ às suas náos, aonde reformados de mais gente, & munições se foraõ à Ilha dos Frades, para tomarem agua, de que estavaõ faltos. O que entendido de André Fernandes, que os tinha em espreyta, se embarcou em seis barcas com a sua gente, & entrando por outro boqueyraõ, que está entre a Ilha de Cucheia; por não serem sentidos, desembarcaraõ da outra parte da Ilha dos Frades a tempo, que tambem alli chegava Alvaro Rodrigues da Caxoeira com o seu gentio, & assim foraõ todos juntos atravessando a Ilha pelos seus matos até perto de hua legoa junto à praya, aonde havia sahido huma batelada de Hollandezes a provar a agua, & pela acharem salobra se tornavaõ;

& os nossos os deyxáraõ ir, ficando-se escondidos na sillada, entendendo que hiaõ por mais gente para tornarem a buscar outra fonte. O que elles não fizeraõ, antes se foraõ a tomalla na Ilha de Taparica, & desembarcando em terra, puzeraõ o fogo ao Engenho de Duarte Esquer, sem lhe valer ser Flamengo, ainda que casado com Portugueza: (& elle era Catholico Romano) mas logo nossa Senhora trouxe os nossos Capitães André Fernandes, & Alvaro Rodrigues, que os acometeraõ com tanto animo, que lhe matáraõ sincoenta, & fizeraõ embarcar os mais, & recolhêrem-se á sua Armada, que tambem logo se fez á vela, & despejou o porto.

Notavel foy a ancia, com que os Hollandezes, Francezes, & Inglezes procuráraõ fazer-se senhores do Brasil; por muytas vezes o infestaraõ todos os Hollandezes, & totalmente se farião absolutos senhores delle a naõ os favorecer a Rainha dos Anjos com as grandes vitorias, que deu aos Portuguezes contra os herejes. Tambem os Francezes mandáraõ muytas Armadas para nos tomarem todas aquellas terras, & quasi todos estes eraõ herejes, & cossayros. Que vitorias alcançáraõ contra elles os Portuguezes no Rio de Janeyro, no Maranhão, no Graõ Pará, no Rio Grande, & nas Capitánias dos Ilheos, Espirito Santo, & São Vicente! Permitta-seme referir aquei hua Armada de Francezes, que sahio de França a tomar a Bahia.

Sahio esta de França no anno de 1595 sendo Governador da Bahia D. Francisco de Sousa, para tomar esta Cidade, ou para lhe fazer todo o mal, que pudesse. Passou de caminho por Arguim, aonde os Portuguezes tinhaõ hum Castello; & ainda que os Francezes os seguráraõ, dando-lhes palavra de lhes não fazerem mal, (o que nunca deviaõ crer, pois, sendo herejes, eraõ inimigos de Deos, & da verdade) como o mostráraõ em o quey mar, & a Igreja; tirando della sómente hua Imagem de Santo Antonio de Lisboa, que puzeraõ no convés da Capitania, para que os guiasse. Assim lhe diziaõ, mas era por mofa, & escarneio: Guianos, Antonio, guianos para a Bahia. E quando diziaõ isto, o feriaõ, & acutilavão com as espadas, & lhe assulavaõ hum caõ, que levavaõ na mesma não. Mas não lhe guardou Deos o castigo para a outra vida, como faz a outros, levando os ao enfermo, & castigando-os nelle com eternos tormentos em castigo de offenderem as suas Images, & as dos Santos. Porque logo allí os começou a castigar com enfermidades mortaes, & mortes repentinas. O primeyro, que foy castigado, foy hum, que tambem era o primeyro na culpa, & o que mais escarnecida do Santo, esgrimindo diante dellem & dandolhe alguns golpes com a espada. Este, bebendo hum pucaro de agua, cahio logo morto repentinamente, & morrendo este por beber, muytos mais foraõ os que morrêraõ de sede. Porque as pipas, sendo arqueadas de ferro, arrebertáraõ, & se desfundáraõ, entornando-se toda a agua.

Com esta falta, & com as muytas mortes, que cada dia succedião, lhes foy necessario deyxar alguns navios, por faltar a gente para os governar; & passáraõ a gente delles á Capitania, de que era Capitão hum Frances, que se chamavaõ Malvirado; & a outra não grande, cujo Capitão se chamava o Pão de Milho, porque não era todo trigo; & assim

senaõ quiz amassar com o Malvirado, que o aconselhava fossem á Bahia, & se entregassem ao Governador, que lhes não negaria a vida, que já tinhaõ por perdida. E assim se aportou d'elle, & se foy ao Rio Real para tomar agua, aonde sendo sentidos do nosso gentio de Ceregipe, que dando aviso a Diogo de Quadros, que alli estava por Capitão, deraõ sobre o Paõ de Milho, & o tomáraõ ás mãos, & aos mais, que haviaõ desembarcado.

O Malvirado com os seus se foy á Bahia, & da barra mandou alguns em hum batel com bandeyra branca, a pedir ao Governador que lhes fizesse merce das vidas, & que elle lhe entregava logo as pesscas, nao, & artilharia, & tudo o mais, para que de tudo mandásse tomar posse; como com esfeyto fez mandando a isso hum Capitão da terra chamado Sebastião de Faria. E os herejes & o Capitão, porque senaõ achasse a Imagem do Santo Portuguez, o lançáraõ antes de chegar á Bahia ao mar, porque senaõ vissem nelle as cutiladas, que lhe tinhaõ dado no mar. Foy causa maravilhosa: que sendo isto no mez de Dezembro, quando cursaõ naquella costa o Sudeste, a Imgaem do Santo contra as aguas, & ventos foy para perto da Bahia mais de doze legoas donde lançaraõ, que era pra o norte. Senaõ he que os peyxes como já haviaõ feyto em outra occasiaõ, ouvida a doutrina que os herejes não queriaõ; & assim nesta para os confundir de todo o tomariaõ, & levariaõ sobre as suas costas á porfia, & o poriaõ com muyta reverencia naquella paragem, aonde passando os que vinhaõ de Cergipe com o Paõ de Milho preso com os mais Francezes seus companheyros, o acháraõ na praya posto em pê, como quem os estava esperando, para os levar á Bahia triunfando, como entrou, aonde elles lhe diziaõ que os levasse.

Bem pudéraõ estes perfidos converterse á vista desta maravilha; mas a dureza de seus corações lho não permittia. Entrou o Santo com grande festa dos que o conheciaõ, & reverenciavaõ, & o foraõ pôr na Igreja de nossa Senhora da Ajuda, a quem daõ o titulo dos Mercadores, em quanto se lhe ordenou huma solemne procissão, em que foy trasladado no primeyro Domingo do Advento do mesmo anno de 1595 para a Igreja de São Francisco, aonde o collocáraõ em hum nicho no Altar collateral, que era do mesmo Santo.

Esta procissão mandou ElRey (dando-se-lhe conta deste successo) que o Governador, Camera, & Cabido lhe fizessem todos os annos, (como fazem) ainda que não he já com tanta devoção. Nesta primeyra ordenou o Governador que se metesse todo o resto, para que vissem os herejes, que estavaõ presos, com quanta veneração tratavamos a Imagem do Santo, que elles haviaõ despresado, & affrontado. E assim ao passar pela praça fronteyra ás grades da cadeia lhe mandou abater as bandeyras, desparar a mosquetaria, & fazer outras demonstrações de veneração.

Depois de ter resposta d'ElRey o Governador, mandou levantar na mesma praça huma forca, em que foy enforcado o Paõ de Milho, o seu Piloto, & os mais, que foraõ tomados em Cergipe. Aos que se foraõ entregar se deu liberdade, posto que mal merecida. Soube-se esta nova em França, & logo no anno seguinte se mandou outra Armada a tomar vin-

gança do que se havia obrado; a qual encontrou com outra de Hollanda, que hia carregada de sal, com que pelejou, & foy dos Hollandezes vencida, & desbaratada de modo, que a bom livrar, os que escapáraõ, voltáraõ para França: mas não foy este sal o que lhe fez a guerra, senão aquelle, que peal bocca do Salvador he chamado Sal.

Semelhantes maravilhas tem obrado a Mãy de Deos, defendendo aquelle Estado, que ainda que algumas vezes teve perdas, as mereceriaõ as culpas. He buscada aquella Senhora com muyta frequencia, & na sua Casa vão ter as suas Novenas; huns dar as graças dos beneficios recebidos, & outros a pedillos; mas tambem das varias partes do Brasil se tem visto muytos. E nas minas de ouro ha grande devoção com esta Senhora, & piedosa Mãy dos peccadores; & de lá se lhe mandaõ esmolas consideraveis, & lhas trazem das terras das mesmas minas os que vem em romaria àquelle santuario para as suas obras, que com ellas, & a dos fregueses, & mais devotos se foram acabando com muyta grandeza & com ella se continuaraõ até o fim.

Fazem-se à Senhora da Purificação muyto grandes festas na sua Matris no segundo dia de Fevereiro, em que tem tres dias de Jubileu plenissimo que alcançaraõ da Sé Apostolica os seus devotos Irmãos para todos os que se acharem presentes, & visitarem aquelle Santuario da Senhora, & assistirem às Ladainhas nos Sabbados, & nos dias de suas festividades tambem tem Indulgencia plenaria. No dia da sua principal festividade se arma toda a Igreja a todo o custo com ricas sedas, & se gastaõ de hum dos dias do triduo. E são muytos os devotos, não só da Freguesia, mas de fóra della, que pedem ser admitidos a estes Juizados pelo excessivo gosto, que tem de servir à Rainha dos Anjos. E todos o fazem com muyto fervorosa devoção, sem haver até o presente diminuição alguma.

Tem a Senhora huma muyto grande, & nobre Irmandade; & todos os seus devotos Confrades concorrem nos dias da Senhora liberalmente com as suas esmolas, & assim se fazem muytas obras para o seu culto, & Altar, como se vê ao presente. E além da muyta prata, que tinha, se lhe fez hum muyto magestoso alampadayro, que importou naquelle tempo mais de hum conto de reis. Tem a Imagem da Senhora na cabeça hum coroa de prata de precioso feytic, & o Menino Deos, hum resplendor, que tudo tudo ofereceu hum devoto Ecclesiastico. Nos dias do seu triduo ter Sermoens de manhã, & tarde, & no terceyro dia Procissão de tarde por toda a povoação com ricas charolas muyto bem guarnecidas, & compostas com muyto capricho, aonde vão as Imagens dos Santos, que se veneraõ naquella Matris, as quaes conduzem os Irmãos, & Confrades de cada hum das Irmandades. E nesta solennissima Procissão se leva o Santissimo Sacramento debaixo de hum palio muyto rico, a quem acompanha hum grande concurso de povo, assim dos Freguezes, como de muytos de fóra da Freguesia: & tambem da Cidade da Bahia, que naquella occasião da sua festividade lhe vão assistir.

O mesmo devoto Ecclesiastico, que à Senhora offereceu a coroa de prata referida, indo às minas, lhe entregou hum Religioso cento & setenta oytavos de ouro, para que dellas mandasse fazer logo hum coroa

do mesmo ouro, as quaes oytavas pedio, & ajuntou, & se lhe deraõ para lhe mandar fazer a coroa, para que se lhe puzesse nos dias da sua festividade. E o mesmo Ecclesiastico entregou depois mais humas sessenta & seis oytavas, para que de todas se fizesse á Senhora a coroa, & hum resplendor para o Menino, que tem em seüs braços; á qual se deu principio no anno de 1714 & para feytio desta obra deu hum só Freguez com mil reis.

Naõ se pòde expressar a fervorosa devoção, que todos os Freguezes daquella Igreja tem para com a Senhora da Purificação: porque tendo em muytas das suas Capellas outras Imagens da Mãe de Deos com varias invocações, & que ha em todas as Irmandades, & muytas dellas com particulares Ccmpromissos aprovados; as quaes fazem as festividades dos seus oragos com muyta grandeza, com Missas cantadas, & Sermões; & muytas vezes com Procissão, & o Senhor manifesto, collocado em riquissimos thronos, & comarcões muy custosas de toda a Igreja; ainda assima festa, & a particular devoção da Senhora da Purificação sobrepuja a tudo.

Todas as Irmandades particulares tem Juiz, & Mordomos por sua devoção, os quaes com huma santa emulação se empregão no serviço da Mãe de Deos com fervorosa devoção, assistindo ás suas festividades em forma de Irmandade com tochas, & capaz ás Missas, & Procissões. Algumas destas são confirmadas, & tem seus Compromissos approvados pelo Ordinario. Da Senhora da Purificação nos fez relação por mandado do Illustrissimo Arcebispo o Senhor D. Sebastião Monteyro da Vide o Vigayro da mesma Matris o Padre Manoel Telles.

TITULO XCIV

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE CERGIPE DO CONDE

No distrito da referida Matris, & Paroquia de nossa Senhora da Purificação da Villa do Cergipe do Conde ha varias Ermidas, & Santuarios dedicados á Rainha dos Anjos, as quaes senão devem chamar totalmente Ermidas: porque nellas se celebra todos os dias o Santo Sacrificio da Missa por Sacerdotes nomeados, & approvados por Cappellães dellas pela authoridade do Ordinario; & para acodirem as necessidades, naõ só da familia dos Administradores, & Padroyros, mas ainda aos seus applicados, que são os Freguezes visinhos, & tambem para lhes administrarem os mais Sacramentos com a licença do Paroco: quando a neecessidade, ou a mayor conveniencia espiritual das almas o permite.

Destas Casas, & Santuarios da Soberana Rainha da Gloria a primeyra, que se nos offerece, he a Casa de nossa Senhora da Penha, situada no lugar da Patatiba. Este Santuario he antigo na sua fundação: porque em seus principios se erigio de taylor; porém naõ ha muytos annos, que se reedificou, & se fez de pedra, & cal. He Igreja rotunda, & muyto bem feyta, & de linda architectura, & posto que naõ he grande, ainda assim

naõ he taõ pequena, que naõ accomode muyta gente: porque tem bastante capacidade para accomodar aos que frequentão aquelle Santuario da Senhora.

He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, & estofada; a sua estatura saõ tres palmos & meyo. Tem ao Menino Deos sobre o braço esquerdo, & está com o ornato de manto, & coroa de prata. Naõ consta já hoje o motivo, que houve para a erecção deste Santuario, & se presume seria a devoção do seu Fundador, & Padroeiro: mas a causa tambem porque se lhe impos o titulo da Penha, se ignora já hoje, como tambem o anno, em que se fundou; & assim se persuadem que a muyta devoção do Fundador foy a causa da erecção, & denominação. Fica esta Casa da Senhora com a porta principal para o Occidente, ou entre o Oeste, & Noroeste. He servida daquelles moradores visinhos, & do seu Padroeiro, de que naõ soubemos o nome, nem tambem o do Fundador. Desta Senhora faz menção na sua relação o Vigayro de nossa Senhora da Purificação o Padre Manoel Telles.

TITULO XCV

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO PILAR DE PERICUARA' NO MESMO DESTRITO DE CERGIFE DO CONDE

No destrito da mesma Freguesia de nossa Senhora da Purificação de Cergipe se vê o lugar de Pericuarã, & nelle o Santuario de nossa Senhora do Pilar. He esta Hermida taõ grande, & de tanta perfeição, & grandeza, que podia servir de Matris á mais nobre povoação, que houvesse. Tem esta Igreja tres Altares, & no mayor se vê collocada a Santissima Imagem daquella Senhora, que he o Numen daquelle Santuario. He esta Sagrada Effigie da Mãe de Deos de dous palmos & meyo de Altura, & servelhe de throno o pilar ou columna na fôrma, em que os Anjos o manifestáraõ, ao Apostolo Santiago, Patraõ das Hespanhas. He o pilar de dous palmos & meyo, como he a sagrada Image. He formada de escultura de madeyra, & estofada, & o pilar singido de pedra. Com esta Santissima Imagem tem muyta devoção os moradores, & circumvisinhos daquelle lugar. A ella recorrem em seus trabalhos, & afflicções; & a Senhora, como misericordiosa Mãe, a todos acode, & favorece.

Esta Casa, & Santuario naõ só he grande, & fermosa, mas está ricamente ornado; o tecto he forrado, & todos adornado de boas pinturas, & tambem a Capella mór; & todos os quadros saõ da vida de nossa Senhora, & no forrado do Coro se vê tambem pintado o milagroso apparecimento da Senhora do Pilar de Saragoça tambem de muyto boa pintura. Tambem se diz que custará esta obra toda vinte mil cruzados, taõ generosos se mostráraõ os devotos, que adornáraõ aquelle Templo. Tem esta Casa da Senhora a porta principal para o Oriente. Fazem a festa da Senhora o seu Padroeiro, & Administrador, aonde naõ ficaõ de fóra os moradores visinhos. Da Senhora do Pilar faz menção na sua o Vigayro o Padre Manoel Telles.

TITULO XCVI

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DE CERGIPE DO CONDE

Em pouca distancia do Santuario da Senhora do Pilar se vê a Casa da Senhora do Rosario. Esta Igreja tambem he fabricada de pedra, & cal. Dizem ser Igreja antiga, creyo se fundaria pelos annos de 1600 pouco mais, ou menos, como adiante diremos, porque já hoje senão sabe quem a fundou, & tambem a causa que teve para a fundar, & dedicar a esta Senhora, & sem duvida seria só a da sua devoção. He esta Sagrada Imagem formada de escultura de madeira, estofada de ouro; a sua estatura são quatro palmos & meyo. Tem ao Menino Deos sentado sobre o braço esquerdo, & na mão direyta o seu Rosario, & està com o ornato de manto de seda, & coroa de prata.

Servem a esta Senhora os seus devotos Pretinhos daquelle destrito. & o fazem com muyta devoção, & fervor, & não são sós (além dos Pretinhos) os moradores circumvisinhos, que tem muyto grande devoção com a Senhora do Rosario, porque tambem os de mais longe a buscaõ em suas necessidades. Fazem os Pretinhos a festa da sua Senhora com muyta grandeza. & custo, como o poderiaõ fazer os seus senhores: porque, ainda que são muyto pobres. & cativos, a sua fervorosa devoção para com a Senhora do Rosario os faz obrar, como se fossem muyto ricos. Com a Senhora do Rosario (como dissemos) tem muyto grande devoção os brancos moradores daquellas terras, que invocando-a em seus trabalhos, a experiencia lhes mostra que aquella Senhora he Mãy universal de todos os peccadores. Desta Senhora faz menção o referido Vigaryo de nossa Senhora da Purificação o Padre Manoel Telles.

TITULO XLVII

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO DO LUGAR DE TARARIPE

Do Rio de São Francisco corre a costa do Brasil atè o Padraõ da Bahia, que vem a ser a ponta da Barra, da parte do Norte. E nesta distancia de setenta legoas, que atè a Bahia fazem fermosas, & alegres as suas prayas vinte rios, todos de excellentes aguas. Destes os mais celebres são o Rio Cergi, que dá o nome à Freguesia de Cergipe d'ElRey, & ao Cergipe do Conde, o Rio Real, & o Rio Itapucarù. As nações, que senho-reavaõ estas paragens, eraõ Tabayrãs, Tupinambás, & Timiminos, gente toda menos agreste, de mais palavra, & fidelidade; mas ainda assim alguns delles tragadores de carne humana. Como estas terras eraõ boas, & fer-teis, assim eraõ estimadas dos Indios. Pela Barra do Rio Cergi entravaõ os Francezes, & em bateis faziaõ subir as suas nãos, sem embargo de ella não ter mais de tres braças de fundo. Alli carregavaõ de Pao Brasil o que podiaõ, & fóra da Barra acabavaõ de fazer a carga.

Aqui foy aonde no anno de 1553 deu à costa a nãõ, em que hia para o Reyno Antonio Cardozo de Barros, & em que hia o primeyro Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha cõ outras muytas pessoas nobres, que chegavaõ a cem: estas escapando do naufragio, nãõ escapáraõ dos dentes do Gentio Caytè, que naquelle tempo senhoreava aquellas terras. Depois no anno de 1590 Christovão de Barros, filho de Antonio Cardozo de Barros, foy vingar a morte de seu pay, & dos mais que os Indios comêraõ: porque entrando no governo da Bahia, ajuntou gente de pè, & de cavallo, & com alguma de Pernambuco destruhio os Indios, matando a muytos delles, & cativando a outros, impedindo tambem por esta via a communicacão, que os Francezes com elles sinhaõ.

Neste destrito ha muytos lugares, & povoações, como são Cergipe d'ElRey, Cergipe do Conde, Pericuarà, Tararipe, Tapemirim, & outros; & como as terras são boas, & ferteis, se affeyçoáraõ dellas os povoadores, & assim foy chescendo muyto a gente. No lugar pois de Tararipe, que ainda pertence à Freguesia de nossa Senhora da Purificacão, & aonde ha muytos moradores, se vem os Santuarios de nossa Senhora do Desterro: porque se vem nelle duas Ermidas ambas dedicadas à Mãy de Deos debayxo do mesmo titulo, & fundadas por diversos Padroeyros.

A primeyra he obrada de pedra, & cal com toda a perfeycão, & grandeza por hum devoto da Senhora. Ve-se a Imagem da Senhora collocada no Altar mòr, que he de muyta fermosura; mostra caminhar do Egypto para Nazareth, & leva pela mão ao Menino Deos, & da outra parte dà o mesmo Menino a mão a São Joseph. São Imagens grandes, porque a de nossa Senhora, & a de São Joseph tem quatro palmos & meyo. São estas Images de escultura, ricamente estofadas, & bem mostraõ fazer jornada, por todas, como se fossem de caminho, tem suas varas de prata, ou bordões. A Senhora tem coroa de prata, & o Menino, & São Joseph resplandores.

He este Santuario antigo, porque se vê ser administrado pelos descendentes do primeyro Fundador, de quem se nos não declarou o nome. Fazem a esta Senhora muyto grandes festas, & no dia da sua principal festividade tem ao Senhor manifesto com grande musica, & Sermão; & neste dia he grande o concurso da gente. Com esta Senhora tem todos aquelles moradores muyto grande devoção, & por isso a servem com grande fervor, para a terem tambem propicia nos seus trabalhos.

A segunda Ermida, ou Santuario dedicado tambem à Mãy de Deos com o titulo do Desterro, ainda parece mais antiga; he obrada de taypa, mas muyto forte, & bem feyta. Nesta casa se vê collocada a Imagem da Senhora no Altar mòr, & na mesma fórma, que se vê a Senhora da primeyra Ermida, ou Santuario, assim do ornato, como no mais, excepto que estas Santas Images são mais pequenas, porque são assim a Senhora, como São Joseph de altura de tres palmos. Tambem na postura, em que estão, mostraõ a sua peregrinacão do Egypto para Nazareth; são de escultura de madeyra, estofadas de ouro. Esta Casa, & Santuario fundou tambem outro devoto da Senhora; & tambem deste nos não expressou o nome quem nos deu a relação; tem este Santuario a porta para o Norte. Os descendentes do Fun-

dador são os que ao presente servem a Senhora o que fazem com muyta devoção, & elles a festejaõ. Destas Imagens da Senhora do Desterro faz tam-
bem menção o mesmo Vigaryo da Senhora da Purificação Manoel Telles.

TITULO XCVIII

DA MILAGROSA IMAGEM NOSSA SENHORA DO SALVADOR, QUE SE VENERA NA IGREJA DA SENHORA DO DESTERRO

Na primeyra Igreja de nossa Senhora do Desterro, referida no titulo passado, ha hum Capella particular, & dedicada á Mãe de Deos com o titulo de nossa Senhora do Salvador, & nella se vê collocada a Imagem da Senhora, que he devotissima. Esta Senhora he mais moderna, porque collocou naquella Capella o Padroeyro, que he ao presente da Casa da Senhora do Desterro, ou que o era no anno de 1713. Com esta Senhora tem todos os moradores daquella povoação muyto grande devoção, & ella com a sua grande modestia, & fermosa magestade está roubando corações.

Solennizaõ a festa desta Senhora em seis de Janeyro dia da Epifania do Senhor, o que fazem com muyta grandeza, & com o Senhor exposto; & neste dia tem hum particular, & grande Jubileu, aonde concorre muyta gente a lucrar as graças, & indulgencias delle, & he muyto grande o concurso neste dia. Tem esta Senhora hua nobre Irmandade approvada com seu Compromisso pela authoridade Ordinaria. Com a Mãe de Deos a Senhora do Salvador. Tem todos aquelles moradores muyto grande devoção, & obra a favor de todos muytas maravilhas. Della faz menção o Vigaryo da Senhora da Purificação, em cuja Freguesia está o Santuario, o Padre Manoel Telles.

TITULO XCIX

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO BOM DESPACHO EM TARARIPE

No mesmo lugar de Tararipe se vê tambem o Santuario de nossa Senhora do Bom despacho, fundado, por hum devoto da mesma Senhora; & porque teria necessidade de bõs despachos, se acolheu aos poderes de Maria Santissima para que lhos alcançasse. Tambem deste não pudemos alcançar o seu nome por descuydo, ou inadvertencia do Autor da relação. He esta Igreja obrada de tayloria, como são muytas pela falta de pedra; mas ainda assim se diz ser muyto linda. Nella se vê collocada no seu Altar mór a Sagrada Imagem de nossa Senhora do Bom despacho. He de escultura de madeyra, a sua altura são tres palmos; he estofada, & tem sobre o braço esquerdo aquelle Soberano Rey, que ainda que Menino, sabe dar a todos despachos muyto proveytosos pela grande caridade, & amor, que para isso interpõem a amorosa Mãe dos peccadores

Os descendentes do Fundador, que são hoje os Padroeyros, são os que a servem, & festejaõ em todos os annos; não nos constou o dia, em que o fazem. Com esta soberana Senhora tem todos aquelles moradores muyto

grande devoção: porque sempre necessitaõ de seu favor para conseguirem os seus bõs despachos nas petições, que lhe fazem; & assim he buscada dos que tem negocios, & que esperaõ nelles os seus bõs despachos. Faz memoria desta milagrosa Senhora o Vigaryo da mesma Freguesia da Senhora da Purificação, o Vigaryo da Matris, o Padre Manoel Telles.

T I T U L O C

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DE TAPEMIRIM

No destrito da Freguesia de nossa Senhora da Purificação de Cergipe do Conde ha hua Aldea, ou lugar, a quem daõ o nome de Tapamirim. Nesta povoação se vê o Santuario de nossa Senhora do Rosario, que se vê junto a hum Engenho, cujos Senhores pela grande devoção, que tinhaõ com a Senhora do Roeario, lhe edificaraõ aquella Casa, & Santuario. He esta Casa da Senhora formada de pedra, & cal, & muyta capacidade, como convinha a muyta quantidade de gente, que o frequenta continuamente. Esta casa se fundou, & dedicou à Rainha dos Anjos há poucos annos pela devoção da Senhora daquelle Engenho, & com ser moderna, se nos não declarou o nome do Fundador. Este na sua morte deyxou muyto recomendado este Santuario da Senhora a seus filhos, & herdeyros, mandando-lhes que a fabricassem de tudo o que fosse necessario.

Ve-se esta milagrosa Senhora collocada no Altar mór da sua Igreja. He de escultura de madeyra estofada de ouro, & tem ao Menino Deos sobre o braço esquerdo, & na mão direyta hum Rosario, que offerece aos seus devotos. A sua proporção he de quatro palmos. Está com o ornato de coroa de prata, & manto. Com esta milagrosa Senhora tem muyta devoção todos aquelles moradores, & esta se augmentou muyto mais com Húa grande maravilha, que a Senhora obrou, a qual se refere desta maneyra.

Estava moendo aquelle Engenho, & ficava visinho a elle o Santuario, & Casa da Senhora. Sendo noyte, & fóra de horas, pegou o fogo nas madeyras do tecto da mesma officina, aonde à Igreja da Senhora, assim os officiaes, como os Feytores, tiràraõ nos braços a sua Sagrada Imagem, pedindo-lhe os ajudasse. E a Senhora obrigada da sua fé, & confiança, & de que recorressem a ella primeyro, do que a sua fazenda, ella lhes acodio de sorte, que, sendo já o incendio muyto grande, & em que se temia hua muyto grande ruina, o incendio parou, & se apagou o fogo repentinamente, sem que interviesse para isso algum poder humano, nem parece que lhe podia valer á vista do muyto que tinha lavrado o incendio. Assim se reconheceu fora muyto grande o milagre, que a Senhora obrou pelos grandes poderes que ella tem, pois todos os Elementos lhe obedecem. E fora muyto mayor perda, se o fogo entràra nos açucares, que se estavaõ purgando, & tambem no que estava metido nos cayxões. Com esta grande maravilha ficàraõ todos muyto obrigados áquella soberana Rainha, & assim a servem, & festejaõ com grande devoção.

Esta Igreja se vê fundada com as portas principaes para o Norte. No dia da sua festividade he muyto grande o concurso dos devotos, que a vão visitar, & venerar naquelle seu Santuario. Della faz menção o Vigaryo da Paroquia da Senhora da Purificação o Padre Manoel Telles.

T I T U L O C I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA LAPA DE MARUCA

Pelos annos de 1702 ou 1703 dedicou hum devoto da Virgem nossa Senhora hua casa em seu obsequio no sitio de Marucá, & sendo tão moderna, nos não declarou o Autor da relação, o nome deste devoto da Senhora, nem nos disse a causa, porque lhe impuzesse este titulo; podemos conjecturar que este dovoto podia ser filho da Provincia da Beyra, & ter com a Senhora da Lapa de Quintella muyta devoção, & quiz no Estado do Brazil fazella conhecida com este seu muyto notavel titulo.

Formou-se de taylor de barro pela grande falta que ha de pedra naquella parte; mas ainda assim se fez com muyto grande perfeição, & está tudo com muyto aceyo; tem as portas para o Norte. Neste Santuario se vê collocada a Imagem da Senhora no meyo do seu Altar mór. He formada de escultura de madeyra, & a sua estatura são tres palmos, & tem sobre o braço esquerdo assentado ao Menino Deos. Tambem se vê com os mesmos ornatos de manto de seda, & coroa de prata. Tem com esta Senhora todos aquelles moradores muyta devoção, a ella recorrem em seus trabalhos, & necessidades, & em todas a achão propicia, porque a todos reparte os seus favores. Festejaõ-na com muyta grandeza; mas não se nos declarou o dia, em que se lhe faz a sua festa. Della faz menção o mesmo Vigaryo o Padre Manoel Telles, & tão succintamente, como se vê.

T I T U L O C I I

DA SENHORA DA PIEDADE DA VILLA DO SABAÇU

A Povoação, ou Villa do Sabaçu pertence tambem á Paroquia de nossa Senhora da Purificação: no destrito se vê esta povoação, & nella he muyto venerado o Santuario de nossa Senhora da Piedade. Esta Casa fundou ha muytos annos hum homem grande devoto da Rainha dos Anjos & com especialidade deste mysterio todo dolorozo, para o que mandou fazer huma devotissima Imagem desta piedosa Senhora, que collocou naquelle Santuario. Fez-se este no material de taylor com as portas para o Norte, & o ser de taylor foy, porque naquelle tempo parece não havia materiaes, com que se pudesse obrar em outra fórma. Depois correndo os tempos os herdeyros do primeyro Fundador, y tambem muytos dos moradores daquelle lugar resolverão consigo reedificar a Casa da Senhora em melhor fórma, & assim o executáraõ, mandando-lhe fazer huma fermosa Igreja de pedra, & cal, que he grande; & obrada com muyta perfeição.

Tem os moradores daquelle destrito muyto grande devoção com esta piedosa Senhora, & ella he taõ devota, que a todos está roubando os corações com a pena, que exprime naquella postura, em que se vê. Está collocada ao pé da Cruz com o Santissimo Filho defunto em seus braços, & he tal o affecto de dor, & sentimento, que mostra, que á sua vista não ha coração, que senão mova, & compunja. E naquelle mesmo sentimento, que mostra, representa hua muyto grande magestade. Tem esta Senhora de altura quatro palmos naquella proporção, em que se vê assentada; que a estar de pé, mostraria a ordinaria proporção de hua perfeyta mulher. He de escultura de madeyra, y estofada, com o ornato de manto, & resplendor.

Com esta Santissima Imagem da Rainha dos Anjos tem todos aquellos moradores geralmente muyto grande devoção; & assim a servem com fervorosa devoção, & lhe fazem a sua festividade com muyta grandeza: o que a Senhora lhes satisfaz, obrando a favor de todos muytas maravilhas, & repartindo-lhe muytas mercês. Não nos constou o nome do primeyro Fundador, nem o do que de presente administra aquelle Santuario da Senhora. Della faz menção na sua relação o Reverendo Vigaryo o Padre Manoel Telles.

TITULO CIII

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEYÇÃO DO SABAÇU

No mesmo lugar, & destrito do Sabaçu se vê tambem a Casa & Santuario de nossa Senhora da Conceyção, annexo á Paroquia da Purificação. He esta Casa da soberana Rainha da Gloria formada de taya, como são todas as Igrejas antigas daquellas partes, por lhe faltarem então os materiaes, & não he muyto grande, mas he Casa de muyta devoção, & está situada com a porta principal para o Nascente. Nella se vê collocada a Santissima Imagem de purissima Rainha dos Anjos, que he muyto linda. A sua proporção são dous palmos, & meyo; he de escultura de madeyra, & tem coroa de prata, & manto.

Tambem tem com esta sagrada Imagem muyta devoção os moradores daquella terra, & a servem, & festejaõ com grande devoção, & affectos agradecidos aos favores, que da sua piedade continuamente recebem: & por isso a buscaõ em suas necessidades, & trabalhos. Della faz menção o Vigaryo da Paroquia da Purificação o Padre Manoel Telles.

TITULO CIV

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DO SABAÇU

Na mesma Freguesia, & no mesmo lugar do Sabaçu se vê outro Santuario, & Casa dedicada á Transfiguração de nosso Senhor Jesus Christo, fundado por hum devoto deste mysterio; aonde se vê hum quadro de muyto boa pintura com o Senhor transfigurado entre os seus tres Discipulos, que o

Fundador mandou fazer para collocar naquella sua Ermida. No mesmo Altar se vê collocada a Santissima Imagem de nossa Senhora do Rosario. Tmbem se entende que o mesmo Fundador daquella Ermida & Santuario fora o mesmo, que a mandou fazer para a collocar naquella sua Ermida. He esta Santissima Imagem muyto linda & devota: he formada de escultura de madeyra, & ricamente estofada de ouro. A sua altura são quatro palmos. Esta Igreja he muyto bonita, & de linda architectura, porque he rotunda, & formad de pedra, & cal. Festejaõ esta Senhora com muyta devoção no seu proprio dia da primeyra Dominga de Outubro, em que concorrem todos com fervorosa devoção pelo grande affecto, com que a amaõ, porque a todos favorece em seus trabalhos. Desta Senhora faz tambem menção o Vigaryo da Senhora da Purificação o Padre Manoel Telles, por ser annexa esta Casa á sua Paroquia.

T I T U L O C V .

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DAS BROTAS DO SABAÇU.

Muytas Casas de devoção se vem no Arcebispado da Bahia dedicadas á Virgem nossa Senhora com o titulo das Brotas; cujo original se vê, & he buscado com grande veneração na Provincia do Alentejo, & no termo da Villa das Aguias. No Arcebispado da Bahia se vê hua copia sua junto á Villa de São Francisco, & outra em pouca distancia da Cidade da Bahia. No Sabaçu vemos esta, de que agora tratamos, cuja Igreja he muyto linda, & fabricada de pedra, & cal. Ve-se a Senhora collocada no Altar mór daquelle seu Santuario. He formada de escultura de madeyra; a sua proporção são tres palmos, & tem ao Menino Deos sentado sobre o braço esquerdo. He esta Santissima Imagem de muyta devoção naquellas partes, & pelas maravilhas, que obra, a vão buscar com muyto affecto. A sua Igreja he fermosa, & para aquellas partes de grande capacidade; & tem a porta principal para o Nascente do Sol. Della faz tambem menção o Vigayro o Padre Manoel Telles, & sempre tão succintamente como se vê.

T I U L O C V I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE BELEM, SANTOS REYS, & DA SENHORA DA PIEDADE APPARECIDA

No mesmo destrito referido do Sabuçù se vê o Santuario de nossa Senhora de Belem, & dos Santos Reys, que do Oriente foraõ adorar ao Menino Deos nacido, do qual he hoje Padroeyro o Capitaõ Francisco Martins Pereyra. He esta Casa da Senhora feyta de taypa por falta dos materiaes de pedra, que em outras partes abundaõ. Porém, inda que he de taypa, está obrada com muyto grande perfeição. He muyto antiga, & edificada pelos ascendentes do mesmo Capitaõ Francisco Martins; ve-se esta Igreja com

a porta principal para o Occidente. Na sua Capella mòr se vê hum quadro de boa pintura, em que está Maria Santissima com o seu bello Infante nos Braços, & os Santos Reys adorando-o prostrados, & offerecendo-lhe as suas mysteriosas offertas.

Nesta Casa se tem em muyto grande veneração huma Imagem da Rainha do Ceo, que podiamos julgar ser obrada pelas mãos dos Anjos, & muytas a tem por Angelical, porque não consta da sua primeyra origem, & tambem por ser tão pequenina, que não passa de hum palmo de altura. A materia, de que he formada, he barro, & de escultura muy perfeyta. He esta Santissima Imagem muyto milagrosa, como o tem mostrado por vezes a experiencia. Estava em outra Igreja antigamente nos campos da Cachoeyra, aonde a viraõ lã suar copiosamente, & em outra occasiaõ se vio que chorava. Destas maravilhas se deu parte ao Reverendo Cabido em Sê vacante, & resolverão aquelles Senhores Capitulares que aquella Santissima Imagem fosse trasida para mais perto de povoado. Desta disposiçaõ se valeu o Vigayro, ou Cura, o Padre Manoel Antunes já defunto, com a grande affeyçaõ, com que ao Capitaõ Francisco Martins Pereyra seu sobrinho, para a trasladar para a sua Ermida de nossa Senhora de Belem, & alli ficou depositada. Nesta Casa com a fama das grandes maravilhas, que a Senhora tem obrado, & continuamente obra, he visitada hoje de todos, & todos ao presente tem muyta fé, & devoçaõ para com ella.

Quando aos milagres, só referirey este. Hua Preta escrava do mesmo Padroeyro Francisco Martins estava de parto, & julgando as parteyras tinha morta a criança, que tinha no ventre, porque estava atravessada nelle, & viraõ o grande risco, & difficuldade para a criança poder sair naturalmente. Neste grande conflito temendo a Preta o grande risco de vida, em que se achava, pedio com muyta instancia, & com muytas lagrimas de devoçaõ, lhe trouxessem a Santissima Imagem da Senhora da Piedade: & pela consolarem, lha foraõ buscar; & tanto que lha puzeraõ sobre o ventre no mesmo instante lançou logo, não hua criança, mas duas, que estavam atravessadas no ventre. E as Escrava ficou aliviada, & livre daquelle grande perigo, & tambem da queyxa, de que foy depois dar as graças a Virgem Senhora.

Outras muytas maravilhas ha obrado nosso Senhor por meyo desta Sacratissima Imagem de sua Mãy: & por isso tem todos para com ella hua grande devoçaõ, & assim a invocação com muyta em seus trabalhos, & perigos. Reparo em que o Vigayro da Matris nos não declara nesta relação o titulo desta Senhora apparecida nos campos da Cachoeira; & em nos dizer tambem que a Preta pedira lhe trouxessem Imagem de nossa Senhora da Piedade; & assim venho a inferir que esta Imagem pequenina da Senhora tem nos seus braços a seu Santissimo Filho defunto, como se costumão formar as Images de nossa Senhora da Piedade. Outras muytas maravilhas ha obrado, que deyxo de referir: mas he muyto grande a devoçaõ, com que hoje he buscada de todos aquelles destritos. E era razãõ a tivessem em hu Sacrario muyto precioso com toda a veneração. Da Senhora de Belem, & Senhora da Piedade, faz mençaõ o Vigayro da Paroquia de nossa Senhora da Purificação, o Padre Manoel Telles, todo breve no que escreve.

TITULO CVII

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO PADROEIRA DA PAROQUIA DA CACHOEIRA

Pelos annos de 1595 entrou no sitio, & porto da Cachoeira. que fica ao Norte da Cidade da Bahia, o Capitão Alvaro Rodrigues Adorno, filho de Antonio Dias Adorno; o qual no tempo do Governador Luis de Brito de Almeyda foy mandado a descobrir as minas de pedraria, donde trouxe quantidade, & atravessou os rios da Cachoeira, & se pagou muyto da bondade daquellas terras, aonde não havia morador algum Portuguez, senão algumas aldeas, ou casas de Indios gentios. Fez-se este Capitão com o bom termo (de que muyto se agradaão tambem os gentios, & saltos da perfeição politica) senhor daquelle destrito; & povoado naquella terra, (que dista da Cidade da Bahia quatorze legoas) edificou a Virgem Maria Senhora nossa hua Ermida, que lhe dedicou com o titulo de nossa Senhora do Rosario, & aonde collocou hua Imagem sua. Continuou o Capitão Alvaro Rodrigues no seu descobrimento, & se fez senhor de muytas terras daquelle destrito, q deyxou a seus filhos, & possue hoje João Rodrigues Adorno, bisneto de Alvaro Rodrigues; & continuou aquella Casa no estado de Ermida até o anno de 1674 em que havendo já por aquelle destrito muytos moradores, a deu o Capitão João Rodrigues, para della se erigir a Paroquia da Cachoeira; o que se fez em 18 de Fevereiro do referido anno, & a creou em Paroquia o Chantre da Sè Francisco Pereyra, sendo então Visitador Gèral do Reconcavo; & desde este tempo para cá começou a ser mais conhecida, & venerada a Senhora do Rosario por Patrona daquelle Igreja, & Freguesia, Tem esta Igreja, que hoje está com grande reformação, & muyto adorno, a sua situação com as portas para o Occidente, & as costas para o Oriente.

He a Imagem da Senhora do Rosario de escultura de madeyra, muyto ricamente estofada de ouro; a sua estatura são quatro palmos & meyo, & tem sobre o braço esquerdo ao precioso Fruto do seu purissimo ventre; tem na mão direyta hum Rosario & o ornato de hum rico manto, & de hua preciosa coroa de prata dourada. Todos os moradores daquelle destrito tem muyto grande devoção com aquella Santissima Imagem, & assim em suas enfermidades, & trabalhos recorrem a ella, & a Senhora, como poderosa, a todos consola, allevia, & remedeia. E assim vão muytas pessoas ter as suas Novenas na sua Casa; hua vão a fazer as suas romages, outras a perdirlhe favores, & outros a darlhe as graças pelos que ella com a sua clemencia lhes tem feyto. A sua festividade se lhe faz na primeyra Dominga de Outubro, dia proprio, em que se costuma festejar geralmente, o que se faz com muyta solennidade grandeza, & com grande concurso.

Quanto as maravilhas, que obra, & tem obrado, são innúmeraveis, mas nunca houve quem dellas fizesse memoria. Mas referirey algumas, que descobrio o Vigaryo o Padre Antonio Pereyra, & refere na sua noticia, que se ncs remetteu, & seja dellas a primeyra. O capitão João Rodrigues Adorno referido ao Vigaryo em como, sendo elle rapàs, seu pay Gaspar Rodrigues Adorno estivera em hua occasião gravissimamente enfermo, & já sem espe-

ranças de vida, & sem falla, & que invocando a Senhora do Rosario, lançára hua postema pela bocca, & que logo ficára saõ, & se puzera em pè.

O Vigayro em como, estando hã Maria Vieyra, viuva de Sebastião Gonçalves de Araujo, já sem esperanças de vida, & sem falla, levando-lhe a coroa da Senhora do Raziro, & pondolha na cabeça, logo fallára, & ficára livre do perigo, em que estava, não se lhe julgando ja a vida. E em acção de graças de tão grande favor mandou dourar a coroa, que atèlli era branca. Outras muytas maravilhas tem feyto a Senhora, que por não ficarem escritas as não referimos.

O não ter atèqui a Senhora do Rosario Irmandade com estatutos confirmados, & Compromisso, ha sido inadvertencia & grande descuydo: mas tem Mordomos, que annualmente se elegem, & todos se desejaõ empregar se servir a Senhora pela grande veneração em que todos a tem; & tembem como he orago daquella Freguesia, não ha nella morador, que não tenha particular devoção à Senhora, & que não aceyte seu favor sem ter occasião de a poder servir. Da Senhora do Rosario faz menção o Vigaryo o Padre Antonio Pereyra.

TITULO CVIII

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO AMPARO, & DE NOSSA SENHORA DAS BROTAS DA CACHOEYRA

Na referida Paroquia de nossa Senhora do Rosario da Cachoeyra se vem collocadas duas Imagens da Rainha dos Anjos no seu retabolo da Capella môr, huma à mão direyta, & outra à esquerda, & assim vem a ser aquella Casa de Deos toda de Maria Santissima. A primeyra Imagem que he a da Senhora do Amparo, se vê collocada à parte da Epistola, & a da Senhora das Brotas à parte do Evangelho. Ambas estas Santissimas Imagens da Mãy de Deos collocáraõ naquella Igreja os Pardos. Collocáraõ a Senhora do Amparo, se vê collocada à parte da Epistola, & a da Senhora das Brotas, à parte do Evangelho. Ambas estas Santissimas Imagens da Mãy de Deos collocáraõ naquella Igreja os Pardos. Collocáraõ a Senhora do Amparo no anno de 1680 pouco mais ou menos, & quando podião estar satisfeytos de terem por si o amparo da Mãy de Deos naquella sua Santissima Imagem, desejando augmentar os serviços que desejavaõ fazer à Rainha da Gloria, pelos annos de 1690 & tantos collocáraõ tambem à parte do Evangelho a Imagem da Senhora das Brotas, & assim se pòdem nomear senhores daquella Capella; pois tem nella o melhor, que nesta ha: porque tambem a Senhora do Rosario não despreza os filhos Pardos, porque estes tambem o saõ, & como filhos a servem.

A Imagem da Senhora do Amparo he de escultura de madeyra, muyto bem estofada, & tem tres palmos & meyo de estatura, não tem Menino nos braços; está com as mãos levantadas, como pedindo a Senhora amparo dos seus devotos. E a Senhora das Brotas, que tambem he de escultura de madeyra, tem de alto dous palmos & meyo, & tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deos. E ambas estas Imagens tem o ornato de mantos, & coroas de

prata. Festejaõ os devotos Pardos estas Santissimas Images da Mãe de Deos com muyta grandeza, & perfeição, & fazem successivamente hua, & outra festa ou huma nas Oytavas da Pascoa, & a outra nas Oytavas do Espirito Santo: porque não tem dia fixo para a sua festividade, mas fazem-na com grandeza. Não tem estes devotos Pardos Irmandades erecta, & confirmada, como tem em outras partes; mas entre si nomeaõ Mordomos para servirem a Senhora do Amparo, & a Senhora das Brotas, & na sua muyta devoção, que tinha de Deos, como o vimos no titulo passado em dedicar outra & fervor saõ muyto brancos.

T I T U L O O I X

DA MILAGROSA IMAGEM DE N. SENHORA DA CONCEYÇÃO DOS CAMPOS NO DESTRITO DA CACHOEYRA

Duas legoas distantes da Paroquia de nossa Senhora do Rosario em hum sitio, a que daõ o nome dos Campos que fica para o Norte da Cidade da Bahia, & distante della dezaseis legoas, fundou, & dedicou ao mysterio da purissima Conceyção de Maria nossa Senhora o Coronel, ou Mestre de Campo Manoel de Araujo de Aragaõ huma Ermida nas suas terras, & foy no anno de 1675 & nella collocou huma devota Imagem desta Senhora; a qual Ermida he hoje de seu neto Manoel de Aragaõ Pereyra. He esta Imagem da Senhora de muyto boa escultura de madeyra estofada de ouro: a sua estatura saõ tres palmos & meyo para quatro, está com as mãos levantadas com o ornato de manto, & coroa de prata.

He esta Santissima Imagem da Senhora da Conceyção de muyto grande devoção, & romages, & na sua Casa se vaõ ter muytas Novenas; aonde concorrem os Fieis com muyta fé, & devoção a impetrar daquella soberana Rainha os bes, de que necessitaõ, & a Senhora em tudo os favorece. Não se referem milagres em particular, porque nunca houve quem delles fizesse memoria. Festejaõ esta Senhora os moradores daquelle destrito por sua devoção, & saõ eleytos todos os annos os Mordomos, que haõ de fazer a sua festa. Esta se lhe faz no seu mesmo dia de oyto de Dezembro, & neste dia he muyto grande o concurso da gente, que de varias partes concorre. Da Senhora da Conceyção nos deu noticia o Vigaryo da Cachoeyra (aonde he annexa a Ermida da Senhora) por mandado do Illustrissimo Senhor Arcebispo da Bahia Dom Sebastião Monteyro da Vida, o Padre Antonio Pereyra.

T I T U L O C X

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE, ERMIDA DISTANTE DA PAROQUIA MEYA LEGOA

Mea legoa distante da mesma Paroquia de nossa Senhora do Rosario da Cachoeyra nas terras de hum Engenho, que he hoje de Gonçalo de Araujo, fundou seu pay o Coronel Manoel de Araujo de Aragaõ pela grande devoção, que tinha de eos, como o vimos no titulo passado em dedicar outra

Casa ao myserio da Conceyção, outro Sâtuário á mesma Soberana Rainha da Gloria com o titulo da Piedade, o qual dista quatorze legoas da Cidade da Bahia para a parte do Norte, & fundou-se no anno de 1690.

He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, & muyto perfeitamente estofada. A sua altura, estando sentada, faz quatro palmos; & assim mostra, se estivesse em pè, que seria da natural proporção. Tem em seus braços defunto ao Autor da nossa vida, seu Santissimo Filho, que quiz morrer em hua Cruz, para nos resgatar com o preço de seu sangue, & affrontosa morte.

He esta Santissima Imagem devotissima, & está attrahindo a si os corações de todos: mas ainda, depois que foy collocada naquella sua nova Casa, não foy festejado pelo senhor daquelle Engenho, Gonçalo de Araujo. Não quero dizer que não será tão devoto, como foy seu pay, porque poderá ser que o seu Engenho lhe não renda tanto; mas a mim se me representa que, se elle fora liberal em servir a Senhora da Piedade, ella dispusera que lhe rendesse muyto. Não faz bem em não servir a Senhora com o fervor, com que o fazia seu pay: porque os que são descuydados no serviço, & culto de Deos, tambem o mesmo Senhor se descuydará delles; & assim se quer ser rico, sayba que augmenta Deos tudo o que se gasta com elle, & com sua Santissima Mãe, & não só temporalmente os faz ricos, mas dà-lhes depois a verdadeyra riqueza no Ceo, levando-os á sua Gloria, aonde serão senhores das verdadeyras riquezas, nas quaes não entra a traça, nem as gasta a ferrugem.

Com esta piedosa Senhora tem todos os que entraõ na sua Casa muyto grande devoção, & ella está attrahindo os corações de todos os que entraõ na sua Casa, & chegaõ á sua presença. E o não lhe assistirem continuamente será pelo descuydo do Padroeyro, que devendo fazer que a Casa daquelle Soberana Senhora esteja sempre aberta, só entaõ o estará quando nella se diz Missa nos Domingos, & dias de preceyto, & quando moe o Engenho. Não tenho nada, que referir de devoções, & concursos. Mas a Senhora da Piedade atè com estes negligentes, & descuydados a sabe ter; ella tenha para com elle muyta, para que se faça digno dos seus favores. Da Senhora da Piedade nos deu noticia o Vigaryo Antonio Pereyra.

T I T U L O C X I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO, QUE SE VENERA NA ERMIDA DE SANTO ANTONIO TEBERI

Em hum sito do destrito da mesma Freguesia de nossa Senhora do Rosario da Cachoeyra, chamado Teberi, que dista da Paroquia duas legoas, & da Cidade da Bahia dezaseis, he buscada com muyta veneração a Imagem da Senhora do Rosario. Erigio, & dedicou esta Casa Catharina Lopes no anno de 1673 ao glorioso Santo Antonio. Passados dous annos, hum devoto de nossa Senhora por sua especial devoção collocou naquella Ermida hua Imagem sua com o titulo do Rosario, a qual se vê collocada no Altar coateral da parte do Evangelho.

He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra estofada, & tem ao Santissimo Filho Menino no braço esquerdo. A sua estatura são tres palmos, & se vê com muyto grande veneração adornada de manto de seda, & coroa de prata. Servem a esta Senhora os devotos pretos cativos, & o fazem com hua muyto fervorosa devoção, & celebração a sua festa em hum Domingo, ou dia Santo depois do Natal, porque não tem dia certo para a sua festividade.

Com esta Santissima Imagem da Senhora do Rasario tem todos aquelles moradores muyto grande devoção, & não só os seus devotos Pretinhos a veneração, & amaão, mas tambem os brancos: porque recorrendo a esta misericordiosa Mãe dos peccadores, todos achão remedio em seus trabalhos, & alivios em suas tribulações: porque nos grandes apertos de suas doenças, & enfermidades, mandando pedir o seu manto, com a applicação delle cobraão perfeitada saude, como se tem visto muytas vezes. Muytas maravilhas desta qualidade tem obrado esta Senhora, que a haver quem dellas fizesse memoria, teriamos muyto que referir. Della faz menção o Padre Vigaryo Antonio Pereyra.

TITULO CXII

DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO DE TEBERI NA CACHOEYRA

Na mesma Ermida, que dedicou a Santo Antonio Catharina Lopes no lugar de Teberi, se venera tambem outra Imagem da Rainha dos Anjos, a quem dão o título de nossa Senhora do Livramento, a qual se vê collocada no Altar mór pela devoção dos Pardos do mesmo lugar. E he tão moderna, que foy collocada naquella Igreja haverá poucos annos, porque foy posta nella pelos annos de 1710, pouco mais, ou menos. Esta Santissima Imagem he de escultura formada em barro, mas ricamente obrada, a qual se mandou fazer em Lisboa, & está ricamente estofada. Tem dous palmos & meyo de altura, & sobre o braço esquerdo tem ao Menino Deos sentado.

Estes seus devotos Pardos daquella Freguesia da Senhora do Rosario ou são muyto poucos, ou muyto pobres: porque naquelles primeyros cinco, ou seis annos me não constou festejassem a Senhora sua Protectora. Hoje já a servirão com muyta devoção, & a emulação de que em outras partes ha muyta devoção, & cuydado em servir as Imagens de Maria Senhora nossa, que buscáráo por amparo, & protecção os fará serem hoje mais animosos em seu serviço, para merecerem tambem os seus favores. Não se referem della milagres, porque a sua Casa está em hu certaão.

TITULO CXIII

DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DE JACUIPE

Jacuipe he hum lugar do Certaão da Bahia, que dista della vinte, & duas legoas, & da sua Paroquia da Senhora do Rosario da Cachoeyra oytto, porque a ella pertence. Neste sitio levantou o Padre João de Aragaão & Araujo

hua Ermida, que dedicou a Santo Estevão no anno de 1690. Nesta Ermida collocou depois a devoção dos Pretos cativos huma Imagem da Mãe de Deos com o titulo do Rosario, que he o titulo, a que elles são mais cordialmente affeyçoados. Esta Santissima Imagem se vê no Altar mór daquella Ermida, & nelle a collocáraõ no ano de 1707.

He esta Sagrada Imagem muyto pequena, porque não passa de dous palmos; mas está com muyta devoção, & com o ornato de manto de seda, & coroa de prata. Tem sentado sobre o seu braço esquerdo ao Menino Deos e como he muyto moderna, ainda quando se me deu a noticia della, que seria pelos annos de 1714 ainda os Pretos lhe não haviaõ feyto festa, & seria porque elles naquelle sitio não seriaõ muytos, & por cativos muyto pobres, & assim da sua muyta pobreza nascerá o não lhe poderem fazer festa particular.

TITULO CXIV

DA MILAGROSA IMAGEM DA SENHORA DO CARMO DO CONVENTO DA CACHOEYRA

No mesmo sitio da Cachoeira ha hum Convento de Religiosos de nossa Senhora do Carmo da Observancia. Fundou este Convento o Padre Frey Luis da Trindade, Religiosos da mesma Ordem, a titulo de Missões pelos annos de 1687 & tão excellentes são aquellas terras, que nellas se puderaõ fundar muytos Conventos, & todos podia sustentar a caridade daquelles moradores. Dista este Convento da Cidade da Bahia quatorze legoas, & da Paroquia de nossa Senhora do Rosario mea. Neste Convento da Senhora do Monte do Carmo collocou o mesmo Padre Fr. Luis huma fermosa Imagem da Senhora, como Patrona especial da sua Ordem.

He esta Senhora de elegante estatura, porque tem perto de sete palmos. & sobre o braço esquerdo tem sentado ao Divino Fruto de seu virginio ventre; he de escultura de madeira, & perfeytissimamente estofada, de cor Carmelitana. Tem esta Senhora huma nobilissima Irmandade de Irmaõs Terceiros, que a servem, & festejaõ com muyta grandeza em dous de Fevereiro, a que assistem todos com fervorosa devoção. E neste dia particularmente concorre muyta gente à sua Casa a ganhar o Jubileu. Por todo o discurso do anno he frequentada aquella Casa cô romagens, donde vão muytos a pagar os votos, que lhe fizeraõ, quando em seus trabalhos, & enfermidades a invocáraõ; & em acção de graças a vão buscar, & a lhe offerecer as suas offertas. Tambem vão fazer Novenas na presença da Senhora, & ella como piedosa a todos consola, & faz merces.

Muytos Energumentos se tem levado à sua Casa, os quaes postos na presença daquella milagrosa Senhora, logo ficavaõ livres, porque não podiaõ aquelles inimigos das almas, que as atormentavaõ, soffrer o estar na presença daquella Senhora; & quando alguns eraõ cruelmente atormentados daquelles infernaes espiritos, tanto que lhes lançavaõ sobre elles o manto daquella poderosa Senhora, logo desappareciaõ, por não poderem supportar o seu contacto. Outras muytas maravilhas ha obrado aquella milagrosa Mãe

dos peccadores: mas aquelles Religiosos tem sido tão omissos em fazer memoria dellas, que nos deyxão com o sentimento de não as podermos referir. Da Senhora faz memoria na relação, que pedimos ao Illustrissimo Senhor Arcebispo da Bahia, o Vigaryo da Senhora do Rosario o Padre Antonio Pereyra.

TITULO CXV

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEYÇÃO, QUE SE VENERA NO MESMO CONVENTO

No referido Convento de nossa Senhora do Carmo da Cachoeira he tida em muyto grande veneração huma milagrosa Imagem de nossa Senhora da Conceyção, que se vê naquella Igreja em huma rica Capella collateral da parte do Evangelho. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, a sua estatura são quasi sinco palmos; & está com as mãos levantadas, com manto rico, & coroa de prata na cabeça. Tem esta Senhora huma muyto nobre Irmandade, que lhe erigiaõ os seus devotos, os moradores daquelle destrito, pelos annos de 1713 pouco mais ou menos. Estes a servem com feivor, & a festejaõ com muyta grandeza, em oytto de Dezembro. Neste dia concorrem todos os seus devotos a visitalla, & não só neste dia, mas em todo o discurso do anno a buscaõ, & cõ particular devoção vão fazer na presença da Senhora as suas Novenas, encomendando-se a ella em todos os seus trabalhos, doenças, & enfermidades, & em tudo achaõ o favor, & amparo naquella milagrosa Mãe de Deos, que he ferosissima.

No dia em que esta Senhora foy collocada na sua Capella, a leváráõ em huma solenne procissão para a Igreja, & no mesmo dia da sua collocação, indo na procissão, recorreu a ella a mulher de Luis Gonçalves Fluza, que estava já sem alguma esperanza de vida, & logo alcançou a Senhora (porque nunca se detem em fazer favores, & mercês aos que com devoção a invocaõ) a saude perfeyta, que lhe pedia, & desejava, & brevemente lhe foy dar as graças na sua presença, & em memoria de tão grande beneficio quiz tomar por sua cota o ser Juiza da sua festa, que lhe fez no anno seguinte com muyta grandeza. Muytas maravilhas tem obrado esta Senhora que se houvera cuydado em fazer dellas memoria, podiamos ter muyto que escrever.

TITULO CXVI

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA LUZ, NOSSA SENHORA DA SALVAÇÃO, QUE SE VENERAO NO MESMO CONVENTO

Na mesma Igreja do Convento de nossa Senhora do Carmo em a Capella collateral da parte da Epistola, que corresponde à Capella da Senhora da Conceyção, se vem collocadas duas Imagens da mesma Rainha dos Anjos. A primeyra he a Imagem de nossa Senhora da Luz & a segunda a Imagem de nossa Senhora da Salvação. A Senhora da Luz he de escultura de madeyra, a sua estatura são dous palmos & meyo, & tem ao Menino Deos

sobre o seu braço esquerdo, & de estofada de ouro. Mandou-a collocar Capella por especial devoção hum seu devoto, de quem se nos não declarou o nome, que era razão senão occultasse. A Imagem da Senhora da Salvação tem sobre o braço esquerdo ao Menino JESUS, & tem de alto tres palmos & meyo. Ambas estas Imagens tem o ornato de mantos, & coroas de prata. A Imagem de nossa Senhora da Salvação foy collocada naquella Capella pelos devotos Pretos, que naquelle Convento a quizerão servir, & venerar, o que fazem com muyto grande devoção, porque a festejaõ todos os annos na primeyra Oytava da Pascoa. A Senhora da Luz, que he servida pelos devotos moradores daquelle destrito, se festeja em oyto de Setembro, dia da Natividade da Senhora; o que fazem com muyto particular grandeza, & com toda aquella perfeição, que permittem aquelles Certões. Desta milagrosa Senhora refere o Autor desta noticia que hum homem, que estava quasi cego, & sem esperanças de melhoras, este recorreu com muyta fé á Senhora da Luz, & logo recuperou a luz dos seus olhos, ficando livre da grande afflicção, que padecia com aquella falta. Outras muytas maravilhas s pudêrão referir da Senhora da Luz, mas o grande descuydo de se não lançarem em memoria nos escusa.

TITULO CXVII

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE BELEM, QUE SE VENERA NO SEMINARIO DA COMPANHIA NA CACHOEYRA

Naquelle sitio, que algum dia se chamava Sigumude, fundou o Padre Mestre Alexandre de Gusmaõ, Religioso da Sagrada Companhia de JESUS, hum Seminario, para nelle se recolherem alguns Estudantes, & para estudarem, o que com effeyto se executou: porque se formáraõ Estudos, que atualmente continuão, & se levantou tambem huma fermosa Igreja, que o mesmo Padre dedicou a nossa Senhora de Belem no anno de 1686.

Nesta Igreja collocou o mesmo Padre Gusmaõ huma devotissima Imagem da Mãe de Deos, que logo começou a obrar muytas maravilhas, & milagres. No tempo, em que este Padre Gusmaõ fundou aquella Igreja, era actualmente Provincial da Provincia do Brasil, que a estes benditos Padres nunca a grandeza das dignidades faz affrouxar no grande zelo, que tem do augmento da sua Religião, & do grande amor, que tem á Mãe de Deos. Ao depois foy o mesmo Padre Reytor do dito Seminario, & entãõ ainda cuydava com mais fervor da sua soberana Senhora de Belem. E nelle assistio até o anno de 1710 em que renunciou aquella occupação, por se achar já muyto velho, & cansado do muyto trabalho, que havia tido naquelle Seminario. Fica esta Igreja, & Seminario distante da Paroquia da Cachoeira huma legoa, & da Cidade da Bahia quinze. Está esta Igreja situada com as portas principaes para o Oriente, & as costas para o Occidente, & tem por alli muytos moradores.

He esta Santissima Imagem muito venerada; he de escultura de madeyra. A sua estatura he de huma perfeytissima mulher. Está de joelhos com as mãos levantadas, & os olhos postos no Santissimo Filho Menino, que está

reclinado em hum berço, ou como presepio: & com tão grande affecto se mostra para com o soberano Filho, a quem adora, que arrebatava os corações.

Com esta Santissima Imagem tem todos aquelles moradores huma muyto grande devoção, & assim he a sua Casa muyto frequentada com muytas romagens, & a ella vão muytas pessoas ter as suas Novenas, para impetrarem da Senhora os favores, & merces, que lhe pedem; & outras a darlhe as graças das que tem recebido da sua piedade. Obra muytas maravilhas, & o mesmo Padre Alexandre de Gusmão referido ao Vigaryo da Paroquia da Cachoeira, que nos fez esta relação, que muytas pessoas, que padeciaõ grandes infirmitades, untando-se com o azeite, da sua alampada, cobrãõ a sua perfeyta saude. E que estando a Imagem da Senhora cuberta para mayor veneração com humas cortinas, estas se corrẽã a favor de hum enfermo, o qual morrendo naquella noyte, resuscitã por mercẽ, & favor daquella Soberana Senhora, sem saber dizer mais. Com a grande devoção, que todos tem à Senhora de Belem, lhe fazem huma muyto grande festa nos tres dias de Natal, ou nas tres Oytavas do Nascimento de Deos Menino, aonde naquelles dias concorre muyta gente, a assistir à Mãe de Deos, & a visitar aquelle seu Santuario; & nestes dias parece estar com aquella magestosa attenção ao Santissimo Filho, & inclinação, que mostra, roubando os corações de todos os que a vem. Desta Senhora faz menção o Vigaryo da Paroquia o Padre Antonio Pereyra.

T Í T U L O C X V I I I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO QUE SE VENERA FORA DA BAHIA

Atèqui temos caminhado da Cidade da Bahia para o Norte, & Leste; agora tornamos à Bahia, & iremos caminhando para o Sul, & Oeste até finalizarmos os Santuarios, que pudemos descobrir pertencentes ao Arcebisado da Bahia. E depois trataremos dos Santuarios do Bispado de Pernambuco, Paralya, Maranhão, & Graõ Pará, que he atè onde nos pudemos estender. Sem embargo que no segundo livro não temos muyto que dizer pela escaces, que tivemos de noticias das muytas Imagens milagrosas, que por là haverã.

Neste titulo trataremos da Senhora da Purificação, Ermida visinha à Cidade da Bahia, situada para a parte do Certo. Antigmente nos principios da fundação da Cidade da Bahia se fundou entre os matos (não consta já com que motivo, que seria milagroso) huma Ermidinha, ou quiz a misericordiosa Mãe de Deos manifestasse naquelle sitio a huma Preta aleyjada de ambos os braços, apparecendo-lhe, & falando-lhe em huma Imagem sua, a qual passava por aquelles matos, ou a guiou a piedade de Maria Santissima, para a sarar a ella, & por seu meyo a outros muytos nos corpos, & nas almas, & assim não foy acaso, mas favor do Ceo. Prostrou-se a Preta por terra com grande humildade, adorou a Senhora, & lhe pedio se compadecesse della, & a sarasse. Não se dilatou a Mãe de Deos no despacho da sua petição, porque no mesmo instante lhe deu saude per-

feyta. Vendo-se a Preta favorecida da Senhora, com grande alvoroço voltou para a Cidade, publicando a todos as maravilhas da Mãe de Deos.

Com esta noticia concorrãrão todos, & a mesma Preta os encaminhou ao lugar, aonde descobrião huma Imagem da Senhora, que devemos crer seria fabricada pelos Anjos, & alli a venerãrão, & adorãrão como o Templo da Santissima Trindade, & lhe levantãrão huma Ermidinha, em que começou a obrar os prodigios, que costumava, para nos attrahir à sua devoção, & encaminhar ao amor de seu Santissimo Filho. Esta noticia se nos deu assim, agora se o Autor della se equivocou no titulo, não o posso certificar: porque da Senhora do Desterro se refere hum grande milagre, que fizera a hum homem em tempo do terceyro Governador, que foy Mendo de Sá, que começou a governar no anno de 1557 & neste tempo se edificou Casa à Senhora, como deyxamos dito no titulo II, deste primeyro livro. Bem podia fazerse alli a Ermida da Senhora & acabado o primeyro fervor, o renovou a Mãe de Deos com o milagre, que fez áquelle homem, livrando-o de o comer a Giboya.

T Í T U L O C X I X

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DENOMINADA AZA- VEDIANA, PELA HAVER LEVADO PARA A BAHIA O PADRE IGNA- CIO DE AZEVEDO

Navegava o Padre Ignacio de Azevedo para o Brasil com trinta & nove companheyros, todos da Sagrada Companhia de JESUS & não longe da Ilha Terceyra se encontrou com o pirata Jaques Soria, Frances, & hereje Calvinista, que cativando a não, & não estendendo a nenhum dos passageiros Portuguezes, & mais gente da marinhagem, toda a sua furia exectuou com os Santos Religiosos, & com o seu Prelado o Padre Ignacio de Azevedo, o qual vendo aos seus subditos naquelle grande perigo, tomou em suas mãos trasido de Roma, copia da milagrosa Senhora do Populo; & com ella nas mãos os exhortou a offerecer as vidas em obsequio da Fé com huma devota, & fervorosa pratica chea de espirito do Ceo; & isto estando já ferido mortalmente dos herejes, & acabadas aquellas fervorosas palavras, cahio morto.

Estava o Padre co ma Imagem da Senhora nas mãos, & a tinha tão presa dellas, que lha não puderaõ tirar dellas os herejes, & assim juntamente com ella cheyos de furor, & de diabolica cegueyra, lançaão ao mar o santo Padre. Mas o corpo lançado no mar, o que foy muyto para admirar, foy o ser visto levar algum tanto os braços cruzados, & as mãos sempre pegadas á Imagem da Senhora, o que viraõ ir até desaparecer da vista, & sempre com a Senhora nas mãos. Succedãrão estes martyrios daquelles benditos Padres em 15 de Julho do anno de 1570 em hum Sabbado. Este feliz transito daquelles quarenta Martyros foy revelado a muytos servos de Deos, & principalmente à gloriosa Santa Teresa de JESUS. Deste successo faz menção o Padre Filipe Alegambre, de morte illustrium, parte I, fol. 62, & affirma que esta Sagrada Imagem da Senhora se conserva com summa honra no Brasil. Tambem della faz menção o Padre Gum

penberg no seu Atlas mariano Cent. II. n. 1006. Persuadome se venera esta Santissima Imagem no Collégio, que a sagrada Companhia tem na Cidade da Bahia, & que disporia Deos que lá fosse levada. Tambem faz menção deste martyrio o Padre Telles na sua Chronica.

TITULO CXX

DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO MATRIS DA VILLA DOS ILHÉOS

Quando ElRey D. João o III repartio as Capitania do Brasil, fez merce de huma dellas com sincoenta legoas pela costa a Jorge de Figueyredo Correa, Escrivão da sua Fazenda. A qual Capitania começa da Ponta do Sul da Barra da Bahia, cujo sitio se chama o Morro de São Paulo, & dista esta Capitania da Cidade da Bahia por mar, & costa quarenta & quatro legoas, & por terra sincoenta & seis, como dizem os homens versados nestes caminhos. Este Jorge de Figueyredo hua frota bem provida do necessario, & moradores, com o qual mandou um Castelhana homem nobre, & valeroso, com muyta experiencia, chamado Francisco Romeyro; o qual desembarcou no referido Morro, & alli começou a povoar; & por senão pagar do sitio, se passou para o em que se fundou a Villa dos Ilhéos, assim chamada pelos que tem defronte da Barra. E indo assentar pazes com o Gentio Tupinaquim, foi com a sua Capitania em grande augmento.

Estando neste estado a Capitania, a vendeo o Donatario com licença D'ElRey a Lucas Giraldes, Cavalheyro Florentino, ascendentes de Dom Lucas Portugal; este meteu nella grande cabedal, com que veyo a ter oyto Engenhos de açúcar, ainda que os seus Feytores (como costumaõ fazer tomandando-lhe muyto pouco, ou nenhum açúcar), pelo que escreveu a um Florentino, chamado Thomàs, que lhe pagava com cartas de muyta eloquencia & lhe dizia: Thomasso quiere que te diga, manda là açucres, & deyx a parole. E assinou se sómente.

Não só este he o mal desta Capitania, senão a praga dos Alvares Aymores, que com os seus crueis assaltos fizeraõ despovoar os Engenhos. Depois Francisco Giraldes, sendo Capitaõ, & Senhor daquella Capitania, por morte de seu pay Lucas Giraldes, (este nomeou ElRey Dom João o III, por morte de Manoel Telles em Governador do Brasil, & por arribar, & morrer, não teve o governo) & assim não pode remediar os danos. Chegou àquella Villa hum Armada de Francezes cossayros, que foraõ mayor praga que os Aymores; & porque tres nãos grandes não puderaõ entrar na Barra, o fizeraõ dez navios pequenos, foy isto no anno de 1595 saltáraõ os Francezes herejes em terra, & os moradores, que eraõ muyto poucos, fugiraõ; excepto hum Christovão Vas Leal com algus poucos, que lhe resistiraõ; mas tambem lhe foy forçoso retirar-se até huma Ermida de nossa Senhora das Neves, que fica fóra da Villa, assim pela multidaõ dos inimigos, como por estarem desaperebidos; & ainda que tiveraõ noticia de que andavaõ cossayros Francezes na Costa, não tiveraõ tempo para se fortificar, nem na terra havia artelharia, ou armas de fogo, mais que hum

falção no Forte de Santo Antonio, que está no porto, aonde haviaõ desembarcado os Francezes, com o qual lhe fez Pedro Gonçalves artelheyro hum tiro, & lhe matou dous homes.

Foraõ os Francezes seguindo aos nossos atè a Ermida, aonde ajudados da Virgem nossa Senhora, lhe resistiraõ taõ valerosamente, que com morte de tres, & perda de doze arcabuzes, voltáraõ para a Villa, & se fortificáraõ nas casas de Jorge Martins, de donde começaraõ a saquicar as mais; mas os nossos se hiaõ secretamente meter em algumas casas, aonde os Francezes, julgando que hiaõ buscar lã, vinhaõ sem pello. E não houve (de vinte & sete dias, que alli estiveraõ) hu, em que destas silladas lhe não matassem algus, & algumas vezes cahiaõ mortos dos Francezes quinze. A' Vista disto se animáraõ, & cobráraõ tanto brio os nossos, que se resolvèraõ a sair a campo com elles; & porque o Capitaõ da terra não acabava de chegar, que estava na sua fazenda distante duas legoas, elegèraõ outro, não o mais nobre, nem o mais rico; mas o mais valente, & que se havia mostrado mais animoso nos assaltos, & silladas, que era hum pobre Mamaluco (que são os mistiços) chamado Antonio Fernandes, & por alcunha o Catuçadas, porque assim chamava às estocadas na lingua de sua Mãe. E foy cousa maravilhosa, que sendo os nossos só quinze, ou vinte, sem outras armas que arcos, settas, & espadas, matáraõ dos Francezes no campo cincoenta & sete, em que entou o Capitaõ; & se tiveraõ mais resolução, & advertencia, os matariaõ a todos, & lhe tomariaõ os navios. Com esta perda fugiraõ os Francezes, & se foraõ embarcar, & desperjáraõ a terra, & o porto pelo valor de hum moço boçal, que nem fallar sabia. Não só foy esta confusão para os Francezes, mas tambem para o Capitaõ da terra, que nunca appareceu.

Esta he a noticia dos principios daquella Capitania, & Villa dos Ilhèos. Logo nos seus principios se levantou a Paroquia, que se dedicou à Mãe de Deos, com o titulo do Rosario, & esta foy a Matris, na qual antes de se arruinar (que se devia fundar de pedra, & barro) se venera a referida Imagem de nossa Senhora do Rosario, a quem buscavaõ todos com grande devoção. Estava collocada em hua Capella à parte do Evangelho. Esta Santissima Imagem com a ruina daquella Igreja se collocou no Altar mór da Ermida do glorioso Martyr S. Sebastião, em quanto se não acabava a nova Igreja da Matris. Com esta Imagem da Senhora tinhaõ todos os moradores daquella Villa muyto grande devoção, & a ella recorriaõ sempre em seus trabalhos, & necessidades.

He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, sua proporção são quatro palmos, & tem sôbre o braço esquerdo ao Menino Deos. He fama constante, que desde os principios daquella Villa sempre foy tida em grande veneração, & buscada com affectuosos desejos de a servir por todos aquelles moradores, & na experiencia das merces, & beneficios, que della recebiaõ, se augmentava mais em todos o seu devoto affecto.

Não nos expressáraõ os seus devotos os favores recebidos com sinaes, que seria por não haver lã quem lhos fizesse: mas he certo que em todos distribuhia favores, & beneficios. De romages não ha frequencia, mas ha muytas Novenas, em que os necessitados pretendem obrigar aquella piedosa

Senhora, para conseguirem os despachos de suas petições. Tem esta Senhora duas Irmandades, hua de Brancos, & outra de Pretos. Os Brancos a festejaõ no primeyro Domingo de Outubro, & no segundo os Pretos. Esta he a noticia, que podemos dar da Senhora do Rosario, por relação, que de ordem do Illustrissimo Senhor Arcebispo da Bahia nos veyo, (que elle nos remetteu) feita pelo Vigaryo da Matris o Padre Manoel Monteyro de Abeu.

T I T U L O C X X I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEYÇÃO
DA VILLA DOS ILHÊOS

No destrito da mesma Villa dos Ilhêos se vê fóra da sua povoação hua Ermida, que se dedicou em seus principios ao Martyr São Sebastião, que he a de que asima fallâmos. Nesta Ermida he venerada em particular Capella, que fica da parte do Evangelho, hua muyto devota Imagem de nossa Senhora da Conceyção, com quem aquelles moradores tem muyto grande devoção desde os principios, que foi collocada naquella Ermida. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, & estofada. A sua estatura são dous palmos y meyo. Está com as mãos levantadas, & juntas. Pelos annos de 1700 pouco mais, ou menos se movêraõ os Pardos daquella Villa com fervorosa devoção a servir a Senhora, o que fizeraõ com hum grande affecto debayxo do titulo do Amparo, para obrigarem a Senhora a que os amparasse, & defendesse, & os congregáraõ em hua Irmandade, & lhe começáraõ a fazer a sua festividade em 8 de dezembro.

Depois pellos annos de 1713 se transferio a festa da Senhora para o dia da Purificação a dous de Fevreyro com o motivo de ser erigida entaõ, ou confirmada a sua Irmandade. De memorias, & sinaes de maravilhas não ha nada pela razão, que apontamos asima, fallando da Senhora do Rosário. E como se fazem à Senhora muytas Novenas, he certo que a misericordiosa Senhora obra a favor dos seus devotos muytas misericordias, & lhes faz muytos favores: porque a experiencia de os fazer os move a ir á sua presença a impetrar as suas merces; que na Mãe de Deos seria cousa de maravilha não as obrar a favor dos seus devotos, que com fervorosa devoção a amaõ, & a buscaõ.

T I T U L O C X X I I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE DOS
ILHÊOS

Na mesma Villa dos Ilhêos, & na Ermida, de que temos fallado, de São Sebastião he venerada hua muyto devota Imagem da Rainha dos Anjos com o titulo da Piedade. Ve-se esta Sagrada Imagem collocada em hua Capella à parte da Epistola, aonde se vem aos lados as Imagens de Santo Amaro, & de São Francisco. He formada esta Imagem de talha de madeyra, & a sua estatura, estando sentada, não passará muyto de dous pal-

mos. Tem o Senhor reclinado no seu regaço com a cabeça inclinada para a parte esquerda da Senhora; a qual com elevação dos olhos para o Ceo mostra estar sentindo a crueldade dos homes, que ao Autor da sua vida tratáraõ com tanta crueldade, & não faz ao Padre Eterno queyxa da sua tyrania, mas como May de piedade lhes procura as suas misericordias, & desculpa as suas ignorancias. Tem os braços cahidos até o meyo, & as palmas abertas para o mesmo Ceo, como quem vê executada em seu innocente, & amoroso Filho, que por nos levar ao Ceo experimentou nos homes tão fea ingratitude, & tão detestavel crueldade.

Esta Santissima Imagem estava antigamente collocada na Igreja da Misericordia, da qual era Padroeira; mas como esta padecesse ruina, a leváraõ os seus devotos Irmaõs para a Ermida de São Sebastião, & nella a collocáraõ na referida Capella. Nesta a servem os seus devotos com muyto grande devoção, pelos annos de 1690 & tanto lhe erigiraõ huma Irmandade; & esta a festejava com grande fervor, & grandeza na segunda feyra depois da Dominica in Albis, porém hoje a festejaõ em dezaseis de Julho no dia da Senhora do Carmo. São muytas as Novenas, que se fazem a esta Senhora: porque todos em suas necessidades, recorrendo á sua piedade, achão sempre nella o seu favor, & remedio.

Muytos são os milagres, que obra a favor dos que imploraõ o seu patrocinio. Domingos Gonsalves Vilarinho, morador naquella Villa, estava derubando em 4 de Abril de 1714 hua parede de sua casa; porque necessitava de se reformar, & cahindo esta, apanhou debayxo ao referido Domingos Gonsalves, o qual recorrendo em seu coração ao poder da Senhora da Piedade, de quem sempre fora muyto devoto, o livrou daquelle grande perigo, em que todos o julgavaõ por morto. E supposto que delle ficou muyto maltratado, levantando depois de alguns tres meses, em que lhe eraõ necessarias duas moletas; mas a Senhora o livrou de sorte, que ao presente vive sem queyxa, & sem lesão alguma. E accrescentava o mesmo Domingos Gonsalves que andando aquella costa infestada de cossayros, & piratas hejejes, roubando varias lanchas, nunca a sua se vira em perigo, o que tudo attribuihia á grande fé, com que elle recorria á Senhora da Piedade, a quem pedia o livrasse dos encontros dos piratas. Outras muytas maravilhas se referem da milagrosa Senhora da Piedade. Desta Senhora faz menção o Vigaryo da sua Matris o Padre Manoel Monteyro de Abreu.

TITULO CXXIII

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DAS NEVES, OU DA VITORIA DOS ILHÊOS

Nos principios, em que povou a Villa dos Ilhêos, se dedicou á Rainha Anjos huma Casa, a qual lhe dedicáraõ com o titulo das Neves; seria isto pelos annos de 1530 & tantos. Fundou-se esta Ermida ao pé de hum monte, a que certamente se entende movêra Deos aquelles moradores, para que tivessem nesta muyto milagrosa Senhora, & benigna Mãe dos peccadores hua grande Patrona, & defensora em todos os seus trabalhos, & de todos os

seus inimigos. Ficava esta Ermida da Senhora nos ultimos fins da rua de S. Bento. E nesta Igreja se celebrou sempre a sua festa desde os principios da sua fundação, & no dia de 15 de Agosto, & nelle era festejada todos os annos com muyto fervorosa devoção por todos aqueles moradores: porque todos acharão sempre na sua piedade huma perene protecção, como o experimentêrao muytas vezes, & como succedeu no anno de 1595 quando veyo sobre os Ilhêos hua Armada de Francezes Calvinistas, como dissemos no titulo 120 asima, a qual constava de tres nãos grandes, & dez navios pequenos, como deyxamos referido.

Crescendo mais a povoação, & havendo nela mais gente, costumavaõ os moradores da terra fazer entradas no Certaõ para affugentar o Gentio, que os maltratava. Em huma destas entradas lhe armáraõ os Gentios huma tal sillada, que de todos os que entraraõ sómente escaparaõ quatro, que deraõ conta da perda dos companheyros. Com esta triste narração se movêraõ os pays, amigos, & parentes dos mortos a se vingarem dos Indios, a toda a diligencia. E assim repetiraõ as entradas no Certaõ. E como neste tempo se começava novamente a reedificar a Casa da Senhora das Neves no mais alto do monte, como hoje se vê, por se haver arruinado a primeyra, era para ver a devoção, com que as mulheres acarretavaõ às suas cabeças as pedras, & os materiaes, para que a obra crescesse com mais pressa, & pediaõ à Senhora em recompensa deste seu trabalho vitoria para seus maridos. E o successo se confirmou com os seus desejos: porque alcançáraõ do Gentio huma grande vitoria, pois os destruiaraõ, ficando bem castigados dos males, que haviaõ feyto.

Refere-se que dos mesmos Gentios referiraõ os filhos, ou alguns dos que escapáraõ que huma mulher branca montada em hum cavallo que hia diante, os vencêra. Foy este successo motivo, para que deyxando o titulo das Neves, comesçassem a invocar a Senhora com o da Vitoria. Passados alguns annos depois deste memoravel successo, corrompeu o tempo a Santa Imagem, que era de madeyra estofada, & tinha quatro palmos em alto, & ao Menino Deos sobre o braço esquerdo. A' vista disto hum morador chamado Manoel da Costa, grande devoto de nossa Senhora, mandou fazer a Lisboa outra Imagem nova, o que se fez no anno de 1680 pouco mais, ou menos, a quem se deu o titulo da Vitoria, que he o com que ao presente he invocada. E porque a pressa, com que se fez, & o mal que a empapelêraõ, & compuzeraõ no cayxaõ, foy causa de que todo o estofado viesse muyto maltratado, & era necessario concertalla, & estofalla de novo, outro grande devoto da Senhora, chamado Manoel Dias Filgueyra, tomou por sua conta mandalla reparar, o que se fez com grande perfeição; & fez esta obra em agradecimento de lhe livrar a Senhora huma não, que havia fabricado na mesma Villa dos Ilhêos, de não dar à costa na Barra da mesma Villa. E assim mandou a Santa Imagem outra vez a Lisboa, onde se estofou com toda a perfeição.

He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, tem de alto seis palmos, & está com as mãos levantadas, & juntas diante dos peytos, & na cabeça se reconhece alguma elevação para a parte esquerda. Quando nos veyc esta noticia, estava collocada no Altar mór da Ermida de São Sebas-

tiaõ, por se estar reedificando a Casa da Senhora, & já hoje se terá trasladado para a sua Casa. Não tem Irmandade, mas tem hum Confraria de Mordomos, em que todos desejaõ entrar com a fervorosa devoção, que tem à Senhora da Vitoria. Sempre esta Senhora foy buscada com romagens, & Novenas, rogando-lhe pelo bom successo dos seus negocios, & para que os livrasse de trabalhos, que padeciaõ, & sempre achaõ naquella Senhora favor, & consolação.

Os milagres, que obra, são continuos, mas como nunca houve quem delles fizesse memoria, são muyto poucos os que se sabem; & dos que andaõ na memoria de todos, referirey alguns. Haverá vinte annos que pelos de 1690 & tantos, que sahindo hum sumaca de hum Agostinho Coelho pela Barra daquella Villa, topou com duas pedras, ou cachòpos, & como a marè vazava, ficou suspensa sobre elles. Vendo o Capitaõ da sumaca o seu grande perigo, & que não tinha soccorro humano para poder escapar de fazer miseravel naufragio, recorreu à Senhora da Vitoria, promettendo-lhe o traquete da sua sumaca, se escapasse, & o livrasse daquele grande perigo. Não se fez a Senhora surda às suas vozes, porque (caso maravilhoso!) com hum mar, que veyo, se vio o Capitaõ livre do perigo, & a sumaca fóra dos penedos, escapando do naufragio.

Bartholomeu Pereyra, morador da mesma Villa dos Ilhèos, caindo de hum coqueyro altissimo abayxo, quando todos o julgavaõ feyto em pedaços pela grande altura, de que havia cahido, invocou a Senhora da Vitoria, & com o seu favor escapou sem lesaõ alguma. E confessava que naquelle grande perigo não perdèra da lembrança a Senhora da Vitoria. Festeja-se esta Senhora, como já fica dito, & não como se costumava em quinze de Agosto, mas em sinco, que he o dia da Neves, que he o titulo, que tinha em seus principios. Da Senhora da Vitoria faz menção na sua relação o Padre Manoel Monteyro de Abreu, Vigaryo da mesma Villa.

T I T U L O C X X I V

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO DE ITAHIPE

Duas legoas para o Norte da Villa dos Ilhèos se vé a povoação de Itahi-pe, que devia povoar Bartholomeu Luis da Espinha, o qual fez nesta fazenda hum grande Engenho, & era taõ boa esta terra, que junto ao Engenho está hum lagoa de agua doce, aonde ha muyto peyxe, & muyto bom, & do mar, & peyxes bois, & tinha tambem hum grande pomar de marmelos, figos, uvas, & outras frutas de espinho. Hum filho deste Bartholomeu Luis, chamado Henrique Luis de Espinha, edificou (o que seria pelos annos de 1600) hum Ermida a nossa Senhora da Encarnação, collocando no Altar mòr da mesma Ermida hum quadro, em que estava pintado aquelle santissimo mysterio; a Senhora annunciada pelo Arcanjo São Gabriel, & foy isto pouco depois dos principios daquella povoação, que fundáraõ os Portuguezes. Correndo os annos, se reedificou a tal Ermida, não no mesmo lugar, mas no mais levantado daquelle sitio: por quanto a primeyra já amea-

çava ruína, & foy isto pelos annos de 1670 & tantos. Esta nova Ermida reedificou, ou fundou Manoel de Sousa de Eça, o qual mandou fazer tambem outra Imagem de vulto de excellente talha de madeyra, que tem quatro palmos de estatura. Está collocada no mesmo Altar mór daquella nova Ermida na parte da Epistola. Tem a Senhora a sua mão esquerda sobre o peyto, & a direyta suspensa no ar, como em sinal de admiração, & está com summa modestia com os olhos no chão.

He esta Santissima Imagem muyto milagrosa, & assim lhe vão fazer muytas pessoas Novenas, & pedir-lhe favor em seus trabalhos. Em quanto aos milagres, que obra, depõe o Capitão Joaõ de Araujo de Eça, que indo daquelle porto para a Bahia em hum sumaca carregada de açúcar da sua lavoura, se vira perdido na barra do Rio das Contas, que fica ao Norte do Rio Camamu para a Bahia, & que fazendo voto a nossa Senhora de lhe mandar fazer hum paynel, se o livrasse daquelle grande perigo em que se reconhecesse que a Senhora o livraria, logo delle o livrou; o que executou logo que chegou à Bahia, o qual está posto no Altar mór. He este paynel de muyto boa pintura em panno, tem dez palmos em alto, & sete de largo, fóra as molduras, que são de madeyra, ainda que pintadas de preto com perfis de ouro. Esta Imagem da Senhora he pintada, & fica à Parte do Evangelho, & tem sinco palmos de estatura; os olhos levantados ao Ceo, ou para o Anjo S. Gabriel; & tem a mão esquerda sobre hum mesa. Hoje se festeja no seu mesmo dia em 25 de Março, mas como a povoação he limitada, alguns annos se deyxá de fazer a sua festa.

T Í T U L O C X X V

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE ITAHIBE

Na mesma Igreja de nossa Senhora da Encarnação de Itahipe se vê tambem no seu Altar mór, que he unico, hum a Imagem de nossa Senhora do Rosario, a qual se collocou naquelle lugar ha mais de cincoenta annos, & seria pelos de 1670 pouco mais, ou menos. Os Pretos daquelle destrito com a sua costumada devoção para com este mysterioso titulo deraõ principio a hum a Irmandade, ou Confraria; & estes a servem na fórma, que põdem, & a festaão huns annos pelo Espirito Santo, outros em Julho dia da gloriosa Santa Anna; o que fazem segundo a sua possibilidade, mas com summa devoção, que he maravilhosa: porque, sendo pobrissimos, ainda assim não faltaõ em fazer quanto podem no serviço da Virgem nossa Senhora. He esta Santissima Imagem pequena, porque não passará de dcus palmos de alto tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deos. Não consta com certeza quem a collocou naquella Igreja, porque senão sabe se foraõ os mesmos Pretos. Della faz menção o Vigaryo dos Ilhêos o Padre Manoel Monteyro de Abreu.

T Í T U L O C X X V I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA ASSUMPÇÃO DA
VILLA DE CAMAMU

A Capitania dos Ilhêos pertence o Rio Camamù, & nas Ilhas de Tinharè, & Boepèba, que são da mesma Capitania, & estão mais perto da Bahia, aonde ha muyto grandes Engenhos. E he de saber que da ponta do Padraão da Bahia vão correndo as prayas sessenta legoas ao Porto, ou Rio de Santa Cruz. Este foy o sitio, aonde desembarcou o Capitão Pedro Alves Cabral, quando no anno de 1500 descobrio o Brasil, a que chamou Porto Seguro. Está em altura de dezaseis grãos & meyo, caminha a costa desde a Bahia quasi Norte Sul até o Rio Grande, que desagoa em quinze grãos & meyo, & do Rio Grande até o de Santa Cruz Nordeste Sudeste. Nesta distancia desembocção ao mar trinta Rios. Os principaes são Jagoaripe, Camamù, Rio das Contas, Taypè, Rio de São Jorge, que he o mesmo dos Ilhêos, todos abundantissimos de aguas, & terras muyto ferteis, & as matas desde o Rio das Contas até Santa Cruz são de pãos preciosos, especialmente do que chamaõ Brasil.

Nas ribeyras pois do Rio Camamù se fundou a Villa, que delle tomou o nome. Na Igreja Matris desta Villa he venerada a milagrosa Imagem de nossa Senhora da Assumpção, Padroeira, & orago da mesma Matris. Esta Villa haverá menos de cem annos que foy fundada, & a sua principal Igreja dedicáraõ os seus povoadores ao mysterio da Assumpção da Virgem Maria, cuja Sagrada Imagem se collocou no meyo do seu retabolo da Capella mòr em hum nicho, que nelle se fez. Foy obrada em Lisboa com grande perfeição, & a sua estatura são cinco palmos; ve-se sobre hum peanha de dous palmos & meyo, muyto bem dourada, & a Senhora está ricamente estofada de ouro; tem os braços abertos para mayor expressão do mysterio, & está com muyta veneração, & ornato. A sua festividade se lhe faz em 15 de Agosto.

Logo que esta Santissima Imagem foy collocada, no dia da sua collocação mostrou o quanto se obrigava da fervorosa devoção, com que os moradores se empregavaõ nos seus obsequios, & o mostrou em hum grande milagre, que fez. Vinhaõ em hum canoa muytos dos seus devotos a assistir à festividade da Senhora, & na mesma embarcação vinha hum baczarte carregado de balas, que cahindo rebentou; o cano, & a coronha fizeram-se em pedaços: quando as balas puderaõ offender aos muytos, que vinhaõ na canoa, todas se empregáraõ no casco della, sem fazer nos que vinhaõ nella o menor danno. E assim se reconheceu por todos o favor da Senhora, & lhe deraõ as graças de os livrar. Todos movidos tambem desta maravilha tem muyto grande devoção com esta Senhora.

Logo se erigio em louvor da mesma Senhora hum lustrosa Irmandade, para o que se lhe fez Compromisso, que confirmou o Illustrissimo Arcebispo D. Sebastião Monteyro da Vide. E os seus devotos Irmaõs a servem fervorosamente, & a festejaõ no mesmo dia com grandeza, & muyto dispendio. He muyto grande a devoção, com que he buscada de todos aquelles morado-

res. Esta Santissima Imagem não he muyto antiga; mas não nos constou se na mesma Igreja houvera outra Imagem, que podia gastar o tempo, & em seu lugar collocarse esta nova; nem tambem quem fosse o devoto, que a mandou fazer a Lisboa.

T Í T U L O C X X V I I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DA VILLA DO CAMAMU

Na mesma Igreja Matris da Villa do Camamû he tambem tida em muyta veneração ha mais de quarenta annos huma Imagem de nossa Senhora do Rosario: porque se entende a mandaraõ fazer os Pretos pelos annos de 1680 & elles foraõ os que a fizeraõ collocar naquella Igreja, & a servem com huma muyto particular devoção. He muyto linda & está perfeytamente estofada; a sua estatura saõ tres palmos. Tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deos com ornato de manto, & coroa de prata.

Tambem tem esta Senhora huma Irmandade approvada com seu Compromisso, & os seus Irmãos Pretinhos a festejaõ no primeyro Domingo de Outubro. Tem todos os moradores cõ esta Senhora muyta devoção, & não só os Pretos, mas os brancos a buscaõ nas suas necessidades, & em seus apertos; & a Senhora augmenta em todos a sua fé com as maravilhas, que obra. E por isso lhe vai fazer muytas pessoas Novenas em seus trabalhos, & necessidades, & por experiencia conhecem a sua grande clemencia, & piedade, com que as favorece.

T Í T U L O C X X V I I I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEYÇÃO DO CAMAMU

Na mesma referida Igreja Paroquial da Villa do Camamû se vê huma Capella dedicada às Almas do Purgatorio, que fica no corpo da Igreja, na qual se vê collocada à parte do Evangelho huma Imagem da Rainha dos Anjos com o titulo de sua Conceyção purissima, que he de escultura de madeyra, & sómente pintada de cores com as mãos levantadas ao Ceo. Não tem Irmandade, nem Confraria; festeja-se por devoção daquelles moradores. E como a relação, que se nos fez, he tão succinta, não posso referir as mais particularidades desta Senhora: porém inferindo da devoção, com que a servem aquelles moradores, & do muyto que confiaõ nos seus poderes, & intercessão, haveria muyto, que dizer sobre ella. Esta Santissima Imagem tambem he antiga, & poderà ser que o mesmo devoto, que a mandou fazer, cujo nome já não lembra, a collocasse naquella Capella. Festejaõ a Senhora em 8 de Dezembro.

T Í T U L O C X X I X

DA IMAGEM DA SENHORA DO AMPARO DO CAMAMÛ

Na mesma Paroquia da Villa do Camamû ha outra Capella dedicada ao glorioso Martyr São Sebastião, aonde se vê collocada huma Imagem da Mãy de Deos, a quem invocaõ com o titulo do Amparo, & como no Brasil pela mayor parte os Pardos servem a Mãy de Deos debayxo deste titulo, estes são os que na Villa do Camamû servem, & festejaõ a esta Santissima Imagem, o que fazem em 21 de Novembro dia da sua Presentação. Tem sómente Confraria, na qual são nomeados cada anno os que lhe haõ de fazer a sua festa, & na grande devoção, & perseverança, com que o fazem, se vê a grande piedade da Mãy de Deos: porque ella para nos encher das Divinas Misericordias, está sempre rogando a seu Santissimo Filho toque os nossos coraçoes, para que fervorosamente nos occupemos nas causas do seu Divino serviço. Bendita ella seja, pois a nenhua condição exclue; a todos ampara, & favorece.

T Í T U L O C X X X

DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO DA VILLA DO CAMAMÛ

Fóra da Villa do Camamû em distancia de quasi hum quarto de legoa, se edificou à Rainha dos Anjos huma Ermida, & não se me declara na relação, que della se nos faz, quem foy o devoto, que a edificou, nem o seu nome. E dizem que he Ermida antiga, porque parece ter mais de sincoenta annos de principio. Porque o Paroco daquella Freguesia, que nos deu noticias, não declara o tempo, em que se edificou a Casa á Senhora, & só diz ser muyto antiga.

Nesta Ermida se collocou huma Imagem da Mãy de Deos, a quem veneraõ com o título do Desterro; ve-se esta Imagem da Senhora collocada no Alar mór da mesma Ermida, que he unico, com o Menino Deos pela mão, & da outra parte seu Esposo e glorioso São Joseph; estas Imagens não foraõ pintadas, ou encarnadas, & estofadas: porque morreria o Fundador da Ermida, & não poderia maldallas encarnar. Ou que Deos dispoz ficassem assim, por começarem logo, que sahiraõ das mãos do Escultor, a obrar maravilhas; & não ser servido que as mãos dos pintores a tocassem: não se me referio a sua proporção de cada hua; tudo se escreveu sucintamente.

Com esta Santissima Imagem tem todos os moradores daquella Villa muyto grande devoção, & grande confiança em seus trabalhos: porque todos os que imploraõ o seu favor, o conseguem. Desta Senhora se refere que estando-selhe reparando a Casa, por estar algum tanto dannificada, cahira hua grande, & pesada trave, & que apanhando debayxo a hu official, que trabalhava na obra, quando todos entendiaõ que lhe quebraria as pernas, & o deyxaria muyto ferido, & magoado, se levantou sem lesaõ

alguma, nem nodoa, que lhe fizesse a pesada trave. A outro official succedeu o mesmo; porque a nenhum delles fez algum leve dano, ficando debayxo da trave. A' vista desta grande maravilha, & favor, que a Senhora fez àquelles officiaes, se acendeu ainda a devoção para com aquella misericordiosa Senhora. Isto he o que podemos alcançar da milagrosa Senhora do Desterro, sem embargo de ser recomendada esta diligencia pelo Illustrissimo Senhor Arcebispo da Bahia.

TITULO CXXXI

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA SOLEDADE DO CERTÃO NAS RIBEYRAS DO RIO DE S. FRANCISCO

Em todos os tempos he Deos maravilhoso nas prodigiosas obras que fabrica continuamente, em que nos manifesta que os seus prodigios, parecendo acasos, são todos maravilhas da sua grande Omnipotencia. Tal he o magnifico Templo, que se descobrio nas Ribeyras do grande Rio de S. Francisco (distante duzentas legoas da sua foz) no interior do Certaõ. He esta maravilha huma cousa tão admiravel, & tão grande, como o confessão os muytos, que vão a vello, & a registrarlo. Este Rio de São Francisco, que está em altura de dez graãos, & huma quarta, he hum dos mayores do Brasil, assim pella immensidade de suas aguas, como pelo grande numero de legoas, que comprehende; aonde vay recolhendo outros muytos rios, com que ainda se faz mais secundo, & copioso; & até o presente senão sabe com certeza a origem da sua fonte: porque ainda que alguns intentáraõ o descobrilla, o não puderaõ conseguir, não só por lhes faltar o mantimento, mas pelo temor do Gentio, que habita naquelles Certões, que he innumeravel.

Alguns dizem vir da parte do Sul, & a incorporar-se com o Rio das Velhas, que dizem passa pelos campos de Piratininga, & destritos da Cidade de São Paulo. Quatrocentas legoas tem de navegavel em canoas. Não entra absolutamente no mar pelo obstaculo de duas serras, que encontra, as quaes pretendendo impedir-lhe o curso de sua corrente, elle rompe por meyo dellas com hum canal, que fez, donde se despenha de tão grande altura, que se ouve o estrondo de suas aguas muytas legoas. Como se refere do Rio Nilo, quando se despenha nas suas Catadupas. E não he tão pouca a distancia deste canal, que não comprehenda algumas dez legoas.

Depois de despenhada prosegue com a mesma largura, que trazia do Certaõ, & se vay incorporar com as aguas do Oceano Brasilico, aonde tem huma fermosa Barra capàs de grandes embarcações, a qual faz duas legoas de largo. São as aguas deste Rio puras, claras, & abundantes de muyta variedade de peyxes, entre os quaes ha huns como os mayores Tubarões, a quem dão o nome de Serobins, & outros Piranhas, peyxes atrevido, & devorador não só dos outros peyxes, mas ainda de animaes terrestres, porque em pouco tempo desfaz hum boy, não perdoando tambem aos homes, que sem cautela entraõ nas aguas. Mas he peyxes delicioso, que se dà tambem aos enfermos. Tras muyta quantidade de lontras, que nadan-

do parecem cachorros, & hua que chamaõ Jacarès, do feytio de grandes largartos de comprimento de duas braças; os quaes fazendo espera como troncos de arvores, ou cousa immovel, fazem presa nos animaes, & os despedação, & comem; & o mesmo nos homes, que descuydados chegam ás marges daquelle Rio.

Tem no meyo de duas correntes alguas Ilhas. No Inverno faz grandes cheas, & assim se estende por muytas legoas; aonde obriga aos moradores a se retirarem com os seus gados. São os ares puros, salutiferos, & muyto temperados. Os seus Certões são abundantes de mel, & de muyta variedade de fruta sylvestres com muyta variedade de caça com ricos, & fermosissimos campos, em que se cria toda a variedade de gados, & em tanta abundancia, que parece se não podem recolher em seus campos; mas, ccomo são abundantissimos de pastos, para todos ha sustento. Tambem não faltaõ fêras, como Veados, Tigres, & Onças. Eraõ muytos os Gentios, que desciaõ do Certão alguas quinhentas legoas, & assim era necessario aos vaqueyros andar muyto armados.

No tempo presente com o zeloso cuydado do Illustrissimo Senhor Arcebispo D. Sebastião Monteyro da Vide se acha isto algua cousa remediado, por mandar Missionarios para doutrinarem, & converterem aos Gentios. Tambem ha nestes Certões muytas minas de curo, prata, & pedraria. Isto he o que podemos dizer brevemente do Rio de São Francisco, & do seu rico destrito, & secundo terreno, habitado hoje de muyta gente pelo delicioso de seus campos, & salutiferos ares; aonde se pudêraõ fundar muytas povoações; mas os Portuguezes só sabem conquistar, mas não povoar.

Quanto ao descobrimento da maravilha referida, & magnifico Templo. He de saber que de hua povoação deste Reyno de Portugal sahio hum moço para o Brasil chamado Francisco de Mendonça, filho de pays pobres, & official de ourives, & assim parece ser filho de Lisboa; mas certamente não consta qual fosse a sua patria. Este além do achaque de pobreza padecia outras queyexas; & entendendo que mudando de terra, poderia conseguir a perfeyta saude, que desejava, assim se resolveu a passar a Bahia, tendo de idade pouco mais de vinte annos. Era este moço muyto devoto de nossa Senhora, mas aquelle clima, que com a delicia, & largueza, com que lá vive quem não anda muyto armado do temor de Deos, facilmente declina em vicios. Este dando-se aos tratos, & commercios do Mundo, & ajuntando algum cabedal se vio em grandes perigos de sua salvação; mas, como era servo de nossa Senhora, ella o favoreceu, & lhe alcançou de Deos luz para conhecer os enganos do Mundo; & assim se resolveu a deyxallo, & retirar-se a algua parte, aonde fugindo ao trato dos Homes se pudesse empregar no serviço de Deos.

Tinha já neste tempo Francisco de Mendonça trinta annos, ou pouco mais, & distribuindo o cabedal, que tinha, que tal vez não seria muyto, pelos annos de 1680 pouco mais ou menos sahio em habito humilde, & pobre acompanhado de hua devota Imagem de Christo Crucificado do tamanho de tres palmos, a quem pedio luz, para que todos os seus passos fôsssem dirigidos a sua mayor honra, & gloria; meteu-se pelo Certaõ dentro, aonde achou varios sitios, em que se achava

tinava para outro lugar, quiz que se alargasse mais, & assim foy dar em hum grande mantanha, que fica nas marges do Rio de São Francisco, & em distancia de duzentas legoas da sua foz, & da Villa, que tomou o nome do mesmo Santo, que lho haviaõ imposto os primeyros descobridores, quando descobriraõ em 4 de Outubro aquellas suas grandes correntes.

Dentro desta grande penha descobrio o Eremitão Francisco, que na sua conversão se quiz chamar Francisco da Soledade, hum fermoso, & dilatado Templo: porque faz duzentos palmos de comprido, com largura proporcionada ao seu comprimento. Tem cruzeyro, que faz no que representa a Cruz, oytenta & dous palmos. He formado este Templo em fórma de Cruz. O tecto deste Templo representa hu Ceo com nuves, & rasgos de diversas cores; & por obra de huns bichinhos formados bastantes estrellas, como se reconhece debayxo. Sustenta-se esta maquina sobre columnas, & bases de jaspe, & paredes reforçadissimas, nas quaes estão abertas algumas casas, como capellas, ou cellas. Tem capella mór, & collateraes com seu pavimento, & cemeterio. Tem hum sino com badalo tambem de pedra, cujos toques são como se a arte o temperasse. Faz pasmar esta maravilha, & o affirma a vista ser sino.

Para este prodigio da natureza se entra por hua portada, como porta de alguma grande Cidade, & dentro no braço do cruzeyro a parte do Evangelho se vê hua porta, aonde se achva hua varanda com cem palmos de comprido; & della ao Rio vão trinta braças, que fazem trezentos palmos de altura, & tudo para a parte do Occidente, por onde entra bastante luz, batendo-lhe ao pé o Rio, que corre pelo frontespicio da penha, que para esta parte he altissima. E por fóra parece hua Cidade, em que se notaõ rarissimas cousas, torres, & pyramides altissimas, entrefachadas com bõs arvoredos. Achaõ-se tambem ao redor, & pelo alto da mesma penha bastante covas, & capacidades proporcionadas para Ermidas. Daõ a esta penha o nome de Itabarabá, que na lingua do Gentio vai o mesmo, que Pedra que luz; tem de circuito hum quarto de legoa. Está no principio de grandes matos que correm dalli para o Oriente. He ainda hoje aquelle sitio, & destrito habitação de feras, que dalli sahem a fazer presa em outras, que por alli ha em abundancia.

Nesta incognita habitação, ou nesta maravilha da natureza entrou o Irmaõ Francisco da Soledade com a Imagem do Senhor JESU Christo, aonde olhando para hua das referidas Capellas collateraes, para a da parte do Evagelho, vendo nella hum perfeyto monte Calvario, rematando com hua peanha; & hum singular buraco, que mysteriosa, & proporcienadamente recebia a Cruz da Santissima Imagem de Christo, o que foy o Eremitão maravilha assombrosa. Alli collocou, & se poz entre confuso, & alegre a chorar as suas culpas, & a render juntamente as graças ao ac Senhor Autor destas maravilhas, admirando seus Divinos poderes. E neste quiz viver e se quiz deyxar ficar na companhia do Senhor.

Depois, tendo noticias o Illustrissimo Arcebispo o Senhor dos Sebastião Monteyro da Vide na sua Cidade da Bahia destas grandes maravilhas, mandou Visitadores, que com particular cuydado registráraõ, & vislumbraõ aquelle grande milagre da natureza; & acháraõ ser tudo, o que se

havia referido, hua inteyra verdade, & viraõ ser aquelle lugar, & aquelle Templo muyto decente, vistas todas as circumstancias: & tambem a grande concurrencia, que já havia de gente, que por devoção, & tambem por curiosidade o Hiaõ venerar, & ver. E estar já naquelle lugar exposta, & levantada a Sagrada Imagem de Christo Crucificado, & se celebrar já nelle o Santo Sacrificio da Missa por Religiosos, & Sacerdotes, que hiaõ áquelle lugar attrahidos dos mesmos prodigios, que se referiaão. Erigiraõ aquelle Templo, que a natureza havia fabricado, em Capella, ou Igreja com o titulo do Bom JESU, & de nossa Senhora da Soledade.

Com estas informações, que teve aquelle vigilante Prelado, & com os rogos daquelles moradores circunvisinhos àquelle sitio, (& que já hoje não seraõ poucos, segundo a bondade daquelle terreno) & com a noticia de que naquella Igreja tinha já todos os paramentos necesarios para o culto Divino, se dignou de ordenar de Sacerdote ao Irmão Francisco da Soledade com esperanza de que proseguiria na sua santa vida, & com a companhia de outros virtuosos varões, & Sacerdotes no serviço de nosso Senhor; do que se seguiria muyta gloria para o mesmo Deos, y tambem hua utilidade commua, & universal para todas as almas de todos aquelles moradores que frequentavaõ, & visitavaõ aquelle Santuario.

Quanto aos principios, & origem da Virgem Senhro da Soledade, nosso primeyro, & principal emprego, referiremos agora o que houve neste particular. O Padre já, & não Irmão Francisco da Soledade, estando no seculo, cu antes de se entregar de todo a nosso Senhor, vendo-se atemorizado com pensamentos, & duvidas de que se perderia, temendo que Deos, o castigasse, como entendia e mereciaõ os seus peccados; que o justo sempre he hum fiscal, & severo accusador de si mesmo, recorreu ao amparo dos peccadores, que he Maria Senhora nossa, de quem era o Padre grandemente devoto, & como filho, que teme a seu pay, & busca o seu refugio na mãy, se acolheu ao favor de nossa Senhora. Veyo-lhe à mão hum lamina tão pequena, como a palma de humã mão, de nossa Senhora da Soledade. Com este retrato da Senhora se alegrou, & se compungio, & tambem com elle se affervorou para fugir da companhia dos homes, & retirar-se de todo à soledade, como o veyo a executar. Que são admiraveis os caminhos, que Deos toma para encaminhar as almas ao Ceo. E com o favor de nossa Senhora abraçando-se com hum Crucifixo, (elle era o que levou consigo) deyxando tudo o mais, só reservou a lamina da Senhora que está em hum caxilho de prata, com hua vidraça crystallina. Com esta tão segura companhia da Senhora, & do Santo Christo chegou àquelle prodigioso sitio da lapa.

Chegando àquelle milagroso lugar, se pagou tanto d'elle, que o escolheu por morada, & alli ficou, como fica dito, & com a Imagem do Senhor, & da Senhora da Soledade, que collocou junto à Imagem do Senhor Crucificado. Dalli alguns annos se dispoz dar-se á Senhora outra mayor Capella, & se resolveu tambem a mandar fazer hua Imagem sua: para isto se fallou a hum homem, que havia collocado na Capella mór hua Cruz de dezoyto palmos de altura com a circumstancia da Soledade, que parecia tinha hua Imagem da mesma Senhora. A este a pedio o Padre Francisco

se he que já neste tempo era Sacerdote, porque se ordenou no anno de 1700. Este homem se escusou de o fazer: mas a Senhora, que era a que movia tudo, como Autora de todas estas maravilhas, tocou a outra o qual logo dispoz se fizesse outra Imagem, & a mandou ir; não me constou se da Bahia, se da Villa de São Francisco, que dista daquelle lugar (como já fica dito) duzentas legoas. He Imagem prodigiosa, & da proporção de hua perfeytissima mulher. He de roca, & de vestidos. O mesmo devoto a mandou compor com vestidos preciosos, & de grande custo, & a leváráo em hu perfeytissimo, & rico cayxaõ, & sempre por terra à ribeyra do Rio.

Tanto que a Santissima Imagem chegou á lapa, foy recebida com muytos festejos, muytos tiros, muytas luminarias, & com a mayor festa que se lhe podia fazer: & com muyta alegria de todos foy collocada na Capella mór, que já lhe estava preparada, & encostada à Cruz referida. Nesta Capella se venera com o Santo Sudario nas mãos. Está recolhido hoje em hum tabernaculo precioso com vidraças crystalinas, porque para tudo se offereceu a piedade daquelles devotos da Senhora.

He taõ grande o repeyto, que causa a todos os que chegão sua presença, & a devoção, com que a buscão, que senão sabem apartar da sua vista, & ella mostra em si huma taõ grande magestade; que rouba os corações, & assim causa em todos huma profunda reverencia, & taõ grande quanto se não pôde expressar. Tem o seu Altar dezaseis palmos de comprimento, em que ardem bastantes luzes em riquissimos castiçoes de prata, & sem luzes se não permite o descobrilla, nem correr as suas cortinas, com que está cuberta para mayor veneração. As cortinas são de Damasco muyto rico, & guarnecidas de ouro com hus franjões muy fartos, & além dellas tem hum rico vèlo de lã, com que sempre se vê cuberta.

Antigamente se intitulava aquella Casa com o titulo do Bom JESU, mas hoje se nomea por Casa de nossa Senhora da Lapa, ou da Soledade; & com o titulo da Lapa de hoje muyto conhecido aquelle Santuario, & muyto frequentado assim de saõs, como de enfermos & todos vão para receber favores daquella generosa, & piedosa Mãe dos peccadores: & saõ sem numero as Novenas, que lá se vão ter continuamente. Hua legoa distante está huma povoação, que a vizinhança da Senhora augmentará muyto, porque cada dia vay crescendo mais, & mais. E cada vez irá este Santuario crescendo em mais riqueza, & grandeza, porque a devoção para com a Senhora he muy dilatada.

Não consentem os devotos Padres, que alli assistem hoje por Capellães daquella milagrosa Senhora, Irmandades, nem festas de estrondo: & assim os que alli concorrem, vendo o recolhimento daquelles devotos Capellães da Senhora, se portaõ tambem naquellas visitas com muyta modestia, & assistem na presença da Senhora cõ muyta compuncção, & mostras de verdadeyra devoção; & este he hum dos milagres continuos, que obra a Mãe de Deos em hum deserto tão affastado do commercio, & trato das gentes; que a Senhora permitta cresça cada vez mais, & mais para honra, & gloria de Deos, & da mesma Senhora sua Santissima Mãe. Toda esta noticia nos enviou o Illustrissimo Arcebispo da Bahia o Senhor D. Sebastião Monteyro da Vide com carta sua.

T I T U L O C X X X I I

DA MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE AJUDA DE
PORTO SEGURO

Da ponta do Padraõ da Bahia, ou da Barra da Bahia para a parte do Sul vão correndo as prayas sessenta legoas ao Porto, ou Rio de Santa Cruz. Este foy o lugar, aonde desembarcou o Capitaõ Pedro Alves Cabral, quando no anno de 1500 descobrio o Brasil, & a que chamou Porto Seguro, como já dissemos. Està em altura de 16 graos & meyo, & caminha a costa desde a Bahia quasi Norte Sul atè o Rio Grande, que desagoa em 15 graos & meyo, & do Rio Grande atè o de Santa Cruz Nordeste Sudeste. Nesta distancia desembocçaõ ao mar muytos Rios, & os principaes são Jagoaripe, Camamù, Rio das Contas, Taypè, Rio de São Jorge, que he o mesmo, que dos Ilhêos; são todos muy caudalosos, suas aguas puras, & ferteis seus arredores, como já deyxamos referido asima.

Quanto ao Fundador, & povoador, o primeyro foy Pedro de Campos Tourinho, homem nobre, natural da Villa de Viana do Lima, & segundo outros de Villa do Conde. A este fez merce ElRey D. Joaõ III, de sincoenta legoas de costa. Vendeu para isto Pedro de Campos a sua fazenda, & á custa della fez huma Frota, na qual se embarcou com mulher, & filhos, & outras familias, parentes, & amigos, que o quizerão acompanhar a povoar aquella nova terra. Partio do Porto de Vianna, & foy demandar o Brasil, & lançar ferro em Porto Seguro no mesmo lugar, aonde havia apportado Pedro Alves Cabral. Alli desembarcou a sua gente, & começou a edificar a Villa, que hoje alli se vê, cabeça da Capitania, & depois della as de Santa Cruz, & Santo Amaro. Teve naquelles primeyros annos guerras com a nação dos Tupinaquis, que levavaõ a mal ver gente estranha cultivar as suas terras. E depois de successos varios de guerra chegáraõ a meter a nossa gente em grande aperto. Porém tudo acabou o tempo, & depois de alguns annos foy florecendo aquella Villa em moradores, & a terra em fazendas de canna-veaes, & Engenhos.

Por fallecimento de Pedro de Campos herdou a Capitania sua filha Leonor de Campos, mãy de outro Pedro de Campos, que foy Deaõ da Bahia, o qual depois se foy para Porto Seguro a viver com sua mãy, & avò, aonde com lecença d'ElRey vendêraõ a Capitania a Dom Joaõ de Lacastre Duque de Aveyro por cem mil reis de juro. Este Principe favoreceu aquella Capitania com nãos, gente, & mercadorias, que mandava todos os annos, & chegou a ter sete Engenhos.

Desejavaõ os moradores de Porto Seguro Religiosos da Companhia, para que fundassem naquella terra huma Residencia, ou Collegio; & o Padre Provincial Manoel da Nobrega lhes concedeu dous Padres muyto virtuosos, que foraõ Ambrosio Pires, & Gregorio Serraõ, o que foy pelos annos de 1554 ou 55. Estes Padres com o seu grande zelo fizeraõ alli grandes serviços a nosso Senhor. Depois pelos annos de 1559 sendo Superior o Padre Francisco Pires naquella Residencia com fama de louvavel virtude, & santo zelo da salvaçaõ das almas. Este servo de Deos foy o que cõ os seus suores, &

de seus companheiros edificou alli a Casa de nossa Senhora da Ajuda hum terço de legoa donde hoje se vê a Villa; Santuario o mais prodigioso, & frequentado de todo o Brasil. Nesta Capella foy o Senhor servido avincular hum prodigio de maravilhas, & o principio delle foy este admiravel successo, que refiro.

Hiaõ aquelles servos do Senhor trabalhando na fabrica da Ermida no alto de hum monte, & ficavalhes a agua, assim para a obra, como para beber, muyto longe, haviaõ de descer a buscalla a bayxo no valle, & entrar forçosamente pelas terras de um morador. Levava este muyto mal a passagem, dizendo que lhe devassavaõ a sua fazenda, largava queyxas contra os Padres, & contra as suas obras. Dobravaõ-lhe aos Religiosos estas cousas o Trabalho, & sentiaõ mais a payxaõ do homem, que o cansaço de trazer a agua ás costas pelo monte asima. No meyo deste sentimento he tradição que entráraõ os Religiosos em apertados requerimentos com a Virgem N. Senhora. O' Misericordiosa Senhora, (diziaõ) se agora nos concedesseis aqui huma fonte, ficaríamos nós alleviados, aquelle homem socgado, & a vossa obra iria por diante. E a Irmaõs, (accescentou o Padre Manoel da Nobrega, que entaõ estava presente) saber ter fé: porque com esta nenhuma cousa he difficultosa, vamos dizer Missa. Cousa maravilhosa! Eis-que no meyo do Sacrificio (que já se fazia na Capella, posto que imperfeyta) ouvem soar hum borbolhaõ de agua, que brotando debayxo do Altar, foy sahir por meatos da terra fóra da Ermida ao pè de huma arvore. Ficáraõ admirados, vendo posto por obra o segundo milagre de São Clemente, ou de hum Moysés no deserto. Concorreu a ver a fonte o povo todo, & entre estes o senhor da fazenda, envergonhado de quem mais liberal se mostrára a Senhora aos seus servos, & com agua mais doce, & clara, sendo a sua de lagoa, & muyto somenos. Com esta reprehensãõ de Ceo ficou trocado o homem para com os Padres, & por toda a vida foy especial devoto da Companhia.

Divulgou-se a fama da maravilha por todo o Estado do Brasil, & concorreraõ dahi por diante a estas aguas milagrosas, & santa Ermida, (qual a de Nazareth, ou do Loreto) os povos todos, como a officina de milagres, que experimentavaõ a cada passo, & experimentaõ ainda hoje os que com fé visitaõ aquelle Santuario; & folgavaõ de ouvir os Romeyros do mesmo Altar o ruido da agua, que corre por bayxo da terra até sahir á frente: Com esta agua affamada por toda a Costa do Brasil, em que se fizeraõ, & fazem muytos milagres, seraõ muytos de diversas enfermidades, aonde vaõ em romaria em busca da saude, & a achaõ, & outras para o mesmo effeyto a mandaõ buscar para se valerem della, diz o Padre Anchieta.

A esta Ermida da Senhora deu principio o veneravel Padre Manoel da Nobrega, & pela especial devoçaõ, que tinha a nossa Senhora, a quem sempre pedia a sua ajuda, & favor naquelles ministerios, em que andava, todos do serviço de Deos, quiz que o titulo da Senhora fosse o da Ajuda. & nella colocou huma Imagem sua. Esta Ermida se começou de paos, & de ramos; & era cuberta de folhas de palma, como saõ ordinariamente muytas casas do Certaõ da America. E logo que o Padre Nobrega collocou no Altar a Se-

nhora da Ajuda, começou ella a obrar infinitos milagres, & maravilhas, que ainda até o presente continuaõ.

Tambem he muyto para fazer memoria que junto àquelle Altar se viraõ as maravilhas dobradas; porque, sendo enterrada naquelle mesmo lugar huma Imagem da Senhora na occasiaõ, em que o gentio selvagem assolou a Villa, ficou aquella terra consagrada, & segundo Santuario de maravilhas para com os que a levaõ por reliquias, & usaõ della em suas necessidades, que quiz a Virgem Senhora conspirassem aqui em seus favores. estes dous Elementos Terra, & Agua. Muyto se podia dizer desta Senhora, & das suas maravilhas; mas do que fica referido se poderá conjecturar quaõ grandes Simaõ de Vasconcellos na sua Chronica liv. 2. num. 70 & seq. o Padre Telles Simaõ de Vasconcellos na Chronica liv. 2. num. 70 & seq. o Padre Telles na prim. part. liv. 3. c. 8. Orlandino 1. II. o Padre Joseph de Anchieta, a Padre Frey Vicente do Salvador 1. 2. c. 5. & outros.

Í N D E X

DAS IMAGENS, QUE SE COMPREHENDEM NESTE NONO TÓMO

A

Nossa Senhora da Ajuda da Cidade da Bahia	pág.	31
Nossa Senhora da Ajuda de Jaguaripe	pág.	103
Nossa Senhora da Ajuda de Pôrto Seguro	pág.	173
Nossa Senhora do Amparo na Sé da Bahia	pág.	38
Nossa Senhora do Amparo da Villa de São Francisco	pág.	84
Nossa Senhora do Amparo de Coligipe	pág.	125
Nossa Senhora do Amparo, & Nossa Senhora das Brotas de Cachoeira	pág.	140
Nossa Senhora do Amparo de Camamù	pág.	167
Nossa Senhora das Angustias no Convento dos PP. Bentos ..	pág.	71
Nossa Senhora da Assumpção da Paroquia de Santo Amaro	pág.	121
Nossa Senhora da Assumpção da Villa de Camamù	pág.	165
Nossa Senhora, que com o titulo de Azeveniana se venera na Bahia	pág.	157

B

Nossa Senhora de Belem no Seminario da Companhia da Ca- choeira	pág.	155
Nossa Senhora de Belem, & Santos Reys	pág.	146
Nossa Senhora da Boa Hora no destrito da praya da Bahia	pág.	77
Nossa Senhora da Boa Morte no Convento do Carmo da Bahia	pág.	42
Nossa Senhora da Boa Viagem Convento dos Padres Bentos da Bahia	pág.	48
Nossa Senhora do Bom Despacho de Tararipe	pág.	142
Nossa Senhora das Brotas Convento de Bentos na Bahia ..	pág.	49
Nossa Senhora das Brotas na Villa de São Francisco	pág.	89
Nossa Senhora das Brotas do Sabaçu	pág.	146

C

Nossa Senhora do Carmo dos Observantes da Bahia	pág.	41
Nossa Senhora do Carmo de Cachoeira	pág.	153
Nossa Senhora da Conceição de Camboa na Bahia	pág.	63
Nossa Senhora da Conceição do Convento de São Francisco	pág.	63
Nossa Senhora da Conceição de Itapagipe de Cima	pág.	64
Nossa Senhora da Conceição Freguesia da Praya da Bahia	pág.	73
Nossa Senhora da Conceição da Quinta da Torre	pág.	80
Nossa Senhora da Conceição no Convento da Vila de São Francisco	pág.	87
Nossa Senhora da Conceição da Ilha de Marè	pág.	101
Nossa Senhora da Conceição da Paroquia de Madre de Deos	pág.	112
Nossa Senhora da Conceição de Coligipe	pág.	127
Nossa Senhora da Conceição de Coligipe	pág.	127
Nossa Senhora da Conceição nos campos da Cachoeira	pág.	150
Nossa Senhora da Conceição na Cachoeira	pág.	154
Nossa Senhora da Conceição dos Ilheos	pág.	160
Nossa Senhora da Conceição do Camamù	pág.	166
Nossa Senhora do Crasto da Freguezia do Mathoim	pág.	99

D

Nossa Senhora do Desterro Convento de Freyras da Bahia	pág.	28
Nossa Senhora do Desterro de Colegipe	pág.	122
Nossa Senhora do Desterro de Turaripe	pág.	140
Nossa Senhora do Desterro da Villa do Camamù	pág.	167

E

Nossa Senhora da Encarnação na Igreja de São Gonçalo ..	pág.	83
Nossa Senhora da Encarnação de Itaparica	pág.	131
Nossa Senhora da Encarnação de Itahipe	pág.	163

F

Nossa Senhora da Fé venerada na Sé da Bahia	pág.	36
---	------	----

G

Nossa Senhora da Graça primeyra Igreja da Bahia	pág.	23
Nossa Senhora da Graça no Convento do Desterro	pág.	44
Nossa Senhora da Graça, ou Livramento nos Capuchos Italianos	pág.	69
Nossa Senhora da Guia de Coligipe	pág.	127
Nossa Senhora de Guadalupe na Sé da Bahia	pág.	35

Nossa Senhora de Guadalupe na Ilha dos Frades	pág.	113
Nossa Senhora de Guadalupe de Coligipe	pág.	126
Nossa Sennhora de Guadalupe da Freguezia de Coligipe ..	pág.	113

L

Nossa Senhora da Lapa de Murucá	pág.	53
Nossa Senhora do Livramento em São Gonçalo	pág.	53
Nossa Senhora do Livramento de Teberi	pág.	152
Nossa Senhora do Loreto da Ilha dos Frades	pág.	110
Nossa Senhora da Luz do Forte da Pituba	pág.	82
Nossa Senhora da Luz, & nossa Senhora da Salvação na Cachoeira	pág.	154

M

Nossa Senhora da Madre de Deos da Ilha de Cururupeba ..	pág.	107
Nossa Senhora das Maravilhas na Sé	pág.	32
Nossa Senhora dos Mares na Ermita de São Gonçalo	pág.	52
Nossa Senhora de Monserrate na Marinha	pág.	53
Nossa Senhora de Monserrate dos Bentos da Villa de São Francisco	pág.	96
Nossa Senhora do Monte do Carmo dos Descalços da Bahia	pág.	72

N

Nossa Senhora de Nazareth na Freguezia de S. Antonio ..	pág.	54
Nossa Senhora de Nazareth termo de Mathuim	pág.	100
Nossa Senhora de Nazareth annexa a Juaguaripe	pág.	128
Nossa Senhora das Necessidades em Marapè	pág.	89
Nossa Senhora das Neves da Ilha da Marè	pág.	102
Nossa Senhora das Neves, ou da Vitoria nos Ilheos	pág.	161

O

Nossa Senhora da Oliveira de Marapè	pág.	87
---	------	----

P

Nossa Senhora da Palma, casa dos Agostinhos Descalços ..	pág.	46
Nossa Senhora do Parto na Sé da Bahia	pág.	37
Nossa Senhora da Paz no Collegio da Companhia	pág.	43
Nossa Senhora da Penha de Cirgipe do Conde	pág.	138
Nossa Senhora da Penha na Freguesia da Vitoria	pág.	52
Nossa Senhora do Pilar do Carmo da Bahia	pág.	42
Nossa Senhora do Pilar da Marinha	pág.	56
Nossa Senhora do Pilar em São Gonçalo da Vila de São Francisco	pág.	83

Nossa Senhora do Pilar no destrito de Cergipe do Conde ..	pág.	139
Nossa Senhora da Piedade ou Coledade na Sé	pág.	34
Nossa Senhora da Piedade no Convento do Carmo Observante	pág.	41
Nossa Senhora da Piedade nos Capuchos Italianos	pág.	66
Nossa Senhora da Piedade, & Pilar nos Carmelitas Descalços	pág.	72
Nossa Senhora da Piedade em Santa Barbora	pág.	78
Nossa Senhora da Piedade na freguezia de Matuim	pág.	96
Nossa Senhora da Piedade na Villa do Sabaçú	pág.	144
Nossa Senhora da Piedade apparecida na Igreja de Belem & Santos Reys	pág.	146
Nossa Senhora da Piedade, Ermida do destrito de Cachoyeira	pág.	150
Nossa Senhora da Piedade dos Ilheos	pág.	160
Nossa Senhora dos Prazeres no Hospicio dos Italianos	pág.	70
Nossa Senhora da Purificação na Ilha de Itaparica	pág.	131
Nossa Senhora da Purificação Paroquia de Cergipe	pág.	131
Nossa Senhora da Puriificação fora da Bahia	pág.	156

R

Nossa Senhora dos Remedios na Igreja de Monserrate	pág.	59
Nossa Senhora do Rosario na Sé da Bahia	pág.	38
Nossa Senhora do Rosario dos Pretos em a Senhora dos Desterro	pág.	43
Nossa Senhora do Rosario dos Soldados	pág.	45
Nossa Senhora do Rosario na Igreja da Vitoria	pág.	51
Nossa Senhora do Rosario na Paroquia de Santo Antonio	pág.	
Nossa Senhora do Rosario, Ermida filial da Sé	pág.	63
Nossa Senhora do Rosario da Paroquia de São Pedro	pág.	65
Nossa Senhora do Rosario na Paroquia da Conceção da Praya	pág.	75
Nossa Senhora do Rosario no caminho das Brotas	pág.	81
Nossa Senhora do Rosario na Paroquia de S. Gonçalo da Villa de São Francisco	pág.	85
Nossa Senhora do Rosario de Mathoim	pág.	98
Nossa Senhora do Rosario, Ermida de Santo Antonio	pág.	55
Nossa Senhora do Rosario na Igreja da Madre de Deos	pág.	112
Nossa Senhora do Rosario de Pirajuia	pág.	119
Nossa Senhora do Rosario de Coligipe	pág.	125
Nossa Senhora do Rosario na Ermida de S. Bernardo	pág.	127
Nossa Senhora do Rosario de Itaparica	pág.	129
Nossa Senhora do Rosario de Tapemerim	pág.	143
Nossa Senhora do Rosario da Cachoeira	pág.	148
Nossa Senhora do Rosario em Santo Antonio de Tiberi	pág.	151
Nossa Senhora do Rosario de Jacuipe	pág.	152
Nossa Senhora do Rosario dos Ilheos	pág.	158
Nossa Senhora do Rosario de Itahipe	pág.	164

Nossa Senhora do Rosario de Camamú	pág.	166
Nossa Senhora do Rosario de Cergipe do Conde	pág.	140
Nossa Senhora do Rosario de Sabaçu	pág.	145

S

Nossa Senhora da Salvação em nossa Senhora do Pilar da Bahia	pág.	61
Nossa Senhora do Salvador na Igreja do Desterro	pág.	142
Nossa Senhora da Saude na Igreja do Pilar	pág.	57
Nossa Senhora da Saude de Pojuca	pág.	105
Nossa Senhora da Soledade no districto de Santo Antonio	pág.	62
Nossa Senhora da Soledade no Hospicio dos padres Italianos	pág.	70
Nossa Senhora da Soledade do Sertão do Rio de São Fran- cisco	pág.	168

T

Nossa Senhora do Terço no districto da Praya	pág.	79
--	------	----

V

Nossa Senhora da Vitoria, Paroquia da Bahia	pág.	49
---	------	----

O 1. Barbuda na Baía Colonial

AFFONSO COSTA

Que me perdõe o ousio dêstes comentários a memória do peregrino frade que tanto se empenhou no levantamento da história brasileira e que a posteridade considerou genealogista de grandes prestadias no concernente à origem e desenvolvimentot de famílias da Baía e de Pernambuco. Fr. Antônio de S. Maria Jaboatão legou-nos obras importantes nesse sentido e por tudo bem haja a sua memória e que muito divulgado continue sendo quanto êle produziu.

O historiador, entretanto, não podia, como não pôde, realizar tão somente o que era de conhecimento próprio, à luz de escassos documentos postos às suas investigações. Havia de louvar-se na tradição, na referência dos que teriam sido interessados, nas narrativas que outros menos analisadores, certamente levantaram, e daí, sem qualquer dúvida, o encontro, nos seus livros de informações hoje visivelmente afastadas da exatidão e da verdade.

Noutros capítulos enumerei passos da obra de fr. Jaboatão que não mais prevalecem verdadeiros e no presente ainda verso a matéria comentando referências suas, no *Catálogo Genealógico*, relativas à biografia do primeiro Francisco de Barbuda, cerne de família que abs dias correntes na Baía encontramos, como o seu antigo antecedente, ao serviço da grandeza e da prosperidade do Brasil.

No tocante aos começos de Barbuda na Bahia ou aos seus últimos dias em Portugal no preparo de mudança para o Brasil, as afirmativas de Jaboatão tenteiam à busca de caminhos reais, ora alterando nomes de pessoas envolvidas, ora confundindo datas e fatos, e nesse tresvario vai deslizando todo o curso da obra relativa ao famigerado escrivão, embora modestíssimo homem que se acastelou no emprêgo público e nada mais aspirou além da vida conjugal e nada realizou senão uma existência tranquila, conquanto morte horrível o aguardasse ao final dos dias.

Está em Jaboatão (*Cat. Gen.* p. 127) o casamento de Barbuda com Beatriz Pacheco, dada por neta do vice-rei da Índia, Duarte Pacheco Pereira e filha de João Pacheco, e que por êsse consórcio lhe coubera em dote "a propriedade de juiz de órfãos da Bahia", a mesma que depois

veio a ser exercida pelo “licenciado Jerônimo de Burgos Contreiras, que casou com sua neta Maria Pacheco”.

Francisco de Barbuda, português de nascimento, mais tarde cavaleiro da casa real, parece não ter pretendido vir com os primeiros governadores para o Brasil, sendo-lhe agradável permanecer no reino. Acontece, porém, que as seduições de um casamento, com emprêgo por dote, lhe despertaram justíssima ambição, e casou, em Portugal, sob a condição de vir exercer o dito emprêgo na colônia da América portuguesa. O casamento apareceu-lhe simplesmente, como aconteceria a qualquer mortal em idade e disposições casadouras, tanto assim que dois jovens pretendentes, Barbuda inclusive, ousaram o sacrifício diante do altar.

Havia em Arzila, localidade portuguesa de Marrocos, tão insuficiente que o governo a abandonou em meados do século 16, um modesto funcionário, embora fidalgo da casa real, de nome Simão de Rabêlo, que exercia o cargo de almoxarife. Amigo do rei, conquanto pobre, morreu êle e deixou viuva Luisa de Manjoulos, e filhas, em franca pobreza. Compadecido, o rei lembrou-se de ampará-las e criou na Bahia o ofício de escrivão dos feitos da fazenda, do qual destinou a propriedade a quem casasse com uma das órfãs de Rabêlo. Corria o mês de maio de 1556 (*Documentos Históricos*, XXXVI, 155). Provavelmente sendo isso um verdadeiro bambúrrio de sorte, de pronto dois candidatos se apostaram desejosos de casamentos com filhas de Luiza de Manjoulos, visto como a um deles, de aptidão comprovada em concurso para o exercício do cargo, caberia a posse do ofício. Foram Francisco de Barbuda e Manuel de Oliva de Mendonça os candidatos, e foram depois os maridos.

As duas órfãs, entretanto, não estavam em idade de espôsas e por isso o provimento do cargo se deu provisoriamente com o irmão mais velho delas, Sebastião de Rabêlo, cavaleiro da casa real, cujas funções tiveram início a 4 de janeiro de 1558 e terminação a 27 de março de 1561 (*Doc. Hist.* XXXV, 416).

Mas diante do impasse verificado, por haver apenas um emprêgo e serem dois os que ao mesmo tinham direito, o rei não se encontrou em dúvidas e procedeu semelhantemente ao seu colega israelita, o sábio rei Salomão, e dividiu o cartório recém-criado em dois ofícios, para o contentar de ambos os felizardos pretendentes. E assim Francisco de Barbuda ficou como “escrivão dos feitos que se movessem e tratassem no Juízo dos Feitos”, enquanto a Oliva de Mendonça competiu o lugar de “escrivão dos despachos, provisões e de tôdas as mais coisas”. Tal ocorreu em Lisboa a 17 de agosto de 1559 (*Doc. Hist.* XXXVI, 36). O casamento de ambos já efetuado.

Demos de barato que tenha sido Beatriz Pacheco essa filha de Simão de Rabêlo e de Luisa de Manjoulos que casou com Francisco de Barbuda, admitindo-se a afirmativa de Jaboatão quanto ao nome da jovem espôsa, mesmo porque noutras partes consultadas até agora não encontrei nome diferente para a primeira das três consortes de Barbuda. Dêsse casamento, nasceu Mecia Pacheco de Barbuda, filha única certamente pelo falecimento, pouco depois, de Beatriz Pacheco, a qual Mecia

casou aos 18 de março de 1584 com Gaspar Fernandes da Fonseca. De Mecia adianta Jaboatão o batizado, na Sé da Bahia, aos 9 de março de 1562 (*Cat. Gen.* p. 127), embora na página seguinte (128) dê que teria ocorrido, no mesmo local, aos 17 de maio de 1592...

Casado, Francisco de Barbuda tratou logo de partir para a Bahia, e o fez, tanto assim que aos 28 de março de 1561 aí se empossava no cargo que lhe coubera (*Doc. Hist.* XXXVI, 159).

Com a morte de Beatriz Pacheco novo enlace conjugal celebrou Barbuda, desta feita com Maria Barbosa, filha de Gaspar Rodrigues e de Ana Barbosa, do consórcio nascendo cinco filhos: Bento de Barbuda, batizado a 11 de dezembro de 1566; Margarida, aos 11 de junho de 1569; Agueda, que foi espôsa de Francisco Barreto de Melo; Francisco de Barbuda, batizado aos 10 de julho de 1575 e sucessor de seu pai no ofício de escrivão, e Maria, batizada aos 7 de fevereiro de 1580.

Pela terceira vez Francisco de Barbuda, se faz casado e desta última com Cristina de Almeida, filha de Sebastião Luis, agricultor em Itapoã, e de Cristina de Almeida, o ato celebrado aos 18 de março de 1584, no mesmo dia do casamento de sua filha Mecia com Gaspar Fernandes da Fonseca. Do casal nasceu apenas uma filha, Juliana Barbuda de Almeida, que casou com Nuno Pinhão aos 8 de maio de 1617.

Como os demais colonizadores que pretendiam estabilizar-se no Brasil, Francisco de Barbuda pediu, e obteve em 1570 do governador Mem de Sá, uma sesmaria de terras em Cotegipe (*Doc. Hist.* XVIII, 376), mas a transferiu a Gaspar Dias Barbosa, como obtivera outra, em Matoim, onde possuiu propriedade agrícola, conforme citação de Gabriel Soares (*Tratado descritivo*), ed. 1851, p. 134), que outros historiadores vão copiando

Em 1591 quando da passagem pela Bahia do inquisidor Heitor Furtado de Mendonça, o nome de Francisco de Barbuda foi citado na desalinhavada confissão de Baltazar Martins, com o alegado de que ele e sua mulher Maria Barbosa, já de alguns anos isso, foram testemunhas do casamento de Baltazar com Susana Borges Pereira, ainda na Vila Velha, oficiada a cerimônia pelo padre Marçal Rodrigues, e casamento que depois se comprovou como deslavada bigamia (*Confissões*, ed. 1935, p. 26).

Pretendendo, aos primeiros anos do século 17, deixar o cargo de escrivão dos feitos da fazenda, por sentir-se velho, doente, alquebrado, incapaz de exercê-lo, pediu ao rei o consentimento para transferi-lo ao filho Francisco de Barbuda, lembrando que este já lhe vinha ordinariamente sucedendo em rápidas ausências. O rei atendeu-o, após justificativas recomendáveis do seu ato, datado de 23 de fevereiro de 1607 (*Doc. Hist.* XV, 127). E o velho Barbuda imaginava dias silenciosos e compensadores na velhice, garantido na aposentadoria. Infelizmente, porém, não logrou sequer ter conhecimento da régia autorização, pois que o assassinaram um mês depois, aos 11 de março, em circunstâncias horríveis.

Não há propriamente pormenores em torno desse crime e apenas o relato quanto ao bárbaro acontecimento. Jaboatão, que primeiro no-

ticia o fato, dá que Paulo de Carvalho de Vasconcelos mandou abrir pelas costas, de alto a baixo, com um machado, o escrivão setuagenário, a tudo assistindo o filho do mandante, Bartolomeu de Vasconcelos; que por isso Paulo sofreu a justiça do degolamento na Bahia e Bartolomeu passou a ser conhecido por má-pele; que Barbuda, em testamento, deixou sua mulher, Cristina de Almeida, e seu genro Gaspar Fernandes da Fonseca incumbidos de cumprir-lhe as últimas vontades, e, finalmente, que ao cadáver deram sepultura na igreja da Ajuda (*Cat. Gen.*, p. 128).

Historiógrafo bahiano de muita sisudez e verdade, J. Teixeira Barros, autor de numerosos estudos esparsos sobre a história da Bahia, seguiu Jabotão através da narrativa do crime, mas esclarecendo que depois de assassinado Barbuda é que Paulo e o filho Bartolomeu determinaram a hediondez da abertura do cadáver a machado, pelas costas, de alto a baixo (*Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, 1917, p. 99).

Diante da autorização do rei para que o filho fôsse sucessor do pai, e já extinto este, Francisco de Barbuda 2º apresentou-se ao governador para a posse permanente no cargo de escrivão dos feitos da fazenda, o que se verificou a 9 de janeiro de 1609 (*Doc. Hist.* XV, 130). Proprietário do ofício, Barbuda não o deixou senão com a morte, embora algumas vezes e interinamente fôsse substituído, e embora interinamente tivesse exercido o cargo de juiz de órfãos da cidade.

Ao contrário do pai, Barbuda 2º foi homem de ação, cheio de iniciativas e de atitudes. Nascido em 1575, casado a 5 de agosto de 1600 com Angela da Cunha, filha de João da Cunha e de Angela da Cunha, nas lutas com os holandeses se pusera ele em situação de relêvo, logrando realizar feitos de merecimentos, comandante que era de uma das seis companhias organizadas no Rio Vermelho em 1624, com elementos refugiados da cidade, por força da invasão do inimigo (Acioli, *Memórias Históricas e Políticas*, 1925, II, 4). Depondo espontaneamente perante o inquisidor Marcos Teixeira, em setembro de 1618, deixou no respectivo termo a sua ficha de identidade: cristão velho, de idade de quarenta e três anos, natural desta cidade (Bahia), juiz ordinário e capitão de uma bandeira e nela morador na rua de N. S. da Ajuda (*Denúncias*, 1936, p. 40).

Por motivo da guerra, capitão que era, em outubro de 1627 passa o cargo de escrivão a Antônio Teixeira, em caráter provisório (*Doc. Hist.* XV, 214). Em fim de 1636 fez o mesmo, posto ao serviço do rei, substituído por Pedro Domingos de Andrade, indo a interinidade até outubro de 1638 (*Doc. Hist.* XVI, 392). No ano seguinte, em maio, sob a alegação de que "está indisposto e com achaques de maneira que lhe impedirá" servir o cargo, quando se sabe que o fazia apenas por indisposição com o governador, transfere o cargo a Bento do Rêgo Borges (*Doc. Hist.* XVII, 256). Nada mais obtive quanto à sua volta às funções de escrivão, senão que faleceu com a propriedade do ofício, herdado de seu pai, a 18 de agosto de 1646 (*Doc. Hist.* LXVII, 360).

Antes, no ano passado, Francisco de Barbuda servira o cargo de juiz

de órfãos da cidade, em substituição do licenciado Jerônimo de Burgos Contreiras, principalmente em questões do interesse dos padres de S. Bento (*Livro Velho do Tombo*, p. 335) e daí, possivelmente, a dúvida que se deparou a fr. Jaboatão a ponto de afirmar que o velho Barbuda tivera o cargo de juiz de órfãos e que em sucessão hereditária viera o mesmo a caber ao dito licenciado (*Cat. Gen.*, p. 127). Nada disso houve, entretanto, como se demonstrou no curso d'este capítulo.

Do seu casamento com Ângela da Cunha teve o capitão Francisco de Barbuda cinco filhos, todos varões. São eles, conforme Jaboatão: Baltazar de Barbuda, batizado em 1604 (não em 1619, como está no *Cat. Gen.*); Fernando, Francisco, Sebastião e Gregório da Cunha Menezes de Barbuda, que aliás é o primogênito. Tais filhos, ao que se deduz de documentos correspondentes, não tinham aptidão que a qualquer deles recomendasse para o merecimento do cargo de escrivão, em vacância com a morte de Barbuda. Tanto assim que só em 1663, por provisão do Conde de Óbidos datada de 20 de junho, se nomeou provisoriamente a João Antunes Moreira para ocupá-lo (*Doc. Hist.* LXVII, 359).

Como, porém, se tratasse de providência irregular, por muitas vezes, em vários e longos anos, a corôa insistiu junto aos governadores no sentido de lhe prestarem informações relativas a herdeiros legítimos de Barbuda, a um dos quais competeria o cargo de escrivão dos feitos. Uma das informações solicitadas tem a data de dezembro de 1669 e se originou do pedido feito ao rei pelo alferes André de S. Martinho, candidato ao officio, que alegou direitos, mas "passando tudo pelo contrário", ou mentindo ao soberano (*Doc. Hist.* XXIV, 7).

João Antunes Moreira, depois de 1680, apelou para o rei pedindo-lhe o referido lugar, pois que o vinha exercendo desde 1663, mas o rei obteve e autorizou, em dezembro, que o governador prestasse informações, inclusive quanto à existência de herdeiros de Barbuda (*Doc. Hist.* LXVI 358). Um pouco exacerbado, em face de insistentes pedidos de informações da corôa sobre o assunto, o governador, em 7 de julho de 1691 disse que "sobre esta matéria informou Roque da Costa Barreto, o Marquês das Minas e o provedor-mor da Fazenda", e por isso agora competia ao rei fazer "o que fôr servido". Mas adiantou que "Gregório da Cunha Menezes de Barbuda, morador nesta cidade", "filho legítimo" "mais velho do capitão Francisco de Barbuda, já falecido, e neto de outro escrivão proprietário", "nunca teve tal officio" e é escusado que o venha ter, por haver cerca de trinta anos que o está servindo João Antunes Moreira com muita satisfação. Gregório da Cunha, "o pretendente, não o quer mais que para tirar uma pensão, e ficar incapaz de ninguém o poder servir, porque elle, como velho, o não poderá fazer, e o filho, como rapaz, não é sufficiente, nem nenhum deles tem serviços que me conste para podorem requerer". (*Doc. Hist.* XXXIII, 386) o direito de occupá-lo.

Por fim, em março de 1692, o rei achou que o cargo devia ser dado a Gregório, apesar de todas as informações contrárias aos governadores, porque "filho legítimo e mais velho de Francisco de Barbuda", o qual se acha "pobre e entrado em idade, com a obrigação de três filhos sem ter

com que os remediar", contanto que exercesse o cargo um de seus filhos. (Doc. Hist. LVI, 329). E o felizardo veio a ser Antônio Teles da Silva, filho mais velho de Gregório, o qual se empossou a 26 de junho de 1695 (Doc. Hist., *idem*, 333), depois de trinta e dois anos de vacância do ofício, cujo provimento foi tão pleiteado, e tão desejado).

Conclue-se destes rápidos comentários que o velho Francisco de Barbuda vivera modesta e apagadamente numa colônia onde as ambições eclodiam em apetites variados e que se algo aspirou só o fôra por uma vida conjugal permanente, tanto assim que por três vezes ouvira em causa própria o *conjugio vobis*. Teve filhos e teve um emprêgo, do qual vivia e deu vida aos filhos. Estimado, acatado, conceituado, quando supunha que no avanço dos anos tranquilamente tivesse dias felizes até à morte, esta lhe veio em golpes violentos, com hediondez de bárbaros, por mãos assassinas.

O filho, ou filhos, continuou-lhe a vida e o nome, refocilando a tradição que se criou à sombra dos Barbudas e que aos nossos tempos se estende com a mesma feição e característica através de descendentes.

VELHOS PAPEIS DE FAMILIA

Rui Barbosa e a Revolução de 1893

Por AFFONSO RUY

Sempre que, nos arquivos, me passam pelas mãos, velhos papéis amarelados pelo tempo, antigas páginas reveladoras do passado, tenho a impressão de que são fôlhas do livro da vida dispersadas pelo vento. Na verdade as cartas que os nossos antepassados tão cuidadosamente conservaram, talvez com o propósito de pesar um dia a sinceridade dos seus epistológrafos, ou aqueles diários, íntimos, sinceros, confidenciais, quase sempre nos dão elementos para recompor vidas, devassar almas e conhecer sentimentos, restaurando a verdade muita vez dissimulada ou falseada por conveniências sociais e familiares.

Aos que estudam, aos que investigam, e que, na preocupação de esclarecer o passado, se entregam ao penoso trabalho de buscar no fundo de velhas arcas ou no recanto poeirento de antigos armários segredos de família, pudorosamente trancados, não se deve atribuir a pecha de indiscretos ou aleivosos, quando encontram subsídios esclarecedores, e, sobre tudo, no que diz respeito à genealogia, à que cabe estudar o homem e a família.

Na última viagem feita ao Rio de Janeiro tive necessidade de pesquisar na casa de Ruy, cujo diretor, homem culto e apaixonado ruísta, não faz cabedal dos preciosos inéditos do vasto arquivo que lhe está à guarda, nem dificuldade aos que procuram investigar, não proibindo se copiem documentos nem tão pouco deixando os leitores na vexatória senão humilhante situação de ser extensivamente vigiado, muito embora tenha, como é necessário, uma discreta mas eficiente fiscalização sobre os que ali vão.

Por tradição oral, veladamente comentada por estranhos da família de Ruy Barbosa, conhecia a existência de um seu irmão natural, a quem jamais se referiu o Dr. João José de Oliveira, e por isso mesmo ninguém teve coragem de afrontar aquele silêncio, respeitado até pelo velho Cons. Albino Barbosa que lhe financiara os estudos e pela vida inteira fôra o seu conselheiro, nem mesmo a êsse, reconhecido como o chefe da família Barbosa de Oliveira, não fôra confidenciado aquele pecado da mocidade. Era,

entretanto, recebido com deferência e mesmo com especial carinho na casa do Cons. Albino e com intimidade pelo Cons. Ruy, com quem se carteava amiudadamente, muito embora se lhe dessem apenas as honras de amigo e jamais as demonstrações afetivas de parente.

Posso mesmo aduzir, indiscretamente, que o Cons. Albino, nos serões familiares, referindo-se a Climaco Barbosa que, diga-se de passagem fêz curso acadêmico brilhante, tendo defendido tese sobre "Albuminurias" em 1864, o velho Cons. Albino confidenciava não poder considerá-lo parente por que conhecendo todos os segredos do primo baiano menos êsse, tinha a impressão de que pairava dúvida dessa paternidade no espírito do Dr. João Barbosa, escrúpulo que todos deveriam respeitar.

Não se pertencendo, os grandes homens têm a' desventura de ter a sua vida esmiuçada, entregue a curiosidade dos que procuram recompor o passado para torná-los maiores perante os homens que, no futuro, terão de levá-los à glória. Justificamos, pois, a insistência das pesquisas e o interesse de conhecer essa facêta da vida de João Barbosa, o que importa em estudar Ruy Barbosa, cujo centenário já nos bate à porta. Numa relação dos acadêmicos de medicina da Faculdade do Rio de Janeiro, em 1861 (1), verifica-se o nome de Clímaco Ananias Barbosa de Oliveira ocupando o 6.º lugar entre os 12 alunos matriculados naquele ano, declarando-se filho de Agueda Constança da Silva e Amaral, tendo o Desdor. Armino Guaraná, autor do Dicionário Bio-bibliográfico Sergipense, anotado ter Clímaco nascido na Bahia em 21 de janeiro de 1840 (2) ou seja nove anos antes do casamento do Dr. João José com sua prima Maria Amélia, em 1849. Se sabemos ter Clímaco terminado o curso médico em 1864 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1864, cotejando-se as datas, verificamos que entre o casamento do velho Barbosa e a formatura de Clímaco medeiavam apenas 13 anos, o que afasta qualquer probabilidade do nascimento no decorrer do matrimônio, tanto mais quanto à matrícula nos cursos superiores não eram admitidos estudantes com menos de 16 anos de idade.

Sente-se mesmo que Ruy Barbosa timbrava, em não admitir qualquer idéia nesse sentido, não só quando declara, por duas vezes, no inventário do seu pai, em 1875 de que Britos e êle eram filhos únicos repetição inexplicável e desnecessária como ainda, ao requerer o habeas-corpus em favor dos presos por Floriano, grafando o nome de Clímaco, simplesmente Clímaco Barbosa, em vez de Clímaco Barbosa de Oliveira.

Mas tornemos aos fatos. O moço baiano fixou-se em S. Paulo, onde contraiu matrimônio, tornando-se clínico de nomeada e elemento destacado no meio social. Do período de 1880 — 1890, o arquivo de Ruy está recheado de cartas de seu irmão, todas mais ou menos de caráter íntimo, muitas das quais referentes ao filho, Lísio, de que Ruy era padrinho e cor-

(1) — Essa relação impressa, que pertenceu ao Desdor. Guaraná, é propriedade do historiador sergipano Epifânio Dória, a quem devemos a gentileza da comunicação.

(2) — O Desdor. Guaraná anota ter Clímaco falecido na Capital Federal em 22 de agosto de 1912.

respondente, então na Escola Militar, e que também escreve amiudadamente ao Censo., tratando-o por tio.

Em 1885, Clímaco é secretário da grande comissão encarregada das homenagens póstumas a José Bonifácio, o moço, e é por proposta sua que Ruy foi convidado para orador oficial do grande meeting fúnebre.

Nesse sentido escreve a Ruy:

“São Paulo, 27 de novembro de 1886

Ruy

Si não tivéssemos plena e merecida confiança na sua conhecida competência para orador oficial, na sessão ao José Bonifácio (3), essa confiança se importaria pelo grande papel que você desempenhou como auxiliar do glorioso gabinete de 6 de junho; ponha portanto a modestia de parte, porque esperamos que as luzes de sua inteligência e ilustração não de abafar as luzes em excesso que nos pede para a leitura do seu trabalho.

“As providências estão dadas para estas, as outras só dependem de sua vontade.

Seu do C.

Clímaco”

Em 1884, quando o nome de Ruy é o mais cotado para presidente de São Paulo, ainda Clímaco é que prepara ambiente propício ao irmão, ao tempo em que apela em longa carta que não se excuse de prestar tão patriótico serviço à terra bandeirante. Idêntica atitude ainda tem Clímaco em 1885, quando o mestre é escolhido para presidir Minas Gerais, convite de que declina, sob alegação de moléstia.

Ainda a propósito da forma de tratar de Lísio que, ao escrever a Ruy, o chama de tio, convém esclarecer que era isso de uso corrente entre famílias amigas, em sinal de respeito e afabilidade. Faz-se mister entretanto, ressaltar que Lísio ao dirigir-se a Ruy, em carta de 10 de maio de 1884, quando por indisciplina, está preso na Fortaleza de Santa Cruz ao se referir a intimidade do seu pai com o tio assim se expressa:

“Mais uma vez peço-lhe em nome da amizade que o liga à meu pai, que trabalhe muito para obter minha baixa”, o que foi conseguido, porquanto em novembro do mesmo ano volta Lísio de São Paulo para estudar matemática, trazendo de pai para o Conso, carta onde se lê:

“pedindo para meu filho e seu afilhado toda a proteção”, sem referir-se, nem de longe, à suposta fraternidade.

Em reportagem sensacional, Gondim da Fonseca, jornalista de escol e escritor brilhante, que nos deu o esplendido estudo sobre Santos Dumont revela, em 1942, a existência do irmão de Ruy e a que este frequentemente assediava com pedidos de empréstimos de dinheiro, afirmando ter tido em

(3) — Já em 16 de novembro, oficialmente, Clímaco, como secretário da grande comissão convidava Ruy para orador das grandes homenagens paulistas.

mãos uma dessas cartas, de duvidosa existência, em face dos esforços por mim, debalde empregados, para a encontrar.

Ao que parece laborou o articulista em erro porque os pedidos de dinheiro existem mas não de Ruy ao irmão, mas dêste a Ruy, como veremos mais adiante, e do sobrinho Lísio ao tio, tal como se lê da carta seguinte:

"Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1883

"Meu tio amigo Dr. Ruy

"Logo que receber esta, queira escrever-me para a Escola (+) participando-me o dia em que pode arranjar-me o que lhe pedi. Faça o obséquio de ver que seja o mais breve possível. Queira desculpar-me o incomodo é porque não posso prescindir desse dinheiro.

Tenho a honra de assinar-me de V. S. Sobrinho e amigo Lísio"

(+) — Escola Militar.

Mas o assunto não fica encerrado; com êsses velhos papéis de família abre-se uma fase mais importante para os que estudam Ruy.

Quero, entretanto, que me relevem do que vou revelar, sem que vejam nas minhas palavras qualquer sombra ou desejo de marear a justa aura de idolatria a Ruy, porque a êle, o devotamento de minha família e meu, ligados que somos por laços espirituais do parestesco, e por demais conhecido, aumentado pela admiração sempre crescente e uma veneração cada vez maior. Tornar-me-hei, talvez, para muitos e "advogado do diabo", e assim seja se com isso posso torná-lo maior no conceito de todos nós.

É sabido através do próprio Ruy o seu alheamento ao movimento da esquerda articulado em 1893 contra Floriano. A José Gonçalves da Silva, seu compadre e amigo, confidenciava cinco dias após o irrompimento da revolta: "pela minha honra, por aqueles entes a quem pertenco mais do que a mim mesmo, pela sagrada memória de meu pai sou absolutamente estranho a este movimento, não tive nele a mínima parte direta ou indireta, não foi consultado a tal respeito" (1).

Isso mesmo reafirmaria em Buenos Aires, nove dias depois, no manifesto escrito à Nacion, em 19 de setembro:

"Nenhuma participação direta nem indireta me cabe na atual revolução. O emigrado não é, por conseguinte, e revolucionário, é o jornalista, o senador, o advogado"... Conscientemente julgava-se Ruy um revoltado e não um revoltoso. A sua luta em defesa da legalidade, no pretório, como na tribuna do senado ou na imprensa contra os que violavam a lei e rasgavam a constituição, prostituindo a justiça, e incentivando à resistência e aconselhando a reação, criou psicologicamente ambiente propício à revolução armada. Na verdade, Ruy Barbosa, ao declarar-se contra Floriano, fazia-o em nome de seus princípios democráticos, utilizando-os por sua conta, sem nenhuma aproximação dos que se preparavam para executar, pela força, o que o Senador e jornalista, o jornalista mais que o senador, ferroteava com sua palavra de fogo, Ruy era sincero quando afirmava estar absolutamente alheio ao movimento de 5 de setembro, porque não colaborou na sua pre-

pação material, não obstante os amigos do governo lhe darem a responsabilidade moral.

Se nossa fase inicial, de preparação e primeiras hostilidades, podemos admitir a sua ausência e apóio, outro tanto não podemos dizer do seu alheamento a partir de 10 de outubro, quando se converteu à revolução muito embora viesse depois afirmar e reafirmar ter estado afastado daquela luta armada contra a ilegalidade implantada no Brasil, solução que lhe feria os melindros de homem da lei "advogado sistemático das soluções constitucionais, congruente com os princípios legalistas do seu proselitismo". Ruy foi revolucionário. À vitória de Custódio e de Saldanha da Gama emprestou a sua colaboração e deu o seu apóio, prestando serviços de nota. Ele mesmo, em 20 de outubro escrevia ao Almirante Frederico Lorena que ocupara a cidade do Destêrro, no Estado de Santa Catarina, o seguinte: "depois de ver o que vi, e sofrer o que tenho sofrido, não posso conservar-me espectador indiferente da situação brasileira, e toda a atividade, de que eu ainda possa dispor a bem do meu país, procurarei utilizá-la aqui. O cortacto em que por espaço de três dias, como hospede do Aquidaban, me achei com o Almirante Melo, descortinou-me as circunstâncias em sua realidade, e poz-me de todo em todo a par das necessidades da revolução.

"Daí resultou vir eu munido, para aqui, de importantes documentos, que tenho de dar á publicidade, e habilitar-me o Almirante Melo com uma credencial plena e ilimitada, afim de tentar aqui todas e quaisquer operações de crédito, tendentes a proporcionar ao movimento revolucionário os recursos de que êle precisa, para tornar certo, pronto e decisivo o seu triunfo. Para isso, com efeito, na minha opinião, como na do Almirante Melo, urgiria armar uma expedição considerável de forças de desembarque, mediante as quais se pudesse oferecer combate, em terra, à guarnição, concentrada no Rio de Janeiro, que constitue, por assim dizer, todo o pé de guerra do tirano.

"Infelizmente encontro a praça de Buenos Aires em péssimas condições para o empréstimo em que se pensava. Acabou porém de chegar ao meu conhecimento que, ao tomar conta da Santa Catarina, onde o felicito pelo papel, que, em todos os sentidos, tem representado, o novo Governo apoderou-se de uma avultada quantia (600 ou 800 contos de réis). Creio que seria uma providência salvadora para revolução remeter para aqui essa importância com o fim de arregimentar e armar rapidamente, graças ao viveiro de bravos, que o Rio Grande nos oferece, uma expedição de alguns milhares de homens o que, na opinião dos competentes, seria perfeitamente possível, cortanto que possuíssemos os elementos pecuniários, que êsse desideratum requer. Dispondo, como dispõe, em Santa Catarina, de rendimento da alfândega para o expediente e necessidades ordinárias da revolução aí, penso eu que lhe seria possível consignar aquela soma, transportando-a para aqui, à execução desse plano".

Não pode ser mais clara a attitude e mais explícita a confissão. Ruy

aderira ao movimento, emprestando-lhe apóio irrestrito, muito embora mais tarde o negasse. Não só na carta acima está a mostra do seu auxílio. Vejamos o telegrama dirigido, em 14 de novembro, a Custódio José de Melo:

"Exmo. Almirante — Acaba de mostrar-me o portador das minhas outras cartas de hoje um telegrama do Rio (de origem estrangeira e absolutamente fidedigna), assegurando que o Governo Peixoto conseguiu fazer sair uma lancha armada em guerra, com o fim de revistar os navios que entrassem, e tomar os suspeitos.

Esta notícia é perigosa para nós, porque no Brasil seguiu o H... B..., levando importante correspondências nossa. Teria sido apreendida? Será um desastre. Mas por outro lado, não podemos acreditar que a esquadra, informada, como certamente deve estar disto, não tenha providenciado, logo, para acabar com esse embaraço que acabará de isolar-nos completamente.

Entre outras coisas lhe mandava eu a minha larga correspondência com o New York Herald, e o pedido do Diretor deste, reclamando uma declaração sua, em 200 palavras, definindo o pensamento republicano da revolução. Mande-me essa declaração custe o que custar. Também lhe mando cópia do telegrama recebido por mim, L... e Barão D... (Lisbôa), pende-se às suas ordens e declarando-se prontos a fazer em Londres a aquisição do material bélico, que o Almirante determinar por meu intermédio. Espero também uma resposta. Mas dêem caça à tal lancha de Floriano, se ainda não acabaram com ela!" (1).

Mas a esses documentos, podemos, para discutir, negar autenticidade e declará-los apócrifos, mantendo assim de pé, a afirmativa daquele que procurou sempre como representante do país, ensinar-lhe, segundo os bons exemplos dos países livres, a defender a lei com a lei, frase arrematada com a asseveração categórica: "não sou, não fui, não serei revolucionário ou conspirador".

Se assim o fizessemos, se levantaria o passado para dar o seu testemunho daquele episódio ao nascer da república. Seriam os velhos papéis de família, amarelecidos pelo tempo, mas cuidadosamente conservados no arquivo do próprio Ruy, que falaria. Esse documento, o principal, seria uma carta que vou ler de Clímaco Barbosa, o irmão de Ruy, onde, rompendo todas as conveniências até então guardadas, abrindo o dique dos recalques até então ocultos, revela bem o orgulho dos Barbosas de Oliveira, ferindo fundo pela necessidade de pedir o auxílio do irmão que jamais assim o considerou:

"Buenos Aires 26 de maio 1894.

Ruy

"O infortúnio que por culpa dos chefes vitimou a revolução, feriu profundamente a mim, colocando-me aqui, sem o menor recurso para viver, e longe dos meus, cuja sorte, posição e parada não sei, pois que ainda estão interrompidos as comunicações para certas pessoas, inclusive eu, que sou Barbosa. Estas desgraçadas condições me fizeram lembrar as solenes pa-

(1) — Affonso Ruy — Correspondência de Ruy — 3.^a edição — Pág. 73.

lavras que você disse-me quando despedimo-nos à bordo do vapor que o trouxe para Buenos Aires. *Está implicitamente entendido que todos nós revolucionários nos devemos proteção recíproca* (2). Esta quase promessa foi partilhada por sua mulher e selada pelos beijos afetuosos que dei a si e a seus filhos. Fiado pois em tudo isso, eu, seu irmão natural, mas que não lhe estima a honra menos do que si legítimo fôsse, peço-lhe que, a título do empréstimo, envie-me mesmo por telegrama, 100 libras esterlinas, que lhe serão pagas por mim, ou por minha família, quando a desgraça que feriu a nossa pátria tirar de sobre ela as suas garras envenenadas. Espero que você não me deixe morrer de fome ou se for humilhações para que não estou preparado. Permita que me assine.

Seu irmão natural e muito sincero

Climaco Barbosa — Cerrito, 52".

Nesse velho papel estão fria e claramente positivados os fatos até aqui não estudados e que um dia serão convenientemente desenvolvidos e aos quais se pode agora dar a seguinte conclusão:

1) — Ruy Barbosa teve um irmão natural, médico de notável saber, clínico em S. Paulo.

2) — Ruy Barbosa foi revolucionário, colaborando ativamente, no estrangeiro, para a vitória do movimento desencadeado pela esquadra, em 1893 contra Floriano.

(1) — Obra cit. — Pág. 121.

(2) — Grifado no original.

DISCURSO

PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 3 DE MAIO,
PELO CONFRADE FRANCISCO DA CON-
CEIÇÃO MENEZES.

Na conceituação dêste Instituto, que é a Casa da História, a morte não é êste episódio último da vida, terrível, torturante, que provoca dores sem fim, saudades eternas e sofrimentos angustiosos, com o seu cortejo lugubre de lamentações e de lágrimas, crepes e lutos, terrores desalentos, não; e não, porque é a mesma História que afirma e demonstra, que todos aqueles que bem souberam viver, pela sua operosidade benéfica, pelo espírito de renúncia em benefício de alguém, pela constância na luta de todos os dias em busca de um ideal, não desaparecem nas trevas do túmulo, que é apenas um incidente, pois continuam a viver no coração daqueles a quem amaram e por quem foram amados e na memória dos bons, dos dignos, dos eleitos, que constituem o cimento forte da sociedade.

O Instituto sabe que a vida é eterna e se renova, que tudo passa e se sucede, sem que nada se extinga, para sempre porque a lei perene da evolução é: para a frente, para o alto, para o melhor, em procura da felicidade.

Por isso não pranteia, com o desespero do irremovível, nem lamenta, com a violência brutal de uma fatalidade inelutável, a perda de um companheiro da jornada de luz que empreendemos: honrá-lhe as virtudes, celebra-lhe os méritos e situa-o devidamente no justo lugar, para o julgamento sereno da posteridade imparcial.

Esta a incumbência do orador da solenidade que todos os anos se efetua, nesta data, aqui; êste o encargo que ora me peza sôbre os ombros, por motivos supervenientes, que independeram de minha vontade e que procurarei cumprir com todas as veras d'alma.

Meus Senhores:

Foi realmente grande, significativamente vultoso, pela valia das figuras desaparecidas e pela projeção das mesmas, no cenário da vida nacional, o tributo que êste ano o Instituto pagou, representado por aqueles que se foram "a lei da morte libertando".

De fato, nosso quadro social, neste período compromissal, viu-se desfaldado dos seguintes nomes:

PROFESSOR TARCICIO DE OLIVEIRA TELES

Nascido em 15 de agosto de 1892 e falecido em 9 de agosto de 1946.

Diplomado em aluno mestre pela Escola Normal da Bahia, em 1916, logo no ano seguinte, ingressou no magistério, como professor de Português, do "Colégio Clemente Caldas", na cidade de Nazareth.

Dahi vem, mais tarde, para o Ginásio Ipiranga, lecionando também no Colégio Sofia Costa Pinto e Escola Remington. Nomeado inspetor federal do ensino secundário em 1931, exerceu com dignidade, este cargo no atual Colégio Estadual da Bahia no Colégio D. Macêdo Costa e ultimamente no Instituto Bahiano de Ensino.

Culto, enérgico, disciplinador e didata, tinha as qualidades do bom mestre, para quem o ensino é sacerdócio e o exercício da função é sagrado. Intransigente no cumprimento do dever, não relaxava a disciplina sendo assíduo, pontual e exigente.

Apurado na apresentação pessoal, fino, polido e atencioso no tratar irradiava serenidade e firmeza, segurança e calma, qualidades indispensáveis a todos quanto se dedicam ao arduo e nobre mistério de educar.

Apezar de ter trabalhado toda a vida, lecionando nos melhores estabelecimentos de ensino desta capital, não mercadejou seu saber.

Tinha a certeza de que a profissão de ensinar não oferece oportunidade para enriquecer, por isso resignou-se à modestia tranquila, gloriosa e feliz.

Morreu pobre como vivera, porém altamente respeitado, legando aos posterios um nome limpo e o exemplo de um caráter ilibado.

CONSELHEIRO ANTÔNIO JOSÉ SEABRA

Desapareceu a 6 de julho de 1946, aos 76 anos de idade.

Tendo nascido em 21 de dezembro de 1869, no município do Rio Real, desfrutou sempre, no tempo e na sociedade em que viveu o maior apreço, pela sua nobreza de caráter, natural finura e fidalguia de maneiras.

Era um homem digno, que sabia honrar o seu meio e podia aspirar aos mais elevados encargos na hierarquia social, porque deles se desobrigava com dignidade.

E os ocupou, de fato, como promotor de Vila Nova da Rainha como juiz preparador de Oliveira dos Brejinhos e de Barracão; como juiz de direito de varias comarcas; como promotor dos feitos da Saúde Pública.

Conselheiro do Tribunal de Contas, de 1915 a 1937 quando se aposentou por ter atingido o limite de idade, foi varias vezes seu Vice-presidente.

Secretario de Estado da Polícia e Segurança Pública, no segundo quadriênio do governo Dr. J. J. Seabra; e da Fazenda do governo Dr. Artur Neiva, fôra, recentemente, nomeado para o Conselho Administrativo do Estado, cuja presidência exercia quando a morte o surpreendeu.

Em todos os atos da vida nunca perdeu a correção, que foi sempre o traço acentuadamente forte do seu caráter de escôl.

PROFESSOR SABINO SILVA

Mestre e grande clínico que desapareceu aos 11 de outubro de 1946, na pujança da existência, quando em meio a grande nomeada, culminava seu conceito de luminar na parte de curar.

Na nossa Faculdade de Medicina, de que foi aluno laureado e onde ingressara como assistente, em 1920, logo após se ter diplomado, conquistou, por concurso, em 1921, a cadeira de Fisiologia da qual foi detentor até 1934.

Neste ano transferiu-se para a de Clínica Médica, que exerceu até a morte.

Clínico abalizado e professor modelar, impunha-se ao conceito dos alunos, pelo saber, pelo interesse e solicitude em lhes transmitir as lições, pela probidade científica com que tratava os assuntos, pela maneira de lhes prender a atenção, despertar o interesse e favorecer, guiar, robustecer as vocações.

Nunca exerceu nenhuma função pública. Toda a sua vida dedicou-a aos deveres da docência e da clínica geral as quais serviu como um grande, um eminente mestre, dos mais notáveis do seu tempo, com indefesa dedicação e incansável zelo.

DR. PEDRO AUGUSTO DE MELLO

O falecimento do Dr. Pedro Augusto de Mello representa uma perda muito sensível para o nosso Instituto.

Cheio de serviços reais e valiosos ao Estado e a esta Casa, o nosso querido companheiro finou-se, a 11 de novembro do ano passado, nesta Capital.

Nascido em 26 de outubro de 1882 na Cidade de Alagoinhas, diplomou-se em Medicina, pela nossa Faculdade, em 1907.

Exerceu a clínica, por algum tempo em várias localidades inclusive do estado do Paraná onde fez numerosas amizades.

De volta ao nosso Estado, por concurso, passou a fazer parte da Congregação da Faculdade em que se diplomara, como professor de Radiologia e Eletricidade Médica, até 1937, quando se aposentou.

Foi ainda encarregado da secção de eletricidade médica do Instituto Alfredo Brito, do Hospital Santa Isabel.

Representando a Bahia, compareceu à Exposição Internacional de 1908, no Rio de Janeiro, bem como o nosso Estado e o de Paraná, ao V congresso de Geografia aqui realizado em 1916.

Ainda ao Congresso Nacional de Identificação, efetuado no Rio e em S. Paulo, em 1934, esteve presente como delegado bahiano.

Oficial de Gabinete de vários Secretários da Segurança Pública, esteve sempre intimamente ligado aos serviços desta Secretária, criando e dirigindo o Instituto de Identificação, chefiando o Departamento de Polícia Técnica e dirigindo a Escola de Polícia Civil no exercício de cujas funções veio a falecer.

Dotado de grande poder associativo, pertencia a numerosas sociedades científicas e filantrópicas.

O Instituto deve-lhe grandes e assinalados serviços, além da assistência quasi diária que lhe prestava. Companheiro dedicado da Diretoria nunca faltou com o seu conselho amigo, seu reparo prudente e avizado, sua colaboração decidida e diligente.

Espírito robusto e equilibrado, de visão alta e segura, enérgico e sereno, comedido e íntegro, não transigia com os fundamentais princípios da ética social.

Seu forte era, porém, a história, ou antes a crônica, a estilização folclórica, a referência de fatos de antanho, de episódios culminantes da vida política e social da Bahia, a fixação de tipos populares, a evocação de vultos do passado.

E que encanto ouvi-lo narrar estes fatos, com sainete e graça, com leveza e despreocupação, em correta e pausada linguagem, entresachada de vinhetas humorísticas, entrecortadas de reticências discretas para veiar algumas passagens menos dignas de referência, ou iluminadas com tarjetas de fogo ou de ironia, quando era mister vergastar, com incisão, alguma fraqueza ou algum dispautério.

Poucos, pouquíssimos conheciam como êle a Bahia do seu tempo, cuja sociedade tinha a magia de fazer reviver nos hábitos, nas maneiras e nas minúcias tôdas dos homens e das cousas.

No entanto, infelizmente, não deixou um livro que fôsse repositário de seus conhecimentos, êle que se o fizesse seria talvez o nosso Vieira Fazenda ou Luiz Edmundo, ou emparelhasse com brilho Silva Campos e Manoel Quirino.

O Instituto não o esquece, nem o esquecerá e oportunamente pela palavra elegante, culta e autorizada de Magalhães Neto, render-lhe-á a devida homenagem.

CARLOS DE AGUIAR COSTA PINTO

Foi, sem favor, nem exageros, uma das maiores e mais humanas figuras da sociedade baiana nestes últimos cinquenta anos. Mais ainda, personalidade marcante, singular e altamente expressiva, porque, pela sua admirável capacidade de fazer amigos e devotar-se às causas filantrópicas, viveu integrado no ambiente social de sua terra querido e considerado por toda a sua gente, que o conhecia e lhe admirava o grande espírito voltado a todos os cometimentos nobres e dignos.

De ilustre família, desde cedo, logo que terminou o curso ginasial, encaminhou-se, por decidida vocação, para o comércio, ingressando na firma que chegou a dirigir brilhantemente, após galgar, vitorioso, todos os postos, assumindo, indisputadamente, a liderança de sua classe em nosso Estado e emparelhando com as mais altas figuras do comércio do Brasil.

Seu extraordinário gosto artístico, aliado aos recursos fartos de que dispunha, transformou sua residência em precioso museu de objetos de arte, requintadamente escolhidos e colecionados e que o patrimônio artís-

tico da Bahia está a exigir que se conserve íntegro, para nosso gáudio e para honra de nossa cultura.

O ponto alto, porém, dêsse temperamento especial era a obra carinhosamente, realizada por êle, — carinhosa é o termo, — carinhosa e apostolar — no "Colégio Sofia Costa Pinto" — dedicado tributo de amor filial à dileta memória de sua veneranda genitora.

Nessa obra o que de mais admirável se notava era o desvêlo, a consideração que êle dispensava aos meninos pobres, que, pessoalmente, atendia, aconselhava, ralhava, premiava, estimulava, incitava à prática de atos nobres, de amor ao estudo, ao desejo de vencer, fornecendo tudo: — desde a matrícula gratuita, até o livro, o lápis o caderno, a assistência constante, a fiscalização pedagógica, o amparo moral com verdadeiros extremos de afeto paternal. E tudo isso, sem que se soubesse fora com as retribuições tristes, dos reclamos humilhantes da caridade calculada que avilta e rebaixa, dos fariseus ostentosos que, falando de Deus, têm as vistas voltadas para os aplausos do mundo.

DR. FRANCISCO PRISCO DE SOUZA PARAÍZO

Digno filho e homônimo de ilustre conselheiro do império e ministro da Justiça no gabinete Lafaete Pereira, nasceu na fértil e então próspera região do Vale do Paraguassu, na fazenda Engenho Mercês do Iguape, em 6 de maio de 1873.

Ao terminar o curso de humanidades no afamado "Colégio Florêncio" matriculou-se na Faculdade do Recife, onde cursou a 1ª série e transferindo-se no ano seguinte para a Bahia, aqui na nossa Faculdade concluiu o curso e diplomou-se em ciências jurídicas e sociais em 1895.

No ano imediato, após conquistar o primeiro lugar em concurso a que se submeteu, passa a detentor da cadeira de Direito Internacional Privado da Faculdade de Direito da Bahia, transferindo-se depois para a de Direito Civil, em cuja regência tornou-se reputado civilista.

Foi também professor acatado de Pedagogia, no Ginásio hoje, Colégio Estadual da Bahia, a cuja congregação honrou com a sua cultura e com a sua compostura moral.

Além da decência foram também objetos de suas preferências a advocacia e a política.

Herdara do pai a vocação e no ambiente agitado das atividades partidárias, mantendo sempre sua orientação conservadora, observou, durante toda a vida, uma grande moderação, aliada a um alto espírito de tolerância, de amor à causa pública, de serenidade e de honradez.

Logo que ingressou na política passou a obedecer à orientação do Dr. Severino Vieira, a quem o historiador consciencioso há de ver sempre, sob as aparências da modéstia e de uma simplicidade cativante, no estado de mérito que êle foi, um espírito arguto, de uma clarividência excepcional, agindo segundo princípios e batendo-se por ideais que êle amava e sabia fazer amar por uma mocidade briosa, culta, inteligente, que êle agremiou e soube tão bem prender aos seus afetos".

A esse tempo, o Dr. Severino Vieira que exercera brilhante atuação na constituinte baiana de 1891, e nas legislaturas ordinárias seguintes, não conseguindo reeleger-se, transforma o "Correio de Notícias", que então adquire, em baluarte doutrinário e combatente de seu grupo político, então dominante e presta ao governo eficaz e esclarecido apoio.

Aí é que seu partido foi buscá-lo para, no senado federal, substituir o então Vice-presidente da República — Dr. Manoel Vitorino Pereira.

Liderando aquela casa do parlamento, com a sua palavra forte e culta, contribue para prestigiar de tal modo a Bahia, que ouvida e pesando em todas as combinações políticas de então, ela, reservando-se o direito de escolher os seus representantes, elege para o Senado da República o Conselheiro Rui Barbosa, derrota para sempre ao general Francisco Glicério e lança para a Presidência a candidatura de Campos Sales, em cujo governo coube por dois anos ao Dr. Severino Vieira o ministério da Agricultura e Viação.

Dêse posto é retirado então o Dr. Severino Vieira para, de 1900 a 1904, governar a Bahia.

Mau grado o enfraquecimento político da Bahia no parlamento, resultante das desinteligências surgidas no seu partido, o Dr. Severino Vieira sobe ao governo aclamado pelo povo, e sem se entibiar ante as dificuldades com que depara, refaz as forças políticas, reorganiza a administração do Estado, cujas rendas baixaram por metade em consequência da crise financeira que asseverbava o país, chama à atividade política homens feitos, nobres caracteres, com os quais ainda se mantêm vivas as belas tradições do passado, e atrai para junto de si os melhores talentos da nova geração, moços que, à sua sombra, se armaram cavaleiros da boa cruzada da regeneração republicana.

E' entre estes moços que vamos encontrar então o Dr. Prisco Paraizo a quem foi entregue neste governo a Secretaria da Justiça.

Empenhado em bem servir a sua terra, não poupa esforços no desempenho desta função pública, o que honrou com o seu talento e com a sua cultura, bem como a todas as demais que exerceu.

Anos mais tarde, volta a servir à causa pública novamente como Secretário da Justiça no governo Vital Soares e se encontrava à frente do executivo estadual, quando se deu a vitória da revolução de 1930.

Foi ainda constituinte de 1934 e deputado federal até 1937, mantendo sempre à altura de seu mérito o nome da Bahia, como revelam seus trabalhos parlamentares consignados nos anais da Assembléia.

Desaparecendo aos 72 anos de idade, deixa uma folha cheia de serviços úteis à coletividade, que sempre o respeitou como um homem de bem.

DR. ERNESTO SÁ E MENANDRO FILHO

A 1º de fevereiro e a 20 de março dêste ano, extinguiram-se, respectivamente, do nosso ambiente social dois vultos respeitáveis pelo saber e ilustres pelas virtudes cívicas e morais que possuíam.

Atuando cada qual no seu setor social, contribuíram ambos para o renome científico e cultural de nossa terra.

Foram êles o Dr. Ernesto de Sá Bitencourt Câmara e Dr. Menandro dos Reis Meirelles Filho.

O primeiro, exercendo sua atividade como advogado e jurista conceituado nos círculos forenses, durante tódá a vida, sem ter nunca exercido função pública a não ser a de membro, vice-presidente e presidente interino do Conselho Administrativo, sempre desfrutou a maior consideração na sociedade baiana.

Foi também o 1º presidente da Ordem dos Advogados e presidente do Instituto da mesma Ordem.

O segundo, velho mestre aposentado da Faculdade de Medicina, foi o orientador profissional e professor de muitas gerações de clínicos destacados, sendo êle mesmo, no seu tempo, um dos mais conceituados obstetras, consultado sempre com vantagem nos casos difíceis e ouvido com atenção pelos seus pares, que o respeitavam, em assuntos de sua capacidade.

Finando-se agora, depois de honrosa e afanosa vida profissional, já entrado na ancianidade, deixa à geração presente um belo exemplo de nome ilibado, credor da gratidão e da estima da sociedade em que vivera e a que servira e honrara.

ENGENHEIRO JOSÉ NIVALDO ALLIONNE

Que se finou a 19 de fevereiro dêste ano, deixa seu nome ligado a diversos e importantes serviços públicos do Estado.

Educado na Europa, de volta ao seu Estado natal, projetou e construiu o nosso primeiro arranha-céu — o edifício Catarino, à Rua Chile.

Membro da Comissão Organizadora, teve atuação destacada nas comemorações do centenário da independência do Brasil entre nós.

Foi diretor do Serviço de Recenseamento do Estado, que organizou com Rubens Gueiros.

Foi professor e diretor da Escola de Belas Artes da Bahia.

Representou também o Brasil na Missão Diplomática na Exposição de Bruxelas.

Exercia ultimamente o cargo de Diretor da Estatística Municipal do Salvador.

A sociedade a que serviu com dedicação sempre viu nele um elemento prestante e digno de consideração.

MONS. ILDEFONSO NUNES DE OLIVEIRA

Faleceu aos primeiros minutos do dia 9 do mês corrente, em sua residência, ao largo do Campo Santo, 12 nesta Capital, o Mons. Ildefonso Nunes de Oliveira. Deão do Cabido Metropolitano e figura de relevo nos meios sociais da nossa terra. Nascera na vizinha cidade de Cachoeira, aos 27 de junho de 1871. Ordenou-se sacerdote em 1894 no Seminário de Olinda, sendo logo nomeado secretário do então bispo D. Santos Pereira. Lecionou Direito Canônico no Mencionado Seminário, durante dois anos, substituindo

qualquer companheiro na docência de todas as disciplinas. Regressou à Bahia e foi nomeado capelão do convento dos Perdões.

Em 1895, construiu com injentes sacrifícios o Educandário do Sagrado Coração de Jesus, que tanto bem espalhou em nosso meio, servindo brilhantemente à causa da instrução pública. Cônego honorário da Catedral em 1899, efetivou-se pouco depois, passando, então, a monsenhor. Ocupou, mais tarde, a dignidade de Arcediago, com o falecimento de Mons. Assis Castro, a mais alta investidura da corporação eclesiástica.

Nomeado capelão da igreja da Ajuda exercia idêntica função na do Campo Santo, quando faleceu.

O Monsenhor Ildefonso de Oliveira exerceu, ainda, com muita dignidade e operosidade, o mandato de deputado estadual, em duas legislaturas.

AFRÂNIO PEIXOTO

Luiz Viana na "A Tarde", de 15 de janeiro de 1947, escreveu: — "Dado o habitual exagero com que o nosso temperamento derramado usa os adjetivos, confesso não saber qual o que devo empregar em relação a *Afrânio Peixoto*, por certo a mais luminosa, a mais cintilante, a mais poderosa, a maior das celebrações brasileiras neste século.

Tudo quanto se diga dêle estará aquém do que, na realidade, representou na existência intelectual do Brasil, como expressão de cultura e de trabalho.

E' que a vida de *Afrânio Peixoto* está muito acima do que se possa avaliar pela sua obra literária e científica, embora ambas sejam das mais belas e das mais valiosas no cenário intelectual do país.

O que está nos seus livros é parte ínfima do que lhe deve a cultura nacional.

Afrânio Peixoto pela variedade de seus conhecimentos onimodos, não era apenas um mundo — era um sol...

De fato, êste é o conceito unânime de todo o Brasil intelectual e culto, que lamenta o desaparecimento de um de seus mais ilustres filhos, pela inteligência, pelo saber e pelo idealismo".

Júlio Afrânio Peixoto nasceu, em Lenções, nas Lavras Diamantinas, em 17 de dezembro de 1875.

Seu pai, Francisco Afrânio Peixoto, negociante sertanejo, de boa cultura, que pelo próprio esforço aprendera a falar o francês e fôra quem, primeiro, em 1870, introduziu, na localidade, o uso das carteiras individuais para alunos, exerceu sobre êle, o primogênito, duradoura e marcada influência.

Ainda em Lenções frequentou a aula primária da professora Maria da Purificação, "a quem, — dizia — que, depois dos pais, devia o pouco que era".

Em Canavieiras, para onde os pais se mudaram, às margens do Rio Pardo, iniciou o curso de humanidades, quando residente na fazenda Boa Vista, que se encontra descrita no seu romance "Maria Bonita", sendo também "Fruta do Mato" uma recordação dessas paragens, onde se criara.

Para concluir os preparatórios, veio para a Capital do Estado, onde se matriculou e cursou, como aluno laureado, o Colégio Florêncio, então instalado no local em que fôra o Colégio Sebrão, o mesmo que teve por aluno a Castro Alves e que mais tarde se transferiu para a Ladeira do Sodré.

Em 1892, aos 16 anos, matriculou-se na Faculdade de Medicina, onde, após brilhante tirocínio, diplomou-se em 1897.

Desde cedo revelou extraordinariamente vocação para as letras e para as ciências e ainda acadêmico estreava na literatura, com a "Rosa Mística" — um drama bizarro, fora do comum, em estilo abstruso, cujo enredo esquisitíssimo consistia num pai que mata a filha para que ela não se conspurque, de amor.

De sentido litúrgico, pregava a extinção da espécie humana, com seu enredo cheio de poesia e vazio de solidariedade cristã.

Luxuosamente impresso, em Leipzig, com uma côr para cada ato: rosa para o primeiro; vermelho, para o segundo; azul, para o terceiro; roxo, para o quarto e negro, para o quinto, era um forte poema em prosa, em cinco atos, de singular feminismo, em que o autor celebrava a glória da mulher, proclamando, acima do amor, a castidade; acima do pudor, a pudicícia.

Dai o sensacionalismo e o escândalo que provocou na patriarcal Cidade do Salvador, do fim do século passado.

Sua tese de doutoramento — Epilepsia e Crime — foi um trabalho de erudição revolucionária, uma audaciosa afirmação de cientista voltado para a patologia mental, em que, com 22 anos apenas, patenteia sua personalidade "pensando e escrevendo por conta própria, sustentando ou negando — sempre, porém, êle mesmo corajoso, erudito, resoluto.

Notabilidades nacionais e estrangeiras saudaram-no.

Enrico Ferri citou-o na sua Sociologia Criminal, e onze anos depois, era êsse trabalho reeditado, com um prefácio de Nina Rodrigues e Juliano Moreira.

No mesmo ano em que recebe a laurea doutoral, e eleito membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, com uma tese sobre Epilepsia e Consciência.

Em 1898, dispensa o nome de Julio.

Dai por diante, passa a ser somente Afrânio Peixoto.

Por esta época, publica nos Arquivos de Jurisprudência Médica e Antropológica do Rio de Janeiro, seu segundo trabalho científico — "A herança do adultério", que fez um rumor enorme e mereceu de Viazzi o qualificativo de genial.

Tendo sido assistente do professor Frederico de Castro Rebello foi, em 1900, por concurso, a instâncias do professor Nina Rodrigues, preparador da cadeira de Medicina Legal, da Faculdade de Medicina da Bahia, e designado para reger a cadeira de Medicina Pública da Faculdade de Direito dêste Estado.

E' o início de sua carreira triunfal de educador.

Em 1903, a chamado de Juliano Moreira, transfere-se para o Rio de Janeiro.

Como salientou Leonídio Ribeiro, a sucessão de Nina Rodrigues aqui na Bahia, seria tardia, e a de Souza Lima, que contendia com o mestre baiano, na ciência em que ambos se notabilizaram, abrir-se-ia logo.

Ao Rio chegou precisamente quando Oswaldo Cruz organizava a campanha da febre amarela.

O Ministro Seabra, sabendo do merecimento do médico patricio que chegava, resolve, por conta própria, nomeá-lo Secretário Geral da Diretoria de Saúde Pública.

Oswaldo Cruz, porém, diretor da repartição, não conhecendo Afrânio Peixoto, opôs embargos, avocando a escolha de seu Secretário que teria de ser pessoa de sua confiança.

Desfez-se a nomeação.

Os dois médicos não se malquistaram, porém.

Oswaldo Cruz veio mais tarde a conhecer intimamente e a admirar, com entusiasmo, a Afrânio Peixoto, que acabou lhe patrocinando a entrada na Academia Brasileira de Letras e fazendo-lhe o belo discurso de recepção.

A afinidade espiritual juntara-os.

Não conseguindo iniciar sua carreira na Saúde Pública, foi Afrânio Peixoto nomeado médico do Hospital Nacional de alienados.

Ganhou com a troca, porque não tardou em demonstrar-se alienista de mérito, fazendo-se o braço direito de Juliano Moreira, na grande reforma que introduziu, no Brasil, os modernos métodos psiquiátricos.

Triunfava assim o baiano Afrânio Peixoto, de quem diziam, a agradecer, seus amigos, naquele tempo, que tomara de assalto o Rio de Janeiro.

Em 1905, fez sua primeira viagem à Europa e, em Paris, cursou o Instituto Pasteur.

No ano seguinte, ao regressar ao Brasil, fez concurso, venceu e foi nomeado professor substituto das cadeiras de Higiene e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Capital Federal, dando início, deste modo, ao seu brilhante tirocínio professoral, na Capital da República.

De 1907 a 1911, dirigiu o gabinete Médico Legal, com interrupção apenas dos anos de 1909 e 1910, quando volta à Europa e viaja pelo Oriente.

Esta viagem pelo Oriente influenciou consideravelmente sua formação literária.

Em Nápoles, quando por esta viagem conheceu Aloísio de Azevedo, cônsul do Brasil naquela cidade e discutindo literatura, Afrânio Peixoto, francamente, criticou-lhe o excesso de zolaismo do autor em "Casa de Pensão" e, apontando em "O Homem", um caso de histeria, que lhe pareceu mal estudado, elogiou o "Cortiço".

Esta atitude foi muito apreciada por Aloísio Azevedo.

Para suceder a Euclides da Cunha, na Cadeira de Castro Alves, fundada por Valentim Magalhães, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 7 de agosto de 1910, por iniciativa de Mário de Alencar, que redigiu a

carta de apresentação e assinou o nome de Afrânio quando este viajava pelo Oriente e foi recebido em 14 de agosto pelo acadêmico Araripe Júnior, que a seu respeito produziu um magnífico estudo. „

Só depois de pertencer à Academia é que publica, em 1911, o seu primeiro, — “A Esfinge”.

Em 1912, vai pela terceira vez a Europa e no ano seguinte torna-se professor de Higiene e Medicina Legal na Faculdade do Rio de Janeiro, após memorável pugna em que teve como competidores os Drs. João de Barros Barreto e Henrique de Abreu.

Foi ainda nomeado professor de Medicina Legal da Faculdade de Direito e diretor da Escola Normal da Capital da República em 1915, e diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal em 1917.

Empreendeu na Academia de Altos Estudos, um curso de Sociologia, à luz de moderna orientação e com larga documentação brasileira.

Fez depois o de história das religiões e publicou, com Constâncio Alves a Antologia Brasileira da qual só apareceram dois volumes.

Realizou as comemorações do cinquentenário de Castro Alves, fazendo o curso da Biblioteca Nacional e as conferências de S. Paulo.

Para o Congresso Americano da Criança escreveu substancioso relatório de literatura infantil, sobre crianças e para crianças.

Quando presidente da Academia, em 1923, a recepção que preparou a Monsenhor Braudillart, mais tarde cardeal e presidente da Academia Francêsa, ensejou a cessão pelo governo Francês, à Academia da Casa onde ora funciona.

Comemorando com Pedro Pinto, em 1924, a glória de Camões, deu motivo a que se criasse na Faculdade de Letras de Lisboa, a cadeira de Camonologia.

Deputado Federal pela Bahia em duas legislaturas, teve sua carreira política encerrada pela revolução de 1930.

Esteve nos Estados Unidos e em Buenos Aires em missão de congraçamento cultural.

Sua vida acadêmica assinalou-se por uma ação constante em favor da cultura e das letras brasileiras.

Teve por isso, a honra de receber desta ilustre agremiação uma especial homenagem, quando, em 25 de junho de 1931, ela resolveu, por unanimidade, denominar “Coleção Afrânio Peixoto” a serie de livros que vem publicando, de assuntos ligados à cultura nacional.

Dirigia, ultimamente, o “Instituto de Estudos Camoneanos” e a Associação Cultural Brasil Estados Unidos.

Dois aspectos apresenta sua vasta obra de polímato que abrange cerca de meio século de labor literário e científico, de pesquisa e pensamento, uma existência inteira no amor às letras e no culto às ciências.

O primeiro aspecto corresponde aos 10 anos que se seguiram à publicação dos seus livros de estréia — “Rosa Mística” e “Epilepsia e Crime”.

Em meio à afanosidade de múltiplos estudos, teses, observações e memórias, destacam-se, neste período, dois grandes livros que marcam o valor do homem de ciência: Medicina Legal e Higiene, seguidos da excelente Psicopatologia Forense, aparecida em 1914.

A segunda fase — a de sua vida literária, abre-se, significativamente, com a sua entrada para a Academia.

Houve quem dissesse então que Afrânio Peixoto entrava a crédito para a Casa de Machado de Assis.

É que, naquela época, não se generalizara, ainda, o critério exponencial para a escolha dos acadêmicos — e lhe faltava bagagem literária.

Resgatava porém, pouco depois, com prodigalidade, a dívida de sua produção literária.

"A Esfinge" constitui um êxito de Livaria e merece a mais justa, unânime e calorosa consagração da crítica.

Neste livro o autor, aos estros do mais acendrado amor à sua terra natal, procura, fora dela, nos primores da civilização, o cunho da obra que realiza.

Vem depois "Maria Bonita" (1914), "Fruta do Mato" (1920), "Bugrinha" (1922), "As Razões do Coração" (1925), "Uma Mulher como as outras" (1928), "Sinhasinha", em tôdas dominando a psicologia feminina, e o ponto alto da sua inspiração as regiões da Bahia — Lençóis e Canavieiras — da sua Bahia, que apesar de distante por tantos anos, nunca esquecera nem deixara de amar com extremos de ternura.

É tão vasta a sua obra...

Conferencista, ensaísta, didata, biógrafo, parlamentar e "Causer", delicioso e cintilante, "Causer", tinha prazer especial de falar e expôr discorrendo copioso sobre os mais variados assuntos, do grave ao frívolo, com uma capacidade extraordinária de persuadir e agradar.

De olhos brilhantes em vivo ressaltos, nas órbitas, sorriso discreto e iluminado, voz pausada e colorida, prendendo suavemente entre as suas as mãos do interlocutor, admirava dislumbrava pelo saber, encantava pela estesia, pelo fulgor da linguagem.

Quando o percebeu que se aproximava da grande viagem, suspeitou do mal que acabaria por matá-lo, dedicou então toda a luminosidade do seu espírito e tôdas as horas de trabalho a escrever sobre a Bahia.

Dizia melancolicamente: — "O pouco de vida que me resta é para viver, em espírito, na Bahia".

E, daí por diante, não escreveu sinão sobre a sua terra, a nossa terra.

E escreveu "O BREVIÁRIO DA BAHIA", livro de unção religiosa, continuado pelo "LIVRO DE HORAS", que deixa inédito; como aquêle numa espécie de catecismo profano, em que vasou todo seu culto, o seu amor, o seu coração.

E basta... Afrânio Peixoto é grandioso; é imenso...

* * *

Acabaram de desfilar ante vós, para a reverência do afeto e a homenagem do aprêço, os vultos queridos dos nossos prezados e sempre lembrados confrades, que compartilharam conosco, até há bem pouco, das alegrias e agruras da existência e que hoje, páiram na região alta e remançosa da luz.

Dêles nos ficaram a evocação muito grata, a forte máguia de perdê-los e a lembrança viva como uma constante incitação à prática do bem, do nobre e do justo, sem revolta e sem blasfêmia e sem lamentações descabidas — porque nossa dôr e nossa saudade devem ser compostas e decentes sem tocarem às raias do descompasso e do ridículo, que ferem o decôro e a nobreza da consideração que lhe tributamos e que todos êles exigem de nós.

A perda, porém, de amigos — de si tão raros — e de companheiros dedicados, como os que se foram abre, sempre, um vácuo imenso no coração, principalmente daqueles que, como eu, já vencida a primeira escarpa da vida, decem, serenos e sem inquietações, a segunda encosta, sabendo onde ela vai ter — mesmo porque, já dizia Lacordaire, depois de uma certa idade, a vida é um caminhar entre túmulos.

Honremos pois aos nossos mortos queridos, sombras amigas que vem de desfilar, e, veneremo-los, para que crescamos cada vez mais no nosso próprio conceito e não desmintamos a respeitabilidade do passado, a que já todos êles pertencem.

* * *

E já que falamos em passado, transportemo-nos em espírito, a cinquenta e três anos atrás, para assistirmos, com unção e respeito, ao plantio singelo de árvore incipiente e vacilante, frágil e delicada, mas cujo cerne, desde cedo revelou a existência da seiva do porvir.

O carinho e desvêlo que os seus plantadores, pioneiros inclitos de uma cruzada santa, lhe dedicaram, nunca foram desmentidos nem descurados e o aumento das fileiras, dia a dia, por dedicados ao seu cultivo, constituiu o efetivo que hoje nos orgulhece.

Não lhe faltaram, porém, empeços a vencer — terreno árido, escassês de seiva, soaleiras ardentes, rajadas fortes — a tudo resistiu e superou e, hoje, com galhardia, ergue a pompa triunfal de sua fronde altaneira, que nada conseguiu nem conseguirá abater, nem curvar e, bracejando forte e alto, aponta, com segurança, para o futuro, como árvore bendita da concórdia e da paz, cuja sombra acolhedora e amiga é bem um oásis de luz, onde encontram hospitalidade e guarida e fraternal conforto, todos quantos de boa vontade, quaisquer que sejam seus credos, partidos, raças ou convicções, tenham no peito um coração que seja incondicionalmente devotado ao culto da PÁTRIA.

Esta árvore, meus senhores é bem o nosso INSTITUTO GEOGRAFICO E HISTÓRICO DA BAHIA, a cuja gasalhada, diligente e pressurosa, sem poupar cancelas, a geração do presente, com o seu carinhoso e fecundo interesse, prestigia e vitoria a geração do passado, sem descurar vigilante, os graves encargos para com o futuro.

* * *

Há 447 anos, quando a renascença esplêndia com suas pompas e suas galas, transformando a Europa num laboratório ruidosamente festivo, também, dispersava o Brasil nas bordas do Atlântico para o agape grandioso da civilização, como consequência natural do periplo africano.

Avistado pela primeira vez pelas náos cabralinas, a 22 de abril, comemorou sempre a sua descoberta, a 3 de maio, até que a vitória da revolução de 1930 contribuiu, por um decreto, para que fôsse extinto tal feriado.

Até aí, muito bem, porque a razão da influência religiosa para justificar a adoção de tal data, aceita mansa e pacificamente por todos os estudiosos autorizados de nossa história, em substituição à da reforma do calendário, que não deve ser preferida, por desnecessária, inútil e ilógica, já não satisfazia às necessidades de nossos tempos, por ensejar a renovação, a cada passo, do bizantinismo condenável das discussões inúteis.

O que, porém, causa e merece reparo especial é que não sendo mais objeto de dúvidas a data verdadeira do descobrimento, desde a publicação, em 1817, por Aires do Casal, da carta de Pero Vaz de Caminha, não tivesse merecido a mesma a atenção de nenhuma providência, mesmo quando e depois de estampado o decreto que suprimiu a data de 3 de maio, apesar de se terem restabelecido, também, outras, supressas no referido ato oficial.

Nosso intuito não é pleitear a restauração, mais sim propôr seja dirigido um apêlo atencioso e bem fundamentado, a quem de direito, nesse caso, o congresso da República, empenhado como está na hora presente na obra de reconstrução nacional, — no sentido de ser declarada a data de 22 de abril digna da veneração nacional por ser a data justa, histórica e incontroversa do despontar pujante e majestoso, à sombra da Cruz, da Terra do Cruzeiro que, desde então, não tem sabido senão crescer, crear, subir, com sombranceria e firmeza, diligenciando a glória do progresso, num porvir fecundo de realizações, sob os estos do trabalho, da justiça e da paz.

Não se pense, porém, que o Instituto, dêste modo, irá pleitear a vadiagem de mais um dia de lazer, nessa terra em que os feriados pululam e tudo serve de motivo para que não se trabalhe.

Não, o que a justiça histórica está a exigir nesses dias conturbados, em que a civilização se está a debater, indecisa, num atalho singularmente sombrio, e no Brasil principalmente, onde a maior, a mais seria e talvez a crise única seja a de educação, é que o moço carecente de idéas claras e justas, saiba que seu país foi descoberto no dia em que realmente se comemora o fato, em vez das dúvidas que se lhe inoculam no espirito, no li-miar do estudo da sua história, com justificativas fáceis e, por vêzes, ilógicas e apressadas, que lhe esmorecem de logo o sentimento de deferência às cousas sérias e respeitáveis de seu país, e lhe cria como uma atmosfera de levandade cética e de irreverência doentia, para tudo o que diz respeito à sua terra e à sua gente e gera o espirito de dissolvência da nacionalidade.

Para isso não há necessidade de feriado, mesmo porque nos últimos tempos já não o era.

E mesmo que o fôsse, que mal haveria nisso?

Porventura há algum motivo para que o Brasil se envergonhe de ter nascido?...

E como impedir que os seus naturais tenham ciência e consciência dêste fato e o admitam de modo claro, absoluto e insofismável, principalmente

os moços, tão mal cuidados e dirigidos, nestes últimos tempos e que são soberbamente, o cimento sagrado dos fundamentos eternos da Pátria?

* * *

E, agora, meus senhores, silêncio.

Recolhemo-nos um pouco.

Neste dia de tantas evocações, parece que este recinto austero e venerando, se impregna de deliciosos efluvios, e, como que paira no ar, com a misteriosidade da noite, a delícia cariciosa do suave tatarar de azas de um anjo que com as mãos cheias de luz pela terra adejasse, a anunciar a todos, numa espécie de antevisão magnífica, nas clareiras luminosas do porvir, a Majestade olímpica da grandeza excelsa do Brasil de amanhã.

A Independência do Brasil e as Câmaras do Recôncavo Bahiano

Ao INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO
da Bahia, com a maior admiração e homenagem,

(Conferência proferida na Associação Bahiana de Beneficência em 7 de setembro de 1946)

DEOLINDO AMORIM

Qualquer pesquisa sobre os antecedentes do grande acontecimento de 2 de julho de 1823, dia em que se encerrou, na Capital da Bahia, a campanha da Independência, conduz à verificação de um fato ainda pouco estudado: a participação das Câmaras Municipais. Não se pode tratar do papel da Bahia na Independência sem falar no Recôncavo, justamente porque nessa região, situada nas adjacências da Capital, repercutiu com vivo interesse a revolução de 10 de fevereiro de 1821, iniciada pela Câmara da Cidade do Salvador. A vida municipal, que despontou, no Brasil, desde o período colonial, nunca ficou indiferente aos movimentos nacionais. Foi, todavia, na Capital que se consolidou praticamente a emancipação política do país, com a entrada do Exército Libertador e a saída da guarnição portuguesa, comandada pelo general Madeira de Melo. Mas as Câmaras Municipais, notadamente a de Santo Amaro e a de Cachoeira, tiveram ação decisiva na situação. A Bahia, portanto, completou o movimento de emancipação, porque fechou, com sangue, através de uma campanha demorada e onerosa, o ciclo da tutela política de Portugal. Não se podia considerar o Brasil independente, apesar do Grito do Ipiranga, quando uma de suas Províncias — a Bahia — se encontrava, até, 1823, ocupada militarmente, sob as vistas do comando português. Somente a partir de 2 de julho de 1823, em consequência da vitória das forças libertadoras, obtida a custo de muito sacrifício, o país ficou independente, visto que se deu, nesse dia, a retirada da guarnição lusitana. Coube, pois à Bahia consolidar a Independência.

As Vilas do Recôncavo contribuíram muito para o êxito final de 2 de julho. Dois acontecimentos, de evidente significação política, ocorridos no Recôncavo, estão vinculados à gênese da campanha da Independência na Bahia: a histórica resolução da Câmara Municipal de Santo Amaro, a 14 de junho, definindo-se pela instituição de um Governo autônomo, e a proclamação da Câmara de Cachoeira, a 25 de junho de 1822, aclamando o Príncipe Regente D. Pedro. Enquanto Santo Amaro rompeu a sublevação no Recôncavo, uma vez que sua Câmara Municipal resolvera corajosamente assumir a responsabilidade de um ato de tal repercussão. Cachoeira antecipou a proclamação da Independência, porque aclamou o Imperador do Brasil, com luta e alto espírito de decisão antes de 7 de setembro. Na declaração da Câmara de Cachoeira, como na ata de Santo Amaro, documento por todos os motivos memorável, estava implícito o rompimento com a Metrópole Portuguesa.

As Câmaras, legítima representação do Município, eram centros de efervescência política, empolgados pela ideias da *Revolução Constitucionalista* de 1820, também chamada Revolução do Porto, precisamente porque na Cidade do Porto irrompeu a rebeldia, em Portugal, contra a velha estrutura político-social da Europa. É que as ideias da Revolução Francesa se espalhavam pelo mundo e deixavam semente futura na geração que perlustrava os bancos de Coimbra. As ocorrências de Santo Amaro e Cachoeira refletem o estado de espírito em que se encontrava a Bahia naquela fase culminante do mundo, exatamente quando as instituições seculares começavam a ser abaladas pelas influências do *Constitucionalismo*. Era a decadência do *Absolutismo*, sistema obsoleto, cuja revivescência as ditaduras modernas chegaram a ensaiar, sob forma disfarçada, mas, sem resultado, felizmente. A repercussão da nova situação européia, tendo tomado o curso natural de todas as transições políticas, de efeitos profundos, apressou vários "pronunciamentos populares" nas primeiras décadas do século XIX.

No Brasil, onde já era intensa a fermentação revolucionária, o *Constitucionalismo* encontrou ambiente favorável. Uma das provas mais características é a pronta expansão do movimento constitucionalista na Bahia, em cuja capital logo se instalou uma Junta Governativa, por deliberação da Câmara Municipal. Era o primeiro passo da revolução de 1821. A campanha da Independência, na Bahia, nasceu da verdadeira representação popular, porque o primeiro ato revolucionário emanou da Câmara Municipal, cujo Poder sempre constituiu, neste país, tradição política das mais respeitadas. O Governo revolucionário da Bahia, instalado em consequência da adesão à causa constitucionalista saiu de um órgão legítimo, indicando para a história futura a preponderância da vida municipal no sistema político administrativo. Deflagrada a revolução na Capital da Província, em pouco tempo estava todo o Recôncavo em ação, por influência das Câmaras Municipais. Quando a Câmara de Santo Amaro lavrou o ato de aclamação de Pedro I, insurgindo-se, portanto, contra a situação vigente, foi ao encontro de dois pontos capitais da revolução bahiana: governo autônomo e promulgação da Constituição. Mas a Revolução do Porto, enquanto inspirada nas ideias políticas mais avançadas da época, seria in-

teiramente favorável ás aspirações do Brasil sem os movimentos revolucionários da Bahia, do Pará (primeira Província a receber comunicação dos acontecimentos ocorridos em Portugal) e do Rio de Janeiro, justamente porque enquanto se reclamava, no Reino de Além Mar, a volta do Príncipe Regente D. Pedro, o principal e mais lógico objetivo das intuições brasileiras era, ao contrário de tal pretensão, a permanência do Príncipe no país, afim de se evitar o restabelicimeneto do regime colonial. Havia, como se vê, propósitos antagonicos entre os dos movimentos—o de Portugal e o Brasil—embora se levantasse, de um lado como do outro, a bandeira do *Constitucionalismo*. A Revolução do Porto queria, não ha dúvida, a Monarquia Cnstitucional; mas a vitória de seus princípios políticos exigiria a volta de D. João VI, o que equivaleria a ficar o Brasil governado por um preposto sem autonomia nem regime constitucional. Os interesses da Revolução Constitucionalista não eram absolutamente os mesmos em Portugal e no Brasil. É certo que o espirito da Revolução, tendo-se modelado na Revolução Francesa, correspondia ao sentimento geral de repulsa ao *Absolutismo*. Mas os acontecimentos apresentavam aspectos diferentes e aconselhavam que se fizesse "obra de brasileiros", como teria dito Felisberto Caldeira Brant Pontes, comandante das Armas em Salvador, isto é que se organizasse logo, ao ensejo da Revolução de 10 de fevereiro, um Governo próprio e definitivo.

O movimento revolucionário de 1821 abriu caminho para a Independência, na Bahia, porque, antecipando-se ao *Fico*, aclamou Pedro I, que deixaria de ser apenas Príncipe-Regente, sem autonomia, para ser elevado à investidura de Imperador do Brasil, e criou ambiente para o rompimento do Recôncavo, em cujos municípios se preparou a guerra com muita pressa. A proclamação oficial da Independência (1822) encontrou a Bahia em ação desde 1821. Os primeiros mártires da Bahia, incluindo-se *Soror Angélica*, heroína-símbolo, foram sacrificados exatamente quando ainda não se ouviam os rumores da arrancada do Ipiranga. E nessa grande página de nossa evolução politica, de sentido mais nacional do que local, é incontestável o esforço das Câmaras Municipais, o que bem demonstra o valor moral e histórico da vida municipal no processo de estruturação e desenvolvimento da nacionalidade.

A aclamação do primeiro Imperador, em consequência da revolução de 10 de fevereiro, começou por um movimento de Câmaras Municipais. Pouco antes da Independência, instalava-se o Conselho de Cachoeira, a 21 de agosto de 1822, dele fazendo parte representantes de vários municípios. Centralizava-se, como se vê, em Cachoeira, a direção de toda a resistência do Recôncavo. Mas a primeira atitude de Cachoeira não foi a criação do Conselho, porquanto a histórica Cidade do Paraguassu havia instalado, desde 25 de junho — sua maior data — a Junta Conciliadora de Defesa e, a exemplo do que fizera a Câmara de Santo Amaro, também se definiu pela continuação do Príncipe-Regente D. Pedro no país. A permanência do Príncipe-Regente significava o rompimento com o Reino e, portanto, a instituição de um Governo autônomo. As Câmaras do Recôncavo homologaram o movimento favorável à Constituição que seria jurada por Pe-

dro I. A Junta de Cachoeira constituiu-se dos seguintes Delegados: Francisco Elesbão Pires de Carvalho — *Santo Amaro*; Francisco Gonçalves Brandão (depois Francisco Gé Acayaba e Montezuma) — *Cachoeira*; Manuel Gonçalves Maia Bitencourt — *Jaguaripe e Nazareth*; Simão Gomes Ferreira Veloso — *Inhambupe*; Miguel Calmon du Pin e Almeida — *Abrantes*; Manuel da Silva e Sousa Coimbra — *Maragogipe*; João Dantas dos Reis — *Itapicurú*; Padre Teodoro Dias da Costa — *Valença e Jequiriçá*. Os dez municípios que integraram a Junta formaram praticamente uma assembléia representativa, com poderes especiais para deliberar sobre a situação. Ai está por assim dizer um pequeno Congresso regional, com as características de coligação municipal. Verifica-se, pois, que as Câmaras Municipais — ponto de partida de nosso sistema representativo — não constituíam organismos à parte, exatamente porque tinham preponderância na vida nacional, tanto assim que eram consultadas pelo Governo Central, e não se limitavam, como parece, a receber ordens da Metrópole. A Junta de Cachoeira é um exemplo. O município sempre foi oíoso da autonomia local; e o enfraquecimento dessa autonomia, indispensável ao regime federativo, produz um estado de apatia tão perigoso como qualquer crise nacional.

É importante assinalar que o movimento constitucionalista na Bahia, apesar da precariedade dos meios de comunicação na época da Independência, foi além do Recôncavo, como se vê pela própria constituição da Junta cachoeira. A Câmara de Itapicourú, por exemplo, assim como a de Inhambupe, no sertão, fizeram parte do conselho de municípios; outra Câmara também distante do teatro político dos acontecimentos — a de Jequiriçá — esteve presente à histórica e eficiente assembléia de Cachoeira. E mais tarde o espírito revolucionário irradiou-se pelo interior, agitando novos pronunciamentos e provocando a adesão de outras Câmaras. A campanha da Independência na Bahia, iniciada com a revolução de 10 de fevereiro de 1821 e terminada com o lance heróico de 2 de julho de 1823, tem suas raízes, sem dúvida alguma, nas Câmaras Municipais, fonte de nossa vida política. Basta que se considere o seguinte fato: quando se iniciaram as operações de guerra, já estava bem articulado o movimento promovido pelas Câmaras do Recôncavo, de cujo seio o ato decisivo da aclamação do Imperador. Nossa vocação federativa tem, portanto, evidentes e acentuados pontos de coincidência com as manifestações do municipalismo.

Quando o Exército regular chegou à Bahia estava organizado, por iniciativa das Câmaras locais, um exército de emergência, formado de *legiões patrióticas* oriundas das Vilas do Recôncavo, sem cujos elementos ainda mais difícil teria sido a ação do general Pedro Labatut, comandante das forças imperiais. Conseguiram as Câmaras arregimentar, em pouco tempo numerosos contingentes de voluntários. Nomeado comandante do Exército Imperial nas operações da Bahia, com o posto de general, trazia Labatut suficiente experiência de guerra em solo americano, pois que fizera a campanha da emancipação da Colômbia, ao lado de Bolívar, Francês de nascimento, orgulhando-se de haver servido no Exército napoleônico, não tinha Labatut, entretanto, o mesmo tirocínio profissional de Madeira de Melo, general de carreira, com bastante conhecimento do meio. Defrontaram-se

dois Exércitos organizados em condições diferentes: o nacional, ainda em formação, constituído em grande parte de elementos improvisados, e o português, contando, ao contrário tropa regular, aflita às dificuldades de uma guerra. Apesar de tão considerável desigualdade, a guerra terminou com a vitória de 2 de julho, depois de violentas refregas tanto no Recôncavo como nas imediações de Salvador. A guarnição portuguesa retirou-se, finalmente, da Bahia. Nosesa organização militar, de terra de mar, não dispunha ainda de quadros normais, desde que o país estava na fase de transição do regime colonial para a Independência. A emergência da situação levou o Governo central a contratar comandos estrangeiros, conquanto se encontrassem na Bahia chefes de prestígio como Felisberto Caldeira e Manuel Pedro de Freitas Guimarães, por exemplo. O comando em chefe das forças navais foi entregue ao almirante Cochrane, *lord* inglês, com serviços prestados em campanha naval no Chile, enquanto o das forças de terra ficou em poder de Labatut. Mas, como se viu, Labatut encontrou um exército em ação, no Recôncavo em consequência da atitude das Câmaras locais. A contribuição das Villas não ficou adstrita aos atos políticos de suas Câmaras, mas teve amplitude prática na resistência, na cooperação militar, na preparação do ânimo de suas populações.

Vê-se, pelo caráter da situação na Bahia, a *Revolução Constitucionalista* 1820, por força de seus princípios, nascidos de uma filosofia política profundamente renovadora, influiu, e de modo bem relevante, nos acontecimentos que precederam a Independência. E a esses acontecimentos, que não são dispersos, filia-se diretamente o espírito de nossa vida municipal, já então evidente nas linhas fundamentais de nossa cultura política. O Brasil é um país de vocação municipalista. Os fatos sempre o demonstraram, apesar da influência de correntes culturais diversas na urdidura espiritual de sua formação. As Câmaras Municipais representam forças concientes no organismo nacional; tanto assim, que algumas delas chegaram a decidir, em momentos gravíssimos, sobre questões de ordem geral, como órgãos legitimamente coordenadores da soberania local. Não sendo órgãos decorativos nem tendo vida à parte ou circunscrita ao âmbito municipal, as Câmaras locais foram consultadas, e não poucas vezes, pelo poder central, em situações extremamente difíceis. Tal propensão revelou-se, aliás, muito cedo, na índole do regime colonial, em cuja organização administrativa as Câmaras tinham funções especiais e elevadas, visto que a nossa concepção de unidade, tendo evoluído, é certo, nunca repeliu o princípio de autonomia municipal, ajustado institutivamente à realidade geográfica do país. O município, no Brasil, não tem caráter fracionário. Assim como o regime federativo não enfraquece, antes reforça o vínculo da unidade, o espírito municipal não se opõe, mas se adapta naturalmente à Federação. Começamos a sentir a força do município na vida nacional logo nos primórdios da Independência. E a compreensão do importante papel do município atravessou o Império, vindo tornar-se mais clara na República em virtude do sentido essencialmente federativo do regime instituído em 1889. Si houve desvirtuamento da verdadeira função do município, não se pode, todavia, incriminar o sistema federativo, porque este se inspirou nos próprios ante-

cedentes políticos do país. A fase da Independência pode dar, por si mesma, idéia muito nítida da expressão social e política do município.

A consulta dirigida às Câmaras Municipais pela delegação da Bahia, junto às Côrtes de Lisboa sobre a forma de governo a ser adotada no Brasil, em momento de agitação revolucionário no Velho Mundo, é fato de grande significação no estudo de nossa história política, porque nêle se comprova o prestígio da representação municipal. A consulta fôra feita antes da Independência, como que a indicar que do pensamento das Câmaras Municipais deveriam partir as bases da estrutura política do país. O povo, como está provado, era ouvido por intermédio das Câmaras; e foi éste o processo de que se serviram os deputados bahianos à Constituinte de Lisboa. Dirigir-se às Câmaras equivalia a dirigir-se ao povo. Assim pensaram, com larga visão política, os representantes da Bahia na Constituinte de Além Mar. Não foi escrito ainda, como parte integrante da história da Independência, o capítulo a que têm direito as Câmaras Municipais. Entretanto, pouco antes do *Grito do Ipiranga*, já haviam algumas Câmaras da Bahia declarado o rompimento com a Corôa, implicitamente, porquanto fizeram o reconhecimento do Imperador e juraram fidelidade à Constituição aclamada, em Salvador, pela revolução de 10 de fevereiro. E tão depressa as Câmaras do Recôncavo compreenderam a situação, procuraram articular a resistência. Substituído, na Capital, o Conde de Palma por uma Junta; entregue o comando das Armas a Manuel Pedro de Freitas Guimarães, oficial de confiança, brasileiro nato, com muita popularidade na Bahia, o Recôncavo começou a inquietar-se, ativando a reação ao *Absolutismo*. A Câmara de Santo Amaro, como já vimos, foi a primeira a se declarar favorável à Constituição, graças à orientação direta de Miguel Calmon du Pin e Almeida, mais tarde *Marquês de Abrantes*.

Tendo-se formado na Europa, de onde viera com o espírito impregnado das novas idéias que começavam a modificar, em tôdas as direções, a mentalidade dominante, Miguel Calmon era bem um homem de sua época. Educado sob a atmosfera revolucionária da já àquele tempo vetusta Universidade de Coimbra, de onde trouxera o lastro de uma cultura essencialmente renovadora, foi um dos maiores vultos da Independência. Portador da carta enviada às Câmaras pelos constituintes bahianos, Miguel preparou o movimento em Santo Amaro, doutrinou como verdadeiro chefe intelectual, embora moço ainda. Um dos documentos mais importantes da Independência é justamente a carta que os deputados bahianos mandaram, de Lisboa, às Câmaras Municipais sobre o Governo a ser instituído no Brasil como fato decorrente da *Revolução Constitucionalista*. A consulta às Câmaras foi por assim dizer o grito da revolução. Miguel Calmon, intérprete do pensamento dos constituintes bahianos, orientou e dirigiu os acontecimentos, no Recôncavo, como verdadeiro mentor. Fez muito mais ainda. Quando se organizou a Junta de Cachoeira, em cuja composição figurou como delegado da Villa de Abrantes, tomou a iniciativa de criar as *Caixas Militares* destinadas a constituir fundos para a guerra, já desencadeada no Recôncavo. Notável, portanto, foi a ação de Miguel Calmon durante toda a campanha da Independência, desde a articulação política de

Santo Amaro. Deve-lhe o Brasil outros serviços, e de relêvo, porque prestados com dedicação e dignidade em situações gravíssimas. O operoso Ministro da Fazenda no 1.º Reinado (1827) e na Regência (1837) foi o orientador inconfundível de nossa política externa, como Ministro de Estrangeiros, por ocasião da rumorosa *Questão Christie*. Coube ao Marquês de Abrantes, como se sabe, enfrentar, com energia e muito tacto político, já no declínio da idade, na direção da pasta de Estrangeiros, as dificuldades decorrentes de uma decisão de consequências internacionais. Inegavelmente, a *Questão Christie* ou *Questão Inglesa* foi o maior incidente ocorrido sob o Gabinete Araújo Lima. O chamado "Ministério dos velhos", como logo se apelidou ao Ministério Conservador de 1862, encontrou em Miguel Calmon um de seus pulsos mais fortes, porque a fibra do moço de 1822, nos dias gloriosos da Independência, revelou-se a mesma no ancião de 1862, diante de um caso diplomático dos mais delicados de quantos se registraram nos annais de nossa vida política, durante o Império. Três anos depois, em 1865, no início da guerra do Paraguai, estando José Antônio Saraiva na pasta de estrangeiros, reataram-se as relações com o Império Britânico. No discurso do Ministro inglês Thorton, ao apresentar suas credenciais a D. Pedro II, no acampamento de Urugualana, onde se realizou a história e por todos os motivos excepcional: cerimônia, ficou bem acentuado este ponto: "... sua Magestade nega de maneira a mais solene, toda a intenção de ofender a dignidade do Império do Brasil..." E, de fato, a política de Miguel Calmon conduziu a situação com tal altivez que, mais tarde, o reatamento de relações se processou sem o menor estremecimento da dignidade brasileira, como ficou provado no documento pelo qual se acreditou o novo Ministro da Rainha Vitória junto ao Governo Imperial. A carreira de Miguel Calmon, que se iniciara justamente quando as Câmaras do Recôncavo se levantaram a favor da Independência, é, por si mesma, um capítulo do Império. Liga-se, portanto, ao nome do glorioso bahiano a fase inicial de nossa emancipação política: a consulta às Câmaras e a organização do movimento revolucionário no Recôncavo. Em todo esse período se fez sentir o papel das Vilas bahianas. Não se poderia excluir da epopéia libertadora a citação de Cachoeira, Santo Amaro, Itaparica, Nazareth, Maragogipe, São Francisco, Abrantes, Jaguaripe, Inhambupe, Valença, Jequiriçá, Itapicurú, Caravelas e outras, inclusive povoações vizinhas.

A atitude das Câmaras como se observa pela sequência dos acontecimentos, foi a antecipação da Independência, na Bahia... Não constituindo movimento regional, porque não se realizou fóra do ambiente revolucionário da época, a campanha do Recôncavo seguiu logicamente o curso das idéias liberais, já propagadas em revoluções anteriores, como a de 1817, em Pernambuco. Mas o que se destaca, especialmente pela concordância com o espírito federativo, na preparação da Independência, é o papel das Câmaras Municipais. Aquilo que Oliveira Lima considera o "desejo instintivo de autonomia municipal" se confirma plenamente na consciência das Câmaras do Recôncavo bahiano, já inflamadas, sem dúvida alguma, pelas idéias federalistas. Os remascentes do federalismo vinham de longe. A conspiração de 1793, por exemplo. Conquanto não tenha a projeção histórica da *Inconfli-*

dência Mineira, naturalmente por não apresentar, entre ses mentores, vultos da expressão intelectual de Thomaz Antônio Gonzaga ou de Cláudio Manuel da Costa, a revolução de 1798, ou *Inconfidência Bahiana*, teve mártires e idealistas. Embora se lhe atribuam propensões demagógicas, certamente por se haver generalizado entre camadas populares, o desdobramento de suas atividades, todo êle inspirado na filosofia revolucionária da época, convergia essencialmente para a forma republicana. A associação do pensamento republicano ao federalismo, que viria a ser ensaiado francamente em 1831, constituiu sempre o ponto fundamental daquelas revoluções e de outras. O federalismo tem raízes seculares no Brasil. Uma das manifestações mais evidentes do sentido federalista de nossa formação está na conduta política das Câmaras Municipais em face da Independência. A emancipação do país não partiu da Metrópole para o interior; não se estabeleceu no recinto fechado das altas decisões oficiais; foi, sim, o resultado de pensamento locais, conjugados, vinculados ao centro, através da evolução natural das idéias.

Quando se deu, na Europa, o crepúsculo do *Absolutismo*, surgindo a resolução dos deputados bahianos junto às Côrtes de Lisboa, as Câmaras Municipais não ficaram à margem da nova ordem de coisas. Pedro I submeteria às Câmaras, mais tarde, a Constituição do Império, promulgada em 1824, após a dissolução da primeira Constituinte.

De todos êsses fatos se conclue que o Município, cuja representação legítima reside no poder das Câmaras locais, tem grande influência na vida nacional. O fenômeno explica-se mais por uma tradição inerente à própria formação política do país do que pelo determinismo geográfico. O ambiente da Bahia, na época em que se preparou e completou a Independência, demonstra muito bem a interferência do município nos destinos da nacionalidade. Registrou-se ainda mais um fato singular: as Câmaras bahianas tiveram ação própria, organizaram governo, sem que o Governo central deliberasse nas decisões locais. As Câmaras do Recôncavo, cujos objetivos se concentraram em Cachoeira, não pediram ordens à Metrópole, mas, ao invés disso, o Governo Imperial dirigiu-se à Junta instituída na "Cidade heróica" do Paraguaçu.

Pedro I entendeu-se, portanto, com o Governo revolucionário de Cachoeira, reconhecendo-lhe a autoridade, como se lê neste documento, transcrito pelo eminente professor Braz do Amaral em *Resenha Histórica da Bahia*: "*Comunicação do Governo Imperial ao Governo provisório dos independentes que se havia constituido no Recôncavo da Bahia, pelas municipalidades e que tinhã iniciado a guerra contra o domínio da metrópole. Presidente e mais Deputados da Junta Provisória do Governo da Província da Bahia; amigos, eu o Príncipe Regente vos envio muito saúdar*

Não consentindo a minha solicitude e verdadeiro amor ao Brasil que essa província continue a sofrer a presença de tropa de Portugal, para se não repetirem os desgraçados sucessos já ocorridos, e em consequência dos quais expedi a carta régia de 15 de junho último ao brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Melo, e da qual vos envio cópia, mandei aprestar no porto desta capital a expedição que se acha a sair para o dessa província, afim de apres-

sar a execução daquela minha real ordem e que é comandada pelo brigadeiro Pedro Labatut que se me ofereceu, afim de mostrar ao Brasil o seu reconhecimento por haver sido recebido no seu serviço. Os talentos e préstimo militar d'este general, já provados nas campanhas da Europa, bem como as suas outras qualidades, me fazem esperar o melhor êxito, e confio de vosso conhecimento, brio, lealdade e pundonor, o habilitareis para o cabal desempenho de tão justa empresa fornecendo-lhe além dos preciosos socorros de mantimentos e outros meios ao vosso alcance exatas noções do estado do país e mais circunstâncias que julgardes convenientes ao conhecimento do general, para, a vista dêles, formar a sua linha de operações. O mesmo general leva particular recomendação para em tudo obrar de acôrdo convosco, ou já as tropas de Portugal se tenham embarcado, o que para mim será da mais viva satisfação, ou sejam a isso obrigadas e mesmo depois da saída delas".

A vossa leal cooperação, o patriotismo dos fiéis e honrados habitantes d'essa provincia, a prudência e habilidade do general me dão funda esperança de saber mui brevemente que entre vós reina já a paz e concórdia e a tranquillidade. Escrita no palácio do Rio de Janeiro, aos nove dias do mês de junho de 1822. Príncipe Regente. Luiz Pereira Nóbrega de Souza Coutinho. Para o Presidente e mais Deputados da Junta Provisória do Governo da Provincia da Bahia — Antônio Pimentel do Vabo". (Ortografia actualizada). Na introdução d'este officio, Pedro I reconhece a prioridade da Bahia na Independência. O Governo, como aí se lê, apresentava e recomendava ao Governo revolucionário de Cachoeira o general Lababut, comandante das forças imperiais, isto é, as de terra. Qual foi a fonte d'esse Governo senão a assembléia das delegações do Recôncavo? O Governo Imperial tratou oficialmente com o Governo constituído das municipalidades representadas em Cachoeira.

Antes, portanto, de 7 de setembro de 1822, Pedro I então na qualidade de Príncipe-Regente reconhecia implicitamente um Governo revolucionário na Bahia, tanto assim que com elle se communicou. Esse Governo não foi outro senão aquêlê que se organizara em Cachoeira, por deliberação das Villas do Recôncavo. As Câmaras Municipais, na Bahia, começaram a fazer a Independência logo após a revolução de 10 de fevereiro de 1821 pois o "espírito revolucionário" contagiou, em pouco tempo, a alma bahiana. Na primeira carta que o general Madeira de Melo, comandante das forças portuguesas na Bahia, enviou ao rei de Portugal, já se lê por exemplo, este pequeno trêcho pelo qual se pode fazer idéia do estado geral da população: "O espirito revolucionário tem abrangido tôdas as classes dos brasileiros e tão espantosa tem sido a deserção da cidade para o Rio de Janeiro e Recôncavo que repartições civis quasi inteiras tem tomado tal expediente. Daqui resultou necessariamente inconveniente ao serviço, mas elles se fazem ainda mais sensíveis no Arsenal de Marinha e Trem do Exército, donde têm fugido quasi todos os operários, não só pelo seu espirito revoltoso, mas porque a falta de pagamento e a carestia de vida os reduziu à última penúria". O povo deixava a Capital e procurava o Recôncavo para se unir as populações em armas. A Independência custou sacrificio à Bahia. O gene-

ral Madeira de Melo, que é muito exato nas informações transmitidas ao Reino, ressalta o "espírito revoltoso" dos operários, embora concorressem, também para o êxodo da população outras causas próprias de uma situação de guerra. O comandante português não deixa de fazer referência, na mesma comunicação, às providências tomadas no Rio de Janeiro. Diz ele: "*O Governo do Rio de Janeiro não se poupa em empregar tôdas as medidas de maldade contra Portugal. Eu apresento a Vossa Magestade o terrível e infame Alvará de 30 de setembro, número quatro, para o armamento de corsários contra as propriedades portuguesas, nacionais e particulares*". (Documento pertencente ao Arquivo Militar Português e transcrito pelo historiador Braz do Amaral na obra citada). A carta é de 13 de dezembro de 1822 da Cidade do Salvador. Agravando-se a situação, resolveu o general Madeira de Melo deixar a Bahia, finalmente, a 2 de julho de 1823, com a vitória do Exército independente. Concluiu-se pois, a Independência do Brasil. Dias depois, a 21 de julho, já em alto mar, a bordo da fragata *Constituição*, o comandante português dava ciência ao Reino de sua resolução forçada pelas circunstâncias.

Enquanto, Senhores, flutuou sobre as águas da Bahia o pavilhão português, o Brasil não foi independente. A verdadeira emancipação política deste país se fez na Bahia, com a saída dos remanescentes da dominação do Reino e a conclusão da luta iniciada com a revolução de 10 de fevereiro de 1821. Os laços que prendiam o Brasil à Metrópole portuguesa começaram a enfraquecer nas Câmaras Municipais, sob cuja direção o povo se organizou para defender a Constituição aclamada em 1821 e completar a Independência no dia 2 de julho de 1823. Um dos maiores capítulos da Independência do Brasil pertence, com inteira justiça, às Câmaras do Recôncavo bahiano.

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1946

BIBLIOGRAFIA

Pedro Calmon — *História da Bahia*

Calógeras — *Formação Histórica do Brasil*

Braz do Amaral — *Resenha Histórica da Bahia e Fatos da Vida do Brasil*

Bernardino de Sousa — *Heróínas Bahianas*

Pedro Calmon — *O Marquez de Abrantes*

Oliveira Lima — *O Império Brasileiro.*

ENTRADISTAS DOS SERTÕES BAHIANOS

(Do Jornal do Comércio de 28 de julho de 1946)

Por AFFONSO E. TAUNAY

Modesto eruditíssimo conhecedor do Sertão de seu Estado natal, ao presente e passado da região estudou Urbino Viana, apaixonado cultor, dos factos sertanejos da enorme superfície do vale do São Francisco na Bahia e em Minas Gerais.

A zona dos antigos Currais da Bahia era-lhe familiar como a própria e em seu tão informativo e valioso volume de *Bandeiras e sertanistas bahianos* deixou reunida notável cópia de informes, como aliás a sua excelente monografia do Município de Montes Claros.

Preparava segunda edição daquela obra prestante quando a morte o colheu, prematuramente aliás. E pouco ante de falecer comunicou-nos diversos trechos que pretendia acrescentar ao texto da primeira tiragem.

Assim procurando reconstituir o itinerário traçado por Antonil, como meio de comunicação entre a cidade d'O Salvador e as Minas Gerais enviou-nos assás extensa nota a tal respeito. E ao mesmo tempo valendo-se do conhecimento da topografia local fixou o local onde os Raposos mineraram e o caminhão seguido por Sebastião Pinheiro Raposo em sua fuga para os sertões do Norte.

Informou que no local há um ribeirão ainda hoje chamado do Raposo, afluente do Bromado e confluyente do Jussape, realmente a três léguas do lugar denominado Mato Grosso o qual se encontra no *divortium aquarum* do Bromado que verte para o Jussape e o Pará Mirim afluente do São Francisco. No dizer de Urbino Viana no ribeirão do Ourives e no Água Suja a pinta era muito menor sendo o centro talvez da mineração de Sebastião o arraial da Casa da Telha, lugarejo do distrito de Boa Esperança.

A séde do bandeirante era em Creculos, nome que se não encontra nem no "Dicionário" de Moreira Pinto nem no mapa do Clube de Engenharia, de 1922. Este último, aliás, não inscreve o rio Bromado que Moreira Pinto averba com os seus afluentes S. Antônio e Taquari, citados por Urbino Viana.

Deve Sebastião Pinheiro na opinião do ensaísta ter fugido para o Piauí ao longo do rio Paramirim que no Atlas do Clube de Engenharia é chamado Paramirim, erroneamente navegando o São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande daí rumando para o Norte pelo vale do Rio Preto em direção a Corrente, Parnaguá e pelo Paraim ao vale do Curgucia que era um dos grandes caminhos do Piauí.

Em sua brilhante *A Conquista — História das Bandeiras Bahianas* a clara e lucida inteligência de Pedro Calmon, valendo-se do arguto e probo conhecimento da mais vultosa documentação tratou do caso de Sebastião Pinheiro Raposo a cujo nome desfigurou um erro de imprensa: Berredo em lugar de Raposo (p. 149).

Nesta magnífica contribuição para a história do bandeirantismo no Brasil numerosas referências se aduzem relativas à atuação de sertanistas de São Paulo em território bahiano, o coligista Calmon muitas indicações documentais relativas às expedições de Estevam Ribeiro Baião Parente, João Amaro Maciel Parente, Manoel Alvares de Moraes Navarro, Domingos Jorge Velho, Matias Cardoso de Almeida, Braz Rodrigues de Arzão, Antônio Gonçalves Figueira, João Pires de Brito, João Raposo Bocarro, etc. (pps. 95 et pass).

Assim refere a atuação do "capitão-mór dos descobrimentos" Domingos de Freitas de Azevedo, por carta patente da Junta Trina de 5 de julho de 1677) e relata que este sertanista foi encarregado de explorar e reconhecer as nascentes do rio Paraguassú, tendo como companheiro de jornada seu irmão Bernardo de Freitas de Azevedo e Antônio Coutinho. Estes dois irmãos Azevedo eram filhos de Lucas de Freitas de Azevedo, santista e Lucrecia de Mendonça.

Sobre Domingos de Freitas de Azevedo e seu filho Lucas escreve assás longamente Carvalho Franco em os *Camargos de S. Paulo* ótimo estudo histórico genológico (138-140) a contestar que fossem Azevedo. Os documentos bahianos chamam-lhes Azeredo como Calmon o reitera (p. 103).

De Domingos e Bernardo tratámos assás longamente no tomo VI, da "História das Bandeiras" (págs. 302, 303, 311) sem sabermos se seriam paulistas. Carvalho Franco esclarece-nos a dúvida corrigindo a Silva Leme quando este diz que Domingos faleceu em 1692.

Provavelmente findou os dias na Bahia em 1679, sendo seu inventário aberto em S. Paulo em 1683.

Era casado com Isabel de Lemos sobrinha de Batolomeu Bueno Cacunda, o bandeirante que se salientou nos sertões do Muriaé e na região de Campos dos Goitacazes.

Aduz Carvalho Franco informação de Capistrano de Abreu que, referindo-se ao mesmo personagem, escreve aliás Domingos de Freitas de Azevedo e diz: "saíndo de S. Paulo com uma tropa, atingiu os sertões do rio de São Francisco, sendo aí desbaratado pelas nações barbaras com que pelejou. Propoz no entanto, algum tempo depois, ir às cabeceiras do rio Paraguassú, a sessenta léguas de Itaporócas, procurar algumas aldeias de que tinha notícias. A sua ficou dividida em duas companhias, cujos cabos fo-

ram Bernardo de Freitas de Azevedo e Antônio Coutinho. João Peixoto, grande sertanista bahiano comprometia-se a auxiliá-lo".

Não ficou porém conhecido o resultado de tal diligência, sendo certo porém que Domingos de Freitas de Azevedo faleceu naqueles sertões.

Do seu casamento com Isabel de Lemos e Moraes ficaram continua C. Franco dois filhos o de nome Lucas ali mencionado, a que Silva Leme, também acrescenta o patronímico Freitas. Foi mestre de campo Lucas de Freitas de Azevedo, que muito se distinguiu como sertanista.

Apareceu em Serro-Frio, logo após o descobrimento pelos paulistas Gaspar e Antônio Soares Ferreira, com alguns outros (1701). Ali minerou ouro e fundou uma fazenda de criar, obtendo sesmaria, do governador D. Braz Baltazar da Silveira, a 24 de janeiro de 1717.

Nesse ano preparou bandeira, com intuito do descobrimento das esmeraldas, tendo por parte do mesmo governador a patente de mestre de campo, a 17 de junho de 1717. Desta primeira tentativa, saída de Serro-Frio, parece ter sido nulo o resultado, porfiando no entanto Lucas de Freitas no intento de tal, faz prova segunda patente do mesmo posto, dada pelo Conde de Assuvrar a 6 de março de 1718.

Documento datado de 1728 refere que descobriu uma serra que denominou das Esmeraldas a qual deu em manifesto, "além do Sanuhy-Grande, para as Minas Novas, mas pelos muitos índios que por ali habitavam nada se havia descoberto".

Eis tais diligências o acompanhou o cunhado o padre Antônio de Mendanha Sotomaior, e, segundo referiu João da Silva Guimarães, em informação ao Vice-Rei do Conde de Sabugosa, a 12 de julho de 1734. Chegaram a fazer escavações profundas em tal sítio, por suporem fosse o mesmo em que estivera Marcos Antônio de Azeredo Coutinho, a que igualmente visitara Garcia Rodrigues Pais.

Certo é que até 1724, andava Lucas de Freitas de Azevedo empolgado pelo "sonho verde", Jequitinhonha abaixo, entre Ilhéus e Porto Seguro, em pleno sertão bahiano, tendo, ao que consta, colhido amostras de turmalinas verdes, (An. Arq. Pub. da Bahia 6.243). No seu rastro, seguiu Sebastião Leme do Prado, em 1733, mas, atingindo os Ilhéus, viu-se cercado pelos Aymorés e retirou-se para as chapadas entre Pardo e o Jequitinhonha onde revelou jazidas auríferas.

Tendo abandonado suas terras de Serro-Frio por volta de 1720. Lucas de Freitas de Azevedo, após as diligências de 1724, foi proposto pelo Coronel Pedro Barbosa Leal, para comandante de um arraial que franqueasse o sertão das cabeceiras de Porto Seguro, nos rios Caravelas e Doce.

"Daqui em diante, conclui Carvalho Franco, não sabemos mais do temerário terno de Jusepe de Camargo".

Foi casado, nas Minas Gerais, com Isabel de Mendanha Sotomaior, irmã do primeiro vigário encomendado da então vila de Príncipe, o padre Antonio de Mendanha Sotomaior, fluminense, da família do senhor do engenho do Campo Grande, Luiz Vieira Mendanha. A fazenda do Mendanha no século XVIII, tornar-se-ia nome de imorredouras recordações na história do café no Brasil.

Informa-nos Calmon, apoiado em documento impresso por Felisberto Freire ("História Territorial do Brasil", I, 78) que José de Góes e Moraes também pesquisou nas cabeceiras do Rio Pardo.

Em 1701, enviava Dom João de Lencastro, Governador Geral, a Antonio da Silva Pimentel, a descobrir ouro no Jequiriçá, em Camamu, e, depois, no alto sertão.

Malograda a diligência, "por ter notícia que estava já ocupado pelos paulistas o sítio a que se destinava, mandou o Vice-Rei ao Coronel português Antonio Vieira de Lima pesquisar em outras regiões.

Mas o "perigo vermelho" não desaparecera. Sem verdadeira solução de continuidade, depois das campanhas de Baião Parente e João Amaro, pequenas causas determinaram o indefinido prolongamento do estado de excitação em que viviam as tribus miseráveis das cercanias do Recôncavo ao São Francisco. Acarretava e acafitaria importantes danos, à colonização e à capitania, por mais de um século, pois iria perdurar até o governo do Conde da Ponte!

"Tão invios os caminhos e consideráveis os óbices que a Natureza oferecia ao desbravador, na caatinga sem água ou nas florestas cerradas, que um descobridor experimentado, Pantaleão Rodrigues, no sertão desde 1710, com 35 homens, tentando a marcha pela barra do Rio das Contas, perdeu um por um os melhores companheiros e sucumbiu afinal. Só dois se salvaram, para narrar a história lamentável dessa aventura", frisa Calmon.

De Francisco de Chaves Leme, "administrador temporal do gentio bravo", por provisão do Governador Geral Roque da Costa Barreto, a 30 de setembro e cabo de uma tropa de brancos e índios de São Paulo (Hist. Ger. das Band. Paul. 6, 303) conta Calmon que já em 1672 vivia nas malocas do Alot Paraguassu (Anais do Arquivo Público da Bahia, 6, 212).

Do território indeciso, em sua jurisdição, dos Currais da Bahia, Januario Cardoso, filho do invicto Matias Cardoso de Almeida, "projetava sobre as margens do São Francisco abaixo a civilização triunfante, recalcando com habilidade e arrôjo o surto indígena, dominado e repellido, afinal, em dois memoráveis combates, na ilha de São Romão e em Tapiracaba, onde os valentes caiapós sofreram os derradeiros reveses. A alma dessa guerra frutosa foi a inteligência guerreira de um facínora, Manuel Pires Maciel, amancebado com a filha de um cacique daquela tribu, e que resgatou as grandes faltas batendo-se com heroísmo e fundando, afinal, a vila de Nossa Senhora do Amparo, que lhe guardou os ossos.

Na região do Rio Pardo, a valoroso Antonio Gonçalves Figueira pusera os selvagens em debandada, para as matas de Jequitinhonha, rechassando os Aimorés, para a Serra do Mar e as devezas do rio Doce.

Uma portaria régia, de 22 de abril de 1728, menciona a existência de numerosos paulistas na bacia do Jequitinhonha, de cujos roteiros se tinha notícia e bem assim de que no sertão dessa capitania desde as Minas do Rio das Contas até o rio Pardo, rio Verde e cabeceiras do de São Mateus eram as terras as melhores de todo o Brasil, quer para a criação de gado, quer para a cultura de qualquer lavoura. Vários roteiros de paulistas afir-

mavam existirem ali minas riquíssimas de ouro e pedras preciosas, a cujo descobrimento se não tinha ainda ido por dominar àquela sertão em sua maior área gentio bárbaro que por asilo o buscava. Teria o mestre de campo Pedro Leolino Maris encargo de averiguar a procedência de tais informações.

Revela-o um documento publicado por Braz do Amaral em suas tão eruditas anotações às *Memórias históricas e políticas*, de Accioli (2, 363).

Na região sul baiana, continuava Antonio Veloso da Silva em luta com os índios bravios. Em 1725, dirigiu a entrada (primeira expedição), forte de moradores e índios de Jaguaripe (An. do Arq. Pub. da Bahia 6, 245).

Foi a ação desse sertanista eficiente, mas não completa. Ainda em 1732, o Coronel André da Rocha Pinot, reclamava do Conde de Sabugosa recursos contra os índios, aldeados entre Pardo e o Contas — gongaílos e crancaílos — que “dificultavam os descobrimentos”.

Foi Veloso ainda o incumbido dessa diligência (quarta expedição), ao tempo em que aquele Coronel operava frutuosamente no Contas, batendo o gentio, e pesquisando o ouro, saindo-lhe Pedro Barbosa Leal em auxílio com abundante material de guerra. Apoiava a coluna de Veloso da Silva o sargento-mór Francisco Marques, a quem se entregava, em 31, basta bagagem de resgate e municimento (Ibid, 6, 245, 246).

No ano anterior, estivera Cairu exposta “aos insultos do gentio bravo”, como revela uma portaria do Conde Vice-Rei para o provedor-mór da Fazenda.

Em 1726, Antonio Veloso triunfou de uma nação de selvagens rebeldes (segunda expedição), deles fazendo grande mortandade, em virtude de não “serem da casta de se renderem”, como refere Vasco Fernandes Cesar de Menezes a D. João V.

Valendo-se da vitória — ainda não definitiva — ordenou o governo do Coronel João Peixoto Viegas, que também incursava a sorte de uma bandeira, estabelecesse arraial no rio Una, donde certamente virara parar tal gentio, accosado pelas batidas do Coronel Viegas”.

“Era João Peixoto Viegas, o segundo, filho do opulento Capitão-mór Francisco de Sá Peixoto, cujas vastas terras se despraiava entre Paraguassu e o Jacuípe, inçadas de gentio insubmisso e por isso sem vestígios de agricultura, Antonio Veloso da Silva, auxiliando o *sesmeiro*, tentara em vão expugir o domínio, até que se resolvera João Peixoto investi-lo à própria conta, levando como seu sargento-mór Francisco Alvares Corrêa. (Regimento do vice-rei, autorizando a conquista dos bárbaros em Paraguassu, de 1726). A. Calmon, *A Conquista*, 1407.

Em 1727 sofria a aldeia de João Amaro um ataque de surpresa, no qual o Capitão Veloso da Silva (terceira expedição) e seu sargento-mór, ficaram seriamente feridos. Morreram-lhes dois soldados e dez outros estiveram à morte. Exacerbava aos índios a prisão de grande família de sua gente feita pelo bandeirante em represália ao assassinato de escravos seus. (Carta à El-Rei, de 2 de fevereiro de 1727). Antonio Veloso, restabelecido, saiu a campo e puniu terrivelmente os malfetores. (Ibid, 140).

"Três anos mais tarde, novamente aparecia, respeitável pelos bons serviços da Conquista, a figura valente do sertanista, descendo do rio das Contas com o sargento-mór Francisco Marques, para conduzir às Minas Novas os materiais da Casa de Fundação que ali ia ser erguida (Ibid 342).

E a ele era cometida a empresa de abrir melhor caminho para as minas daquele rio e (para a vizinha capitania das gerais, devendo) para tanto se aconselhar com o superintendente das Minas Novas, e depois Coronel Pedro Leonino Maris. Em 1732 saiu afinal ao campo o mesmo intrépido Veloso (que aliás o Conde Vice-Rei prendera em 1730) An. da Bibl. Nacional (t. 39, doc. 346), com todos os seus índios ensinados, para cooperar com Rocha Pinto e o cunhado, Coronel Damaso Coelho de Pina, no combate aos núcleos da rebelião gentilica nessas zonas. Mais tarde explorou os sertões dos maracás.

No Jequitinhonha, compeliava o mestre de campo Domingos Dias do Prado (1723), tendo por sargento-mór o irmão, Francisco Dias. Ao Prado e à serra dos Aimorés estes bandeirantes, da prole paulista daqueles apelidos, levavam a arremetida, cheia de violências e excessos, da qual se conta que rendeu folhetas de ouro e bagos de diamantes de envolta com o sangue tapuia. Outro Prado, João Gonçalves do Prado, operava por esse tempo em Cairu (Códice Sabugosa do Instituto Histórico Brasileiro, p. 153).

Informa Calmon que estes Prados eram parentes dos terríveis irmãos João e Loureno Leme, ap. informação da *Genealogia das Famílias Botelho, Arruda*, etc., da autoria do Visconde de Nogueira da Gama. É muito possível que sim, dado o entrelaçamento das linhagens paulistas. Inculca porém a obra citada uma errônea ao dar como teatro dos atentados dos irmãos Leme o Nordeste, quando sabemos que a área de suas tropelias foi Mato Grosso.

Há equívoco por parte de P. Calmon atribuindo a Washington Luís relato referente ao trágico fim dos irmãos Francisco e Domingos Dias do Prado, quando o provento autor o que historiou veio a ser o de João Lourenço Leme.

Desde 1713, em Vila Velha, paulistas descobriram auríferos veios. Na mesma ocasião, exploraram os filões de Capim Grosso, logo abandonados pela sedução das catas de Serrada Borracha. Mas estas só seriam reveladas profícuas em 1783, pelo Capitão-mór Cristóvão da Rocha Pita.

A vila de Santo Antonio dos Maracás em 1725, a 60 léguas, num sertão quase deserto, tinha certa vida e queria autoridades... Reputava-se o Sul da capitania "a joia mais preciosa do Brasil", repetindo-se o conceito admirativo dos paulistas. As jazidas mostravam-se por todos os quadrantes...

"Com o objetivo semelhante, ao mesmo ciclo pertence a entrada de Lucas de Freitas, de 1724, partindo de Ilhéus, a Porto Seguro e ao rio Verde, pelos caminhos trilhados pelo Capitão-mór Marcelino Coelho. Achou-se ainda ouro e o explorador castigou o gentio tapuio com a habitual crueldade". (Ibid, 145)

Dos feitos de alguns paulistas, ainda nos fala Pedro Calmon, como dos de Antonio Gonçalves do Prado, a quem João da Silva Guimarães, o notável sertanista, "igual em constância e combatividade aos maiores do

Sul", concedeu a 2 de março de 1730 permissão para um descobrimento pelo Jequitinhonha abaixo, donde havia notícias de ouro e abrir o caminho das Minas Novas para o Rio Pardo ou dêste para os Maracazes (Borges de Barros: *Bandeirantes e Sertanistas Baianos*, p. 287).

A outros Sertanistas de destaque, do Sul da Bahia, cita Calmon, apoiado em Borges de Barros, como Domingos Homem d'El Rei — quiçá aparentado com as Côrtes d'El Rei — que em 1730 partiu para Ilhéus, procurando as cachoeiras do S. Mateus, naquele tempo em território baiano, ocorreu-lhe encontrar-se com a bandeira de Sebastião Leme do Prado, que vinha de Minas Gerais (ob. cit. 274) e acerca da qual se expediu a portaria de 20 de março de 1730 (An. do Arq. Púb. da Bahia, 15).

Figura Domingos Homem d'El Rei nas primeiras décadas mineiras, dêle havendo, ao que consta, grande descendência em Minas Gerais.

Catálogo de Indumentária

ORGANIZADO PELO CONSÓCIO
FRANCISCO GOMES DE OLIVEIRA NETO

INTRODUÇÃO

A indumentária é uma das fontes interessantes da História, porque marca uma época e determina o bom gosto de um povo.

Por sua vez, é o próprio povo quem cria uma vestimenta, devido não somente às conveniências bem como um traço indelével do seu caráter.

O traje está por toda parte subordinado ao clima, ao trabalho, aos usos e costumes, porém apresenta-se de conformidade com as exigências que ele se impõe, tanto nas classes inferiores como superiores.

A expressão vestuário deriva-se de *vestris*, que é o conjunto de peças usadas para compor o corpo humano.

A composição do vestuário tem variado de acordo com o meio, daí a transformação metódica e inteligente ou mesmo brusca e exagerada porque tem passado.

Crê-se geralmente que o uniforme militar é de todos os trajes aquele que tem sofrido várias e repetidas alterações. Os exércitos deixaram para as paradas e as galas, as belas fardas e utilizaram-se de outras mais simples e mais práticas para o uso das campanhas.

O mesmo tem se dado com o vestuário civil; a comodidade aliada a elegância, definiu o homem no seu verdadeiro papel.

Quanto às vestes da classe sacerdotal, forma um capítulo interessantíssimo na História da indumentária, devido a plularidade de feitios e formas, de paramentos e cores que estão sujeitas.

Do exposto, a indumentária acompanhando cronologicamente os fatos históricos, determina uma época, identifica um acontecimento e daí o seu valor.

Na França, o Sr. Maurice Leloir, grande colecionador de peças de vestuário, organizou com uma pleiade de historiadores, escritores e pintores, a Sociedade da História do Costume, abrindo ao público, em 1909, as suas galerias; sobrevivendo a Guerra de 1914, a sociedade não pôde expandir-se,

porém em 1920, nova Exposição foi feita e finalmente em 1940 ela franqueou suas portas aos apaixonados da História e da curiosidade.

Pequena é a secção de "Indumentária" do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, porém, do pouco que existe, não deixa de patentear o carinho que teve a Direção desta nobre "Instituição", na formação de tão interessante departamento.

F. G. DE OLIVEIRA NETO

Do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

INDUMENTÁRIA

1 — *Túnica* (do fardão) que pertenceu ao Conselheiro Benvenuto Augusto de Magalhães Taques, tôda bordada em relêvo, com fios de ouro e prata, trazendo botões dourados as iniciais — D.P.II.I. (D. Pedro II, Imperador).

O Conselheiro Benvenuto Augusto de Magalhães Taques descende dos "Taques da Capitania de S. Paulo", que, por sua vez, são originários de Pedro Taques, nascido em Setubal, filho de Francisco Taques Pompeu, natural de Brabante, na Bélgica, e de sua mulher, lusitana Ignês Rodrigues. Família de alta linhagem, tendo prestado muitos serviços à causa pública brasileira.

Doação de D. Beatriz Taques Horta.

2 — *Túnica* (da farda) do Tenente-Coronel da Guarda Nacional do Império, usada pelo Barão de Alagoinhas, Francisco Pereira Sodré (n. 26 de abril de 1818 — fal. 28 de setembro de 1882). Senhor dos engenhos Acutinga, Campinas e outros; grande plantador de cana de açúcar e vulto proeminente na política provincial. V. Anuário Genealógico Brasileiro, 1 ano por Salvador de Moya, rs. 35.

Doação do Dr. Mario Torres em 2 de janeiro de 1943.

3 — *Casaca de Presidente de Província* que pertenceu ao Dr. Satyro de Oliveira Dias; a peça está bordada em relêvo, com fios de ouro, representando palmas e grinaldas de louro. Dr. Satyro de Oliveira Dias nasceu na Bahia a 12 de janeiro de 1844, doutorou-se em medicina; fez a campanha do Paraguai quando acadêmico, sendo agraciado com a Medalha da Campanha e de Cavalleiro da Ordem de Cristo. Deputado provincial e Presidente das Províncias do Ceará, Rio Grande do Norte e Amazonas, por onde foi depois eleito deputado geral em 1885 e, no regime republicano, foi deputado ao Congresso pelo Estado da Bahia em 1891 e Federal em 1900. Foi Diretor da Instrução Pública e Secretário do Interior. Faleceu em 19 de agosto de 1913.

V. Dicionário Bibliográfico Brasileiro, de Sacramento Elake, 7. vol. Rs. 200. Rio de Janeiro — 1902.

Doação da viuva, D. Guilhermina Rego de Oliveira Dias.

4 — *Casaca de Moço Fidalgo da Casa Imperial* que pertenceu ao Barão de Mataripe, Antonio Moniz Barretto de Aragão (n. 5-9-1844). Moço fidalgo com exercício na Casa Imperial e Fidalgo Cavalheiro; era Cavalheiro da Real Ordem de Cristo de Portugal, Comendador da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém. Barão por decreto de 12 de janeiro de 1884. Faleceu em 28 de julho de 1922. V. Anuário Genealógico Brasileiro — fls. 158 — III ano — 1941.

Doação do Dr. José Wanderley de Araujo Pinho.

5 — *Fardão de Veador da Imperatriz*, usado pelo Sr. Antonio Calmon de Siqueira.

Oferta do Visconde de Oliveira.

Nota — Veador; oficial-môr da casa Imperial ou Real que faz serviço junto à pessoa da Imperatriz ou Rainha, no paço ou fora dêle.

6 — *Libré do lacaio do Veador da Imperatriz*, o Sr. Antonio Calmon de Siqueira. O pano empregado na confecção é de cor branca.

Doação do Visconde de Oliveira.

7 — *Túnica da farda* que pertenceu ao Tenente General Luiz da França Pinto Garcez, n. na Bahia aos 15 de abril de 1800 e aqui falecido a 3 de novembro de 1863, à rua do Areal, sendo sepultado no Campo-Santo. Fidalgo, filho do Marechal Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França, e de sua mulher, D. Maria Barbara Garcez Pinto da França, irmão do Conde da Fonte Nova e cunhado do Barão de Belém.

Aos onze anos, no dia 21 de setembro de 1811, assentou praça, como cadete do esquadrão de linha na Bahia. Esteve em Pernambuco em 1815. Fez o curso de matemáticas na Academia Militar na Corte, Rio de Janeiro. Em 1817 marchou para Pernambuco. Tomou parte ativa na Independência, como comandante da 6ª Brigada da Cavalaria. Nos dias mais difíceis esteve como dedicado ajudante de Labatut, em Pirajá, 1822 a 1823. Bloqueiada a Bahia, foi, por terra, ao Rio, em desempenho de importante missão. Comandante do esquadrão na Campanha do Sul, 1825. Chamado à Corte em 1829. Comandante das armas em Sergipe em 1830. Comandante do 3º Batalhão de Caçadores na Bahia em 1833, venceu a revolta do forte do mar. Comandante das armas na Bahia, 1835. Pela Sabinada, organizou a defesa em Pirajá, obtendo bons êxitos nos ataques. Em 1841, exerceu a direção da primeira divisão do exército no Rio Grande do Sul.

Inspetor dos corpos de linha na Bahia, 1845. Presidente do Conselho administrativo do arsenal de guerra, 1853. Reformado por ato de 14 de outubro de 1862. Seus despojos estão no "Panteon" de Pirajá. Teve a medalha comemorativa de distinção pela "Restauração da Bahia". Sua gloriosa espada, faz parte também do museu militar dêste Instituto, oferta do Dr. Octavio Torres, em sessão solene no dia 2 de julho de 1942, sendo intérprete pela família o Dr. Mario Torres. Vide Rev. do Inst. Hist. de Alagoas, artigo do Dr. Mario Torres, in vol. 21 fls. 41 — ano 1940-1941.

Rev. Inst. G. e H. da Bahia. Uma família de Generais. Volume 69, ano 1943. Oferta de seu sobrinho — Dr. Henrique da França Pinto de Oliveira Garcez.

8 — *Farda de Major* — Da Extinta Guarda Nacional, período republicano — que pertenceu ao ilustre médico baiano, Dr. Frederico de Castro Rebello. A farda está completa e perfeitamente conservada.

Doação do Sr. José Daltro de Azevedo em 15 de fevereiro de 1943.

9 — *Túnica* (da farda) não foi possível identificá-la por falta de fontes.

10 — *Túnica* de um cabo-enfermeiro alemão da guerra de 1914-1918. Doação do Comendador Martins Catharino.

11 — *Túnica* da Companhia de cavalaria de voluntários dos Pedrões, conhecida pelo nome de "Encourados" e chefiada pelo frade José Maria Brayner, na campanha da Independência na Bahia, 1823. Valiosa e interessante peça e até agora único exemplar conhecido. Vê-se no braço esquerdo as seguintes iniciais dentro de um círculo — P. ou M. (Pátria ou Morte) e logo abaixo uma divisa em forma de V. (Vide Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, fls. 280, ano 17, n. 46, 1º e 2º semestres de 1920).

12 — *Camisa* usada pelo Major Erasmo Cordeiro quando foi preso em S. Romão (Minas-Gerais) pela polícia baiana, em 1925. A peça é de cor vermelha. Oferta do Coronel Alberto Lopes.

B A N D A S

13 — *Banda* do Coronel Bernardino José de Sousa, da Guarda Nacional do Império.

14 — *Banda* do Major da extinta Guarda Nacional da República, Dr. Frederico de Castro Rebello.

C H A P E U S

15 — *Chapeu armado*, com penas pretas que usou o Conselheiro Bemvenuto Augusto de Magalhães Taques. (Está muito estragado).

16 — *Idem*, sem penas, em bom estado de conservação.

17 — *Chapeu armado*, com penas brancas, em péssimo estado de conservação, pertenceu ao Tenente-General Luiz da França Pinto Garcez, Brigadeiro da Independência.

18 — *Chapeu armado*, com bordas de ouro, usado pelo Dr. Frederico de Castro Rebello, major da extinta Guarda Nacional da República.

Doação do Sr. José Daltro de Azevedo, em 15 de fevereiro de 1943.

19 — *Chapeu armado* que usou o Conselheiro Francisco Prisco de Sousa Paraiso, quando Ministro da Justiça, no Gabinete de 24 de maio de 1883, presidido pelo Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira. Oferta do Dr. Francisco de Sousa Paraiso, seu filho. Bahia, 22 de abril de 1938.

20 — *Chapeu armado* que pertenceu ao Conde de Subaé; Francisco Moreira de Carvalho, Barão por Decr. de 6 de setembro de 1866; Barão com grandeza por Decr. de 3 de abril de 1867; Visconde com grandeza por Decr. de 25 de fevereiro de 1871 e Conde por Decr. de 16 de agosto de 1882. Era comendador da Imperial Ordem de Cristo e da Imperial Ordem da Rosa e da Real Ordem de Vila Viçosa de Portugal. Oferta do Dr. José Wanderley de Araujo Pinho.

21 — *Chapeu armado* que usou o Dr. Satyro de Oliveira Dias como presidente da Província do Ceará. Oferta de D. Guilhermina Rego de Oliveira Dias.

22 — *Chapéu armado* do almirante João Clião Pereira Arouca, veterano da Guerra do Paraguai. Oferta de D. Maria Clara de Seixas.

23 e 24 — *Chapeus armados* de milicianos do período colonial.

25 — *Quepi* verde de Veador da Imperatriz; Segundo Império.

26 — *Bonnet* usado pelo coronel Bernardino José de Sousa, da Guarda Nacional do Império.

D I V E R S A S P E Ç A S

27 — *Dragonas* do 106º Regimento de Infantaria, pertencente ao Coronel Bernardino José de Sousa.

28 — *Dragonas* usadas pelo almirante João Clião Pereira Arouca, veterano da Guerra do Paraguai.

29 — *Idem*.

30 — *Cinta* verde e amarela pertencente ao Dr. Frederico de Castro Rebello, major da extinta Guarda Nacional da República.

31 — *Gravata* e lenço vermelhos de um oficial rebelde, morto em combate com a polícia baiana em 1925. Oferta do Coronel Alberto Lopes.

32 — *Lenço* vermelho usado pelo Major revoltoso, Nestor Veríssimo preso pela polícia baiana em São Romão — Minas Gerais, em 1925.

Oferta do Coronel Alberto Lopes.

32 — *Lenços* de seda usados por um Tenente revoltoso, morto em combate no Rio Grande do Sul com a Polícia baiana. Oferta do Major Alberto Lopes.

Algumas Observações Críticas à "Geografia dos Mitos Brasileiros" de Câmara Cascudo

Por FREDERICO EDELWEISS

Éis um livro que pode vir a ser clássico no gênero. Pode, se o seu diligente autor tiver a coragem e a paciência de refundi-lo. O material aí está em grande parte, mas a exposição é confusa, saltitante, entrecortada de citações que devem ir para o rodapé, afim de não perturbarem a fluência do desenvolvimento de per si já difícil, pelas referências a tantas opiniões desencontradas.

Antes disso, porém, é preciso que o Sr. Cascudo se ponha em dia com as nossas crônicas antigas, com a etnologia e lingüística do Brasil, porque, lamentavelmente, a sua etnologia está com atraso de cinquenta anos; os seus conhecimentos de tupí (?) são tirados de Stradelli, da gramática nheengatú do padre Tastevin e nem sempre os cronistas são citados com fidelidade.

No meio onde longos anos viveu faltavam-lhe certamente amigos orientadores, bibliotecas, o ambiente indispensável, enfim, para que pendores, estudos e idéias pudessem materializar-se convenientemente em alicerces firmes de uma obra científica ou literária.

Com isto muito perdeu a "Geografia dos Mitos Brasileiros", que, na sua primeira edição, irá espalhando novos conceitos errôneos e confirmando anteriores, quando teria sido tão fácil combinar a sistematização das notícias sobre as nossas entidades mitológicas com a revisão crítica do material interpretativo acumulado.

Felizmente, com raras exceções, as falhas apontadas conservam-se no mesmo terreno acessório da interpretação, onde pouco afetam o âmago do livro, a parte mitológica em si. É o que me animou a colaborar na sua reforma com uma crítica sincera e construtivamente limitada. Confinarei, pois, as minhas observações a pontos da etnologia brasileira, da lingüística tupí e, só incidentemente, transporei essa linha para terrenos afins.

1 — Começemos pelos conceitos de: *abanheenga*, *tupí* e *nheengatú* (1).

Na opinião de Cascudo trata-se aí de três sinônimos “de uma espécie de língua diplomática” (2) e nisso está redondamente enganado.

Como deixei bem claro num livrinho meu (3), *abanheenga* é termo criado por Batista Caetano de Almeida Nogueira para designar, em primeiro lugar, a língua guaraní colonial e, por extensão, também o tupí. Foi nisto vítima da sua mania unificadora, pois o tupí é, dialetalmente, bem diferente do guaraní. Este compreende o idioma dos Carijós, de algumas tribos vizinhas e dos seus descendentes. O *tupí ou língua geral* era falado na costa do Brasil durante os primeiros séculos. No correr da décima oitava centúria, principalmente depois da expulsão dos Jesuítas, o tupí sofreu sensíveis alterações morfológicas, como se poderá verificar, comparando o “Vocabulário na Língua Brasilica”, composto pelos primeiros Jesuítas, com o “Dicionário Brasiliano”, reeditado por Frei Veloso, em 1795.

A diluição gradativa do tupí colonial na boca dos mestiços e dos índios de outros dialetos e até de outras famílias lingüísticas do Amazonas produziu, aos poucos, nova língua geral, o *neengatú*. Temos dela gramáticas de: Pedro Luís Simpson, Couto de Magalhães, F. R. C. de Faria e do padre Constantino Tastevin, além de um arremêdo de Adauto Fernandes. Mas, a despeito dos grandes serviços prestados, o *nheengatú*, que o padre Tastevin teima em apelar de *tupí*, é, lexicológica e gramaticalmente, um pobre farrapo do tupí colonial, que, êste, nunca teve o nome de *nheengatú*.

Para evitar confusões os autores escrupulosos distinguem:

- o guaraní antigo (língua morta),
- o guaraní moderno,
- o tupí, língua brasilica ou geral (língua morta),
- o *nheengatú* ou língua geral amazônica.

Acrescentaremos que o tupí e o guaraní são dois ramos (idiomas, dialetos) colaterais de um tronco desconhecido.

LÍNGUA TUPI-GUARANÍ, como querem Plínio Ayrosa e outros, nada mais é do que a vernaculização de *abanheenga*, o velho contrasenso de Batista Caetano.

2. — Os adjetivos *guaranítico* e *típico* (4) são hoje usados com relativa freqüência. Vai nisso um pouco de pernosticismo. — Nas línguas neolatinas sempre foi de regra a identidade do gentílico e do seu adjetivo: O inglês, o idioma inglês; o Tupi, o povo tupi; os Guaranis, as tabas guaranis.

TÍPICO E GUARANÍTICO são formações paronímicas de *típico* e *granítico*, inconscientes macaquices de pseudo-eruditos, à margem da regra geral.

No campo dos nossos gentílicos muito há que peneirar e unificar. É preciso que se vão cristalizando nos escritos dos cultores da nossa tradição

(1) O autor escreve erradamente: *nhengatú* e *abanhenga*.

(2) Págs. 27, 38, 59, 74, 84, 308 e outras.

(3) “Tupís e Guaranís”; Bahia, 1947.

(4) — Pág. 20 e 50.

as formas convenientemente aportuguesadas. E, nessa parte, ou livros folclóricos devem andar na vanguarda, logo atrás dos etnológicos. — Desgradadamente, para os poucos que se dedicam a tais estudos em nosso país, o vernaculismo representa muito pouco. Adotam grafias sem lhes penetrarem a origem, quando seria tão fácil uniformizar corretamente a nossa reduzida lista etnonímica.

Quero, pois, fazer e fundamentar algumas sugestões, que a prática no assunto me vem sugerindo.

3 — *Aruacos* (5) é designação imprópria para a grande família lingüística criada por Martius. O nome deve ser de preferência *Arauacas*, que acompanha melhor os termos: *Arawak* e *Arawaken* do inglês e alemão.

Há, porém, outro motivo contra *Aruacos*, que se repete na "Geografia dos Mitos Brasileiros". Os *Aruacos* (*Arhuacos*) formam o grupo oriental de tribos chibchas, que nada tem que ver com a família *arauaca*.

A confusão está mais iminente na página 338, onde se alude à influência chibcha na mitologia *arauaca*.

O termo *Nu-Arauacas* (*Nu-Aruak*) foi criado por Carlos von den Steinen e caiu em desuso desde o século passado. Estevão Pinto, uma das fontes de Câmara Cascudo, entendeu ressuscitá-lo, para infelicidade e confusão dos nossos estudiosos.

4 — *Caraibas* (6) é outra designação inadequada na etnonímia brasileira.

Caraíba já existia no tupí e no guaraní com sentido específico: *feiticeiro, branco, santo, bento*.

Por isso convém seja a família lingüística denominada *cariba*. Corresponde a *Caribes*, *Carib*, *Kariben* dos Franceses, Ingleses e Alemães e não se confunde com o vocábulo tupí de há muito aportuguesado.

5 — *GÊS*, ou *JÊS* depois da reforma ortográfica, é o plural de *Jê*. — *Raça*, *gês*, que se lê à página 41 é pois uma inadvertência.

O mesmo vale para *Uaupés* que o Sr. Cascudo toma como singular (7).

O rio *Uaupés* é corretamente o Rio dos *Uaupés*; no singular *Uaupé*.

6 — *Orizes* (8) é a forma duplamente pluralizada de *Orí*. Quem conserva antigualhas como: *Aruaquizes*, *Condurizes*, *Guaianazes* e *Procazes* dá geralmente a impressão de ignorar o singular; e, muitas vezes, assim é.

7 — *Sipáias*, que vem à página 124, deve ser grafado *Xipaias*, tal como *Xerentes*, com x, cujo valor peculiar em português corresponde ao s encimado de circunflexo virado do alfabeto fonético internacional, no que não reparou o sr. Cascudo.

8 — *Tapúios* está empregado erradamente pelo menos uma vez (9).

(5) Pág. 29, 86, 105, 240 e 338.

(6) Págs. 240 e 315.

(7) Págs. 93, 104.

(8) Pág. 86.

(9) Pág. 341.

Não se irrite o esforçado autor da "Geografia dos Mitos Brasileiros". Precisa ser meticoloso, duplamente atento, quem vive isolado num meio sáfaro.

Tapúio é termo do Norte, sinônimo de índio manso, caboclo, mas não de *Tapuia*. Este é um coletivo que enfeixava tôdas as tribos não tupís. A diferença é grande e não admite confusões. No Pará começou-se a usar um apelido, que, generalizado, se poderia ter convertido em sinônimo de *Tapúias*: *Nheengaibas*, isto é, os que falam mal, os de língua incompreensível, para os Tupís.

9 — POTIGUARAS, ou POTIGUARES (10) eram índios de numerosas tribos espalhadas pelo Nordeste. A forma regular é *Potiguara* (*Petiguara*), de acôrdo com: *Tobajara*, *Guajajara*, *Turiuara*, *Nambiquara*, etc. etc. — *Potiguara* está mais de acôrdo com a grafia tupí adotada pelos Jesuítas e soa melhor do que *Potiguar*, *Potiguares*.

10 — *Tabajaras* (11) é formação regular e bem poderia ter sido um nome de índios tupís; mas não creio que o fôsse. Porque seria *Tabajara* (o das aldeias, aldeão) determinada tribo, se tôdas habitavam aldeias idênticas?

Tabajara é deturpação da forma legítima *Tobajara*. Não por terem sido os donos do rosto do Brasil, como fantasia Simão de Vasconcelos; nenhuma tribo se dava a si mesma êsse nome, mas porque assim os Tupí-guaranís chamavam os seus inimigos. É por isto que se encontravam *Tobajaras* do Amazonas ao Prata (12).

11 — Há certas afirmativas comprometedoras, pela simples enfase com que são avançadas. Eis, uma delas: "Os *Mundurucús* (13) são, como se sabe, tupís".

Se com esta frase autosugestionante o Sr. Cascudo pretende reforçar a crença na origem tupí de Juruparí, errou o alvo. Lingüísticamente os *Mundurucús* são tupís muito mesclados e, culturalmente, ainda mais, a começar pela casa em que moram.

Durante a detida análise com Frei Crisóstomo (14), da cultura, do vocabulário, da gramática e dos mitos, cheguei à conclusão de que os *Mundurucús* tanto podem ser índios tupinizados, como Tupís profundamente aculturados. Assim, os seus elementos culturais pouco ou nada provam quanto à procedência. Tôda a prudência é pouca no terreno etnológico.

12 — *Bantos*, com acento no a, é a verdadeira pronúncia, que exigiu, na reforma ortográfica, a substituição do estranho u final por o, como acontece em *tribo*. O Sr. Cascudo não só escreve *Bantu* (15) mas ainda põe um acento no u, que nunca o teve nos escritores bem avisados.

(10) Págs. 48, 192.

(11) Pág. 48.

(12) Compare-se a êste respeito o expressivo depoimento de Evreux, pág. 39.

(13) Pág. 96.

(14) Frei Crisóstomo Stromer, autor de vários estudos sôbre os *Mundurucús*.
.....

(15) Pág. 239, 274, 421.

13 — A tese da migração primitiva do Sul para o Norte é hoje insustentável. Os Tupís não podem ter vindo do Sul por motivos lingüísticos, em primeiro lugar, por mais que o Sr. Cascudo e outros repisem a velha tese de Martius, hoje abandonada (16).

Se alguma vez empurraram tribos jês para a costa atlântica, foi em migrações posteriores, que, na sua maioria, tomaram a direção norte e noroeste, porque o Sul e o Leste lhes estavam vedados pela colonização européia.

Nada mais difícil do que tratar da origem etimológica de certas entidades míticas do Brasil. A maioria das interpretações não passa de ensaios infantis. Lingüisticamente inaceitáveis e de características forçadas têm, entretanto, circulação franca, por falta de outras.

O critério do autor é aí posto em duras provas e a descrição convém muito mais do que a ostensiva prolixidade.

Não temos nenhum etimologista que mereça a nossa confiança em 80 por cento das suas explicações alvitradas.

Batista Caetano foi um grande cultor do guaraní, mas não do tupí. Teodoro Sampaio muito tirou dele, porém, não chegando, por sua vez, a conhecer o dicionário dos Jesuítas, publicado em 1938 por Plínio Ayrosa (17). grande número das suas etimologias são hoje coxas ou insustentáveis. Outras são pobres natimortos. Couto de Magalhães e Barbosa Rodrigues não entram em conta.

Mas, não basta ser autoridade na matéria. A mitologia é intrincada por natureza e os seus rastros perdem-se na penumbra do passado. Duplo motivo para deixar tais etimologias em segundo plano, que mais não merecem as que temos.

Embora o Sr. Cascudo se limite em geral a transcrever opiniões alheias, não consegue disfarçar o seu fraco pelos problemas das origens, onde é visivelmente leigo.

Basta ler a sua tirada sobre *Tupã* para certificar-se (18). Gostaria de saber em que fonte encontrou as velhas forma tupís: *Tub-ã*, *Tupã*, *Tubá*, *Rubá*, *Rupá*.

Deixemos, porém, a mitologia e pisemos terreno mais firme.

14 — *Ubiraubí*, segundo Cascudo, é a tradução de *Arco-Verde* (19). Não sabemos onde achou a tradução. *Ubirauby* nada mais é do que *peu de côr verde*. *Arco-verde* em tupí só pode ser: *ybyrapar oby*, *ubyrapar oby*, *urapar oby* ou suas variações dialetais em torno de $b = mb = m$.

15 — A etimologia incongruente de *Carijó*, filha bastarda de Teodoro Sampaio, exigia do autor alguma nota restritiva. Como não a fez, participa da responsabilidade. — O mesmo vale para *Curupira*, *Macaxera*, *Ma-*

(16) Pág. 58, 133, 151.

(17) Vocabulário na Língua Brasileira; São Paulo, 1938.

(18) Pág. 75, 76.

(19) Pág. 38.

caiera, *Taguaíba*, *Araçati*, *Marangiguana* (20), *Matintaperé* (21) *Curacanga* (22) e quantos mais. Assim como vêm transcritas as suas etimologias depreciam a obra, e não pouco.

16. — Para traduzir *maracá* por *cabeça falsa* é preciso coragem (23) e mais ainda para alterar-lhe as raízes tres páginas mais longe (24).

17. — A substituição fortuita, na Bahia, de *caa-iara* (*caiara*) por *caiçara* não é certamente devida à confusão dos vocábulos. O que deve ter havido é mais ou menos o seguinte processo translativo:

caa = *cai* = mato, como em *caipora*,

ara = *sara* = sufixo ou antes pronome relativo, como em *igara*, *juçara*, donde:

caiara = *caiçara*.

Que êsses sufixos são verbais e que a segunda parte de *caiçara* não é *çara*, mas *yara*, escapou à embotada consciencia lingüística do mestiço. —

Ao mesmo ciclo pertence *y-iara*, a mãe d'água. O vocabulo tupi genuino é *ypupiara* registrado por Anchieta e Gabriel Soares.

18. — *Kaagerne* de Léry não representa *caaguara* (*cainguara*), mas a nossa *caaiara*, por motivos dialetais, cuja exposição nos levaria um tanto longe.

19. — *Boitatá* (25) vem de *mbaé* (e não de *bái* como escreve Cascudo) com *tatá*: *cousa-fogo*. O termo tupi para cobra é *mbóia* que, em composições, se abrevia para *mbói*, quando constitui a parte inicial de um composto.

Lingüisticamente os capítulos sobre o *boitatá* (26) são dos mais interessantes. Mostram como as associações populares podem chegar ao mesmo fim por caminhos diversos. — Porque escreve Cascudo *mboitatá*?

20. — *Petyma*, e não *petun*, é a forma tupi para *fumo* registrada pelos Jesuítas. Porque recorrer a grafias francesas quando um brasileiro escreve para os Brasileiros? — Mas, ia-me passando que o sr. Cascudo tem fumos de autor internacional e faz, a seu respeito, coleção das opiniões de estrangeiros, que difficilmente o lêem, e que transcreve na capa do livro seguinte.

Convém, nesse caso, corrigir o "feux-follet", cortando-lhe o *x*, que aparece várias vêzes, e mudar a tradução de "devil music", à pg. 92, que êle traduz por *deus musical* (!), quando o sentido, *música infernal*, está em direção oposta!

21. — *Cuca* (27) não significa, nem *gole*, nem *tragar* em tupi. A sua

(20) Pág. 192.

(21) Pág. 381.

(22) Pág. 356.

(23) Pág. 88.

(24) Pág. 91.

(25) Págs. 163, 458|9.

(26) Veja o rodapé da pág. 459.

(27) Pág. 235.

semelhança com *u* ou *mocona*, que de fato têm o último sentido é muito apagada.

Mais aproximado de “cabeça cortada” (28) é *acan-apê*, embora errado ainda.

22. — *Pepena* (29) não é nenhum participio. É a forma iterativa do verbo *pena*, *quebrar* e *quer*, portanto, dizer: *ir quebrando*, *quebrar repetidas vezes*.

23. — *Tuixáua* é forma *nheengatú*. Requer certo cuidado o seu emprego. Não deve sair do ambiente amazônico. A forma tupí é *tubixaba*.

24. — *Maratá* de Evreux corresponde ao Sumé do padre Cardim e não pode ser generalizado para traduzir *santo* (30).

25. — Os comentários sobre *Canhambora* (= *Canhembora*) (31) carecem de retoques, a despeito do “claro” verbete de Amadeu Amaral, ou melhor, justamente por causa dessa transcrição, onde se alude ao parentesco *entre canhembora* e *quilombola*, que, não sei porque, o sr. Cascudo escreve *quilômbola* (32).

Quilombo é voz africana, que entre nós designava uma aglomeração de negros fugidos. O sentido estabelece o ponto de contacto com o tupí *canhembora*, o *fujão* de Anchieta. Houve depois confusão, transfusão, e “*bora*” acabou por sufixar-se a *quilombo*, formando o afro-tupinismo *quilombora* = *quilombola*.

Outra palavra tupí, *canhembara*, *fugido*, citado por Amadeu Amaral, nada tem que ver aqui; *bora* tem contacto, mas não se confunde com *bara*.

Quilombola, portanto, não é termo africano como, atrás de Beaurepaire Rohan e Macedo Soares, Amaral parece admitir.

Também o sufixo tupí não é *ora*, como diz João Ribeiro, no seu “Elemento Negro”. A sílaba final de *quilombo* funde-se apenas com a inicial de *bora*.

E, quanto ainda poderíamos acrescentar, se quiséssemos enveredar francamente pelo domínio da lingüística. Porém, a nossa Revista, sendo histórico-geográfica, impõe limites.

26. — São simplesmente desconcertantes as amostras de tupí, que nos fornece o sr. Cascudo à página 86. Dou-lhe um doce, se me mostrar nos escritos jesuíticos uma única palavra composta das que ele aí lhes atribui, sem o mínimo respeito à sua responsabilidade.

Não basta folhear o vocabulário *nheengatú* de Stradelli para entender tupí. Todo ele, adicionado à gramática de Tastevin, não bastará para dissecar uma única frase da “Língua brasileira” dos Jesuítas.

(28) Pág. 225.

(29) Pág. 368.

(30) Pág. 84.

(31) Pág. 327.

(32) Pág. 251.

27. — O sr. Cascudo também gosta de neologismos, e muito. Por vezes são de necessidade premente. Não raro, porém, só preside ao seu advento o preciosismo, ou ainda certa gaiatice, que lembra o matuto amancipado.

Já nos referimos a *maratá*.

28. — *Tupilólogo* (33) nasceu-lhe de certo pela presença de *filólogo* nos bastidores da memória. Mas, por mais inverossímil que pareça, não se trata de um erro de impressão, ou de um lapso de grafia, em lugar de *tupinólogo*. Já em 1934, Cascudo falava em *tupilologia*. Treze anos depois ainda persiste na sua invenção. Parece até um “mito de confusão verbal”!

29. — Nunca tive necessidade de recorrer, para efeito de clareza, ao termo *ameríndio*. Em nenhuma outra língua houve precisão de reforçar a diferença entre *índio*, *de um lado*, e *indiano*, *indú* de outro. Mas, é tão grande a nossa mania de inovações!

O resultado são as inevitáveis redundâncias como *ameríndio brasileiro* (34), como se o nosso índio pudesse não ser americano.

30. — Entretanto, verdadeiras maravilhas neológicas do sr. Cascudo são:

Parajoara (35) e *ameraba*. Passam de muito as “estórias”, são verdadeiras batotas!

Existe no *nheengatú* um chamado sufixo, *uara* (no tupí, *guara*) que se traduz por: o que é (de); o que está (em). Assim temos: *marajoara*, o que é de Marajó, onde o *u* do sufixo *uara* se fundiu no *o* de Marajó.

O som desse canto de galo ficou no ouvido do nosso autor e, zás!, — comete o seu *parajoara*, ao invés de *paráuara*, intercalando no vocábulo a sílaba final de Marajó. — Incrível, mas é assim!

31. — *Ameraba* (36) é um abôrto não menos espantoso.

Um belo dia o sr. Cascudo leu por alto os ensinamentos um tanto vagos de Stradelli sobre o sufixo *nheengatú áua*, que de adjetivos forma substantivos. Teve então uma idéia genial: formaria um vocábulo novo para *americano*. No entusiasmo da inspiração passou-lhe infelizmente, que *áua*, com adjetivos, só forma abstratos. A culpa foi de Stradelli, pouco explícito no caso. Nasceu assim *ameráua*. Um híbrido. Pouco importa. — Pior é esse malsonante *áua*. Não se poderia substituí-lo? Lembrou-se então do sufixo tupí *saba*, *aba*, que também forma substantivo e, finalmente, o sucedâneo do trivial *americano* estava em condições de ser lançado sob o disfarce vetusto de *ameraba*.

Por infelicidade, *saba*, *aba* é um sufixo verbal, que rejeita quaisquer outras ligações e deixa o nosso neologista no mato sem cachorro. —

(33) Diário da Manhã de 15 de abril, em “Anhangá, um mito de confusão verbal”.

(34) Pág. 70.

(35) Pág. 146.

(36) Ocorre dezenas de vezes.

Quando é que certos escritores se contentarão com escrever de coisas ao seu alcance? Será que Cascudo confunde o sufixo *aba* com o substantivo oxítono *abá* = *homem*?

Terminaremos as nossas observações com duas palavras sobre *Jurupari* e *Anhangá* com quem o sr. Cascudo foi menos feliz.

32. — *Jurupari* (37), certamente não é, no seu início, uma figura da mitologia tupi-guaraní.

Entre os Guaranís e tribos afins é desconhecido. *Jurupari* veio do Norte com os Tupís. Mesmo entre eles os Jesuítas não o promoveram a diabo. O seu nome não lhes penetra nos catecismos; nem no do padre Bettendorff, no Pará, o que é um tanto surpreendente, porque as crônicas maranhenses dos Capuchinhos franceses dão a *Jurupari* o mesmo relêvo que *Anhangá* tem no Sul.

33. — *Anhangá*. "Com o diabo não se brinca", diz o rifão. O sr. Cascudo, folclorista como é, e dos dedicados entre nós, sabe disto. Mesmo assim facilita e começa falseando a verdade com *Satanás* em pessoa.

Ao contrário do que afirma, nem *Anchieta*, nem *Nóbrega* escreveram *Anhangá*, por um motivo muito simples. Ignoravam-no inicialmente, ao que parece, pois a ele se não referem em carta alguma.

O próprio Cardim, que o cita, bem mais tarde, escreve corretamente *Anhangá* e não *Anhangá*.

Por este ou aquele motivo, os Jesuítas, tanto os espanhóis entre os Guaranís, como os portugueses do Brasil traduzem *diabo* por *anhang* e *anhangá*. O "Vocabulário na Língua Brasileira" diz literalmente: "*Diabo* — *Anhangá*. Este é gênero; espécie: *Curupira*, *Taguaíba*, *Jurupari*, *Taúba*, *Aguaçay*, *Guaiupya*, etc".

No século dezoito opera-se a substituição definitiva de *Anhangá* por *Jurupari*, como se poderá verificar no "Vocabulário Anônimo". É a vitoriosa influência do Norte. — Para os padres Abbeville e Evreux, já no começo do século dezessete, *Jurupari* correspondia ao *Anhangá*.

Cinquenta anos depois deles o páreo entre *Anhangá* e *Jurupari* já estava empatado, mesmo nos escritos jesuítas, pois Simão de Vasconcelos equipara os dois, fazendo de *Jurupari* sinônimo de *Anhangá*.

Este é o verdadeiro desenvolvimento histórico da luta pela supremacia entre os dois termos tupís para *diabo*.

E, terminemos aqui.

ATIVIDADES SOCIAIS

As atividades sociais do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia durante o ano de 1947 desdobraram-se através das sessões que passamos a enumerar.

10 de janeiro — n. 504 — ordinária — Presidência do Dr. Francisco de Magalhães Neto e Braz do Amaral — Comunicação do confrade Sr. Arnold Wildberger sobre "Joaquim Marcelino de Brito".

20 de janeiro — n. 505 — extraordinária — Presidência do General Cândido Caldas — Conferência do Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha sobre "Euclides da Cunha entre dois médicos e poetas — Francisco de Castro e Francisco Mangabeira".

13 de fevereiro — n. 506 — ordinária — Presidência do Dr. Epaminondas dos Santos Torres — Conferência do Prof. William G. Madow sobre "Levantamentos estatísticos" — Esta conferência foi realizada em conjunto com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

14 de fevereiro — n. 507 — ordinária — Presidência do General Cândido Caldas. Comunicação do Prof. Braz do Amaral sobre "Homens e fatos da Bahia".

21 de fevereiro — n. 508 — extraordinária — Presidência do Dr. Jorge Calmon. Conferência da Profa. Olga Obry sobre "Catarina Alvares e as grandes mulheres índias das Américas".

2 de abril — n. 509 — solene — Presidência do General Cândido Caldas "Comemorativa do primeiro centenário do nascimento do General Dionísio Cerqueira, sendo orador o Dr. Paulo Pedreira.

25 de abril — n. 510 — ordinária — Presidência do Sr. Frederico Edelweiss — Palestra do confrade Dr. Francisco de Magalhães Neto sob o título "Reminiscências".

3 de maio — n. 511 — solene — Presidência do Dr. Epaminondas dos Santos Torres — Comemorativa do 53º aniversário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia — Orador Dr. Francisco da Conceição Menezes.

16 de maio — n. 512 — ordinária — Presidência do Dr. Epaminondas dos Santos Torres — Conferência do confrade Valdemar Matos sobre "O Noviciado".

13 de junho — n. 513 — ordinária — Presidência do Dr. Francisco da Conceição Menezes e Dr. Francisco de Magalhães Neto — Conferência do confrade Gregório Bondar sobre "Novas plantas de valor econômico da Bahia".

18 de junho — n. 514 — ordinária — Presidência do Dr. Epaminondas dos Santos Torres — Palestra do Prof. Pedro Calmon sobre "Assuntos relativos às próximas comemorações do quarto centenário da fundação da Cidade do Salvador".

22 de agosto — n. 515 — ordinária — Presidência do Dr. Epaminondas dos Santos Torres — Palestra do Dr. Affonso Ruy de Souza sobre "Frederico Marinho o advogado dos escravos".

30 de agosto — n. 516 — extraordinária — Presidência do Dr. Epaminondas dos Santos Torres — Exposição de aquarelas do pintor Pereira da Silva feita pelo colecionador Dr. Durval do Amaral.

12 de setembro — n. 517 — ordinária — Presidência do Dr. Braz do Amaral — Comunicação do Dr. Alberto Silva sobre o tema "Em torno da fundação da Cidade do Salvador".

10 de outubro — n. 518 — ordinária — Presidência do Dr. Braz do Amaral — Palestra do confrade Osvaldo Valente sobre "Aspectos da ourivesaria colonial".

18 de outubro — n. 519 — ordinária — Presidência do Dr. Braz do Amaral — Palestra do confrade Antônio Monteiro sobre o tema "O culto de Exú nos candomblés da Bahia".

8 de novembro — n. 520 — ordinária — Presidência do Dr. Braz do Amaral — Palestra do Dr. Sócrates Marback d'Oliveira versando o tema sobre "Cogitações em torno de candomblé e feitiçaria dos africanos".

28 de novembro — n. 521 — ordinária — Presidência do Dr. Braz do Amaral — Palestra do Dr. Otávio Torres intitulada "Recordações da Bahia antiga".

22 de dezembro — n. 522 — ordinária — Presidência do Dr. Epaminondas dos Santos Torres — Eleição para diretoria do biênio 1948-1949.

Ofertas feitas ao Museu do Instituto Geografico e Historico da Bahia DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1947

Dr. Máximo Macambira Monte-Flores — Mapa Geológico do Brasil, organizado pela divisão de Geologia e Minerologia do Ministério de Agricultura.

Família Theodoro Sampaio — Diploma de Engenheiro Civil concedido ao Sr. Theodoro Fernandes Sampaio.

Dr. João dos Santos Gouveia — Por intermédio de Ciderval Teixeira Cavalcante — Caderno Manuscrito contendo a versão para o latim de vários discursos do Dr. Getúlio Vargas — Versão do ofertante.

Dr. Otávio Torres — Fotografia de um grupo de médicos; diploma de "Prêmio ao Mérito" da Exposição Nacional da Escola de Belas Artes da Bahia; estatueta fabricada no interior do Estado representando o bandido Lampeão; fuzil militar tipo 1894; amostra de rochas encontradas em diversas profundidades em poços petrolíferos do Lobato; busto da Soror Joana Angélica de autoria do Dr. Otávio Torres; enfeite de vidro esverdeado que era usado antigamente no ângulo das escadas, pertencente à casa do Engenho dos Britos; carabina Mauser (1894) que pertenceu ao Tenente José Pereira Sodré com três pentes de balas; seixos rolados encontrados na Cachoeira de Paulo Afonso (lado da Bahia); logaritimógrafo "Sourdille" que pertenceu ao Engenheiro Miguel de Teive e Argolo; bala usada pela aviação para exercícios de tiro ao alvo durante a guerra de 1939 a 1945; exemplar de Bernardo-Ermitão encontrado na praia de Itapagipe; reprodução reduzida em zincografia do retrato do Dr. Prudente de Moraes, feita pelas oficinas do jornal "A República" em 1896; cartão postal representando o avião "Lusitânia" quando da sua chegada à Bahia em 8 de junho de 1922; duas fotografias das mesas do chá oferecido aos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral quando da sua estada na Bahia em junho de 1922; seis albuns de vistas, sendo um de Viena, um de Londres, um de Pernambuco, um de Paris, outro com bela capa contendo retratos de família e um outro com motivos esculturais.

Diretor da Biblioteca Pública — Diploma emoldurado com que o Conselho Municipal do Distrito Federal conferiu ao Dr. J. J. Seabra o título de cidadão carioca em 27 de junho de 1927; Pasta de couro contendo o ofício com que os auxiliares do Comércio da Bahia homenagearam o Dr. J. J. Seabra por ocasião de sua visita à Bahia, em 1911, oferecendo-lhe o retrato; projeto de reforma da constituição da Bahia (anotada por Dr. J. J. Seabra) 1912.

Joaquim Gonçalves Filho — Vinte fotografias do cortejo cívico comemorativo do 2 de julho de 1947.

Departamento Estadual de Informações do Estado de São Paulo — Album contendo aspectos panorâmicos da cidade de S. Paulo; album intitulado "Velhas Fazendas Paulistas", constituído de cópias de aquarelas de autoria de José de Castro Mendes.

Dr. Lauro Sampaio — Dezesseis fotografias de aspectos da Grã-Bretanha pertencentes à série intitulada "Britain".

Dr. Mario Torres — Chapéu de pêlo que pertenceu ao Dr. Gonçalo Muniz.

ÍNDICE

Assuntos

Pags.

Santuário Mariano (parte referente à Bahia) de Frei Agostinho de Santa Maria	1
O primeiro Barbuda na Bahia Colonial de Afonso Costa	183
Velhos papéis de família — Rui Barbosa e a revolução de 1893 de Afonso Rui	189 +
Discurso pronunciado na sessão de 3 de maio de 1937 por Francisco da Conceição Menezes	197
A independência do Brasil e as Câmaras do récôncavo baiano de Deolindo Amorim	213
Catálogo de peças de indumentária existentes no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, organizado por Francisco Gomes de Oliveira Neto	231
Algumas observações críticas à "Geografia dos Mitos Brasileiros" de Câmara Cascudo, por Frederico Edelweis	237
Atividades sociais	247
Ofertas feitas ao Museu do Instituto, de janeiro a dezembro de 1947..	249